



Moro com minha mãe, que se chama Léia, tem 57 anos e nasceu no bairro Andaraí, no Rio de Janeiro. Ela morou lá até seus 15 anos, depois, mudou-se para o bairro de São João (Baixada Fluminense), onde ficou até os 21 anos. Casou e foi morar em Moquetá e lá permaneceu durante 2 anos, quando, então, veio morar aqui na comunidade onde reside até hoje. A maior parte de sua vida, ela trabalhou como doméstica e hoje é dona de casa. Meu pai se chamava Adilson, nasceu no subúrbio do Rio, terminou o ensino médio e exercia a profissão de vigilante. O dia de sua morte foi o mais triste de minha vida.

Era 1º de Maio de 1995. Depois de ter chegado do trabalho, meu pai foi com o Careca (meu vizinho) para uma festa em um bar na rua de trás da minha casa. Começou a beber vinho, que era a única bebida alcoólica de que gostava, e, às 22h00, o Careca o trouxe para casa. Eu estava dormindo na cama dele, pois minha mãe fora dormir na casa de minha tia. Minha irmã, Simone, colocou papai na cama e quando a Simone saiu, ele voltou para o bar. Já tinha passado das 3h00 da manhã quando chegou um sujeito e começou a conversar com meu pai. Quando deu 4h30m da manhã, por conta de uma palavra que meu pai disse, o filho da ... (piii) armou uma tocaia e, no caminho de casa, meu pai foi atacado por mais de uma pessoa, pois apenas uma não era pário para ele, que foi fuzileiro naval e era graduado em defesa pessoal. Depois de muita luta, ele foi atingido por cinco tiros a queima roupa. Foi levado para o hospital e faleceu às 5h15m da manhã. Sofri muito, pois ele era tudo para mim, um super pai, eu o amava muito. Minha família sabe quem foi, mais preferimos entregar na mão de Deus. Hoje me pergunto, cadê os direitos humanos, que direito esse excomungado tinha de tirar o maior, principal, o direito essencial de todo o ser humano, o direito à vida?

Tenho duas irmãs e dois irmãos, todos nascidos em Nova Iguaçu. Virginia, 36 anos, morou com minha avó até os 34 anos no bairro de Moquetá (bairro próximo do centro de Nova Iguaçu) e atualmente é desquitada e mora em minha casa. Ela cursou até a 2ª série do ensino médio e exerce a profissão de secretária. Flávio, 34 anos, casou-se, e mora em uma casa que construiu em meu quintal. Ele cursou também até a 2ª série do ensino médio e é vigilante, mas ele não a exerce, pois é dono de uma vídeo-locadora. Simone, 32 anos, morou em meu quintal até seus 27 anos, é secretária e está cursando o 1º ano do Ensino Médio. Também é desquitada e mora em um bairro vizinho. E Eduardo, 27 anos, morou com meus pais até seus 19 anos, quando foi trabalhar e morar em Botafogo, na zona sul do Rio. Cursou até a 5ª série do ensino fundamental e atualmente exerce a profissão de zelador de prédio.

Eu comecei a estudar com 6 anos no Colégio R.S. Educandário Menezes no CA (Curso de Alfabetização). Aos 12 anos, quando cursava a 6ª série, me transferi para a Escola Municipal Darcílio Ayres Raunheitti, onde também cursei a 7ª série, que acabei repetindo por causa do falecimento de meu pai. Em 1996, fui estudar no Colégio Estadual Jardim Alvorada e, no ano de 1998, me transferi para o Colégio Cenecista Dr. Pedro Jorge, em Queimados, onde cursei o 1º ano do ensino médio e repeti novamente. Em 1999, voltei a estudar no Colégio Jardim Alvorada. Em 2001, já no 2º ano do ensino médio, fiz um concurso para a escola técnica e passei. Com isso, voltei para o primeiro ano e o repeti, pois desanimei, perdi a vontade de estudar. Atualmente, estou cursando o primeiro ano do en-

sino médio e técnico no curso de eletrotécnica, na Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá, situado no bairro Marechal Hermes, na Baixada Fluminense. Infelizmente, lá os professores não incentivam os alunos a estudar, nós já chegamos cansados na escola e, às vezes, temos que aturar o mau humor e o stress dos professores, sem contar o tempo que levo para chegar ao colégio.

Eu concluí um curso de montagem e manutenção de microcomputadores e, assim que terminar o Projeto Observatório de Direitos Humanos, tentarei fazer um estágio de dois meses para conseguir alguma experiência e uma carta de apresentação para um futuro emprego. Voltando ao estudo, eletrotécnica não é o ramo que quero seguir para o resto da minha vida. Na verdade, pretendo fazer faculdade de engenharia da computação e pretendo, também, fazer um curso de designer gráfico.

No momento, além do projeto Observatório dos Direitos Humanos, também faço parte de uma associação comunitária chamada CENASC (Centro de apoio social e cultural), onde sou educador voluntário, dando reforço escolar para crianças, algo de que gosto muito.

Nos momento de folga, gosto de ouvir músicas de quase todos gêneros, principalmente rock, mas não gosto de rock muito barulhento, curto só os lentos e as baladas. Gosto também de ler, desenhar, jogar xadrez e jogar "nightmare criadores", é um jogo de aventura para computador, no qual um frei e uma ginasta têm que acabar com os monstros que estão soltos nas ruas de Londres. De um modo geral, não consigo ficar em casa, pois acho muito chato.

Em meu bairro existe muita deficiência na área da educação, saúde e saneamento básico. Por exemplo, no posto de saúde, marcamos consulta para sermos atendidos só depois de 7 dias, além de o cardiologista e o ginecologista nunca chegarem no horário certo. Nas escolas existem muitas crianças que estão na 4ª série do ensino fundamental e não sabem ler, o que é um absurdo. Além disso, as ruas não são pavimentadas e existe esgoto correndo a céu aberto. Como é que eu posso gostar disso?

Mas, apesar de tudo, o bairro é bom para se morar por ser calmo e, com tanta violência na nossa sociedade, aqui nós ainda estamos seguros em nossas casas, apesar de a violência aqui também estar aumentando. No dia doze de setembro deste ano, por causa do que aconteceu no presídio de segurança máxima Bangu I, houve muitos mortos aqui na comunidade. Pela primeira vez, todo o comércio do bairro fechou suas portas por medo da pressão imposta pelos traficantes.

Quase todo dia, quando saio de casa, sofro algum tipo de violação dos meus direitos, citarei aqui um exemplo. No dia nove de setembro deste ano, fui para o colégio entregar um trabalho de geografia e, na hora em que o entreguei, o professor disse que não era o que ele tinha pedido. Falei que era uma "sacanagem" ele fazer aquilo comigo e ele, que já tinha quase sido espancado na outra turma, quis descontar a sua raiva em mim. Fui reclamar na direção do colégio e, chegando lá, o professor contou uma outra versão do que aconteceu. O resultado foi que, além de eu não poder me defender, o diretor me deu uma suspensão de cinco dias.

Mesmo morando no Rio de Janeiro, não costumo ir muito



às praias, porque não tenho tempo e, além de tudo, elas ficam muito longe de onde moro, cerca de duas horas de ônibus a mais próxima.

Não tenho nenhum vício. Sou carinhoso, sincero e alegre, entre outras virtudes. Estou namorando há dois anos e nove meses. Minha namorada se chama Kelly e é muito linda. Meu tipo preferido de mulher é aquela que é sincera, fiel, atenciosa e carinhosa. O sonho que tenho é o de realizar todos os meus objetivos e os meus maiores medos são a solidão e chegar aos trinta e cinco anos sem ter um trabalho (profissão).

Mudando de assunto, ainda hoje, dou muita risada quan-

do me lembro da época em que eu tinha sete anos. Meu pai construiu o muro em volta da minha casa e após uma semana, eu peguei o martelo dele e fiz um buraco enorme no muro. Papai me perguntou se havia sido eu que tinha aprontado aquela façanha e respondi que sim. Em seguida, perguntou com qual das mãos o quebrei e respondi que havia sido com a direita. Então, ele pegou a colher de pau e deu cinco palmadas na minha mão e, quando eu já estava saindo, ele me mandou voltar para bater na outra também, porque a mão esquerda poderia ficar rindo da direita. Depois disso, nunca mais apruntei uma dessas novamente.

LEANDRO DA CONCEIÇÃO CALDEIRA

Olá! Chamo-me Leandro da Conceição Caldeira, nasci em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, no dia 16 de abril de 1983. Tenho 19 anos, possuo 1,72m de altura, 72 quilos e sou moreno de olhos castanhos claros. Gosto de rock, de preferência os brasileiros. Gosto também de ir ao cinema, namorar e sair com amigos para eventos musicais.

Já concluí o ensino médio e estou tentando vestibular para ciências Biológicas. Não gostava das escolas pelas quais passei, pois o sistema utilizado para aprovação e o modo de ensino eram e são até hoje péssimos.

Atualmente, trabalho no CIEDS, no qual recebo uma bolsa, e desenvolvo um trabalho voluntário de reforço escolar, pois meu bairro possui muitas escolas e o ensino que nelas é oferecido é horrível. Por isso, ajudamos algumas crianças da 1ª à 4ª série, em um pequeno espaço da instituição CENASC (Centro de Apoio Social e Cultural) que fica próximo à minha casa.

Moro atualmente no Jardim Nova Era, um bairro de Nova Iguaçu, e só não posso dizer que morei a vida inteira nele porque morei durante três meses em Queimados, uma cidade vizinha, durante a realização de algumas reformas em minha casa. O melhor do meu bairro são os meus amigos. Fora isso, não há muito o que elogiar, porque enfrentamos diariamente uma série de violações de nossos direitos, como do direito de ir e vir e do direito à vida, por conta da violência, do direito de ter uma escola e um sistema de saúde descentes, do direito a possuir opções de cultura e lazer, entre várias outras.

Meus pais são separados. Minha mãe se chama Sheila Maria da Conceição, nasceu no Rio de Janeiro, no bairro de Ricardo de Albuquerque, tem 52 anos e é enfermeira. Meu pai se chama Francisco Caldeiras, um alcoólatra que se ocupa, nas horas livres da bebida, da atividade de pedreiro. Ele mora em casa separada, porém no mesmo terreno da minha, nasceu em Minas Gerais. Ela tem o 2º grau completo e ele somente o 1º grau.

Tenho ainda dois irmãos e uma irmã que se chamam Josué da Conceição Caldeira, Eduardo da Conceição Caldeira e Ana Cláudia da Conceição Caldeira. Minha irmã tem 31 anos e três filhos. Cursou somente até a 7ª série do ensino fundamental e largou os estudos para cuidar dos irmãos mais novos, no caso eu e meu irmão. Trabalha atualmente como empregada doméstica e mora também em uma casa no mesmo terreno da minha. Está separada e cuida apenas dos seus filhos, Tainara, de oito, Taila, de sete, e Rodrigo, de um ano. Meu irmão Josué tem 25 anos e também mora no mesmo terreno que eu. Parou de estudar quando estava na 6ª série do ensino fundamental, também com o objetivo de ajudar na renda familiar, e voltou a estudar quando entrou no exército. Concluiu apenas o ensino fundamental, parando, desta vez, para ter mais tempo para o seu filho. Ficou no exército durante sete anos e saiu neste ano de 2002. Já o meu irmão Eduardo, tem 21 anos e possui apenas o ensino fundamental. Parou de estudar por escolha própria, pois queria trabalhar, mesmo com toda família contra. Trabalha atualmente como ajudante de pedreiro, que não é a profissão desejada por ele, mas, a dificuldade para conseguir um lugar onde pudesse exercer sua profissão de mecânico de automóveis, o fez desistir de procurar mais e ficar com o que conseguiu. Ele mora na mesma casa que eu e minha mãe. Atualmente, voltou a estudar, porém agora o trabalho atrapalha um pouco.

Para um melhor esclarecimento, devo dizer que minha mãe não explorava meus irmãos, eles foram obrigados a parar de estudar porque minha mãe sofreu um acidente de trabalho que a impossibilitou de trabalhar por muito tempo, dos quais somente poucos meses foram remunerados.

Posso dizer que tive melhores oportunidades que meus irmãos, pois graças a eles e à minha mãe, que já trabalhava quando eu estava começando a estudar, consegui terminar o ensino médio e vou me tornar biólogo em breve.

BRUNO ARMELAU SANTOS

Meu nome é Bruno Armelau Santos, tenho 20 anos, 1,75m, aproximadamente 75 kg e sou do signo de peixe (adoro água). Na realidade, não sei o significado do meu nome, por isso, venho há muito tempo indagando o seu significado na minha vida. Nasci no dia 19 de março de 1982, por volta das 14h50m, no município de

Nova Iguaçu, sou iguaçuano com muito orgulho.

Desde que nasci moro no bairro Jardim Nova Era, um lugar sem uma infraestrutura básica adequada, como pavimentação, posto médico eficiente, posto policial, escolas mais estruturadas, enfim, aquilo que todo bairro precisa para garantir uma vida



saudável a seus moradores. Mas isso já está para acabar, pois hoje, sei e acredito que com esforço posso construir uma sociedade mais digna, começando pelo meu bairro.

Moro com meus pais. Meu pai se chama André, tem 49 anos e nasceu no bairro de Parada de Lucas, no R.J., no qual morou até seus 14 anos, quando veio pra cá. Ele não teve oportunidade de estudar, pois tinha que ajudar no sustento da casa, mas há uns 5 anos atrás, concluiu o ensino fundamental pelo telecurso por incentivo da empresa onde trabalhava. Ele é gráfico profissional em OFF-SET há 25 anos e atualmente ainda exerce esta função em uma empresa de comunicação. Minha mãe se chama Rita de Cássia, tem 47 anos, nasceu em Rocha Miranda, e ficou lá até seus 17 anos quando mudou-se pra cá. Minha mãe cursou até a 6ª série do ensino fundamental e, até hoje, não voltou mais a estudar, primeiro por ter que trabalhar e, atualmente, por ser dona de casa, o que, ao me ver, não a impede. Meu maior sonho é vê-la retornar aos estudos.

Tenho uma irmã de 15 anos que cursa a 1ª série do ensino médio no Colégio Dr. Mário Guimarães, aqui no bairro vizinho. Ela nasceu na cidade de Belford Roxo. A nossa relação não é a das melhores, porque nossas opiniões nem sempre batem uma com a outra.

Existem muitas coisas que me fazem lembrar da minha vida. Lembro de quando eu brincava na escola e na rua. Sempre fui mandão, tanto que nas brincadeiras eu sempre era o chefe, mas eu não soube desenvolver essa capacidade. Me lembro também de que quando era criança - e isso não faz muito tempo! - sempre perguntava sobre tudo e, ainda hoje, gosto de indagar sobre tudo que me interessa, inclusive a minha vida. Todos os dias faço perguntas a mim mesmo do tipo: quem sou? O que devo fazer para progredir? O que acham de mim? O que faço para mostrar a minha imagem verdadeira?

Sempre fui independente em minhas opiniões, nunca gostei de tomar decisões com a ajuda dos outros, e isso não sei se é ruim ou não. Não me considero uma pessoa realizada nas coisas que faço ou que quero fazer, nem profissionalmente, pois fiz de tudo para estudar e garantir um futuro melhor e mais justo para minha família, mas, por enquanto, não consegui um bom emprego. Fiz curso técnico em administração de empresas e não consegui nada. Em seguida, fiz outro curso, dessa vez, técnico em produção de TV (audio e sonoplastia) e também não consegui nada. Socialmente, também não me considero uma pessoa realizada, pois nunca fiz nada que diretamente ajudasse a alguém. E por fim, pesso-

almente também não, porque não me considero aquele amigo do tipo irmão, acredito que não faço bem este papel. Por isso, não fiz grandes amizades nem amizades sinceras. Só me sinto realizado em uma coisa, na vontade de lutar por tudo que é direito e de tudo que poderá ajudar essa sociedade "Hitler", que diz quem é o bom, o ruim e o que não sabe o que quer, a se tornar uma sociedade afável.

Minha infância foi boa, apesar de ter tido um pai alcoólatra, mas que não deixava faltar nada dentro de casa, até meus estudos ele pagou. Graças a Deus e à força de vontade do meu pai, ele parou de beber há uns cinco anos atrás. Hoje, é um outro homem.

Já que estamos falando sobre isso, eu nunca tive vontade/coragem de experimentar certas drogas como a maconha, a cocaína e o crack, mas teve um tempo em que eu estava com depressão - isso foi há um ano e cinco meses atrás - e eu procurei refúgio na nicotina. Fumava cada vez mais, cigarro atrás de cigarro. Fiquei assim uns cinco meses, até que um dia, me bateu a consciência e junto uma crise alérgica que me levou a dar um tempo no cigarro (tenho isso de bom, não me vício nas coisas). Desde então, pego raramente em um cigarro.

Hoje eu não estudo, nem trabalho formalmente, estou incluído neste projeto Observatório dos Direitos Humanos que está sendo uma grande lição ao meu viver. Também faço parte de uma Associação Comunitária, o CENASC (Centro de Apoio Social e Cultural), no qual sou educador voluntário, oferecendo reforço escolar para crianças. É um ótimo trabalho, principalmente por estar lidando com crianças, o que gosto muito.

Com tudo isso, ainda sobra tempo para não fazer nada. A solução é chamar alguns amigos, juntar os primos e ir ao shopping, no centro de Nova Iguaçu, olhar a vida, pois aqui neste bairro não há nada para fazer. Quando não é possível sair, fico em casa desfrutando de uma boa música.

Sempre fui uma pessoa extrovertida, apesar de, às vezes, não demonstrar. Sei que para tudo há uma saída. Saída esta, que, na verdade, é uma entrada; entrada para um novo mundo, uma outra visão sobre todas as coisas.

O Observatório me despertou a vontade de experimentar coisas novas. Saí daquele mundinho medíocre, avassalador, para entrar em um mundo que acredito que poderá ser mais digno e amigável, no qual todos possam desfrutar de todas as coisas de igual para igual e não sermos mais marionetes do sistema.



Onde Estamos?

Nosso grupo de observadores está situado no bairro Jardim Nova Era, em Nova Iguaçu. Alguns moradores nomeiam partes do bairro com outros nomes, como Jardim Lafaiete, Jardim Serra Azul e Jardim Pernambuco. Para começar, relataremos duas histórias contadas por moradores da comunidade a respeito do seu surgimento.

O senhor Edson dos Santos Falcão diz que o local onde hoje se encontra o bairro era uma fazenda de laranjas que pertencia ao Comendador Soares. Com o fim da exploração da laranja e após um longo período da praga chamada “pulgão” (um bichinho branco que gruda nas folhas dos pés de laranjas e, com o tempo, mata a planta), o Comendador decidiu doar as terras para a Santa Casa de Misericórdia que as vendeu, em seguida, para imobiliárias. Os representantes destas, disseram que aquele seria uma “nova era” para aquele lugar, e foi daí que teria surgido o nome Jardim Nova Era. Já a Dona Rita de Cássia Santos diz ter ouvido boatos de que, quando o bairro ainda era uma fazenda de laranjas, teriam matado no local um padre que amaldiçoou a comunidade, e que, após esse fato, o local recebeu o nome atual.

Conhecemos muitas histórias desde a fundação do bairro, que se deu aproximadamente há 60 anos. A mais famosa é a lenda do bedêgo, um velho que ao se transformar em lobisomem descia do morro para pegar as crianças que respondiam para seus pais. Por isso, quando as crianças avistavam algum velho com bengala, corriam rua a fora. De fato, o bedêgo existiu, morava no morro (Serra do Vulcão), onde tinha plantação de verduras. Essas histórias eram contadas por muitos pais para as crianças, que não gostavam delas, principalmente o bedêgo, que era a pessoa mais pacífica do bairro, não fazia mal a ninguém e, muito menos, virava lobisomem.

O bairro, que é inteiramente plano, está localizado a 5 quilômetros à sudoeste do Centro, no Distrito de Nova Iguaçu, ao norte da Serra de Madureira (conhecida também como Serra do Vulcão), que possui uma bela paisagem que, nem por isso, foi poupada pela ganância do homem. A parte que fica de frente para o nosso bairro está sendo destruída aos poucos, por causa das atividades de pedreira que a consome. Antigamente, ela abrigava uma cachoeira, que servia tanto para o abastecimento de água da comunidade quanto para o lazer das famílias, mas que secou há uns dez ou quinze anos atrás por causa do desmatamento e do abalo sísmico causado pelas explosões. Isso trouxe consequências graves para a comunidade como o aumento da umidade nas casas e nos terrenos, rachadura nas paredes e alguns problemas de saúde.

As sessenta e três ruas são, ainda hoje, na sua maioria, de terra, com esgotos a céu aberto, esburacadas e com terrenos vazios que são usados como depósitos de lixo e currais. Existem apenas três ruas que são pavimentadas, isso porque elas ligam uma rodovia federal, a BR 116, a uma estadual, a RJ 105.

Grande parte das casas é de alvenaria, porém são mal acabadas, algumas nem sequer possuem emboço (reboco). Uma mínima parte das casas possui dois andares, piscina e carro. E uma outra pequena quantidade de casas é feita de madeira (barracos).

Temos variados tipos de comércio em nosso bairro. Eles não oferecem condições necessárias para que a população possa desfrutar da concorrência, pois, de um modo geral, os barzinhos são a única coisa que se pode encontrar em qualquer lugar. Além disso, temos um mini-mercado, dois açougues, três aviários, quatro casas de materiais de construção, vários bazares, uma madeireira, um estofador, várias serralherias, cinco padarias, salões de beleza, pensões, oficinas mecânicas, locadoras de vídeos e duas usinas, uma de concreto e outra de asfalto. Há ainda dois sacolões fixos (quitanda) e um móvel (feira livre), que não possuem infra-estrutura para atender a população.

O bairro tem mudado bastante, principalmente em relação à quantidade de casas, porém está longe de ser bom. Comparando o Jardim Nova Era com as demais comunidades, vemos que não há muita diferença, mesmo porque são poucos os bairros que possuem uma infra-estrutura adequada. Por exemplo, todos os moradores recebem energia elétrica, mas o abastecimento de água é precário, pois algumas ruas possuem a ligação feita pela CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgoto) e outras não. Por isso, a maioria dos moradores se vê obrigados a utilizar um encanamento clandestino. Além disso, como já foi dito acima, não há tratamento de esgotos na maioria das ruas do bairro e, naquelas em que há, a rede, muitas vezes, está entupida. Por isso, quando chove forte, as caixas de esgoto transbordam, ocasionando alagamento na parte baixa do bairro.



A coleta de lixo acontece periodicamente. Mesmo conhecendo os dias de coleta, alguns moradores jogam lixo em terrenos abandonados, transformando-os em lixões, contribuindo para a proliferação de insetos, ratos e outros animais que transmitem doenças. A maioria dos moradores da Comunidade possui telefone fixo em suas residenciais. Encontram-se dezenas de telefones públicos, só que estes, na sua maioria, encontram-se quebrados devido à presença de alguns “vândalos” que os destroem.

O transporte coletivo também apresenta problemas, visto que as linhas de ônibus utilizadas pelos moradores, passam pelas extremidades do bairro, tendo apenas uma linha que liga o bairro ao Centro do Rio de Janeiro. Sem contar que o valor da passagem é alto e a manutenção dos ônibus, no geral, é precária. Para suprir essa carência, há o transporte alternativo, formado por Vans, Kombis e ônibus piratas, que amenizam, mas não resolvem o problema.

Em relação à saúde, temos pouco a falar, pois não existem hospitais públicos ou particulares, muito menos um pronto-socorro. O hospital mais próximo fica no centro de Nova Iguaçu e seu atendimento não é de grande qualidade. O mini-posto de saúde existente na comunidade oferece atendimento familiar e consultas com pediatra, oftalmologista, clínico-geral e dentista. Suas condições não são boas, assim como os serviços prestados pelos médicos que, muitas vezes, nem se aproximam dos pacientes para examiná-los. Há também falta de medicamentos e dificuldade para marcar uma consulta. Os médicos não têm horários e quando os moradores conseguem uma consulta, há uma demora de quinze a trinta dias, dependendo da especialidade solicitada, para se conseguir o atendimento. As enfermeiras são da comunidade, mas nem sempre estão presentes.

O Fórum Judiciário mais próximo da comunidade fica num bairro adjacente ao Centro da cidade, lá o atendimento também não é dos melhores. Precisamos chegar com muita antecedência, por volta das três horas da madrugada, ou seja, muito antes do horário de seu funcionamento que se inicia às oito horas.

Não há posto policial no bairro, mas a ronda policial tem sido constante, principalmente à noite, devido ao crescimento da criminalidade nos últimos anos. Mas, muitas vezes, os policiais cometem abusos, agridem moradores, invadem casas sem mandato judicial, atingem a todos e aterrorizam a população, ao invés de protegê-la. Acreditamos que isso acontece porque o bairro é pobre e por não ter pessoas que cheguem à imprensa para divulgar esses abusos que afetam pessoas inocentes.

Existem quatro escolas municipais que vão apenas até o Ensino Fundamental e que não são suficientes para suprir a demanda local. Além dessas, temos também escolas particulares como o Centro Educacional Mamede e Silva e o CENE (Centro Educacional Nova Era), que são registradas pela Secretaria de Educação. As outras duas não registradas são o Jardim Escola Pedacinho do Céu e o Jardim Escola Sonho Meu. Não podemos deixar de destacar o espaço físico das escolas municipais que, pelo que pudemos observar, são muito ruins, pois poucas possuem pátios, apresentam problemas de estrutura, muitas carteiras destruídas, além de infiltrações, goteiras, falta de ventiladores nas salas e falta de bibliotecas. E o pior é que existem botecos próximos às escolas estimulando o consumo de drogas. Além disso, quem pretende cursar o Ensino Médio ou Técnico precisa buscar escolas de outros bairros ou cidades vizinhas como Nilópolis e Rio de Janeiro.

Aqui na comunidade existem dois projetos educacionais desenvolvidos por ONGs e um, pela prefeitura. Um dos projetos é o “Plantar para colher”, da ONG CENASC (Centro de Apoio Social e Cultural), que tem como objetivo dar reforço escolar a crianças de 1ª à 4ª séries do ensino fundamental. Alguns jovens da comunidade participam desse projeto como voluntários. Essa iniciativa foi muito importante, porque no bairro há muitos pais analfabetos ou que trabalham fora e que não tem condições ou tempo para auxiliar os filhos nas tarefas escolares. É aí, que o projeto entra, dando esse suporte para as crianças. Por isso, há uma grande procura de alunos interessados em fazer parte da turma. No início, os pais contribuíam com uma taxa simbólica de R\$ 1, mas, atualmente, terceiro ano do projeto, a taxa é de R\$ 3. Mesmo assim, há pessoas que não podem pagar, mas seus filhos continuam a estudar, porquê o serviço é para a comunidade. O projeto tem muitas carências, tais como a falta de psicólogos e assistentes sociais, que poderiam orientar melhor muitas crianças que nos procuram. Também há carência de materiais didáticos, faltam carteiras e lousas. O espaço é pequeno e não tem ajuda de custo para os educadores. Mas, apesar de tudo isso, o CENASC está em fase de crescimento.

O CISANE (Centro de Integração Social Amigos de Nova Era) é a outra ONG que fornece um projeto educacional para a comunidade o “Semente do Amanhã”. Este tem como objetivo ajudar pessoas carentes que não podem pagar escolas para seus filhos e que não conseguem vagas nas escolas municipais. Lá são oferecidas aulas de ensino infantil e C.A.

Temos também uma creche municipal que funciona das 7h às 17h, de segunda a sexta-feira, exceto feriados, que atende crianças de 1 a 6 anos, cujos pais trabalham fora. A maioria dos pais gosta dos serviços prestados, pois lá são oferecidos atendimentos com educadores, professores, assistentes sociais,



pedagogas e coordenadores. Além disso, garantem a continuidade automaticamente, inserindo as crianças em uma escola municipal do bairro no fim do período de atendimento na creche. Mas há reclamações de uma minoria, porque queriam o aumento do horário de funcionamento. Muitos também reclamam pelo não funcionamento nos feriados municipais.

Um dos grandes problemas enfrentados no bairro é em relação à cultura pois não temos muitos espaços apropriados e o que temos é uma sala de leitura que funciona de segunda à sexta-feira das 8:h às 17h e cujo nome é uma homenagem ao escritor e colunista Zuenir Ventura.

Em questão de lazer sobressaem as duas quadras esportivas pertencentes a duas escolas municipais do local (E.M. Jardim Nova Era) e (E.M.PROF. Dulce de Moura Rauhetti Ribeiro), com marcações para os jogos de futsal, voleibol e basquetebol, mas elas não são cobertas e não têm vestiários. As quadras são liberadas aos moradores durante a semana, exceto aos sábados e domingos, o que levou os moradores a invadirem nos finais de semana. Não podemos deixar de citar também o grupo de capoeira que teve início há um ano, aproximadamente, e ainda não tem espaço fixo para seu funcionamento.

Raramente são realizadas festas populares na comunidade. Quando acontece, são produzidas pelo comércio ou pelas Igrejas Católicas que contratam grupos de pagode locais. Nem todos moradores participam, uns por não gostarem outros por temerem a violência.

É grande a diversidade de crenças e doutrinas religiosas. Podendo destacar um grande número de Igrejas Evangélicas (15), os Centros de Religiões Afro-brasileiras são oito, Igrejas Católicas são três e há um salão do Reino das Testemunhas de Jeová.

No nosso bairro, o desemprego é tão crítico que na metade dos lares existe pelo menos um desempregado. Aqui, a maioria das mulheres se diz do lar, ou seja, cuidam da casa, estão desempregadas, ou nunca trabalharam fora com carteira assinada. Algumas mulheres trabalham na zona sul do Rio de Janeiro, como empregadas domésticas, e outras, poucas, trabalham na baixada. Quanto aos homens, a minoria trabalha em setores administrativos e a maioria faz "bicos", como ajudante de pedreiro, eletricista, pintor, carpinteiro etc. Existem também jovens que se formaram professores e tornaram-se explicadores em suas casas. Há também costureiras que montam suas confecções no próprio quintal, autônomos que formam seu próprio negócio, como carrocinhas de lanches e dono de bazares.

CENASC

CENTRO DE APOIO SOCIAL E CULTURAL

A comunidade Jardim Nova Era tem uma população estimada em treze mil habitantes, com um grande número de crianças e adolescentes ociosos, devido à carência na área de cultura e lazer, saúde, educação.

Partindo dessas características, um grupo de moradores motivou-se em desenvolver um trabalho de resgate de cidadania, através da implantação de uma organização não governamental (ONG), que implantasse projetos vinculados aos direitos humanos nas áreas de educação, saúde, esporte e cultura e lazer. Uma organização que possibilitasse um espaço para o desenvolvimento da qualidade de vida da comunidade. Foi através dessa mobilização que nasceu o Centro de Apoio Social e Cultural (CENASC), em 1999 com o objetivo de valorizar o potencial humano e recuperar a auto-estima.

*Há três anos, a instituição vem desenvolvendo ações de reforço escolar. Durante esse tempo, foram atendidas pelo projeto "Plantar Para Colher" 190 crianças. Atualmente o Cenasc procura um patrocinador que possibilite a continuidade desse projeto, aulas de música (violão, teclado e cavaquinho), aulas de canto para as crianças (coral do **CENASC**), discussões de grupo e programação de palestras.*

Mensalmente são convidados, gratuitamente, profissionais para darem palestras, depoimentos e falarem sobre temas relevantes à vida física e social da comunidade. Vários temas foram tratados, tais como: vida sexual saudável, gravidez precoce e uso de drogas, entre outros.

Lourdes Cristina Ferreira Santos
Presidente



CISANE

CENTRO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL AMIGOS DE NOVA ERA

O Centro de Integração Social Amigos de Nova Era foi fundado no dia 21 de novembro de 1998, com o objetivo de lutar pelos Direitos Humanos e pela qualidade de vida da comunidade, assim como busca resgatar sua auto-estima, valorizando as suas potencialidades.

A entidade possui uma biblioteca comunitária, conhecida como "Sala de Leitura", onde a comunidade pode emprestar livros e ter acesso gratuito à informática. Outros projetos da entidade são a "Semente do Amanhã", um programa de alfabetização ligado a Secretaria de Educação, e o projeto "Nova Era Musical", que trabalha a música e cidadania.

TIME DE FUTEBOL PELADÃO DOS GORDOS

O Time de Futebol Peladão dos Gordos tem dois anos de existência e os responsáveis são Kleber da Silva Santos e Everaldo Ferreira da Silva. Além de proporcionar um momento de lazer à comunidade, nos dias dos jogos, trabalha arrecadando alimentos para distribuí-los na comunidade.

"Tudo começou com uma brincadeira entre amigos. O Chicão, um dos participantes do grupo, deu a idéia de arrecadar mantimentos para as pessoas do bairro que precisavam".

O evento, o campeonato de futebol, acontece de 3 a 4 meses e cada jogador leva um quilo de alimento. Pedimos também nas padarias e nos comércios local. Atendemos a seis famílias, dando duas bolsas para cada uma.

Jardim Nova Era e o Direito à Cultura e ao Lazer

A comunidade de Jardim Nova Era convive com diferentes violações de Direitos Humanos, uma situação pouco diferente da maioria das comunidades da periferia da baixada fluminense do Rio de Janeiro. Durante meses, discutimos a importância dos vários aspectos desses direitos para os moradores de Nova Era. Optamos por aprofundar o tema da Cultura e do Lazer porque, assim como boa parte dos moradores da comunidade, nada sabíamos sobre ele. Escolhemos, também, por acreditar que o exercício dos Direitos à Cultura e ao Lazer são de extrema importância para a formação da personalidade humana.

Nesse sentido, alguns pontos são considerados importantes para compreender as dificuldades mais comumente enfrentadas pela comunidade quando deseja participar de alguma atividade de lazer ou cultura. Destacamos o difícil acesso aos espaços culturais mais equipados, a falta de apoio do poder público no desenvolvimento desse tipo de atividade no bairro, a conseqüente deterioração dos espaços existentes e a interferência da crescente violência nas atividades normalmente realizadas pela comunidade. Por fim, indicamos algumas iniciativas locais que, a despeito dessas dificuldades, têm se desenvolvido no local.

DIFICULDADES DE ACESSO

São poucos os moradores que têm acesso a espaços culturais e de lazer como teatros, cinema, casas de shows ou museus. A maioria dos espaços públicos e dos locais privados frequentados pelos jovens estão concentrados no centro da cidade de Nova Iguaçu ou no centro da cidade do Rio de Janeiro, ambos muito distantes; o último, por exemplo, fica a, mais ou menos, uma hora do bairro. Com isso, muitos moradores se queixam do tempo que gastam para ter acesso a qualquer uma dessas atividades, assim como dos gastos com o transporte que somam-se ao custo do ingresso.

"Ficamos sabendo de um show da cantora Luciana Mello que iria acontecer no Sesc de Nova Iguaçu, por meio da Câmara de Vereadores que nos forneceu alguns convites gratuitos. Saímos de casa às 18 horas porque o show começaria às 20 horas, e tínhamos que pegar um ônibus que nos deixaria longe do SESC (porém era o mais barato). Depois que descemos do ônibus, andamos



uns 20 minutos até o local do evento. Quando chegamos, havia uma grande fila de pagantes e percebemos que poucos ingressos de cortesia foram distribuídos. Comentamos entre nós que se tivéssemos que pagar não assistiríamos ao show, pois o ingresso custava R\$ 5,00, mais o preço da passagem, R\$ 2,20, daria um total de R\$ 7,20 para cada um. Isso pegando apenas um ônibus, ou então o custo aumentaria para R\$ 9,40 e estaríamos 'quebrados' neste mês. Ficamos esperando um bom tempo até a abertura dos portões da quadra, onde aconteceu o show.”
(jovens moradores)

O deslocamento para o centro de Nova Iguaçu é, por vezes, tão complicado como o deslocamento para o Rio de Janeiro. Como no relato, a necessidade de economizar com o transporte leva alguns moradores a caminhar mais em busca de linhas alternativas mais baratas. Não foram apenas os jovens que mencionaram dificuldades em frequentar esses espaços. Alguns pais afirmaram que gostariam de passear com seus filhos, mas não conseguem por terem dificuldades no sustento de suas casas. Vejamos o relato de uma moradora:

“Sinto dificuldade no acesso à cultura, pois os meus gastos priorizam a alimentação e a moradia. O que resta fica para as emergências. Infelizmente, cultura e lazer têm um custo muito alto: passagens, ingressos, etc. Multiplicado por quatro pessoas, como é o meu caso, acaba sendo um gasto e tanto. Um outro problema é pegar duas conduções para ir e duas para voltar, em vez de uma, caso do Sesc de Nova Iguaçu, o maior centro cultural e de lazer do município. Eu nunca fui ao Sesc por esse motivo. Sou muito controlada com o meu dinheiro. Eu gostaria de ir, mas só vou quando a atividade é no centro da cidade, porque só pego um ônibus, como o Fórum Antigo de Nova Iguaçu, que de vez em quando tem atividades culturais como exposições, e o Parque na cidade onde levo meus filhos. Agora outros lugares mais longes, acabo desconhecendo.”

Limitações, como a apontada acima, por vezes impedem que as famílias realizem atividades em conjunto, porque a soma dos custos ultrapassa o orçamento de muitos moradores da região. Os mais reconhecidos centros culturais e de lazer, mesmo com a proposta de difusão cultural (como é o caso do Sesc), concentram-se em áreas mais centrais e mais ricas da cidade. Por isso, passamos a questionar o papel do poder público e sua atuação em áreas como a desta comunidade.

AUSÊNCIA DO PODER PÚBLICO

Cientes de que a legislação brasileira define que é dever do Estado incentivar e estimular as atividades culturais e de lazer nas comunidades, visitamos a Secretaria de Cultura do Município de Nova Iguaçu e a Fenic (Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu), que também pertence à Prefeitura Municipal e desenvolve projetos de educação e cultura.

Na entrevista com o subsecretário de Cultura de Nova Iguaçu, foi ressaltada a dificuldade na obtenção de verbas para a área do lazer e da cultura, habitualmente considerada menos importante na construção do orçamento público. Ficamos sabendo também que, em agosto de 2001, houve um encontro com vários grupos culturais do município, o “Encontro da Cultura”, com a finalidade de discutir um programa de ação cultural para a cidade.

Já no contato com o presidente da Fenic, foram apresentados os projetos “Livro Vivo” (voltado para a promoção da leitura) e “Palco sobre Rodas” (para a difusão de atividades cênicas), que, segundo ele, são uma alternativa para facilitar o acesso à cultura nas comunidades afastadas do centro. Porém, ele também nos informou que o único projeto com verba garantida da prefeitura, até o momento, é o de apoio às festas de Carnaval.

A confirmação dos dois entrevistados sobre a falta de recursos públicos para o desenvolvimento das atividades de suas instituições é preocupante. Um dos entrevistados disse ainda que, por esse motivo, estariam concentrando esforços na obtenção de apoio da iniciativa privada.

Nos dois encontros tomamos conhecimento de diferentes projetos culturais que foram ou estariam sendo desenvolvidos por essas instituições, mas ainda eram desconhecidos da comunidade. Por isso, é importante uma maior divulgação dessas iniciativas, para que sejam desenvolvidas de forma mais integrada com os grupos organizados presentes na comunidade, mais moradores possam usufruir delas e também colaborar com sua efetivação.

DETERIORAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS

A carência de recursos públicos, combinada com essa falta de integração das iniciativas propostas com os grupos atuantes no local, pode resultar também no mau aproveitamento dos poucos espaços públicos existentes voltados para o lazer na comunidade. O relato abaixo mostra como algumas iniciativas positivas podem ser prejudicadas pela ausência de um representante do poder público que seja capaz de garantir, minimamente, o livre acesso aos espaços da comunidade.

“Há dois anos funcionava uma escolinha de futebol no Cenasc (Centro de Apoio Social e Cultural) para crianças e adolescentes com idade de 8 a 16 anos. Atendia 50 crianças que se dividiam em dois turnos: manhã e tarde. Pagavam R\$ 3,00 por mês, usados para a compra de bolas, coletes e outros materiais usados no projeto.

Treinávamos num campo de futebol nas adjacências da comunidade, cuidado por um morador. Um dia, apareceu um time querendo pagar para jogar no mesmo horário que a gente e como não tínhamos condições de pagar o aluguel do espaço, na época R\$ 10,00 por treino, o homem resolveu passar o nosso horário para o outro time. Depois disso, fomos à prefeitura e denunciemos o que havia acontecido, uma vez que o campo era um terreno público. Alguns dias depois, um fiscal da



prefeitura compareceu ao local (campo de futebol) para conversar com o responsável. Não sei o que foi conversado, apenas que a partir daí ele começou a fazer ameaças para as pessoas que trabalhavam no Cenasc. Diante desta situação, o grupo resolveu acabar com a escolinha por falta de espaço para treinar e por causa do medo das ameaças feitas pelo “dono do campo”. (jovem integrante do Cenasc)

Segundo o relato, o espaço de lazer, que originalmente era público, foi informalmente privatizado pelo morador que passou a cobrar por sua utilização. Mesmo se considerarmos que o aluguel cobrado era empregado para a manutenção do espaço, a remoção da escolinha de futebol que atendia 50 crianças (sem qualquer apoio do poder público) significou a perda de uma iniciativa muito importante. Essa situação é muito grave porque, mesmo tendo sido denunciada para o fiscal, se agravou com a intimidação dos coordenadores da associação. Nesse sentido, a ausência de um espaço adequado para a negociação sobre o funcionamento do espaço fez com que um pequeno conflito sobre horários acabasse por extinguir a escolinha de futebol.

Na ausência de outros espaços na comunidade, os terrenos baldios, as ruas e as quadras das escolas são os locais mais procurados pelos jovens que querem se divertir ou praticar esportes. As únicas áreas de lazer mais equipadas, construídas pela prefeitura, são as quadras da Escola Municipal Nova Era e a da Escola Municipal Professora Dulce de Moura Runheiti Ribeiro. A demanda por áreas desse tipo e as dificuldades de relação entre escola e comunidade têm dificultado a utilização de tais espaços pelos moradores.

Um exemplo dessa situação ocorreu em uma quadra recentemente construída pela prefeitura para uso de uma das escolas. Localizada em um terreno baldio vizinho da escola, possui um portão de acesso para o interior do colégio e um outro para a comunidade, para que tanto a escola quanto os moradores pudessem usá-la. O responsável pelo espaço seria o colégio, mas conflitos entre professores, diretores e alguns jovens de fora da escola fizeram com que ela parasse de utilizar e manter o local. Vejamos as explicações da direção e de um professor:

“Nós só trabalhamos com os alunos da escola, não podemos mexer ‘nas coisas aí de fora’ (...) A quadra foi feita há dois anos, quando a escola foi reformada. Se eu estivesse aqui na época, pediria que fosse construída para a comunidade, porque a gente não tem quem tome conta, e o responsável não poderia impedir que os ‘outros’ usassem. Ela deveria ser aberta, igual a uma praça, e a escola iria lá apenas na hora de usar porque depois os moradores usariam até a noite. A Secretaria diz que é para a escola usar durante o período de aulas e à noite fica para a comunidade. Mas quem vai fechá-la? Eu não vou sair da minha casa para isso.” (diretora da escola)

“A gente tenta usá-la, mas não consegue

porque os moradores arrombaram o portão, e eu tenho de pedir permissão aos que estão jogando bola para que as crianças da escola possam brincar.” (professor da escola)

Ambos os entrevistados afirmam que, para a escola, é difícil conviver e conciliar os interesses dos jovens que estão fora dela. Seria impossível e arriscado negociar com eles para garantir a utilização da quadra adequadamente às necessidades dos professores. Com isso, um morador da comunidade passou a ser o responsável pela quadra e a escola abriu mão desse espaço tão importante. Quando os moradores iam usá-la, tinham de pedir a chave do portão para ele. Mais uma vez, o afastamento de uma instituição pública (no caso a escola) implicou a má-utilização do local – o responsável pelas chaves teria começado a cobrar R\$ 1,00 de cada pessoa que entrasse na quadra. Insatisfeitos com as novas regras, os moradores passaram a arrombar os cadeados do portão. Hoje, a quadra está em estado de abandono e nem o portão existe mais.

A sequência de conflitos e a opção da escola em abandonar a quadra indicam novamente a dificuldade das instituições públicas em interagir com a comunidade. Além disso, no caso da escolinha de futebol, a falta do estabelecimento de regras mínimas e de um espaço de negociação acabaram por destruir um dos poucos locais de lazer construídos na comunidade.

Essas situações indicam que apenas a construção das quadras por parte do poder público não garante que elas venham a atender à grande demanda por espaços de lazer na comunidade. Sem a organização da gestão do local e o acompanhamento do seu funcionamento, esses espaços são disputados e utilizados apenas por aqueles que se impõem através da força ou do dinheiro, perdendo seu caráter público.

A INTERFERÊNCIA DA VIOLÊNCIA

Como ocorre em outras comunidades que participam deste relatório, em Jardim Nova Era temos percebido que há pelo menos dez anos a violência vem se agravando bastante na comunidade. Da mesma forma, crescem também o medo e a insegurança da população. Essa situação interfere diretamente nas atividades culturais e de lazer da região, principalmente nas festas de rua mais tradicionais como o Carnaval e as festas juninas.

Um jovem relatou suas lembranças sobre como teriam terminado os bailes de Carnaval:

“Aproximadamente há uns quinze anos, existiam vários blocos de Carnaval que se reuniam na rua Silvio Freitas e formavam um baile. Não me recordo muito bem porque eu era muito criança, mas me lembro que havia muitas pessoas fantasiadas de índios, homens de mulher e outras fantasias. Como naquela época apareciam muitas pessoas mortas próximo ao local da festa, o evento foi enfraquecendo. O que se ouvia falar, é que existia na comunidade um grupo de extermínio conhecido como ‘os ninjas’ ou ‘polícia mineira’ e faziam as chamadas ‘leis do bairro’. Eles andavam à cavalo, revistavam as pessoas na rua e qualquer um



que 'desse mole', eles matavam. Como as mortes aconteciam com mais frequência no período das festas de Carnaval, isso ocasionou, ao longo dos anos, a diminuição da participação da comunidade na festa até que acabou". (jovem morador)

Os grupos de extermínio tiveram sua atuação mais forte na comunidade em um período anterior, quando a imposição de suas regras pela força consolidou um clima de medo. A insegurança provocada por esse tipo de ação, principalmente no período de festas, ainda continuou com o estabelecimento das facções criminosas ligadas ao tráfico. Novamente, demonstrações públicas de poder e força levaram as festas comunitárias ao fim. Vejamos dois episódios:

"A festa estava boa, divertida e cheia de pessoas que foram para se divertir. Por volta das 22 horas, chegou um grupo de pessoas 'mal-encaradas' e começaram a vender drogas no meio da multidão. Nesse meio tempo, percebi que eles estavam armados; comentei com meu primo e ele ficou preocupado porque havia muitas crianças na festa. Quando eu estava indo embora, notei que um dos 'vapores' [adolescentes que vendem drogas] vinha na minha direção, quando uma viatura da polícia civil chegou à festa. Então o grupo saiu correndo, provocando um enorme tumulto. Um deles pulou o muro de uma casa em frente da Igreja e os outros correram pela rua ao lado do local da festa. Todos os moradores ficaram apavorados e aos poucos foram indo embora, terminando a festa naquele dia mesmo."

"Em um final de semana do mês de julho, uma festa caipira acabou se tornando um transtorno para os moradores. O fato é que o bairro já estava vivendo momentos perigosos naqueles dias, pois havia acabado de ocorrer alguns assassinatos dias antes da data marcada para a festa. Com isso, começaram alguns rumores de que a festa não iria mais acontecer. Mas como acabou se realizando, o esperado também aconteceu, pois aqui em Nova Era já é normal haver confusão em qualquer festinha [...]. No decorrer da festa, alguns indivíduos amedrontavam a população, não com ameaças diretas, mas faziam questão de mostrar suas armas. Com isso, as pessoas logo se preveniram, saindo da festa. Quando a polícia passou, os indivíduos correram causando pânico nos poucos moradores que permaneceram na festa. Esse acontecimento ocasionou o fim antecipado da festa nesse dia."

No dia seguinte, a festa foi marcada para ter início mais cedo e terminar às 20 horas. Mesmo assim, alguns indivíduos (não sei se os mesmos da noite anterior) apareceram desta vez vestidos de vermelho e com bicicletas também

vermelhas. Esses 'vermelhaços' estavam num grupo de mais ou menos cinco, e fizeram as mesmas coisas feitas pelo grupo da noite anterior. Só que era do conhecimento de todos a proibição ao uso de roupas, carros e objetos vermelhos, não pelo tráfico local, mas sim pelos traficantes dos bairros vizinhos, que se passassem por ali e notassem algo do tipo, castigariam a pessoa que estivesse de vermelho, às vezes até com a morte.

Eles passaram pela mesma situação do grupo do dia anterior, (...) ocasionando novamente o fim da festa." (jovem morador)

Nas duas situações, a presença de grupos de criminosos é rapidamente percebida pelo conjunto dos participantes. Em ambas, a insegurança se reforça quando são notadas as armas de fogo que esses grupos carregam pela festa. No segundo relato, a intenção de se fazer notar é bastante evidente, o grupo aparece propositalmente vestido com roupas vermelhas (cor que simboliza a facção Comando Vermelho) e vem com bicicletas da mesma cor. O medo da maioria das pessoas é de que ocorram conflitos, com a polícia ou com criminosos inimigos, em meio às comemorações. Teme-se também que pequenos conflitos, muito comuns em comemorações de rua, acabem resultando em violências mais graves graças à presença desses grupos armados.

Ainda sobre a interferência da violência nas atividades de cultura e de lazer, vale a pena destacar que muitos entrevistados, tanto da comunidade como de representantes da prefeitura, relacionaram a violência com a ausência de espaços apropriados para a cultura e o lazer. Para eles, a ausência desses espaços contribui com a ociosidade dos jovens, por sua vez, ligada ao aumento da violência e do consumo de drogas.

INICIATIVAS LOCAIS

Mesmo com as dificuldades já apresentadas, muitos moradores se engajam em diferentes iniciativas de promoção de atividades culturais e de lazer. A princípio, muitos não reconhecem essas iniciativas como culturais, pois relacionam cultura exclusivamente a atividades eruditas ou tradicionais.

Entre as atividades lembradas temos as próprias festas que, mesmo com todo o medo restringindo sua realização, ainda atraem participantes. Nas festas juninas, alguns grupos mantêm a tradição das quadrilhas, como os grupos *Panela Velha*, *Lampião* e *Encima da Hora*. O grupo folclórico *100 Nome* organiza festas no campo de futebol. Entre os espaços existentes, alguns jovens citaram ainda a *Sala de Leitura*, iniciativa exclusivamente desenvolvida pelos moradores, que funciona como sala de aula e biblioteca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concentração dos poucos recursos existentes para a cultura e o lazer nas áreas mais ricas acentua as dificuldades já enfrentadas normalmente pelos moradores do Jardim Nova Era, que querem se divertir ou participar de uma dessas atividades. A melhora e o barateamento do acesso a atividades desenvolvidas em outras regiões contribuiria muito para que moradores



participassem dos diversos eventos realizados fora da comunidade. E mesmo que projetos ou espaços sejam construídos especialmente para a área, é importante que sejam divulgados e articulados no local. Para se consolidar um espaço desse tipo, não basta construir uma quadra ou um centro cultural, é preciso que as atividades sejam contínuas e se estabeleçam entre os usuários algumas regras de utilização dos locais. Outro ponto importante para a viabilização de atividades de lazer parece ser a diminuição do poder de grupos armados que intimidam muitos moradores.

A partir deste trabalho percebemos a importância de se entender cultura e lazer como direito de todos. Antes, relacionávamos, como muitos entrevistados, a cultura e o lazer apenas como fatores de inibição da violência ou atividades restritas

às pessoas mais ricas, mas, aos poucos, passamos a perceber que todas são formas muito importantes de aprendizado, de convivência e diversão, fundamentais para a dignidade de todos, assim como outros Direitos Humanos.

A nossa visão da realidade foi se ampliando na medida em que paramos para ouvir a comunidade e buscamos conhecer o que os grupos locais e o poder público fazem nessa área. Muitas dessas atividades precisam ser mais divulgadas e estruturadas para atender à grande demanda existente na comunidade. Nesse sentido, vale reforçar que o investimento em uma política cultural, seja pelo poder público municipal seja pelo estadual, será muito mais eficaz quando atingir e incentivar as iniciativas locais, não só de Jardim Nova Era, mas de outras áreas afastadas das regiões centrais mais ricas das grandes cidades.



RIO DE JANEIRO

MORRO DOS URUBUS





Quem Somos?

ALEXANDRE DA SILVA PAULO

Olá, meu nome é Alexandre da Silva Paulo, tenho 20 anos e nasci na cidade do Rio de Janeiro. Estudo na escola CEI (Centro de Estudo Integrado), de Quintino, antigo bairro do ex-jogador Zico, o “galinho de Quintino”. Estou cursando o primeiro ano do ensino médio, técnico de informática e gosto muito da escola onde estudo. O CEI, anteriormente, era antiga FUNABEM (Fundação do Bem Estar do Menor), e hoje oferece vários cursos para várias comunidades carentes, como por exemplo esportes, dança, teatro etc.

Já trabalhei como garçom, monitor de meio ambiente num projeto que existia dentro da AMAMU e como lubrificador. Gosto muito das coisas que eu faço nos meus trabalhos. Participo de alguns projetos na AMAMU (Associação de Mulheres e Amigos do Morro do Urubu).

Morei com minha mãe durante 20 anos no Urubu. Há dois meses atrás, minha mãe faleceu e eu passei a morar com meu irmão mais velho, Edmilson, que, há dois anos, perdeu sua filha única que tinha 14 anos. Eu ajudava minha mãe nas despesas e nós nos dávamos muito bem em casa. Ela nasceu na cidade do Rio de Janeiro, completou o ginásio e exerceu a profissão de auxiliar de enfermagem.

Tenho mais três irmãos, a Marluce, que trabalha no hospital de doentes mentais, o Luciano, que trabalhava de garçom e

hoje esta desempregado, e a Marta, que também esta desempregada. Somente Luciano e eu não temos filho.

Sou evangélico, vou à igreja. Gosto de jogar bola e passear com minha namorada. Apesar de estar em Realengo (região onde moro atualmente), sinto muita falta dos meus amigos, da companhia das pessoas e da minha namorada que mora no Urubu. A comunidade onde eu morava é muito legal, mas sempre estou por lá dando um passeio.

O passo mais importante que eu dei na minha vida foi quando conheci Jesus. Quando eu era criança, minha mãe me levava à igreja, mas eu não dava muita importância e ia só para agradá-la. Mas agora, agradeço a Deus por ter vivido junto com minha mãe e de ser uma parte da vida dela porque foi ela que me ensinou o caminho onde devo andar. Hoje, eu compreendo que ela se foi porque cumpriu sua parte, ao me mostrar o verdadeiro caminho, que é JESUS.

Sou negro, olhos castanhos escuros, 1,81m de altura. Já sofri muito preconceito racial, mas isso não me abalou, graças a Deus. Pela honra e glória do nosso Senhor Jesus Cristo, vou superando os problemas e a cada dia vou buscando a graça de Deus, pois não posso esquecer o que ele fez por mim. Estando com Deus não vale a pena desistir.

MARCO ANTÔNIO FIDÉLIS DE SOUZA

Olá, meu nome é Marco Antônio Fidelis de Souza, mas por aqui no morro dos urubus todos me conhecem como Toni, um apelido que meu falecido padrinho me deu. Nasci e cresci na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente em São Cristóvão e Pílax. Também morei no bairro de Del Castilho com minha tia avó até os 5 anos e, logo depois, fui para o Morro dos Urubus.

Por algumas circunstâncias da vida, comecei a estudar tarde em comparação com as outras crianças da comunidade, mas, em compensação, quando comecei só dei um mole, repetindo a 7ª série, e quando eu estava no 2º ano do ensino médio tive que parar de estudar para servir o exército. A princípio, eu não queria servir, mas cai na lei e fui obrigado, no entanto, hoje, me recordo com muita satisfação por ter sido o meu primeiro trabalho. Trabalhei já nas Lojas Americanas, exercendo o cargo de atendente, numa firma de segurança, como auxiliar de segurança, e fiz um ano e meio de estágio de contabilidade no Banco do Brasil. Nunca tive o compromisso de ajudar nas despesas da casa, mas sempre compro algo para ajudar.

Sobre meu pai não tenho muito a falar, só sei que ele era ou é sargento da marinha e minha avó diz que eu pareço muito

com ele, mas nunca tive notícias sobre ele. Já minha mãe nasceu na cidade de Conceição de Macabu, veio para o Rio de Janeiro aos 17 anos de idade e estudou até a 1ª série do ensino médio no colégio Veiga de Almeida, pagando as mensalidades com o salário que recebia como empregada doméstica. Ela também fez um curso de auxiliar de enfermagem no curso Bezerra de Araújo, prestou um concurso do governo do Estado, passou e até hoje exerce essa função no Hospital Getúlio Vargas, no bairro da Penha. Ela está com 53 anos e voltou a estudar para terminar o ensino médio.

Tenho 3 irmãos, Rafael, de 21 anos, Ana Cristina, de 19, e Luiz Fernando. A Ana trabalha como atendente na COPPE, situada na UFRJ e está cursando o ensino médio. O Rafael está desempregado, mas já trabalhou como pedreiro, também está cursando o ensino médio e está fazendo um curso de técnico de enfermagem. Já o Luiz Fernando está na 8ª série e é o mais atentado, tanto que todos os meses minha mãe tem que ir à escola para resolver a situação dele.

Voltando a falar sobre mim, sou negro, alto, forte, tenho 25 anos e nos tempos livres gosto de jogar futebol, ir ao cine-



ma, sair com os amigos e namorar, é claro. Tenho o ensino médio completo e vou prestar vestibular para o curso de fisioterapia da UFRJ. Apesar de não ter muitas opções para sair, gosto muito do bairro onde moro, principalmente das pessoas que são prestativas e amigas.

Falando de Direitos Humanos, aqui não é diferente dos outros lugares e há muitas violações, seja na saúde, na segu-

rança, na educação etc. Atualmente, trabalho junto a uma associação a AMAMU (Associação de Mulheres e Amigos do Morro dos Urubus) onde o nosso grupo do projeto Observatório de Direitos Humanos se reúne. Para nós, está sendo muito proveitoso, pois a cada dia que passa estamos aprendendo mais sobre os Direitos Humanos e com esse aprendizado vamos superando as dificuldades que acontece com qualquer um.

DENISE SANTOS

Meu nome é Denise, tenho 23 anos e nasci na Maternidade Carmela Dutra no Lins, no Rio de Janeiro. Eu moro no bairro do Engenho da Rainha, na região Norte do Rio de Janeiro, entre os bairros de Pilares e Inhaúma. Meu bairro tem o "coroador", que são prédios residências, ruas planas e outras ruas altas que dão acesso ao morro do Engenho da Rainha: eu moro em umas dessas ruas, na rua Correa de Almeida, 186.

O que eu não gosto no meu bairro, são os lixos, os matos, as valas abertas, falta de água em algumas partes do morro, falta de iluminação, os tiroteios, a guerra do tráfico que acaba criando uma barreira entre a minha comunidade e a comunidade do Morro dos Urubus. O que eu mais gosto são as igrejas evangélicas, as pessoas, que são bastante solidárias, as escolas. Apesar de tudo, gosto do meu bairro, onde moro desde que nasci. Estudei em duas escolas aqui do bairro: na Hermenegildo de Barros, que foi minha primeira escola e onde estudei do jardim à 4ª série, e na Marechal Estevão, onde fiz da 5ª a 8ª série. Estudei também na escola Maranhão, em Pilares, onde terminei o primeiro e o segundo grau. Todas essas escolas eram públicas, algumas municipais, outras estaduais. Não gostei de estudar na Maranhão, pois era uma bagunça, mas superrei as dificuldades. Eu ainda estudo e faço curso de técnico de enfermagem.

Meus pais se separaram quando eu tinha 6 anos de idades, eu sofri muito, pois era muito agarrada com meu pai. Durante muito tempo, culpei minha mãe, mas, depois de ter passado por algumas experiências da vida, compreendi que minha mãe não era a única culpada e sim os dois. Meu pai tem 42 anos, nasceu no Rio de Janeiro, morou durante 30 anos no Engenho da Rainha e foi morar em Realengo depois que se casou novamente. Ele é bombeiro hidráulico há 16 anos e estudou até a 8ª série. Amo muito meu pai e sempre ligo para ele. Às vezes ele vem na minha casa e na casa da minha avó e, quando pode, ele me ajuda com algum dinheiro. Meu pai teve uma filha no segundo casamento que se chama Livia, tem 14 anos, e está na 7ª série. Minha mãe tem 42 anos, nasceu em Salvador, Bahia. Com 7 anos de idade veio, ela e minha avó (que morreu em 1996) vieram morar no Rio de Janeiro, no bairro do Engenho da Rainha, no qual mora até hoje. Minha mãe estudou até a 7ª série e sua profissão é auxiliar de produção. Atualmente, ela não trabalha, fica em casa cuidando dos 4 netos e dos seus filhos.

Minha mãe tem 5 filhos. Luís Carlos tem 25 anos, é evangélico, e tem 2 filhos, Shaene, de 4 anos, e o Felipe, de 3 anos. Ele é separado e seus filhos moram com ele, nos fundos da casa da minha mãe. Trabalha no Projac, na manutenção, e parou de estudar no primeiro ano do segundo grau. O Paulo Henrique tem 16 anos, estuda e está na 7ª série. Ele trabalha em um lava-

jato perto de casa, não recebe quase nada e não ajuda no sustento de casa. Daiane tem 14 anos, estuda e está na 6ª série, fica em casa e ajuda a tomar conta das crianças. O Luís Eduardo que tem 5 anos, estuda, está no jardim I. E eu, que também moro com minha mãe.

Tenho dois filhos, o Luís Henrique, de 5 anos, que está na escolinha, no Jardim I, e a Lisa Vitória, de 3 anos, que não está estudando ainda. Meus filhos são muito inteligentes, eu os amo muito e, se eu pudesse, escreveria para o mundo todo saber o quanto meus filhos são importantes para mim, o quanto que eu os amo.

Meu primeiro emprego foi como auxiliar de escritório, no centro da cidade, era uma loja de xerox e lá eu fazia de tudo um pouquinho. Trabalhei lá durante 1 ano e 2 meses e saí após ter sido vítima de danos morais. Faltei ao serviço numa sexta-feira, pois estava doente. Ao chegar na segunda-feira, apresentei o atestado médico e fui trabalhar no caixa. De repente, a supervisora veio do interior da loja e gritou: "você que mora em favela, que é pobre e que se for despedida vai passar fome, não pode faltar, escutou Denise?". Eu me senti muito humilhada, tinha 16 anos, não tinha filho ainda, peguei minhas coisas e fui embora. Voltei dias depois para comunicar ao meu chefe o que havia acontecido e pedi demissão pois não conseguia trabalhar mais lá. Além desse emprego, trabalhei também numa fábrica como arremataria de roupas. Não gostava de trabalhar lá, mas eu precisava, então realizava o meu trabalho com dedicação e satisfação.

Meu primeiro namorado foi o Daniel, lembro dele com carinho e, embora ele fosse dois anos mais novo do que eu, nós nos dávamos muito bem. Todo dia ele me dava presente e foi o único namorado que até hoje me deu flores. Sua família era contra o nosso namoro, pois achava ele muito novo para namorar. Eles, então, mudaram-se para longe, o que acarretou o fim do nosso namoro.

Com 16 anos de idade, saí da igreja que eu freqüentava desde pequena. Comecei a freqüentar vários bailes, andava seminua. Depois de alguns meses sem namorado, conheci o Marcos, que até hoje me traz tristes recordações. Namoramos alguns meses, um dia ele achou nosso namoro muito infantil e queria algo mais, mas eu não estava me sentindo preparada e não quis. Como não rolou, ele ficou com raiva e me ofendeu, disse que eu tinha um corpo bonito mas era muito criança, além de outras palavras que me magoaram muito. Na verdade, ele não gostava de mim, pois quem ama respeita. Fui embora muito magoada e disse para mim mesmo que iria perder a minha virgindade com o primeiro garoto que eu namorasse naquele dia.



Naquela mesma noite, fui ao baile, houve um tiroteio e fui parar no Méier. Lá, encontrei o Cláudio, um garoto que trabalhava perto de onde eu havia trabalhado, e levei até o fim minha decisão. Foi na rua, em pé, muito doloroso, e só depois que aconteceu eu me dei conta da burrice que eu tinha feito, mas era tarde. Passei a frequentar bailes de brigas e a brigar nos bailes, a beber muitas bebidas alcoólicas e, de vez em quando, fumar cigarro de Bali. Era uma coisa muito estranha, pois eu brigava nos bailes com tanta revolta, raiva e nem conhecia as pessoas. Uma vez, ao sair do Cartum Clube da praça seca, entrei no ônibus especial de uma galera rival, tive que correr muito e me esconder para eles não me matarem. Não podia ir a certos lugares, pois corria o risco de apanhar, era terrível.

Um dia saindo do baile no Coleginho de Irajá, reencontrei o Cláudio, que disse que estava me procurando há algum tempo. Começamos a namorar sério, eu continuei a frequentar os bailes, mas ele não ia comigo. Fiquei grávida, falei para Cláudio e escondi da minha família até o sétimo mês. Quando meus pais descobriram falaram muito, principalmente meu pai. Tive que me amigar, casar, parei de estudar e não pude mais fazer o curso de enfermagem, pois meu pai não quis pagar mais. Enterrei com isso muitos sonhos, que hoje espero realizar.

Meu filho, Luís Henrique, nasceu. O Cláudio morava lá em casa, nos dávamos muito bem, ele trabalhava como representante de aparelhos hospitalares, nunca deixou que faltasse nada. Mas, depois de algum tempo de convivência, o ele mudou, chegava tarde em casa, não fazia compra, chegava com um cheiro muito forte de cigarro e com muita fome. Vivíamos com muita dificuldade. Um dia, segui o Cláudio e comprovei que ele estava usando drogas. Tentei ajudá-lo, mas ele não admitia, então, mesmo ainda gostando dele, resolvi me separar. Após tomar esta decisão, ele falou que iria embora, mas, no dia seguinte ele não cumpriu sua palavra. Tivemos uma discussão e ele me bateu, apanhei durante horas seguidas, depois ele abusou de mim e foi embora, para uma favela, saiu do emprego e vivia como aviãozinho. Aquela briga deixou algumas marcas no meu corpo e muitas marcas na minha alma. Fui então para casa do meu pai, onde fiquei alguns dias.

Depois de alguns meses, descobri que estava grávida novamente, fiquei desesperada e fui atrás dele. Parecia outra pessoa, por usar drogas constantemente, sua voz estava diferente, falava pelo nariz, estava sujo e mal arrumado, estava totalmente acabado. Falei para ele que eu estava grávida, a princípio ele ignorou, mas depois ficou todo bobo. Falei, então, que se ele sáisse daquela vida eu voltava com ele.

Algumas vezes ele foi lá em casa, tomava banho e sempre me prometia que largaria daquela vida. A Lisa nasceu prematura, de oito meses, mas nasceu bem. Fiquei muito tempo sem ver o Cláudio, até que um dia ele chegou lá em casa, muito bonito, bem arrumado e muito cheiroso. Ele viu as crianças e me perguntou se estávamos precisando de alguma coisa, respondi que não e perguntei se ele estava trabalhando, respondeu que sim. Fiquei muito feliz, mas, alguns meses depois, descobri que era mentira. Parecia que eu estava amando o Cláudio mais que nunca e, embora tivesse namorando o Leandro, não conseguia ficar longe dele. Ele falava para todos que eu era sua mulher. Meses depois, ele foi preso, eu passei a ir visitá-lo e terminei meu namoro com o Leandro. Foi um período muito

difícil, estava desempregada e muitas vezes fui visitá-lo só com o dinheiro da passagem. O pior é eu que tinha que ir escondido, pois meus pais eram contra. Mesmo ele estando preso, eu continuei frequentando os bailes funk.

Ano passado, eu voltei para igreja (Batista Renovada do Engenho da Rainha). Era uma noite de sábado, eu estava num baile funk perto da minha casa que era o lugar que eu mais gostava de ir. Tinha bebido muito vinho, Contini, Martini, fumado muito cigarro de Bali e, em meio a luzes, armas, tóxicos, som, comecei a chorar. Comecei a refletir na situação que estava vivendo, tudo destruído. Tomei a decisão de, a partir daquele dia, não frequentar mais bailes funks, nem usar mais bebidas e cigarros. Minhas colegas riram, pois sabiam que essas eram coisas de que eu gostava muito. Mas, depois daquele dia, eu realmente larguei tudo aquilo e não voltei mais. Num domingo, fui visitar a igreja. Na hora do apelo não pude me conter no banco e, em meio a muitas lágrimas, eu voltei. Não é fácil estar no caminho de Jesus, mas Deus tem me dado força para continuar a caminhada.

No período em que o Cláudio estava preso, pedia a Deus para me ajudar, pois era muita coisa que eu estava passando, era muita humilhação na cadeia. Para visitá-lo, tinha que enfrentar uma fila muito grande, passava por uma revista, tinha que ficar sem roupa. Quando chegava lá dentro, o Cláudio ainda queria ter relação, era terrível, num banheiro sujo e em apenas quinze minutos.

Foram 2 anos e 2 meses nesta vida. Derramei muitas lágrimas, pois, em muitas das vezes em que eu ia visitá-lo, ele descontava seus problemas em mim. Mas eu não desistia, fazia minha parte, falava para ele que o caminho das drogas, do tráfico iria levá-lo à morte e ele me prometeu novamente que iria sair daquela vida.

No dia 06-03-2002 ele saiu da cadeia, mas não cumpriu sua palavra. Então, no dia 08-03-2002, eu recebi a triste notícia de que ele estava morto. Foi muito triste, mas aceitei numa boa pois tinha certeza de que havia feito minha parte. Deus deu uma oportunidade para ele, mas, infelizmente, ele não soube aproveitar. Ele saiu da cadeia numa segunda-feira, chegou na minha casa eram umas 22 horas, falou com as crianças, com a minha mãe e disse que iria voltar mais tarde. Eu não estava em casa e quando cheguei do curso, fiquei sabendo de sua visita e fiquei muito preocupada. Esperei por ele à noite toda, ele só foi aparecer no dia seguinte. Me beijou e contou que estava com os colegas do tráfico. Ficou lá em casa o dia inteiro, brincou com as crianças, almoçou, tomou banho, conversamos bastante, então, ele me disse que iria embora pois tinha um assunto para resolver. Deu um beijo nas crianças e prometeu que voltaria para levá-las para praia, me deu um beijo e foi embora para não voltar mais. No outro dia, ele ligou lá para casa e disse que me amava, pediu para eu perdôá-lo, disse que eu merecia ser feliz, para eu continuar linda e cuidar das crianças. Foi a última vez que ouvi sua voz, a noite veio à notícia de que o tinham matado. Meus filhos, vendo o meu sofrimento, perguntaram porque eu estava chorando e eu não falei. No dia do enterro, Luís Henrique e a Lisa Vitória ficaram o tempo todo falando sobre o pai e eu não agüentei, falei que o pai tinha morrido. Eles ficaram muito abalados e disseram que queriam morrer com o pai. Eu, chorando e sem argumento, perguntei para eles



quem iria ficar com a mamãe. Eles pararam, olharam para mim, a Lisa me deu um beijo e pediu para eu comprar outro pai para ela, e o Luís pediu para eu comprar um carro para eles. Eu parei de chorar e prometi que comprava. Foram momentos muitos dolorosos, mas, com a ajuda de Deus, eu superei. Hoje, meus filhos ficam me cobrando um pai, mas eu não estou preocupada com isso, estou estudando, preparando um futuro melhor para eles.

Estou trabalhando no projeto Observatório dos Direitos Humanos, trabalho também na Associação de Mulheres do Urubu como voluntária de prevenção DST/AIDS, sou ainda coordenadora da escolinha de informática e estou terminando meu curso de técnico de enfermagem. Estou muito feliz de estar viva e poder ajudar as pessoas. Agradeço a Deus por tudo, pela minha vida e também por ter permitido que eu tivesse conhecido a dona Sônia, presidente da Associação de Mulheres do Morro do Urubu. Ela tem me ajudado muito, me fala palavras de ânimo,

enfim, é uma ótima amiga. Desde o momento em que nos conhecemos sabia que não era por acaso.

Passei por muita coisa na minha vida mas sei que foi preciso, pois aprendi, com meu sofrimento e hoje sei valorizar a vida, as pessoas. Não me arrependo de ter dado oportunidade ao Cláudio, pois sei que todos erram e devem ter a oportunidade de consertar. Eu mesma cometi vários erros e tive a oportunidade de consertar e é isso que me motiva a continuar. Isso também faz parte dos Direitos Humanos.

Nas minhas horas vagas, fico com meus filhos e vou para o ensaio da juventude, na igreja. Tenho muitos sonhos, um deles é me casar.

Bom, esta é a minha história de vida, ou parte dela. Espero que eu não tenha passado coisas tristes para vocês, pois, apesar de tudo e de todas as dificuldades, erros e problemas, Deus me deu vida.

LUCIANE SABINO

Meu nome é Luciane da S.S., nasci no dia 13 de abril de 1981, na cidade do Rio de Janeiro. Fui uma criança totalmente saudável, inteligente, nunca dei dor de cabeça aos meus pais que sempre confiaram em mim. Minha infância foi muito legal, curti muito. Tive momentos maravilhosos como por exemplo as brincadeiras, os passeios, entre várias outras coisas.

Sinto muitas saudades das minhas primas Joelma e Jocilene que tiveram filhos muito cedo. Brincávamos, saíamos, era muito divertido, praticamente fomos criadas juntas. Atualmente, elas moram com seus maridos. Joelma, aos vinte e um anos, tem três filhos e Jocilene, com dezoito, tem dois filhos.

Comecei a estudar com seis anos de idade. A minha primeira classe foi no jardim, na escola Suécia, perto de minha casa, onde moro até hoje. Lembro da dona Carla, a minha primeira professora. Terminei o primário nessa mesma escola. No ano seguinte, iniciei o ginásio em outra escola pública, ainda perto da minha residência. Concluí com quinze anos, quando comecei a praticar esporte. De princípio só jogava futebol por influência dos colegas, mas, para mim, era só um passatempo. Depois, aprendi a jogar basquete que é um dos meus prediletos.

Estou concluindo o segundo grau no colégio Estadual Visconde de Cairu, que fica no Méier, bairro um pouco distante de onde resido. Depois que eu repeti o primeiro ano, não tive muita vontade de estudar, mas hoje, já superei isso. Era da equipe de handebol no Cairu e gosto muito do colégio, que considero um dos melhores. Existem profissionais de verdade ali dentro.

Sou fã do basquete e do handebol. Já viajei algumas vezes para participar de torneios de handebol em cidades do Rio, Minas e já joguei em alguns clubes cariocas.

Pretendo fazer faculdade de Direito e Educação Física. Às vezes eu penso em desistir, achando que eu não irei conseguir, mas, ao mesmo tempo, chego a conclusão que para se conseguir algo de bom, é preciso muito esforço, dedicação, garra, acima de tudo, e lutar com todas as forças.

Nunca trabalhei com carteira assinada. Ajudava a minha

vizinha, Marli (cabeleireira há 25 anos) a colocar Rastafari (tipo de tranças) nas clientes e conseguia alguns trocados com isso. Aprendi alguns métodos de cabelo-afro com ela e cheguei a fazer um curso de cabeleireiro no Afro Day, na Lapa. Pensei até em montar um salão, mas não desejo isso agora.

O pouco que eu ganho, ajudo no sustento da casa, afinal, tenho a consciência de que devo ajudar os meus pais. Meu pai e minha mãe nasceram no Espírito Santo. Minha mãe, por muito tempo, trabalhou como doméstica, tendo trabalhado também em uma firma como operadora de máquina. Infelizmente, ela estudou apenas até a terceira série do primário. Meu pai se aposentou muito cedo, entre seus 35 e 40 anos, por invalidez devido a um problema no sistema nervoso. Meu pai não teve a oportunidade de estudar, pois ajudava a cuidar da casa junto com seus pais e seus irmãos. Ele trabalha como pedreiro, é esforçado e é muito elogiado pelos clientes.

Tenho dois irmãos. O mais velho é casado, tem dois filhos e vive na mesma casa que eu. Já concluiu o segundo grau e pretende fazer faculdade de Letras. A caçula tem seis anos e está na primeira série.

Sou voluntária da AMAMU (Associação de Mulheres e Amigos do Morro dos Urubus) que tem como objetivo atender todas as necessidades para a melhoria da comunidade. Fazia parte do "Verde Que Te Quero Verde" que era um projeto voltado ao meio ambiente, cujo objetivo principal era conscientizar e sensibilizar os moradores a respeito do valor da educação ambiental. O projeto era para finalizar em dezembro deste ano, mas, infelizmente, o governo do Estado não cumpriu o combinado e o projeto se encerrou bem antes do prazo programado. Na AMAMU trabalhamos com diversos temas, como DST/AIDS, sexualidade, drogas e outros, com o objetivo de colaborar na conscientização das pessoas, encontrar soluções e romper barreiras.

Minha família é evangélica, com exceção do meu irmão e sua esposa. Gosto de ir à igreja, sair com os amigos, fazer amizades, sou muito legal e extrovertida. A comunidade onde moro é muito legal, mas falta mais lazer.



Espero que este projeto Observatório de Direitos Humanos obtenha sucesso e muitas conquistas, como ocorreu em São Paulo. E que aqui no Rio de Janeiro possamos também contri-

buir para que esse projeto seja reconhecido nacionalmente e, até mesmo, internacionalmente.

ROSANE KELLER

Olá! Meu nome é Rosane Keller B. Tenho 17 anos e moro no município do Rio de Janeiro. Sou casada, tenho uma filha de um ano e três meses e estou grávida de cinco meses. Sou morena, tenho os cabelos longos e 1,68m de altura.

Comecei a ajeitar minha vida cedo, aos 15 anos. Comecei a namorar aos 13 anos, aos 15, engravidei da Bruna e tive que casar, porque minha mãe me mandava embora por qualquer briguinha que tivéssemos. Eu fiz o que ela queria, fui viver a minha vida com meu marido, antes da minha filha nascer.

Eu achei bom ter começado minha vida cedo, porque eu não era feliz do jeito em que eu estava antes. Agora eu me sinto feliz porque tenho uma filha linda, inteligente e muito esperta. Também me sinto feliz por estar na minha casa e não ter que aturar minha mãe, porque ela tem um gênio muito forte e eu também. Mas, apesar de tudo o que aconteceu, ela é uma pessoa legal. Hoje ela vai à minha casa, conversa comigo normalmente, porque antes nós não tínhamos diálogo.

Tenho três irmãos homens, os nomes deles são Cláudio, 30

anos, Emerson, 27 anos, e André, 18 anos. Gosto muito dos meus irmãos e nós nos damos muito bem. O nome do meu marido é Breno, nós moramos em uma vila onde só moram parentes do meu marido. Aqui também moram as primas e os primos dele que são muito legais e todos que moram nesta vila são da Igreja Batista, mas não são pessoas bregas e chatas apenas porque são da Igreja. Às vezes eu coloco música funk, pagode e eles me respeitam numa boa. Antes eu não ia à igreja, agora vou todo domingo à noite e me sinto bem.

Aqui, nós temos vários lugares para sair, como o shopping, parque, circos, Jardim Botânico, bailes, pagodes etc, mas nem todos os lugares são perto do meu bairro. Eu quase não saio, só de vez em quando, quando tem uma festa de aniversário ou, às vezes, vou ao shopping. Eu gostava muito de ir ao baile e ao pagode, mas agora sinto que perdeu a graça, tanto que da última vez que eu fui fiquei cheia de sono até as quatro da manhã e, como estou com a barriga muito grande, me senti cansada. Prefiro ficar em casa no meu canto.

Onde Estamos?

A pesar de nossa comunidade se chamar Morro dos Urubus, os moradores a chamam de Morro do Urubu. Alguns moradores antigos dizem que o nome se deu porque no início da ocupação havia muitos urubus no local. A comunidade surgiu há 70 anos, num local que era uma área militar, usada como ponto estratégico. A princípio, as casas construídas na parte de baixo do morro eram demolidas pelo exército, por isso, as pessoas começaram a fazer suas casas no alto, pois lá o exército tinha dificuldade para chegar e, além disso, as casas ficavam mais escondidas.

Localizada na região norte do Rio de Janeiro, no bairro de Pilares, com aproximadamente 13.400 moradores, a comunidade, que tinha somente becos estreitos, passou a ter praças, ruas e casas de todos os tipos, em sua maioria de alvenaria. O comércio é pouco variado, tendo apenas biroskas (pequenos bares), padarias e lanchonetes. Temos 13 igrejas evangélicas, uma católica, que é também um convento, e 8 centros espíritas. Há também 12 pracinhas, 3 campos de futebol, 3 escolas, 3 creches e 1 sanatório. O posto policial, a defensoria pública, os mercados, as farmácias, ficam no bairro de Pilares, na descida do morro. Os postos de saúde ficam nas comunidades vizinhas (Engenho da Rainha e avenida Suburbana). Não temos teatro, biblioteca, parque ou cinema, só algumas praças.

As maiores mudanças ocorreram com o Favela-Bairro, um projeto do governo para melhorar a infraestrutura dos bairros. A partir dele, as ruas começaram a ser asfaltadas, a rede elétrica foi ampliada e foram realizadas obras de saneamento básico.

As linhas de transporte coletivo estão nas avenidas de entrada do bairro. Os ônibus só entram efetivamente na comunidade quando essas avenidas são interditadas, devido a um veículo quebrado, atropelamento etc. A coleta do lixo é feita somente nas ruas de acesso mais fácil, até porque é impossível subir pelas escadas. A ronda policial só é feita nas ruas principais que são movimentadas e dão acesso ao topo do morro.

Dentro da comunidade existem os projetos Grafite-Stamparia, Verde que te Quero Verde, Jovens Pela Paz, Núcleo de Prevenção de DST/AIDS, CDI – Informática, Mova, CUIEP, Comunidade Unida e



Comitê Novo Milênio. São projetos que deixam os jovens cheios de expectativas para sua vida futura e acontecem na AMAMU (Associação de Mulheres e Amigos do Morro do Urubu).

As festas populares e shows de música são promovidos pelos próprios moradores da região e só acontecem em épocas especiais, como festas juninas e carnaval. Antes, havia colaboração de moradores de comunidades vizinhas, mas, atualmente, existe muita rivalidade entre eles porque um lado quer sempre mais do que o outro.

A maioria dos moradores diz que os problemas da comunidade são falta de lazer, falta de postos de saúde, de saneamento básico, de asfalto em determinadas ruas, de transporte, mas o principal é a falta de segurança, que é o que todos mais temem.

Mas, além dos problemas, existem várias qualidades. As pessoas da comunidade são muito amigas, a vista daqui é muito bonita (bastante verde), há creches, a AMAMU etc. Por isso, apesar das dificuldades que existem tanto aqui como em qualquer outra comunidade, gostamos muito do lugar em que vivemos.

AMAMU

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES E AMIGOS DO MORRO DOS URUBUS

AMAMU é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 02 de agosto de 1992, a partir da mobilização de um grupo de mulheres preocupadas com o desenvolvimento sócio-cultural e econômico da comunidade. Atualmente, contamos com o trabalho voluntário de várias pessoas na busca desta melhoria, visando não apenas manter, mas ampliar os projetos existentes, com o objetivo de diminuir a exclusão social.

A entidade vem desenvolvendo vários projetos nas áreas de educação, cultura, arte e lazer, saúde, meio-ambiente, cidadania e de assistência social. Esses trabalhos são desenvolvidos em parceria com órgãos governamentais e não governamentais.

Na área da educação, a AMAMU desenvolve os projetos "Alfabetização para Jovens e Adultos", que já beneficiou 50 usuários, e "Escola de Informática e Cidadania", que visa a democratização da informática. Na área da saúde, vem desenvolvendo os projetos "Prevenção às DST/AIDS", que leva informação, desenvolve oficinas e distribui preservativos à comunidade, e o "Conselho de Saúde AP- 3-2", em que atua como conselheira de saúde, buscando levar muita informação para a comunidade.

Nas áreas de arte e lazer, a AMAMU desenvolve os projetos "Grafite Não Piche", que conta com a participação de 03 jovens que, voluntariamente, ensinam a arte da grafite para 20 jovens, "Projetos Jovens Pela Paz", no qual dez jovens realizam diversas oficinas com criança e adolescentes tais como: teatro, dança e beleza afro, e o "Projeto Grafite & Estamparia", que visa transformar o pixe em arte através de oficinas de grafite, cujo principal objetivo é o resgate da cidadania.

Em relação ao meio ambiente, estão sendo desenvolvidos os projetos "Verde Que Te Quero Verde", no qual jovens da comunidade aprendem a cultivar as áreas verdes da mesma, elaborando hortas comunitárias, plantio de mudas e canteiros, preservando o meio ambiente, e o "Projeto Reciclagem", que beneficia a toda comunidade, desenvolvendo um trabalho de conscientização, no qual a comunidade participa concentrando garrafas de pets no espaço destinado a elas na sede da AMAMU, onde são compactadas, contadas e vendidas.

Na área da assistência social estão sendo desenvolvidos os projetos "Rio Contra a Fome" em parceria com o Comitê Rio, e o "Projeto Sopa da Cidadania".

Sonia Regina
Presidente



NÚCLEO DE PREVENÇÃO DE DST/AIDS

O projeto do Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS) é desenvolvido na Associação de Mulheres e Amigos do Morro do Urubu (AMAMU) e conta com agentes, voluntários e multiplicadores na comunidade. É um núcleo de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS.

Os agentes e voluntários são capacitados para desenvolverem palestras, camelôs educativos, oficinas e fazem cadastramento de pessoas para a distribuição de preservativos. Este projeto vem sendo realizado desde 2000 e atualmente possui quatrocentos e vinte cinco cadastrados entre jovens e adultos.

CAMTRA

CASA DA MULHER TRABALHADORA

Na Associação de Mulheres e Amigos do Morro do Urubu (AMAMU) o grupo da Casa da Mulher Trabalhadora (CAMTRA) reúne jovens que trabalham na comunidade discutindo temas relacionados à saúde e qualidade de vida como: planejamento familiar e gravidez na adolescência entre outros. As responsáveis pelo projeto, que também são jovens, vêm à comunidade uma vez por mês e contam com a participação de 15 a 20 jovens. As orientações são bastante dinâmicas e passadas na linguagem das próprias jovens.

Morro dos Urubus e o Direito à Saúde

O direito à saúde foi o tema escolhido pelo grupo de observadores do Morro dos Urubus. Dentre os relatos levantados, foram inúmeros os casos que demonstraram as dificuldades enfrentadas pelos moradores da comunidade para conseguir atendimentos em postos de saúde e hospitais, além do mau atendimento e do difícil acesso aos medicamentos distribuídos pelos serviços de saúde.

Observamos, ainda, que o desconhecimento sobre órgãos que recebem queixas e denúncias sobre os serviços de saúde prestados colabora para que graves violações permaneçam impunes.

DIFICULDADES PARA CONSEGUIR ATENDIMENTOS MÉDICOS

Centralizamos esse trabalho no registro de episódios em que os moradores procuraram serviços de saúde. Na discussão destes relatos, o grupo identificou que foram bastante destacadas as dificuldades encontradas pelos moradores quando necessitavam de atendimentos médicos.

POUCAS VAGAS E MUITAS FILAS

Conseguir uma vaga para ser atendido foi uma das dificuldades ressaltadas no relato de vários moradores. Algumas pessoas afirmaram que, nos serviços de saúde por elas frequenta-

dos, a quantidade de vagas disponíveis para o atendimento era insuficiente. Em consequência disso, também foi comum os moradores relatarem que tinham de enfrentar longas filas e, na tentativa de garantir uma vaga, por vezes tiveram que chegar de madrugada ou pernoitar nestas filas.

“No mês de abril, fui levar meus filhos no pediatra do posto, pois eles estavam com crise de bronquite. Acordei às 5 horas e consegui pegar o número 12. Eles foram atendidos às 9 horas”.

“Certo dia, sobrinha e tia foram ao hospital com consulta marcada para o horário do meio dia. Esta consulta custou a noite da tia que, para conseguir marcá-la, teve que dormir na fila. Por volta das 14:30h foram atendidas”.

A ESPERA PELO ATENDIMENTO

Em muitos casos, verificou-se que, entre tentar marcar a consulta e o encontro com o médico, há um longo e distante caminho a ser percorrido. No primeiro relato anterior, a pessoa esperou aproximadamente quatro horas para ser atendida e, no segundo, teve que passar a noite na fila para conseguir uma consulta às 12:00h do dia seguinte, sendo atendida apenas às



duas e meia da tarde, isto é, mais de doze horas depois de ter chegado à fila.

Além do longo tempo de espera para o atendimento, também foi mencionado que, em casos emergenciais, necessitou-se peregrinar por diversos hospitais para encontrar um que prestasse o atendimento. A respeito disso, vejamos o relato de uma gestante quando precisou de uma maternidade para dar a luz.

“Estava grávida de 9 meses, era a minha primeira gestação. Eu estava muito preocupada, pois, embora estivesse com 9 meses, a criança não nascia e eu não recebia nenhum sinal que indicasse o nascimento da criança. Fui ao médico do pré-natal que me orientou que eu fosse ao médico mesmo que não estivesse sentindo dor.

No dia seguinte, comecei a sentir a minha barriga pesada, minha mãe, então, achou melhor me levar para o hospital. Eram umas 18 horas e fomos de ônibus para um Hospital Maternidade. Ao chegar lá, esperamos a mudança de plantão e só fui atendida às 20 horas. A médica me examinou e falou que não estava na hora, disse que a criança só iria nascer no final de semana.

Sáímos dali e minha mãe não se conformou com o diagnóstico da médica, então, achou melhor nós irmos a outra maternidade, num bairro próximo. Andamos 400 metros para pegar o ônibus e demoramos meia hora para chegar à tal Maternidade. Fizemos o prontuário e depois de 10 minutos a médica me chamou, me examinou, e disse que eu estava em trabalho de parto, mas ali não tinha vaga, estava cheio e as ambulâncias do hospital estavam transferindo pacientes para outros hospitais, e ela não sabia se iriam voltar naquela noite. Eu não quis esperar, falei com minha mãe para irmos para casa e voltarmos no outro dia bem cedo.

No outro dia, acordei, almocei e fui para um terceiro hospital com minha mãe. Desta vez, certa de que a criança iria nascer. Cheguei no hospital às 10h, entrei para ser examinada e a médica disse que eu estava em trabalho de parto, mas que não havia vaga, que era para aguardar que a ambulância iria me transferir para outra maternidade que tivesse vaga. Esperei cerca de 1 hora, chamaram minha mãe e comunicaram que iriam me levar para uma Casa de Saúde e Maternidade de outro bairro. Este hospital é particular, porém mantinha convênio com o SUS. Minha mãe foi comigo na ambulância que demorou mais de 1 hora e meia para chegar ao hospital. Ao chegar, fui novamente examinada e depois admitida.”

Para encontrar um hospital em que pudesse dar a luz, a

gestante passou, em um período de aproximadamente dezoito horas, por quatro maternidades diferentes. Apesar de, em duas destas maternidades, ter sido identificado que ela já se estava em trabalho de parto, o atendimento, por não haver vagas, não foi prestado em nenhuma delas. Além disso, em uma destas maternidades, mesmo reconhecendo a necessidade de transferência para outro hospital onde pudesse haver imediata internação, foi dito que naquele momento as ambulâncias não estavam disponíveis para realizar a remoção, não havendo previsão de quando isto poderia ser feito. A internação somente aconteceu no dia seguinte, após a paciente passar por um terceiro hospital, esperar mais ou menos uma hora pela vinda da ambulância e mais uma hora e meia para se chegar ao quarto hospital, onde, enfim, seria internada. Toda esta peregrinação foi apenas para conseguir ser internada. Veremos, ainda, mais adiante, o que ela teve de passar até ser atendida.

Diferentemente do caso anterior, em um dos relatos, a maior dificuldade não foi para conseguir o atendimento de emergência, mas sim para dar continuidade ao tratamento indicado.

“Certa vez, quando torci o joelho, foi a maior dificuldade para que eu fosse atendido no Hospital. Primeiro foi a demora para o atendimento: fiquei quase 1 hora sentindo dor, mas isso não foi nada em relação ao que veio depois.

Quando acabei de ser atendido, o médico deu o diagnóstico junto com a receita onde estavam relacionados os remédios que eu deveria comprar e me disse para procurar outro hospital. No segundo dia após o acidente, acordei bem cedo, às 4:20 da manhã, me arrumei e fui descendo o ‘morrão’ capengando de uma perna (mancando). Cheguei ao hospital indicado pelo médico e iria ser o 1º da fila e, conseqüentemente, o primeiro a ser atendido. Mas os minutos foram se passando e ninguém chegava e comecei a ficar ‘bolado’. Quando eram quase 6:00 horas, veio um vigilante e disse que as consultas eram marcadas apenas por telefone e que eu só conseguiria ser atendido com um encaminhamento, e fui para casa sem uma solução.

No dia seguinte, voltei ao hospital, onde tive o primeiro atendimento, para pegar o encaminhamento. Foi a maior dificuldade, a maior burocracia para que eles entregassem o encaminhamento, mas eu consegui e fui para o outro hospital. Chegando lá, novamente não fui atendido, mesmo de posse do tal encaminhamento. Fiquei com muita raiva, mas, mesmo assim, fui pacífico e fui para casa ligar e, de lá, marcar a consulta. Quando consegui me comunicar, me falaram que a consulta só seria marcada para 2 meses depois. Então, desisti e comecei a fazer o tratamento em casa à base de gelo e fisioterapia”.

Por este relato, percebe-se que tanto a burocracia para se conseguir marcar os atendimentos quanto o tempo que deve-



ria se esperar para que estes começassem fizeram com que este jovem desistisse do tratamento e recorresse a um "tratamento caseiro", portanto sem nenhum aparato de um profissional capacitado para tal, comprometendo assim a sua saúde e, talvez, agravando ainda mais seu estado inicial.

DISCRIMINAÇÃO E MAUS TRATOS NOS ATENDIMENTOS

Além das dificuldades para conseguir atendimento médico, alguns moradores também relataram situações em que sofreram maus tratos ou, até mesmo, foram discriminados nos atendimentos a eles prestados.

Foi comum, em alguns destes relatos, as pessoas se queixarem do tratamento recebido de alguns funcionários quando procuraram o serviço de saúde. A falta de justificativa para alguns procedimentos adotados provocou desentendimentos e desconfiança por parte dos pacientes. Para exemplificar essa situação, vejamos o caso de uma jovem grávida que foi levada, por seus familiares, a um dos hospitais da região para dar a luz.

"...estava grávida de nove meses, estava sentindo cólicas, mas não queria ir ao hospital porque eu queria chegar lá quando o bebê estivesse para nascer. Mas meu marido e minha sogra não me deixaram ficar em casa, me levaram logo para o hospital. Chegando ao Hospital, estava sentindo muita dor, esperava ser atendida naquele momento, mas o segurança não queria me deixar entrar; minha sogra começou a falar; meu marido discutiu com o segurança e eu acabei entrando no hospital. Chegando lá, foi verificado que estava em trabalho de parto, mas eu não poderia ter meu filho naquele hospital porque ali havia infecção. Então me mandaram de ambulância para outro Hospital Maternidade. Ao chegar neste local, entrei em uma sala, preenchi um formulário sobre meus dados pessoais. Demorou muito, mas fui atendida."

Neste relato, chama atenção o fato desta jovem e seus familiares passarem pelo constrangimento de serem impedidos de entrar no hospital por um segurança. Destaca-se que, a princípio, não foi apresentada nenhuma justificativa para este impedimento. E, mesmo sendo visível a necessidade de atendimento médico, a jovem somente conseguiu entrar no hospital depois de muita discussão dos familiares com o segurança. No hospital, foram realizados exames e verificou-se que ela estava em trabalho de parto, mas foi informada que não poderia ser internada.

Vejamos também, a continuação do relato daquela gestante que, para conseguir ser internada para dar a luz, passou por quatro hospitais diferentes. Após toda esta maratona, ela finalmente conseguiu vaga em um hospital particular, que possuía convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS). Contudo, neste hospital, ela ainda foi vítima de um péssimo atendimento e do descaso de alguns profissionais que acompanharam seu parto.

"(...) Eram 14 horas e, no exame, o médico disse: 'não estou ouvindo o coração da criança'. Coloquei a roupa do hospital e fui para a sala

de pré-parto; não estava sentindo dores, mas estava deitada a mando da médica. Muitas vezes eu chamava a enfermeira e perguntava em quanto tempo a criança iria nascer e ela nada respondia.

As horas foram passando e já eram quase 22 horas e a criança não nascia, ninguém falava nada e nem dores eu sentia. Comecei a chorar baixinho no meu canto, pois não sabia o que estava acontecendo; a única coisa que eu sabia era que, às 14 horas, o médico disse não estar escutando o coraçãozinho da criança.

Continuei deitada e senti uma mão na minha perna; era minha tia, que é técnica de enfermagem e obteve permissão para falar comigo. Assim que ela saiu da sala, a enfermeira me chamou para a sala de operação. Fiquei muito apreensiva, a médica me chamou e disse que seria feita uma cesariana.

A operação durou muito tempo, nasceu um menino, bem roxinho, pois tinha passado da hora. Fui para a sala de pós-operação e, devido à anestesia, comecei a sentir muito frio da cintura para cima. Comecei a gritar pela enfermeira, dizendo que estava com frio e ela pegou o cobertor e me cobriu da cintura para baixo. Continuei com frio e comecei a chamá-la, mas ela não veio. Comecei a me movimentar na cama, ela veio e me amarrou bem forte, argumentando que era para eu ficar quieta. Com os braços amarrados, me deu vontade de vomitar; chamei a enfermeira, que não veio, então vomitei e acabei dormindo em cima do vômito.

No outro dia, desamarraram meus braços, que estavam muito inchados, e meu cabelo estava sujo pelo vômito. Com muita dificuldade, levantei e tomei banho, fiquei lá durante 3 dias. Pedia a Deus para ter alta rápido. Comuniquei aos meus pais o que havia acontecido, eles ficaram sem reação e nada fizeram."

Na discussão deste caso, chamou atenção a maneira ríspida e humilhante como os médicos e enfermeiras atenderam esta jovem durante sua internação. A conduta do médico que, às 14:00 horas, examinou a jovem e disse não ter ouvido o coração da criança, deixando-a mais de oito horas sem saber o que estava acontecendo e quais seriam os encaminhamentos para o seu parto, foi bastante inadequada. Foi também questionada a atitude das enfermeiras que, quando procuradas pela paciente angustiada pelo seu estado, não respondiam às perguntas que lhes eram feitas. Atitudes como estas, além de desrespeitosas, contribuíram para que aumentassem ainda mais as dúvidas e a insegurança desta jovem.

Segundo este relato, os maus tratos continuaram mesmo após o parto. A falta de atenção da equipe de enfermagem parece ter contribuído para o aumento da já grande tensão da paciente, que por fim acaba dormindo amarrada.



Nas discussões em grupo também foi destacado que, possivelmente, a jovem recebeu, neste hospital particular, um tratamento diferenciado por ser uma paciente vinculada ao sistema público de saúde. Se, de fato, isso aconteceu, além da negligência e dos maus tratos sofridos por esta jovem, houve também discriminação.

Também chamou a atenção o fato de que os procedimentos para o parto desta jovem só começaram depois que sua tia, que também era técnica de enfermagem, conseguiu permissão para entrar no local onde sua sobrinha estava internada.

Além dos casos de maus tratos, outros relatos mostraram situações em que pessoas foram vítimas de discriminação em alguns atendimentos médicos.

“Perguntei à senhora se ela estava passando mal e ela disse que sim, que estava com pneumonia e que tinha o vírus HIV. M.C. está com 36 anos e 5 filhos. Contou que contraiu a doença do marido que se separou dela e já está com outra mulher, e só tomou conhecimento da doença quando foi internada no hospital para ter o bebê, há dois anos.

Na ocasião do parto, o médico entrou na enfermaria onde estavam outras pacientes internadas e gritou bem alto para ela largar a criança, que ela estava com Aids, xingando e chamando-a de infeliz, e levou a criança para o berçário.”

“M. tinha 16 anos e teve seu filho através de uma cirurgia cesariana. Ela me contou que havia contraído um tipo de DST (doença sexualmente transmissível) e estava com verruga genital (Candiloma Acuminado). Meses depois, a doença se manifestou e ela foi ao médico e começou o tratamento, que era muito doloroso, à base de raio laser, e naquela semana, dias antes de ir para a maternidade, ela tinha feito uma aplicação.

Naquela tarde, entrou um médico e uma enfermeira no nosso quarto e perguntou quem era a M. O médico então pediu para que ela se deitasse com as pernas abertas, olhou e falou em voz alta, de uma forma bastante rude ‘você está toda acabada! Nova, nova olha só como você está’. M. ainda tentou explicar que já estava em tratamento médico, mas o médico nem ligou e ainda chamou a enfermeira para olhar e a mesma falou: ‘é está horrível’, depois que fizeram isto, ambos saíram e M. ficou com os olhos cheios de lágrimas no seu leito.”

Nestes depoimentos, percebe-se que a maneira indiscreta e extremamente preconceituosa com que estes profissionais de saúde se dirigiram às suas pacientes não só as humilharam como também as expuseram a constrangimentos públicos. Situações como estas demonstram que o tratamento que se recebe de alguns profissionais de saúde, além de antiéticos, ferem a dignidade dos pacientes.

Esses relatos fizeram o grupo refletir que, em algumas vezes, a falta da divulgação sobre a existência de locais que recebam e apurem reclamações sobre maus atendimentos ou agressões cometidas por profissionais de saúde coopera para que esta situação continue existindo. A partir disso, o grupo também observou que a maioria dos hospitais e postos de saúde visitados não oferecia espaços de reclamação para os usuários. Acreditamos que a falta de responsabilização e punição dos profissionais que agem de tal forma multiplica casos como os que são aqui citados.

Nesse sentido, vejamos um caso em que, diferentemente dos demais, procurou-se reclamar sobre o atendimento recebido.

“Saíram da consulta desanimadas pelo atendimento e mais ainda porque a médica não deu à sobrinha o dia de dispensa médica. Saíram do hospital quando sua tia resolveu falar com o diretor do mesmo para reclamar do atendimento e conseguir a dispensa médica. Foram à diretoria, explicaram o caso à secretária e ela disse que precisavam esperar, pois o diretor estava muito ocupado, etc. Foi aí que a tia mostrou-lhe o crachá e disse que fazia parte do Conselho de Saúde. A postura da secretária logo mudou. Chamou rapidamente o diretor e só faltou oferecer café e suco. Ele veio, falou com elas, deu a dispensa médica e disse que iria falar com a doutora. Depois não voltaram ao hospital devido ao péssimo atendimento.”

Esse episódio é bastante diferente dos demais, provavelmente pelo fato de a acompanhante da paciente integrar o Conselho de Saúde. Essa peculiaridade se deve a dois fatores principais: primeiro, como destacamos, trata-se de um dos únicos casos em que é tomada a iniciativa de questionar a situação do atendimento – nos outros relatos pacientes que sofreram agressões bastante graves sequer cogitaram denunciar; e, em segundo lugar, apesar da indisponibilidade inicial, a denúncia foi recebida e o pedido da paciente atendido pelo próprio diretor no momento em que foi revelada a ligação com o Conselho de Saúde.

ACESSO A MEDICAMENTOS

Nas discussões de alguns relatos, outro ponto destacado foi a dificuldade de acesso aos medicamentos necessários aos tratamentos propostos pelos médicos. Esse problema se apresentou tanto pela falta de dinheiro para a locomoção até os locais onde estes medicamentos seriam distribuídos como pela ausência de medicamentos nestes postos.

“A M. (portadora de HIV) não está tomando nenhum remédio, pois o hospital para onde foi encaminhada é muito longe e ela não tem dinheiro.”

“Você está gripada? Eu respondi que sim. Então, ela prescreveu vitamina C para gripe e eu falei que, às vezes, eu sentia dor de cabeça. Então, ela me receitou um comprimido de Paracetamol e, como eu estou com um pouquinho de anemia, ela



me receitou Sulfato Ferroso. A médica mandou que eu esperasse que ela iria tentar arrumar os remédios. Quando voltou, disse que não havia conseguido e me mandou pegar na farmácia. Fui à farmácia e a senhora que me atendeu falou que não tinha a vitamina C e nem o Paracetamol, só o Sulfato Ferroso. Pirei da gripe, pois não pude comprar os remédios”.

Foram comuns os casos de pessoas que relataram que nem sempre encontravam, nos postos, os medicamentos prescritos. A falta de medicamentos nos postos e hospitais indica não apenas as dificuldades para se dar continuidade aos tratamentos prescritos, como também as condições que, muitas vezes, são oferecidas para que o médico dê prosseguimento ao tratamento de seu paciente. Nestas situações, alguns médicos, para tentar atender às necessidades de seus pacientes, se vêem obrigados a utilizar estratégias para garantir os medicamentos.

“O médico falou para mim que não tinha soro na farmácia. Ele se levantou, pegou um frasco de soro que estava ao lado da mesa e falou para esconder dentro da minha bolsa, porque senão ele seria chamado à atenção. Pedi para eu passar na farmácia para confirmar se não tinha soro no hospital. Sai da sala do médico, fui à farmácia e realmente comprei que não tinha o soro e fui para casa. O outro remédio eu tive que comprar, gastando quarenta e cinco reais.”

“O médico examinou as crianças e passou remédios e soro para controlar a crise. O pediatra falou que iria prescrever mais remédios na receita, porque se eles precisassem tomar mais remédios ou se a crise voltasse, já tinha remédio, tinha que aproveitar enquanto tinha, porque os remédios chegam na farmácia e acabam muito rápido, pois são muitas pessoas que procuram o posto e não dá para atender à demanda.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que se discutiu no trabalho de observação, percebemos que moradores da comunidade do Morro dos Urubus enfrentam diversas dificuldades na obtenção do tratamento de saúde. Em alguns casos, o problema começa no próprio acesso ao atendimento, dificultado pelas longas esperas em filas e pelos trajetos demorados em busca de um hospital com vagas. Nesse sentido, é preciso que se aumente a capacidade de atendimento dos serviços de saúde utilizados pelos moradores. Em casos como o da busca de gestantes por um hospital, é necessário que se organize um sistema mais ágil de informação sobre hospitais mais próximos com vagas disponíveis e que se estabeleça um sistema mais eficiente e humano para a remoção de pacientes que precisam se deslocar para serem atendidos.

Tendo em vista os maus tratos observados em alguns relatos e a pouca frequência com que são denunciados, parece ser extremamente importante que haja uma maior aproximação entre os Conselhos de Medicina e Enfermagem, além dos próprios espaços específicos de reclamação local, e as pessoas atendidas pelo sistema público de saúde. Sem o recebimento e a devida apuração das denúncias, aumentam as chances de que situações graves como as relatadas permaneçam ocorrendo impunemente e apenas sejam conhecidas em circunstâncias específicas. Para que as denúncias ocorram, é preciso que se facilite o seu encaminhamento e que os pacientes sejam mais informados sobre seus direitos.

Por fim, considerando as dificuldades econômicas de muitos moradores, é imprescindível que o acesso aos medicamentos seja garantido e facilitado através de um sistema eficiente de distribuição dos mesmos. À medida que se respeitarem os direitos dos pacientes através de um atendimento mais organizado e humano, esperamos que, de fato, todos desfrutem de uma condição mais saudável de vida.



RIO DE JANEIRO

REALENGO





Quem Somos?

MARGARETE FRAGA

Primeiramente, me chamo Margarete Pereira Fraga, tenho 23 anos de idade, 1.65 m de altura, 63 kg, sou branca, tenho olhos e cabelos castanhos. Nasci no Hospital Rocha Faria, no Rio de Janeiro.

Estou cursando o 1º ano do ensino médio, gosto muito de estudar, mas confesso que fiquei afastada da escola durante seis anos, por motivos financeiros e familiares, pois casei e tive uma filha que hoje tem 2 anos e 8 meses. Além disso, enquanto fazia a 6ª série, arrumei um bico em um colégio particular, que hoje pertence ao Estado, onde eu entregava prospectos e, em época de matrícula, ajudava na secretaria. Após algum tempo, descobri que todos que lá trabalhavam tinham direito a uma bolsa escolar. Corri atrás deste direito, pois achava que seria melhor para mim por ser um colégio profissionalizante. Consegui a bolsa integral e fiquei um ano e meio estudando, mas logo mudou a direção da escola e acabaram com todas as bolsas integrais. Entrei com um novo pedido de bolsa, uma carta de três folhas que explicava a minha situação. Na época, estava trabalhando em casa de família o que me possibilitava continuar pagando a mensalidade, com desconto é claro. Consegui ganhar 50% de desconto, continuei os estudos por mais um ano e, então, tive que parar na 8ª série, pois, na época, eu trabalhava como vendedora de cosméticos e ganhava muito pouco de comissão.

Confesso que me acomodei um pouco com a situação, até que casei e constituí família e este foi um outro fator para que eu continuasse naquela situação. Mas hoje estou muito feliz, pois além de estar retornando aos estudos, estou trabalhando e, principalmente, estou fazendo o que gosto que é trabalhar na comunidade onde moro.

Eu acho que todos deveriam gostar de estudar. Além de ser ótimo, obtemos conhecimentos da vida. Hoje em dia estudar é essencial, as coisas estão muito difíceis com estudo, imagine sem! Hoje, estou trabalhando somente no projeto, que para mim está sendo gratificante demais, mas antes já trabalhei em várias funções como doméstica, babá, vendedora etc. Na carteira profissional, no entanto, só estou como doméstica, pois não tive mais sorte, devido à falta de estudos e de oportunidades.

Na época, eu ajudava muito em casa, pois éramos cinco, eu, minha mãe e três irmãs, todas desempregadas. Somente eu e minha mãe trabalhávamos. Trabalho fora desde os 12 anos, pois sempre me achei na obrigação de ajudar. Atualmente, não tenho condições de ajudar muito, pois agora tenho outras obrigações a cumprir, mas faço tudo o que posso.

Minha mãe nasceu no Espírito Santo e veio para o Rio aos 19 anos em busca de um emprego, pois lá as coisas estavam difíceis demais. Ela acabou ficando e, com o passar do tempo, tentou en-

trar em contato com a sua família, mas não conseguiu, pois, eles haviam se mudado e ninguém sabia dar informações para onde teriam ido. O meu pai biológico eu não conheci e confesso que nem a minha mãe sabe direito o seu paradeiro, pois ela disse que foi um caso passageiro. Mas fui criada com muito amor pelo meu padrasto que foi e sempre será o meu pai verdadeiro e, mesmo não estando mais conosco, pois ele faleceu, estará sempre no meu coração. Minha mãe não estuda mais, parou na 4ª série, coisa que eu acho um desperdício, mas cada um sabe da sua própria condição e ela tem os seus motivos. Ela já trabalhou e trabalha muito, principalmente como doméstica, mas em sua carteira profissional aparece só a função de auxiliar de serviços gerais, que exerce há mais de 16 anos.

Como já disse, tenho três irmãs, fico meio chateada de falar neste assunto, pois eu as amo, mas não concordo com suas atitudes. Se conselho adiantasse alguma coisa, eu poderia ajudá-las mais.

A mais velha se chama Patricia, tem 27 anos, é casada, e mora ao lado da nossa casa. Ela tem um filho de um ano, mas também cria o filho de seu marido, que tem treze anos. Na época em que morava conosco, ficou durante muito tempo desempregada e, logo que arrumou um emprego, casou e se mudou.

Depois vem a Alessandra que tem 22 anos. Ela conheceu um rapaz e teve o Mateus, de três anos. Infelizmente, ela se separou há alguns anos e mora com a minha mãe, mas nunca trabalhou e não se interessou em procurar, pois ela se acomodou com a vida que leva. Ela pensa que a vida é só brincadeira e se esquece que tem compromissos, principalmente com o bem estar do seu filho. Ela costuma sair muito e muitas vezes leva-o e o expõe aos perigos da noite. Uma vez eu pedi para a ela, para deixar o Mateus morando comigo por um tempo, ela se recusou e ficou sem falar comigo por causa disso, mas mal sabe ela que eu apenas quero o bem dele como se fosse meu filho. Teve um tempo que ele ficou muito doente com pneumonia e anemia, levei-o ao médico e ele melhorou. Confesso que tive vontade de denunciá-la, mas não tive coragem, pois isso iria fazer minha mãe sofrer demais.

Por último vem a Fernanda, de 18 anos, que é, como dizem, uma "aborrecente". Minha mãe faz o que pode por ela, mas ela não vê e só vive dando dor de cabeça. Chego a pensar que isto ocorre porque ela foi criada muito solta, pois minha mãe sempre trabalhou à noite e perdemos nosso pai e nossa avó cedo demais. Ela nunca trabalhou.

O que eu mais queria era poder fazer algo que mudasse essa situação, mas conselhos não estão adiantando nada. Para mim, a minha mãe é maior culpada disso estar acontecendo, pois ela permite a acomodação das minhas irmãs.



Bom, mudando de assunto, eu tenho ligações com o grupo Estação 22 toda vez que tem algum evento, eu participo.

Falando do meu bairro, ele é bem legal e em comparação com outros, é bem calmo e tranquilo, mas, infelizmente, não temos muitas atividades e faltam postos de saúde.

Já sofri algumas violações de meus direitos humanos. Trabalhei durante dois anos em casa de família onde ganhava R\$ 200,00 reais, fora a passagem, mas a patroa começou a me explorar muito, reclamei dos meus direitos e ela me dispensou. Durante esse tempo, ela prendeu a minha carteira de trabalho e a assinou como se eu tivesse trabalhado por apenas cinco meses. Recorri a um advogado que é da família do meu esposo e que me deu várias esperanças, mas, no dia da audiência, ele me desanimou e me convenceu a assinar um acordo. Eu aceitei, pois, estava grávida e tinha muita necessidade do dinheiro. Por causa deste trabalho, eu me afastei da escola, porque o horário não era compatível. No início, o combinado era eu trabalhar das 8:00 às 17:00, mas, com o passar do tempo, a minha patroa, passou a me pedir para chegar mais cedo e sair mais tarde e, por esse motivo, passei a faltar às aulas. Eu traba-

lhava em um bairro vizinho, demorava uma hora de ônibus para chegar na escola e acabei perdendo a vaga. Eu não tinha noção do que eram os direitos trabalhistas e por isso ela se aproveitou de mim.

Nunca fui pressionada pela minha família para trabalhar, o que me motivou foi o fato de não suportar a vida que estávamos levando.

Hoje, eu me sinto feliz, sentindo-me um pouco realizada, pois, após seis anos longe da escola, voltei a estudar e também estou tendo o privilégio de participar do Observatório dos Direitos Humanos.

Agora vou dizer o que mais gosto de fazer nas horas vagas, apesar de não serem muitas. Quando dá, gosto de viajar, pois adoro conhecer novos lugares e fazer novas amizades, e gosto de ir ao cinema com meu esposo e nossa filha.

Aqui vou ficando, espero que todos aí do outro lado, leiam com carinho a minha história, e passem a refletir mais sobre a vida, pois a vida é dura para quem é mole.

LEANDRO MOREIRA CARDOSO

Meu nome é Leandro Moreira Cardoso, tenho 21 anos e nasci às 13h30m na cidade do Rio de Janeiro. Comecei a estudar aos sete anos e parei de frequentar a escola quando terminei o ensino médio, aos 19 anos. Eu adorava o tempo em que eu ia para a escola. Meu primeiro colégio foi o Estella Guerra Durval, onde fiquei do CA à 4ª série. Minha primeira professora chamava-se Sandra. Ela era carinhosa com os alunos, beijava um por um na hora da saída, brincava conosco e nos fazia sentir bem. Na primeira série, minha professora foi a Tereza de quem não tenho muitas lembranças, apenas que era bastante disciplinadora e que nos dava trabalho de casa todos os dias. Na segunda série, minha professora foi a Mariza, que usava uns brincos extravagantes e tinha um jeito de falar engraçado, mas era uma boa professora. Quando passei para a terceira série tive umas das piores professoras da minha vida, seu nome era Fátima. Ela não gostava de brincadeira e era muito severa em sala, chamava a atenção sempre que podia e colocava os alunos de castigo em pé olhando para a parede. Na quarta série a professora era a Margareth que tinha uma bola preta atrás da orelha. Eu não sabia o que era aquilo, também gostava muito dela.

Depois, infelizmente, tive que mudar de escola porque lá não tinha a quinta série. Recordo-me de todos os professores, mas os que me marcaram mais foram a professora Margot de Artes, que nos dava muitos trabalhos de desenho, pintura, recortes e muito mais, e também o professor Cláudio, de Educação Física, que nos tratava como amigos e fazia com que tivéssemos prazer de ir para a escola. Depois de terminar a oitava série, mudei para o Colégio Estadual Nicarágua, do qual não tenho muitas recordações. Após terminar o ensino médio, não estudei mais, apenas fiz alguns cursos de informática e desenho.

Nunca trabalhei, nem ajudo no sustento da casa, minha

mãe sempre deu conta sozinha. Ela nasceu no Rio de Janeiro, no bairro de Marechal Hermes, assim como meu pai. Ele estudou até a oitava série e fez curso superior, trabalha como eletricitista, mas não tenho muitas informações sobre ele porque minha mãe se separou quando eu era recém-nascido. Minha mãe trabalha como auxiliar de serviços gerais e já trabalhou como manicure, faxineira e secretária. Quando mais nova, morava em Marechal Hermes, com minha avó, e, depois que engravidou, foi morar em Realengo onde está até hoje.

Tenho dois irmãos. O meu irmão mais velho tem 28 anos, trabalha como auxiliar de produção e ajuda no sustento da casa, e meu outro irmão, Alessandro, de 26 anos, não trabalha.

Eu trabalho para o CIEDS, através do projeto Observatório de Direitos Humanos, procurando ajudar minha comunidade apesar de não ter ligação com nenhuma associação. Procuo sempre me divertir nos tempos livres, jogando futebol e indo ao cinema com meus amigos, infelizmente ninguém tem carro e temos que ir de ônibus.

Mas, apesar de me divertir, os problemas da comunidade não me saem da cabeça: os caos de violência policial, a falta de hospitais, de espaços culturais etc. Realengo é muito grande e se divide em várias comunidades. Na comunidade onde vivo, não existe trânsito, no entanto, em alguns locais vizinhos, existe sim. Apesar das dificuldades, também existem coisas boas, como espaços para lazer, um grande número de escolas e saneamento básico.

Espero que daqui para frente melhore a qualidade de vida no bairro e que cada um faça sua parte, eu farei a minha procurando sempre trabalhar em favor da comunidade.



ANTÔNIO CARLOS SANTOS BIZARRO JUNIOR

Meu nome é Antônio Carlos Santos Junior, em casa todos me chamam de Junior. Tenho 22 anos, nasci no Rio de Janeiro, em 14 de dezembro de 1979.

A minha infância foi normal como a de qualquer outra criança. Eu costumava brincar de “rei, carrasco e banana”, brincadeira na qual as crianças jogam dois chinelos para o alto, se os dois caíssem para cima, este seria o “rei”, se um caísse para cima e outro para baixo, seria o “carrasco”, e se os dois caíssem para baixo, seria o “banana”. A brincadeira era a seguinte: o rei ordenava quantas chineladas na mão o carrasco executaria no banana, que sofria o castigo. Em cada rodada, mudava a ordem, porque, claro, ninguém queria ser o banana. Também joguei bola, entre outras brincadeiras.

Ainda estudo, estou no 1º ano do ensino médio. Estudo à noite das 18h10m às 22h20m e gosto de estudar porque gosto de aprender. Não trabalho, mas já trabalhei como boy e metalúrgico. Como boy foram quatro anos e como metalúrgico um. Não ajudo no sustento da casa.

Meus pais nasceram no Rio de Janeiro, meu pai no Méier e minha mãe no Lins. Meu pai está no segundo ano do ensino médio e trabalha na Marinha como torneiro mecânico. Minha

mãe cursa a oitava série do ensino fundamental e é cozinheira.

Sempre moramos no Rio, em alguns lugares como Rocha Miranda e Santa Cruz, dos quais nos mudamos por causa da violência, pois eu era muito pequeno e meus pais não queriam que eu crescesse na violência.

Sou filho único, mas gostaria de ter irmãos. No meu tempo livre gosto de ler, embora cometa muitos erros de português. As minhas expectativas hoje são as melhores. Pretendo acabar o ensino médio e passar no vestibular para Jornalismo, mas ainda tenho algumas dúvidas sobre a profissão que seguirei. Espero, em breve, poder ajudar minha mãe, pois ela sempre me ajudou muito.

O que eu mais gosto no meu bairro são as amizades e o que eu não gosto são os grupos de extermínio. No último domingo do mês de maio, os “ninjas”, que são os matadores pertencentes ao grupo de extermínio, arrancaram a vida de um amigo. Ninguém sabe o motivo, mas todos sabem que foram os policiais. Ele deixou dois filhos.

Mas, fora isso, minha comunidade é muito especial, com escolas e creches, mas, só tem um hospital para todo bairro.

DANIEL DOS SANTOS LEITE

Meu nome é Daniel dos Santos Leite, tenho 17 anos, 1,75m de altura, peso 68 kg, tenho olhos castanhos claros e nasci na cidade do Rio de Janeiro, em Campinho. Sou uma pessoa realista, sem rodeios ou firulas.

Durante minha vida escolar, estudei em vários colégios. Atualmente, estou no 1º ano do ensino médio na escola Agostinho Neto, de que gosto muito por ser perto da minha casa e por ter muitos amigos.

O meu cotidiano é igual ao da maioria dos jovens da minha comunidade. Jogo futebol, vou para a Associação de Moradores da Cohab me reunir com o grupo do Observatório dos Direitos Humanos e, à noite, vou ao colégio.

Meus pais nasceram no Rio de Janeiro, meu pai em Cascadura, minha mãe no Andaraí. Meu pai fez até o ensino médio, é comerciante e durante oito anos trabalhou no Sindicato dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro. Minha mãe parou de estudar na 7ª série.

Aqui no Rio, morei em Realengo por três anos, depois mudamos para Ramos, quando o meu pai foi transferido para a

filial de Ramos da Casa Garson. Quando ele entrou para o sindicato, retornamos para Realengo e fomos morar em Paty do Alferes, onde moramos por dois anos. Depois, fomos para o Engenho de Dentro porque ele foi transferido para o Norte Shopping, onde ficamos por cinco anos. Finalmente, voltamos ao Realengo quando compramos um apartamento.

Tenho um irmão que está no ensino fundamental e não trabalha, só come e dorme.

No meu tempo livre, gosto de ler, pescar, jogar futebol com os amigos, viajar, gosto de praia e cachoeira. Gosto de todo o tipo de música, principalmente rock.

Em meu bairro gosto do sistema de transporte, do comércio, mas não gosto da falta de um posto médico e do abandono da praça de lazer. Nossa associação de moradores oferece atendimento para tirar carteira profissional e título de eleitor, além de biblioteca, curso de pintura e creche.

Para o futuro, gostaria de poder dar uma boa vida para os meus pais e meu irmão. Penso em ser militar, pois é uma carreira que gosto e é bem remunerada.

MICHELE ANTERO LOPES

Meu nome é Michele Antero Lopes e irei fazer 23 anos no dia 26 de julho. Sou nascida e criada no Rio de Janeiro, no bairro de Realengo, Jardim Novo, onde adoro morar, apesar de não ter muitas opções de lazer. Sou negra, tenho 55 quilos, sou carioca da gema. Sonho com um futuro muito melhor e mais digno para todos os brasileiros.

Na minha infância, não aprontei muito, sempre fui muito calma, hoje em dia é que estou mais agitadinha. Brinquei de boneca até os meus 16 anos, pique esconde, pique bandeirinha, enfim, tudo o que faz parte de uma infância agradável. Desde os meus treze anos saio com as minhas amigas para ir ao parque, cinema, danceteria e ao shopping.



Terminei meu 2º grau técnico em Processamento de Dados em 1996, na Escola Técnica Virginia Patrick, em Campo Grande. Não gostei muito do curso, pois não me identifiquei com informática. Fiz este curso mais pelo meu pai, que adora computador e também pelo esforço que ele fez para eu estudar nesta escola. Mas, apesar do curso não ter sido satisfatório, os amigos foram. Até hoje tenho contato com muitos deles. Assim que terminei o curso, fiz um estágio na Petrobrás Distribuidora, no Maracanã, onde também fiz muitos amigos. Nos dois anos seguintes, fiz pré-vestibular, o primeiro no Curso Miguel Couto e o outro no Hélio Alonso. Infelizmente, ainda não entrei em nenhuma faculdade.

Depois de tudo isso, arrumei um emprego na De Millus, graças ao meu noivo, que se chama Saulo Fernando e é mecânico de refrigeração. Ele conseguiu convencer o porteiro que levasse o meu currículo ao departamento de recursos humanos da empresa e acabei sendo chamada. Trabalhei lá 1 ano e 4 meses. Fui mandada embora em setembro de 2001, pois o setor em que eu trabalhava iria ser desfeito e eles não poderiam aproveitar todo mundo. Não gostei muito de trabalhar lá, pois minha chefe e minha supervisora eram super ignorantes.

Assim que saí de lá, comecei a me envolver com o Núcleo Cultural Estação 22, uma ONG local, que está há algum tempo em atividade. Todos os integrantes são amigos meus e me incentivaram a participar. Em maio de 2001, eu já havia participado do "Trabalharte", um evento em comemoração ao dia do trabalhador que foi realizado em uma quadra do Conjunto Habitacional D. Pedro II. Teve atrações musicais, peças teatrais, graffiti, breack, enfim, muitas coisas interessantes. Ninguém nunca tinha feito um evento assim, sem fins políticos. Em novembro do mesmo ano, fizemos outro em comemoração ao dia da Consciência Negra, que também teve uma ótima repercussão.

Depois disso, ganhamos uma ajuda de custo para a realização do 2º Trabalharte. No dia 25 de fevereiro de 2002, realizamos o 2º evento na praça central da COHAB. Foram várias bandas, peças, artes circenses, capoeira, basquete, atividades com as crianças e distribuição de informativos sobre DST e camisinhas. Vieram pessoas de várias comunidades, foi uma integração ótima. A estrutura deste evento foi muito maior do que o anterior e o resultado foi gratificante, pois os moradores começaram a se interessar pelo nosso trabalho que, até então, poucos conheciam.

Realengo é um bairro bom de morar, pois não é muito vio-

lento, graças a Deus, e o lado em que eu moro não tem tráfico de drogas, diferente do outro lado da estação, que também é Realengo, e onde estão as comunidades da Vila Vintém, Fumacê, Bata e Curral, que são bem perigosas. Infelizmente, não temos muitas opções de lazer; faltam salas de cinema, teatro e quadras de esportes. Temos uma Lona Cultural, na Capelinha, mas, normalmente, os preços das apresentações não são muitos baratos, em média R\$ 12,00. Biblioteca, que eu saiba, só na Faculdade Castelo Branco. Na Associação de Moradores da COHAB, onde estamos nos reunindo com o monitor, tem uma biblioteca que pouco é usada, pois é muito precária e quase nenhum morador sabe que ela existe.

Quando não estou comprometida com alguma atividade do NCE-22, gosto de ir à praia e ao cinema, além da ADEGA ou das Lonas Culturais de Bangu ou Realengo. O que eu prefiro mesmo é ver um filme em casa, ler ou bordar, pois essas coisas me distraem mais do que sair à noite. Todos os dias, à noite, trabalho no meu trailer que fica no meu quintal.

Moro com meus pais, que também são nascidos no Rio de Janeiro. Minha mãe sempre morou na casa onde moramos e meu pai já se mudou várias vezes, já morou em Guadalupe, Senador Câmara, Deodoro e Nova Iguaçu. Minha mãe trabalhou nas Lojas Americanas por muitos anos, foi o seu primeiro emprego. Agora ela é autônoma, faz bolos, aluga toalhas e cadeiras. Meu pai, como a maioria dos jovens da sua idade, serviu o Exército, mas não quis seguir carreira. Fez, então, prova para os Correios, onde trabalha até hoje. Há uns dois anos atrás, ele conclui o 2º grau técnico em Informática, no Colégio Santa Mônica. Ele adora estudar, é super inteligente e esforçado. Minha mãe, ao contrário dele, nunca foi muito estudiosa, conclui o 2º grau quase empurrada, mas, apesar de não ser muito fã dos livros, nunca repetiu.

Tenho apenas um irmão, o Rodrigo, que tem 19 anos. Para sua felicidade, não serviu o quartel, sobrou. Ele estuda à noite e está terminando o ensino médio. Não gosta muito de trabalho, o negócio dele é ver TV de madrugada e dormir a tarde inteira, é um lerdo. Troca o dia pela noite, é praticamente um recém-nascido.

Na minha casa somos cinco, minha mãe, meu pai, eu, meu irmão e minha prima Janaina que mora conosco há quatro anos.

Estou adorando participar do Observatório dos Direitos Humanos, pois estou aprendendo muitas coisas sobre os nossos direitos e sobre como reivindicá-los.



Onde Estamos?

Nosso bairro é Realengo, mas a parte em que trabalharemos é somente o Jardim Novo-Realengo, onde moramos. Alguns afirmam que a palavra “realengo” tem sua origem no latim vulgar “realengus”, que tanto pode significar “aquilo que pertence ou é próprio ao rei ou à realeza”, quanto “aquilo que é público ou sem dono”. Mas há quem conteste essa informação. O professor Helton Veloso, pesquisador da História da Zona Oeste, prefere explicar a denominação do nome pela junção da palavra “real” com a abreviatura de engenho, “engº”, bastante usual nos séculos passados. Já o professor Carlos Alberto da Cruz Wenceslau contesta a idéia de que o nome veio de “real engenho”, dizendo que não há qualquer documento ou referência que prove isto. Ele afirma que a palavra Realengo vem da expressão germânica “realenga”, que significa “tudo o que está distante, afastado do poder real”.

Realengo fazia parte da jurisdição da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, desde a sua criação em 1673. Somente em 1926, com a assinatura do Decreto-Lei 2479, de 11 de novembro, foi instituído oficialmente o Distrito de Realengo. Portanto, o bairro tem 76 anos, mas Realengo vai comemorar em 20 de novembro de 2002, 187 anos como local povoado.

O bairro fica a 50 minutos de carro e 1h20m de ônibus do centro da cidade e possui 172.433 habitantes. Em geral, cada casa tem de 4 a 10 moradores. As ruas de nosso bairro são todas asfaltadas. Em todo Realengo existem 17 favelas. As casas tanto no bairro quanto nas favelas são de tipos variados, algumas são grandes, com vários andares, e outras menores e mais humildes. A nossa paisagem se limita aos morros que cercam nosso bairro, eles são arborizados, nos dão vista para outras comunidades e são bem tranquilos.

Os estabelecimentos comerciais variam entre padarias, mercados, farmácias, bancos, enfim, tudo que um bairro precisa. Antigamente, o bairro não tinha tantas casas, ruas asfaltadas e comércio como tem hoje. O Conjunto Habitacional Dom Pedro II e a Rua Carumbé, por exemplo, eram um mangue que foi aterrado para a construção de prédios e casas, onde atualmente moram milhares de famílias.

Apesar de faltar algumas coisas no nosso bairro, como opções de lazer, somos privilegiados, pois os meios de transportes são eficientes, temos telefones públicos (uma grande parte quebrada por falta de consciência de alguns moradores), coleta de lixo duas vezes por semana, água encanada, luz em todas as casas, enfim, uma infra-estrutura boa. No Jardim Novo-Realengo não tem hospitais e postos de saúde. Utilizamos o Hospital Albert Schweitzer, que fica do outro lado de Realengo, a mais ou menos 20 minutos de nossas casas, o posto de saúde SASE, que fica a uns 15 minutos, e o Posto de Sulacap, que fica a 10 minutos. O hospital e os postos de saúde são locais que estão sempre lotados, pois atendem pessoas de várias comunidades, o que prejudica muito o trabalho dos funcionários e médicos.

Outra vantagem para nós são as rondas policiais. Na COHAB Dom Pedro II tem um posto da polícia e no centro de Realengo, a 10 minutos de nossas casas, tem a 33ª Delegacia de Polícia. A PM passa com frequência em nossas ruas, a tarde e a noite. Nos sentimos “protegidos” e podemos dizer que o Jardim Novo Realengo é um lugar calmo. O que mais tem por aqui são os chamados “ladrões de galinha”, que roubam bares e outros pequenos estabelecimentos comerciais. Por isso, em comparação com as demais comunidades do Rio, onde impera o tráfico de drogas, a nossa comunidade é bem pacata.

Outro privilégio de nosso bairro é o grande número de escolas: são 42 escolas públicas e 37 escolas particulares. As escolas particulares, como na maioria dos lugares, são melhor estruturadas e oferecem um ensino melhor que as públicas. Para reforçar o aprendizado das escolas, as Associações de Moradores e ONGs locais oferecem cursos de reforço escolar e informática, bem como cursos de artesanato, defesa pessoal e alfabetização de adultos.

Aqui em nosso bairro sentimos falta de bibliotecas públicas, cinemas, teatros, cursos profissionalizantes e postos de saúde.



As principais associações locais são Associação de Moradores do Mangueiral, Associação de Moradores da Comunidade da Nogueira, Associação de Moradores da Comunidade do Cosme e Damião e Associação de Moradores do Conjunto Habitacional D. Pedro II. As ONGs que conhecemos são CESCOBRE (Centro Sócio Cultural Olha o Bicho de Realengo) e o NCE-22 (Núcleo Cultural Estação 22), que estimulam a prática de esportes, como basquete, além de oferecerem cursos de dança e defesa pessoal. Há também a Lona Cultural Gilberto Gil, que fica na localidade da Capelinha, a uns 15 minutos de nossas casas. Lá acontecem shows, peças teatrais, curso de violão, dança etc, mas, apesar da boa programação cultural, os ingressos são muito caros para o padrão da comunidade.

As únicas áreas de lazer existentes são as praças, onde existem vários brinquedos, campos de futebol, quadra de basquete e outras coisas que divertem a criançada e os jovens.

Em alguns campos, como o do Alvorada e do Periquito, acontecem festas populares, as chamadas "festas de rua", a maioria entre maio e julho. Nas festas, organizadas pelos moradores e policiais com apoio das rádios comunitárias e da Prefeitura, um palanque é montado no campo e, nos espaços em volta, ficam as barraquinhas. A segurança é feita por homens contratados pelos organizadores do evento e a festa vai até às 5hs da manhã. Infelizmente, ultimamente essas festas não têm sido muito seguras, pois andam acontecendo brigas e tiroteios, especialmente depois das 2hs, quando a maioria dos frequentadores já está sob o efeito do álcool. Esse comportamento acaba afastando famílias que levam seus filhos para se divertir em uma festa que deveria ser tranquila e bem familiar.

Uma vez por ano, acontecem shows na Praça do Canhão, no Campo de Marte, que fica perto da estação de trem de Realengo. Já se apresentaram lá Caetano Veloso, Luís Melodia, Skank e outros grandes artistas. Próximo à Praça do Canhão existiam salas de cinema que foram desativadas há uns cinco anos atrás e vendidas para a construção de uma igreja. A única sala de teatro e a única biblioteca que temos ficam na Universidade Castelo Branco, uma instituição particular, que fica a uns 15 minutos de nossas casas. As atrações que acontecem nesse teatro não são abertas à população e são mais restritas aos alunos da universidade. Já a biblioteca permite o acesso de todos os moradores e estudantes, que podem consultar livremente os livros, no entanto, o empréstimo só é permitido aos alunos.

No total, em Realengo existem 39 praças e parques, sendo que muitos deles estão inacabados ou foram destruídos pelo vandalismo de alguns moradores. Além disso, alguns comerciantes que tem trailers ilegais ao redor das praças não limpam a sujeira deixada por seus clientes, o que piora ainda a mais as condições destes locais.

No nosso bairro existem vários tipos de centros religiosos. Têm cerca de 32 centros espíritas, que variam em centros de Candomblé, Umbanda e centros de Mesa Branca. A maioria das igrejas locais é evangélica, basicamente, Assembléia de Deus, Batista e Universal do Reino de Deus. Existem apenas quatro Igrejas Católicas, que ficam próximas uma das outras. A maioria de nós, observadores, foi batizada na Igreja Católica, mas apenas alguns a frequentam. Todos somos agnósticos, com exceção do monitor José Roberto, que é católico.

Os principais problemas do bairro são a falta de um posto de saúde mais próximo, de um Fórum Judiciário próprio, pois usamos o do bairro de Bangu, que fica a uns 35 minutos de nossas casas, e de uma Delegacia Regional do Trabalho. Para pequenas causas jurídicas, utilizamos o serviço de Assistência Jurídica da Universidade Castelo Branco.

Em compensação, temos um comércio bem diversificado, com bancos, farmácias, casas lotéricas, mercados, imobiliárias, correios, lojas de móveis, algumas sapatarias e lojas de roupas.

Além disso, aqui não é um bairro violento, mas, como em todo lugar, existem os chamados "acertos de contas", que acontecem costumeiramente, geralmente devido ao envolvimento em delitos ou com drogas. Na nossa opinião, um bairro violento se caracteriza pelo desrespeito ao próximo, é um lugar onde acontecem muitas agressões físicas e verbais, roubos, tráfico de drogas, ação de policiais corruptos e violentos que, em vez de proteger, amedrontam a população.

Nosso bairro seria melhor se as pessoas tomassem consciência de que "a união faz a força" e que o individualismo não é a solução para os problemas sociais de um bairro e de um país.



NÚCLEO CULTURAL ESTAÇÃO 22

O Núcleo Cultural Estação 22 é um grupo, formado por jovens do bairro de Realengo, mais precisamente do Conjunto Habitacional D. Pedro I COHAB. Seus integrantes, muito observadores e descontentes com o descaso das autoridades públicas e privadas em relação ao bairro, vêm com muita dificuldade mantendo-se em atividade com pequenos recursos, muitas vezes próprios.

O grupo vem desenvolvendo atividades sócio-culturais, ecológicas, esportivas e na área de saúde, levando um pouco da experiência de cada integrante, para a melhoria da qualidade de vida da comunidade.

A interligação de nossos projetos com os direitos humanos é uma das metas do grupo. Objetivamos nossas atividades, à carência dos integrantes da comunidade, mostrando-lhes sua importância para a sociedade, potencializando-os, informando-os e elevando sua auto-estima. Dentre as atividades desenvolvidas pelo Núcleo Cultural Estação 22, podemos citar os eventos "Trabalhar" atividades realizadas em praças públicas, onde são reunidos artistas locais que demonstram seus talentos musicais, poéticos, artes circenses, mostra de artesanato, graffitti, mostra de vídeo, círculo de leitura, exposições diversas dentre outras atividades, inteiramente grátis, voltando para informação e entretenimento da comunidade.

Estamos desenvolvendo um projeto esportivo "O mundo é uma bola", inovador nas comunidades do bairro, no qual orientamos e incentivamos cerca de 60 crianças e jovens na prática do basquetebol, visando a integração e reintegração desses na sociedade. Com atividades esportivas, passeios, palestras sobre cidadania, educação, saúde, violência e ecologia, buscamos melhorar a convivência na comunidade e a formação do indivíduo.

O projeto "Polígono Cultural" é uma atividade realizada ao ar livre que leva música diversificada com vinil, mostra de livros, artistas plásticos, informação sobre saúde em geral, distribuição de informativos, agendas culturais e banco de preservativos.

O projeto "Rede Ecológica" passa para a comunidade a importância da reutilização do lixo que, na maioria das vezes, não é reaproveitado. Através da venda desse lixo reciclável, os recursos adquiridos são revertidos para projetos desenvolvidos pelo grupo.

Certamente, todas as atividades desenvolvidas pelo Núcleo Cultural Estação 22, contribuem e continuarão contribuindo com melhoria do padrão de vida da comunidade.

Marcelo Concelção dos Santos

Coordenador Geral Núcleo Cultural Estação 22

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CONJUNTO HABITACIONAL DOM PEDRO I E ADJACÊNCIAS

A Associação de Moradores foi criada em 1981 e atende, por dia, aproximadamente doze pessoas. Dispõe de três salas amplas onde funcionam a creche, a biblioteca, a secretaria e a cozinha.

No local são oferecidos cursos de velas artesanais, crochê, pintura em tecido, bordados com fitas. A associação também auxilia as pessoas a conseguirem desconto na conta de luz, mandando um atestado de baixa renda para a companhia elétrica. A instituição também cede o seu espaço para as reuniões dos projetos: Agentes Jovens e Observatório de Direitos Humanos.

CENTRO CULTURAL OLHA O BICHO DE REALENGO

Centro Cultural Olha o Bicho de Realengo (Cescobre) surgiu da iniciativa no ano de 1985. Só anos depois, em 1997, a entidade foi legalmente constituída. O Cescobre presta serviços na área social, cultural e esportiva. Atende cento e noventa crianças e adolescentes de 7 a 18 anos, apresenta dois grupos folclóricos, adulto e juvenil, com oitenta componentes ao todo. A entidade promove passeios com recreação, danças em geral, pintura, desenho, educação ambiental, curso de defesa pessoal, capoeira, além de gincanas, festas comemorativas, artesanato entre outros eventos. A falta de apoios dificulta o trabalho do Centro.



Realengo e o Direito ao Trabalho e à Renda

O grupo de jovens de Realengo, do Observatório de Direitos Humanos, desde as primeiras atividades e reuniões do projeto, abordou a questão do direito ao trabalho. Ao tratarmos dessa questão, foram identificados diferentes problemas que afetam os moradores do bairro, como o desemprego, o trabalho informal, a discriminação e o trabalho infantil. Dedicamos especial atenção, também, às dificuldades que enfrentam os jovens para obter o seu primeiro emprego.

DIFICULDADES NO PRIMEIRO EMPREGO

Ao longo de todo o processo da nossa observação e do levantamento de informações que realizamos no Realengo, percebemos que os jovens tinham grandes dificuldades em conseguir seu primeiro emprego, devido à qualidade do ensino recebido, à falta de qualificação profissional ou às poucas oportunidades de emprego existentes no mercado. Vejamos um depoimento de um jovem sobre esta questão:

“Sempre fui desinteressado em arrumar um emprego, talvez pela dificuldade que meus amigos tinham para conseguir o primeiro emprego. Sempre em nossas conversas eles faziam essas queixas. Um dia eu estava conversando com um amigo de 19 anos, que está cursando o ensino médio, e ele dizia que estava procurando um emprego há um ano e havia dado uma pausa por motivo de alistamento militar. Ele se queixava que pelo ensino dele ser ruim era mais difícil sua entrada no mercado de trabalho, e também porque não tinha feito nenhum curso profissionalizante. Ele dizia, indignado, que a dificuldade de arranjar o primeiro emprego não se limitava apenas à falta de cursos profissionalizantes, mas também à má-distribuição de renda e educação não adequada para o mercado de trabalho.”

Os jovens relataram que uma das maiores dificuldades para o acesso ao primeiro emprego é a exigência de experiência, que nos parece uma contradição, pois como se pode pedir experiência para os jovens, para alguém que nunca trabalhou. Além disso, o número de vagas oferecido é sempre insuficiente. Outro problema que identificamos foi a dificuldade de muitos jovens em ter acesso a cursos profissionalizantes que permitam aumentar suas chances no mercado de trabalho. Há também a falta de incentivo às empresas para que contratem aqueles que buscam a sua primeira colocação.

Existem entidades que desenvolvem projetos e atividades para promover o direito do jovem ao trabalho, favorecendo em particular a obtenção de seu primeiro emprego. Vejamos o relato de um jovem:

“Tive conhecimento que a Secretaria Estadual de Trabalho atende prioritariamente o trabalhador desempregado e o jovem que está buscando o primeiro emprego, em especial na faixa de 16 a 23 anos, que estude na rede pública. É que o jovem só pode trabalhar a partir de 16 anos, pois o Estatuto da Criança e do Adolescente só permite empregar adolescentes a partir desta idade.”

Muitos jovens, entretanto, apresentam uma grande descrença em relação a algumas dessas instituições que têm como objetivo facilitar o acesso do jovem ao mercado de trabalho. Vejamos este caso:

“Um amigo meu foi à Central de Apoio ao Trabalhador (CAT) para tentar arranjar um emprego. Chegando lá pediram que ele aguardasse em casa. Caso aparecesse uma vaga, eles comunicariam por telefone, senão ele teria de retornar. Foi aí que ele me chamou para acompanhá-lo até o CAT a fim de que eu e ele conseguíssemos um emprego. Chegando lá, ficamos horas na fila, quando fui atendido pediram para que eu aguardasse em casa, pois não tinha vaga. Quando houvesse, eles ligariam para informar. Foi o mesmo que aconteceu com meu amigo e até hoje estamos esperando.”

Percebemos, pelos relatos obtidos, que alguns jovens da comunidade de Realengo sofrem pressões de seus familiares para obter um emprego. O jovem que não consegue uma colocação passa a ser cobrado, pois devido à pobreza as famílias necessitam que o jovem auxilie no sustento da casa. Vejamos um caso grave contado por um jovem:

“Um amigo, devido ao fato de não conseguir o seu primeiro emprego, foi expulso de casa e logo depois foi morar com um amigo que abastecia o tráfico. E assim ele passou a comprar droga, a distribuir nas bocas da região e logo ele foi preso com armas e drogas. Este meu amigo ficou preso durante dois anos e dois meses e, depois de solto, foi encaminhado pela Secretaria Estadual de Estratégias e Finanças para um emprego; e está solto há nove meses, regenerado.”

As motivações que levam o jovem a procurar emprego podem ser as mais diversas. No entanto, é evidente que ele se sente comprometido com a necessidade de ajuda no sustento da casa, o que fica claro na fala abaixo de uma jovem:



“Nunca fui pressionada pela minha família para trabalhar, fiz isto por não suportar a vida que estávamos levando.”

TRABALHO INFANTIL

Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente impedir que adolescentes menores de 16 anos desenvolvam atividades profissionais, com exceção da condição de aprendiz, pudemos perceber que, na prática, o ECA não é totalmente obedecido. Devido à pobreza e ao desemprego, que afetam a maioria das famílias em Realengo, muitos adolescentes são obrigados a trabalhar, muitas vezes também devido à pressão de familiares. Vejamos um relato sobre este assunto:

“Em 1993, eu tinha 13 anos e minha mãe queria que eu começasse a trabalhar. Assim, me levou ao Lions Clube de Jacarepaguá, onde fiz um curso de preparação ao trabalho. Após três meses, a instituição encaminhava para empresas que tinham convênio com ela. Depois desse curso, fui mandado ao Bob's, mas fui muito acanhado e não fiquei por causa disso. Nunca tinha passado por isso e não sabia o que era me decepcionar profissionalmente, mas não desisti e continuei correndo atrás de um emprego. Fiz uma entrevista na Barra da Tijuca, que é um lugar muito sofisticado, fui aprovado. Comecei como empacotador e auxiliar de caixa, o salário era de R\$ 75,00 e o meu turno era de 10 a 15 horas. Isso foi em 1994 e eu trabalhei como empacotador durante um ano.”

Obtivemos relatos de jovens que tiveram de abandonar a escola por conta do trabalho. Em muitos casos, a carga horária de trabalho é excessiva e incompatível com o período escolar. Constatamos também que muitas atividades de trabalho realizadas pelos jovens são desenvolvidas em condições insalubres, trazendo um prejuízo para o futuro destas pessoas. Um caso levantado em nossa pesquisa aborda esta situação:

“Eu comecei a trabalhar muito cedo e já adquiri bastante experiência, mas nunca em carteira. Isso aconteceu devido a minha falta de instrução, de experiência e pelo fato de não ter feito cursos profissionalizantes. Comecei como babá, numa casa de família que fica perto da minha, nos condomínios em frente da Praça do Canhão. Eu pegava às 7 horas e saía às 17 horas, ganhando aproximadamente R\$ 100,00, mais o vale-transporte. Após seis meses de trabalho, me dispensaram, talvez porque a mãe da criança tenha ficado com ciúmes de seu marido por minha causa. Eu tinha quatorze anos. Com quinze, novamente trabalhei como babá, só que de duas crianças, uma de dois anos e outra de seis. Ganhava R\$ 150,00 e não recebia vale-transporte, pois esta casa ficava na rua de trás da minha. Creio que novamente me mandaram embora por questões de ciúmes.

Trabalhei lá cinco meses, de segunda a sábado, das 8 às 13 horas. É óbvio que o fato de ter começado a trabalhar cedo me prejudicou muito, principalmente nos estudos, porque tive de parar de estudar e hoje já era para eu ter uma profissão. Sem contar que fiquei com problemas respiratórios, não tinha noção de como deveria usar certos produtos químicos, e também problemas de coluna, sempre mudava móveis muito pesados de posição.”

DIREITOS TRABALHISTAS

Nos relatos apresentados pelos entrevistados, nota-se que é freqüente o desrespeito aos direitos trabalhistas, devido ao total desconhecimento da legislação trabalhista, observado em muitos moradores do bairro, ou pelo temor que os trabalhadores têm em perder o seu meio de subsistência. É o que pudemos constatar no caso abaixo:

“Depois de dois anos parada, arrumei um emprego como doméstica em Vila Valqueire, bairro próximo ao Realengo. Eu posso falar com todos os detalhes, pois já sofri com este problema. Na casa, moravam oito pessoas. A princípio, o combinado foi eu ganhar duzentos reais mais a passagem, para passar, arrumar e lavar. Mas, com o passar do tempo, as coisas foram mudando, e, quando me dei conta, estava fazendo o papel de cozinheira e babá, pois na casa havia duas crianças pequenas e isso não havia sido combinado.

Na época eu estudava à noite perto da minha casa em Realengo. Minha patroa estava ciente disso e o combinado seria ela me liberar às 17 horas, pois eu entrava às 18h30 na escola. Eu deveria chegar no serviço todos os dias às 7 horas da manhã, mas com o passar do tempo ela foi me pedindo para chegar mais cedo e também me liberava mais tarde. Por isso, comecei a faltar na escola e acabei perdendo a vaga. Eu só tinha folga aos domingos. Também ia ao banco, à feira e ao mercado, sem contar que ela pedia para eu arrumar a casa de sua neta que residia acima da casa dela.

Fiquei trabalhando para eles durante dois anos e minha carteira do trabalho se encontrava com a patroa desde a primeira semana de trabalho. Ela vivia me enrolando, dizendo que iria assinar, mas por ela ter bastante idade não tinha condições de fazer isso e pediria ao seu filho que não tinha tempo nunca – era advogado e tinha uma loja em Madureira – e assim foram me enrolando.

Um belo dia, já cansada de tanta exploração, reclamei os meus direitos, uma vez que já não estava valendo a pena o que eles estavam me pagando. Eles acharam ruim eu ter reclamado e me botaram na rua, mas a patroa não



queria pagar o meu tempo de casa. A neta da minha patroa, por esperteza, assinou a minha carteira como se fosse minha patroa e colocou que eu tinha só cinco meses de trabalho. Eu recorri a um advogado, que é tio do meu esposo, e ele me deu bastante esperança, pois eu tinha provas de que eles estavam mentindo.

Chegando no dia da audiência, fiquei admirada com os advogados conversando, o meu advogado e o dela, eu não entendi nada. Após a conversa, ele disse que a conhecia da faculdade. Na hora da audiência eu estranhei, pois meu advogado me disse que seria melhor eu fazer um acordo, porque não iria conseguir nada. Eu precisava muito de dinheiro, pois estava grávida e acabei aceitando.

Confesso que fui boba e burra por cair na deles, por falta de informações e por não ter outra fonte de renda, acabei cedendo.”

DISCRIMINAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Quando o jovem é portador de algum tipo de deficiência, são muito maiores as dificuldades para se inserir no mercado de trabalho. Existem poucos programas que atendam este tipo de pessoas e às suas necessidades. Vejamos um relato:

“Sei que outras pessoas passam por problemas ainda maiores, como, por exemplo, minha prima. Ela teve muita dificuldade em conseguir seu primeiro emprego por ser deficiente, e nosso país ainda discrimina muito estas pessoas. Ela me disse que não está preparada para o mercado de trabalho, porque não tem muita instrução, o que agrava ainda mais seu caso. Mas o que a atrapalhou a conseguir seu primeiro emprego foi sua deficiência física, por preconceito, ainda muito grande. Hoje, minha prima está feliz por estar empregada, ela trabalha nos Correios que emprega pessoas deficientes; é funcionária terceirizada mas acha que é melhor que nada.”

No entanto, constatamos não serem só os jovens e os deficientes físicos que enfrentam problemas para fazer valer o seu direito ao trabalho. Em Realengo, também as pessoas de mais idade têm grandes dificuldades em conseguir um emprego. Um caso levantado foi o seguinte:

“Fico muito triste ao ver meu pai, que tem 55 anos, ser rejeitado pela firma que trabalhou durante algum tempo. Para os padrões da empresa, sua idade já era avançada.”

SETOR INFORMAL

Diante da realidade do desemprego, para se manterem e ajudar no sustento da família, muitos jovens acabam caindo no mercado informal, sem direitos trabalhistas (aposentadoria, férias, décimo terceiro salário, entre outros) assegurados e o tra-

balhador vive na marginalidade, pois não está vinculado à economia formal. Vejamos um caso:

“Eu e meu noivo compramos um trailer e o colocamos em frente da minha casa. Já tenho esse estabelecimento há quase dois anos e é ele que paga minhas contas mais urgentes. Os lucros são divididos entre eu e meu noivo. Não ganhamos muito porque minha rua não é movimentada, só nos finais de semana é que vendemos um pouco mais. Pretendemos ampliar mais os negócios, colocar música ao vivo e aumentar as opções de lanche, mas por enquanto só temos o suficiente para as despesas básicas do trailer.”

Vejamos outro relato sobre esse assunto:

“Fui vendedora de cosméticos, vendedora de roupas e sapatos em lojas, mas só nos finais de ano. Na época em que trabalhava como vendedora nas lojas de Madureira, era muito cansativo para mim; o horário era de 8 a 20 horas e eu só ganhava comissão. Então, eu tinha de batalhar muito para tirar um dinheiro melhor. Eu chegava em casa por volta das 21h30 e só tinha forças para tomar banho e, às vezes, nem comia nada, porque o cansaço vencida a fome. Eu só conseguia dormir; para no dia seguinte começar tudo de novo”.

PROMOÇÃO DO DIREITO AO TRABALHO

Apesar de a maioria dos jovens relatar situações de violação do seu direito ao trabalho, um depoimento interessante de promoção desse direito foi apresentado por uma jovem. A empresa onde trabalhava oferecia tratamento diferenciado a seus funcionários, se preocupando também com a parte cultural, social e de saúde dos seus trabalhadores:

“Assim que eu terminei o meu 2º. Grau Técnico em Processamento de Dados, em 1996, comecei a procurar um estágio. Comecei a estagiar em abril de 1997 na Petrobrás Distribuidora S.A., no bairro do Maracanã. Trabalhava de segunda a sexta-feira de 8 a 17 horas. Meu serviço era basicamente de digitadora, mas cuidava também dos arquivos e das ligações dos profissionais do meu setor. Nossa bolsa-auxílio era de R\$ 160,00 + vale-transporte + ticket refeição no valor de R\$ 8,00. Para mim todos esses benefícios foram valiosos, pois nunca tinha tido uma experiência profissional, ainda mais em uma empresa desse porte. Além dessa bolsa, que me ajudou muito nas despesas pessoais, tínhamos outros benefícios bem mais importantes que esses: assistir a inúmeras peças e palestras no auditório de lá, fazer dança de salão no último andar do prédio, totalmente gratuita para todos os funcionários. Isso tudo contribuiu para despertar minha visão cultural. As peças e



palestras ocorriam pelo menos uma vez por mês. Já a dança de salão era duas vezes na semana, durante o horário de almoço. Sempre passávamos um pouco do tempo, pois a supervisora não era muito rigorosa nessa questão de horários. Uma das palestras mais interessantes foi sobre HIV – através de uma dinâmica de grupo, eles mostravam como se pega e como não se pega o vírus da Aids.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao aprofundar o tema Trabalho e Renda durante as nossas atividades no Observatório de Direitos Humanos, constatamos que o Realengo, localizado na zona oeste do município do Rio de Janeiro, é uma região que apresenta um dos piores indicadores sociais em nossa cidade. A situação do desemprego em Realengo é agravada pela ausência de indústrias e mesmo de um comércio mais bem-estruturado no bairro e adjacências. As pessoas se ressentem também da distância do bairro em relação ao centro da cidade, à zona sul e à Barra da Tijuca, as áreas economicamente mais importantes do Rio de Janeiro. Os jovens afirmaram que muitos empregadores dessas áreas mais influentes, quando ficam sabendo que um trabalhador mora em Realengo, ele é dispensado com a alegação de ser grande o tempo gasto com o deslocamento para o trabalho e também para economizarem com o fornecimento de vale-transporte, uma vez que alguns moradores de Realengo têm de pegar mais de uma condução.

Além de todos esses problemas, o jovem da localidade enfrenta ainda a dificuldade de não possuir uma qualificação profissional, pois no bairro não existem lugares que ofereçam cursos profissionalizantes, um dos principais aspectos que dificultam o acesso do jovem ao mercado de trabalho. O governador do Estado, em maio de 2000, chegou a anunciar o início das obras para construção de uma escola técnica no local onde existe um quartel abandonado, que hoje é depósito de carros apreendidos. Até agora, o projeto não saiu do papel. Essa obra, durante a construção, geraria empregos para operários, mestres-de-obras e engenheiros, e depois de pronta iria melhorar a qualificação profissional dos jovens para o mercado de trabalho.

É necessário salientar que este não é um problema apenas de Realengo, porque a própria conjuntura econômica vem mudando as relações trabalhistas, tornando o emprego formal com carteira assinada algo difícil de se encontrar hoje. Há mais um agravante: Realengo é uma comunidade onde o poder público e a iniciativa privada não têm grande presença pela ‘distância do centro da cidade’. Faltam projetos para desenvolver economicamente a zona oeste do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, não existe mobilização dos moradores para reivindicar os seus direitos.

Por esses motivos, os jovens da comunidade de Realengo acumulam dificuldades em conseguir o almejado primeiro emprego. Muitos precisam trabalhar no setor informal, sem nenhum tipo de garantia trabalhista, ou acabam caindo no subemprego, que apresenta carga horária excessiva, baixa remuneração e nenhuma esperança de sucesso profissional.



PARTE II

SALVADOR

BAHIA

CALABAR • ILHA DE ITAPARICA • SUBÚRBUIO FERROVIÁRIO



AGRADECIMENTOS

Ao Centro Nacional de Formação Comunitária (Cenafoco) pelo reconhecimento do trabalho da nossa ONG, através da indicação da mesma à Rede de Observatórios.

Ao Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu (CEASB), pelo apoio fundamental no estabelecimento de contato com as comunidades do Subúrbio Ferroviário.

À Comungos, pelo compartilhamento das experiências realizadas no Calabar.

À Escola Nossa Senhora de Guadalupe, pelo apoio no processo de escolha das comunidades que integraram o projeto e a todas estas três instituições pela ajuda na organização do processo seletivo dos jovens observadores.

Às Associações comunitárias Clube de Mães (Gameleira / Itaparica) e Paróquia Santa Terezinha Doutora da Igreja (Subúrbio Ferroviário), o nosso obrigado.

À Sala de Arte do Baiano e à Orient Filmes, por possibilitar o acesso dos integrantes do GTL à filmes relacionados à nossa temática de pesquisa.

À Cláudia Hora, estagiária integrante do projeto, Carlos Viana Júnior (Maceió) e Fábio Giorgio, pela realização das oficinas de imagem, grande desejo do grupo.

À Maria Thereza Oliva Marcilio de Souza e Gey Espinheira pelos comentários aos textos dos observadores.

Ao Transporte Marítimo da Bahia (COMAB) pelo apoio fundamental no transporte dos observadores no trajeto Ilha de Itaparica/ Salvador para a realização de reuniões e oficinas e pela disponibilização de salas para as reuniões do grupo de jovens da Ilha.



Indicadores Gerais – Salvador

SALVADOR

População:	2.443.107 habitantes
Área:	325 Km²
População até 18 anos:	920.414 habitantes
Taxa de alfabetização:	93,80
Hospitais:	51
Leitos :	7.153
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	595,11
Empresas com CNPJ:	48.426
Taxa de desemprego: de junho/julho/agosto de 2002:	8,1 (IBGE)
Taxa de desemprego: de junho/julho/agosto de 2002:	27,6 (DIEESE)
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	41,2
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	85,5
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	1,4
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	15,4

Fonte: IBGE

Dados sobre homicídios: Waiselfisz, Jacobo. Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/SEDH - 2002

VERA CRUZ

População:	29.750 habitantes
Área:	254 Km²
População até 18 anos:	12.813
Taxa de alfabetização:	85,00
Hospitais:	1
Leitos hospitalares:	31
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	255,01
Empresas com CNPJ:	462
Taxa de desemprego:	não disponível
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	não disponível

Fonte: IBGE



ITAPARICA

População:	18.945 habitantes
Área:	47 Km²
População até 18 anos:	8.193
Taxa de alfabetização:	85,70
Hospital:	1
Leitos hospitalares:	30
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	214,01
Empresas com CNPJ:	226
Taxa de desemprego:	não disponível
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	5,2 (Datasus, 1999)
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	não disponível

Fonte: IBGE



Organização de Auxílio Fraterno – OAF

A Organização de Auxílio Fraterno (OAF) foi fundada no dia 12 de outubro de 1958, pela educadora Dalva Matos. Inspirando-se na compreensão do próprio nome, a OAF busca desenvolver trabalhos que contribuam para uma sociedade mais justa, através da criação e produção de novos conhecimentos, competências e bens e serviços. A partir desse objetivo, a OAF desenvolve projetos que visam a educação e formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de risco ou exclusão, possibilitando a todos o exercício da cidadania plena.

A OAF é composta por uma equipe participativa formada por: educandos, educadores, colaboradores e parceiros. Todos trabalham em regime de permanente formação e aperfeiçoamento, visando a elaboração de respostas aos desafios sociais, especialmente aqueles que envolvem processos de exclusão.

Após 44 anos de atividades, o atendimento a estes grupos cresceu de tal forma que avançou em complexidade e diversidade. Sua estrutura, atualmente, apresenta um modelo de rede, que passa a se articular com diversos segmentos e instituições parceiras, alcançando aproximadamente 4 mil pessoas por mês e 40 mil por ano. Trata-se de um processo dialógico que vem se ampliando cada vez mais, possibilitando novas parcerias.

Atualmente, sob a coordenação do padre Clodoveo Piazza, a OAF está distribuída em várias unidades que desenvolvem diferentes atividades no campo da educação, dentre elas o “Residencial”, que abriga crianças e adolescentes órfãos; o “Centro Educacional Carlo Novarese”, que atende alunos em tempo integral até a 8ª série; a “Escola Nossa Senhora de Guadalupe”, na Ilha de Itaparica, que atende crianças e adolescentes em ensino fundamental até a 4ª série; o “Centro de Formação de Jovens e Instrutoras (CFJI)”, que desenvolve cursos profissionalizantes de curta, média e longa duração para jovens e adultos; o “Programa de Valorização Turística da Ilha”, implementando nos Municípios de Vera Cruz e Itaparica; o “Centro de Manutenção Predial”, que presta serviços de manutenção, reforma e educação para preservação em 244 escolas da rede municipal; a “Universidade da Criança e do Adolescente (UNICA)”, que oferece aos alunos das escolas municipais e estaduais um espaço lúdico e interativo, onde possam aprender a ciência de forma prazerosa; e as “Oficinas Produtivas”, formadas por oficinas de móveis, gráfica, confecção industrial, serigrafia, plástico, mecânica e manutenção.

A parceria entre a OAF e a “Rede de Observatório de Direitos Humanos” vem, mais uma vez, reafirmar o papel da instituição enquanto mobilizadora da sociedade civil. A partir da realização deste projeto, a entidade busca, não apenas instrumentalizar os jovens de comunidades de baixa renda através do conhecimento e da reflexão acerca da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, mas também propiciar o levantamento de dados de caráter qualitativo, a partir do ponto de vista dos jovens observadores que integram o projeto. Dados que permitam avaliar a situação dos direitos humanos no cotidiano das comunidades pesquisadas.





BAHIA

CALABAR





Quem Somos?

ULISSES FERREIRA

Meu nome é Ulisses Ferreira, tenho vinte e cinco anos, nasci na cidade de Salvador/BA, no bairro do Calabar, situado numa área nobre da cidade (entre os bairros Barra, Ondina, Graça e Federação). Fiquei sete anos sem estudar, principalmente porque precisava ajudar nas despesas de casa. Não tínhamos mais meu padrasto, minha irmã mais velha já havia saído de casa e como meu irmão não foi criado com a minha mãe, eu não pude pedir-lhe qualquer tipo de ajuda. Assim, acabei tendo que assumir todo tipo de responsabilidade possível, desde prover alimentos até construir um lar e, com isso, fui perdendo o interesse pelo estudo. Voltei a estudar este ano e, apesar de ter parado no primeiro ano do ensino médio, me matriculei na oitava série do ensino fundamental, para tentar recapitular tudo aquilo que esqueci. Estou arrependido porque percebo que o ensino de antes era mais eficiente que o de hoje. Os professores estão sem ânimo para ensinar e o salário é muito ruim.

Sou autônomo, trabalho com pinturas decorativas. Já trabalhei como segurança durante um ano e cinco meses, além de dois anos no Othon Palace. Sempre fui responsável, a ponto de estar sempre dando uma ajudinha em casa.

Os meus pais nasceram em Salvador/Ba. Meu pai terminou o ensino médio, minha mãe o ensino fundamental. Minha velha trabalhou durante sete anos em um supermercado e, atualmente, trabalha como doméstica. Meu pai sempre trabalhou com pinturas decorativas. Eles viveram juntos durante quatorze anos e se separaram devido às bebidas e pancadarias que ocorreram durante este tempo de convivência. Hoje, meu pai mora na Boca do Rio

(bairro próximo à orla marítima) e nós continuamos vivendo no mesmo lugar de sempre (no bairro do Calabar). Atualmente, mesmo sem meu padrasto, que é o meu pai, a minha família continua muito unida, apesar de todos os percalços.

Tenho oito irmãos, cinco mulheres e três homens. Entre as mulheres, Livia trabalha como babá, Leide, como manicure, Irla, estuda, Luciana, a mais velha das mulheres, é casada, e não sei muito sobre a vida dela. O Luide, que é o mais velho dos homens, também é casado e trabalha como segurança; também não sei muito sobre a vida dele. Luidison, estuda, tem dezenove anos e é fã de futebol, e Fabrício que estuda e tem dezesseis anos.

Eu tenho uma banda de rock alternativo e em minhas composições falo da minha realidade. As bandas que nos influenciaram foram Legião Urbana, Capital Inicial, Titãs, Cazuza, Plebe Rude e o Ira. Não preciso de bebida alcoólica nem de outras drogas para me inspirar, para isto só observar me basta. No meu tempo livre, gosto de compor músicas e de sair sozinho analisando tudo ao meu redor. Além disso, encontro-me quase sempre com a rapaziada da banda (Nem, Márcio e Boot) para sair, tocar violão e fazer nossa festinha particular.

Em meu bairro, não gosto da atuação policial na comunidade. Também me indigna ver os vizinhos tratarem os usuários de drogas com indiferença, generalizando que qualquer pessoa que usa drogas é desequilibrada, o que me incomoda muito.

Apesar disso, eu gosto do meu bairro, é daqui que tiro toda a minha inspiração para trabalhar minha musicalidade.

EDIVANE BEIRÃO

Oi! Meu nome é Edivane, mais conhecida como Boroca. Tenho 20 anos, nasci em Salvador BA, no bairro Calabar. Eu já nasci dando trabalho, pois minha mãe não teve tempo de chegar a uma maternidade e eu acabei nascendo numa rua, ao lado da entrada principal do bairro. Já fiz três cirurgias. A primeira foi no coração, quando eu tinha quatro anos, para corrigir um sopro. Depois, quando tinha seis anos, operei uma hérnia. Por ter sido operada ainda criança e não ter tido um período de repouso adequado, aos dez anos de idade, a hérnia voltou e tive que fazer uma nova cirurgia.

Estudei no colégio Edgar Santos da quinta série ao terceiro ano colegial. No início, não gostei muito, mas depois fui me adaptando e conquistando várias amizades, além de ter aprendido muitas coisas boas desde o início da minha adolescência.

Meu primeiro trabalho foi num supermercado como empacotadora, eu tinha quatorze anos e cursava a oitava série. Gostei muito do trabalho, comecei a dar mais valor e a enxergar as coisas de outras formas, bem como a lutar pelos meus ideais. Minha saída do trabalho foi muito triste, pois minha fa-

mília estava passando por dificuldades e o meu desemprego nos prejudicou mais ainda.

Minha mãe nasceu em Itaberaba, no ano de 1950, e faleceu em 2001. Foi uma perda muito grande e dolorosa para mim e até hoje sofro um pouco com isso, mas, quando estou triste, procuro me lembrar dos momentos felizes que passamos juntas. Ela era dona de casa e não teve chance de estudar. Veio morar aqui em Salvador quando tinha 17 anos, no bairro da Garibaldi, depois mudou para o Calabar. Meu pai tem 87 anos, nasceu em Aratuípi e também não teve chance de estudar. Ele é aposentado, mas ainda trabalha como jardineiro e é o chefe da casa.

Tenho 6 irmãos. A mais velha chama-se Jeane, tem 3 filhas, não trabalha e ainda estuda; Lázaro trabalha como jardineiro; Edson parou de estudar, mora com a mulher e atualmente está desempregado; Roseane é casada e tem um filho; Luisiane trabalha e Danilo, o mais novo, só estuda.

No meu tempo livre, gosto de ir à praia e ao pelourinho com meu namorado e amigos. Para mim, verdadeira amizade é quando não existe falsidade e sim sinceridade. Quando passa-



mos por momentos de altos e baixos, seus verdadeiros amigos estão sempre ao seu lado.

Comecei a ter ligação com a associação de moradores em 2001, com o surgimento do time de futebol feminino, no qual desempenho a função de auxiliar técnica. Gosto muito do meu

bairro, apesar da dificuldade de se morar numa favela, mas aqui é onde eu nasci e onde passo a maior parte do tempo. Uma coisa que me deixa muito triste é a violência que existe em minha comunidade.

MÁRCIO DE ALMEIDA ARAÚJO

Olá pessoal! Meu nome é Márcio de Almeida Araújo, tenho vinte e quatro anos e moro em Salvador/BA. Já concluí o ensino médio, porém continuo estudando para fazer o vestibular e ingressar em uma instituição pública de ensino superior, na qual pretendo cursar a faculdade de Letras porque gostaria de aprender várias línguas. Já estou combinando com alguns colegas que também vão fazer o mesmo curso para juntarmos dinheiro e viajar pelo mundo afora, para melhorar o domínio das línguas que queremos aprender, como espanhol, iorubá (dialeto Africano), inglês e por aí vai. Sou um homem negro, mestiço, se posso dizer assim, e Rastafary. Por isso, gostaria de viajar para países que tem uma influência muito forte da cultura negra africana, para unir o útil ao agradável.

Outro sonho meu é poder comprar um sítio no interior para morar e plantar todas os alimentos de que necessito, já que na cidade somos obrigados a comer produtos de má qualidade, envenenados por agrotóxicos, gordura saturada e conservantes, a preços elevadíssimos. Além disso, gostaria de conseguir uma área em meu bairro para ensinar as coisas que aprenderei na faculdade e nas viagens às crianças carentes, para que, com isso, no futuro, elas possam disputar vagas no mercado de trabalho e na universidade como qualquer outro adolescente. Mesmo porque, quando eu entrei em um curso pré-vestibular, percebi que o conteúdo que aprendi no ensino médio era manipulado e de má qualidade.

Trabalho como músico, toco percussão e contra-baixo com várias bandas de vários estilos da cidade e ajudo no sustento da casa, sempre que posso.

Meus pais nasceram no interior do estado, minha mãe em uma cidade chamada Santo Amaro da Purificação e meu pai, em Amélia Rodrigues. Minha mãe conseguiu concluir o nível médio, trabalha como merendeira e já trabalhou em supermer-

cado e como empregada doméstica. Meu pai nem chegou a concluir o ensino primário, é aposentado como comerciante, mas já trabalhou como pedreiro e porteiro. Vieram para Salvador na adolescência, mas antes de virem morar no bairro Calabar, moraram em casa alugada no bairro Ferreira Santos por mais ou menos dois anos.

Só tenho uma irmã, que não mora mais com a gente. Com relação ao meu relacionamento familiar não tenho muito o que dizer, acho normal e bom porque não sou filho de pais separados. Ocorrem, às vezes, algumas discussões como em toda família, mas não é nada que comprometa nossa união.

Em meu tempo livre, gosto de fazer o que me dá vontade no momento. Costumo ir à praia com os amigos, visitar o meu afilhado, andar de bicicleta e, como não tenho um namoro estável, gosto também de procurar alguém que se encaixe com a minha personalidade.

No meu bairro, eu aprecio e analiso muito a diversidade cultural existente. Apesar de gostar muito daqui, não estou contente com o gerenciamento dado por um grupo político à associação comunitária, pois acho que eles não estão comprometidos com o bairro, com exceção de, no máximo, dois integrantes, mas ainda posso estar enganado, não sei. Há aproximadamente duas décadas, existiu aqui um grupo de moradores militantes que lutou muito para que o bairro tivesse a estrutura que tem hoje. O problema é que, atualmente, essa estrutura se encontra em decadência, caindo aos pedaços, e ninguém faz nada para sanar o problema. É por isso que eu não estou nada satisfeito com a realidade que vivemos aqui. O Calabar, em relação ao que era antes, está morto. Todos os dias, é possível observar pessoas em porta de bar, se drogando com cachaça e cigarro, ou nas esquinas, usando cocaína e crack. O índice de violência vem aumentando e as pessoas parecem não estar nem aí.

RENATA GONZAGA

Meu nome é Renata, tenho vinte e um anos, sou gordinha e afro descendente, minha pele não tem pigmentação tão escura, nem também muito clara. A cor dos meus olhos é castanho claro e uso aparelho dentário. Eu nasci aqui mesmo em Salvador, sou estudante e estou cursando o terceiro ano do ensino médio. Atualmente, trabalho como manicure, mas também já trabalhei durante quase um ano como vendedora.

Estudo numa escola pública e não gosto porque as escolas públicas de Salvador oferecem um ensino de má qualidade, os professores ganham muito mal, há falta de material escolar e, para piorar ainda mais a situação, o governo implantou o PEI (Programa de Enriquecimento Instrumental, jocosamente cha-

mado de "Programa de Enriquecimento Ilícito") que diminuiu as aulas de matemática, português e inglês, que são matérias muito importantes. No terceiro ano, não temos a disciplina PEI que faz parte apenas da grade do primeiro e do segundo ano, mas também sentimos muito a defasagem no número de aulas. Tenho uma professora de biologia que também ensina numa escola particular, na qual ela dá dez aulas na semana para cada turma. Eu tenho apenas duas e acho isso um absurdo, um des-caso tremendo com as escolas públicas do país. Apesar disso, procuro me esforçar para entrar em uma faculdade, pois quero ser professora.

Meus pais também nasceram aqui em Salvador. Minha mãe

concluiu o segundo grau, é doméstica e trabalhou numa agência de propaganda, na área de serviços gerais, já meu pai estudou até a oitava série do ensino fundamental e trabalha numa empresa como técnico administrativo. Meus pais sempre moraram aqui no bairro Calabar, em Salvador, são separados e tiveram quatro filhos eu, Roberta, Anderson e Carla. Eu e Roberta moramos com meu pai e minhas tias, Anderson e Carla moram com minha mãe. Todos estudam, só Anderson trabalha e ajuda minha mãe no sustento da casa.

O Calabar, como todo bairro pobre, enfrenta grandes problemas. Aqui tem creche, escola, posto de saúde, posto policial, mas tudo de má qualidade, porque os recursos que são

mandados para essas instituições são insuficientes para possibilitar um bom atendimento da grande demanda. Existe aqui uma associação de moradores que tem uma péssima administração e, por isso, nunca me interessei em ter uma ligação mais próxima. Comparando o Calabar a outros bairros pobres de Salvador, posso dizer que gosto de morar aqui, pois tenho liberdade de ir e vir, já que o bairro não é tão violento como é mostrado nos jornais.

Apesar de morar numa terra festeira, eu não gosto muito de festas, saio muito pouco e, na maioria das vezes, vou à igreja com meu namorado e amigos. Costumo jogar bola e ouvir música no meu tempo livre.

ALANA DE CARVALHO

Oi! Meu nome é Alan de Carvalho, tenho vinte e um anos e moro em Salvador num bairro chamado Calabar. Com doze anos, tomei uma importante decisão: resolvi mudar e hoje sou uma transexual, adotei o nome de Alana. Vivo a minha vida como uma mulher realizada em tudo. Moro sozinha há dois anos e precisei parar de estudar na oitava série para trabalhar, apesar de gostar muito da escola porque todos me admiravam. Atualmente, trabalho no GAPA/BA (Grupo de Apoio à Prevenção das DSTs/AIDS) há quatro anos, desenvolvendo um trabalho de educação e prevenção dentro e fora da comunidade.

Minha mãe nasceu aqui mesmo em Salvador e sempre morou no mesmo bairro. Ela tem cinquenta e um anos, chama-se Maria Anita e não conseguiu completar o ensino médio porque teve que trabalhar para ajudar a família. Meu pai, Antônio Rosário de Souza, nasceu em Santo Amaro da Purificação, interior da Bahia, estudou até a oitava série e, hoje, vive com outra

família. Tenho três irmãos, Rute, Luciene e Josué, todos são casados e cada um mora com sua família, mas sempre ajudamos uns aos outros.

Já participei de grupos de jovens que eram ligados à associação de moradores, além disso, o trabalho que desenvolvo tem parceria com a associação. Sempre fui atenta a tudo que acontece na minha comunidade e sempre participei de todos os cursos que vinham para cá. Posso dizer que gosto de quase tudo no meu bairro, pois foi nele que eu cresci como pessoa e busquei o meu respeito. Só não gosto da falta de interesse dos representantes da associação que não estão procurando melhorar as condições dos jovens que vivem no mundo das drogas e na marginalidade.

No meu tempo livre gosto de ler e ir à praia, dançar e curtir as baladas da noite junto com meus amigos e parentes. No mais, gosto de tudo, por ser uma transsexual respeitada e conhecida.

Onde Estamos?

O nome da nossa comunidade é Calabar. Ela fica situada em uma área privilegiada de Salvador, próximo ao centro, entre os bairros Graça, Barra, Ondina e Federação. Calabar tem tudo a ver com a nossa cidade pela grande miscigenação e pela diversidade cultural aqui encontradas. Além disso, o bairro é populoso (tem cerca de dezenove mil habitantes) e festivo, em quase todos os finais de semana os moradores e a associação promovem eventos.

Calabar tem cerca de setenta anos de existência e resistência. Até algum tempo atrás, algumas casas eram de tábuas, mas, com o projeto Viver Melhor, implantado pelo governo, essas casas foram reformadas e reconstruídas.

A rua principal, onde fica localizado o centro comercial do bairro, é a Rua Nova do Calabar. Recentemente, ela foi asfaltada, o que ajudou muito aos bares, mercadinhos, salão de beleza, marcenaria, padaria e lojas de variedades, pois, antes, o chão era de barro, o que prejudicava o comércio. Nessa mesma rua também ficam a Associação de moradores do bairro, a escola comunitária, o posto de saúde, a creche, a quadra esportiva, o posto policial e o prédio multiuso do Provida, além de ser nela onde acontecem as atividades festivas do Calabar.

A paisagem do Calabar é totalmente urbana, não temos nenhuma área verde, mas nem sempre foi



assim. Antes, tínhamos muitas árvores e uma imensa horta. Com o progresso social, houve uma grande transformação, o Calabar tornou-se mais populoso e as áreas verdes acabaram sendo ocupadas por moradias. A horta, inclusive, foi transformada em uma quadra poliesportiva para o lazer dos moradores.

A infra-estrutura do bairro atualmente é boa: temos água encanada, luz elétrica, coleta regular de lixo, rede de esgoto, telefones (fixos e públicos) etc. Existem quatro escolas primárias no bairro, três particulares e uma comunitária, chamada Escola Aberta do Calabar, que é mantida pela Associação de Moradores e por ONGs. No entanto, não temos linhas de transporte coletivo que sirvam diretamente ao bairro, o que obriga os moradores a caminhar um pouco até os pontos próximos. Também não temos hospitais nem pronto-socorro, só o posto de saúde, que tem um atendimento muito precário, o que obriga as pessoas a procurar atendimento em outros locais. Além disso, o posto policial não tem um funcionamento eficaz e a ronda é feita por policiais comunitários de bairros vizinhos como Barra/Ondina e Federação.

Na Escola Aberta existe uma biblioteca que está desativada há mais ou menos seis anos. Não temos muita certeza da causa da desativação, porém, cremos que isso ocorre por um certo descaso da diretoria da associação.

Há dois projetos educacionais no bairro: o PETI (Programa de Erradicação de Trabalho Infantil) e a FUNDAC (Fundação da Criança e do Adolescente), que atende adolescentes de 15 a 17 anos, moradores de áreas de risco, procurando qualificá-los e inseri-los na sociedade, por meio de cursos profissionalizantes como marcenaria, panificação, corte e costura, pintura especial e reciclagem de papel. Porém, apesar da importância dessas iniciativas, pelo que temos visto, achamos que esse sistema de educação não é eficaz, pois quando os jovens saem da fundação, muitas vezes, acabam retornando às ruas por ficarem sem ter o que fazer, já que o apoio que tinham deixa de existir.

Existem algumas atividades culturais, como a capoeira e o teatro, assim como atividades esportivas, como futebol, volley e basquete. Temos algumas festas populares como o Samba-Duro, que é um estilo de música, herdado dos negros escravos africanos que para cá vieram, composto por instrumentos percussivos, como tamborim, marcação, timbau e reco-reco, muito parecido com o samba de roda. Temos também a “Lavagem no bairro”, que é uma manifestação comemorativa de resistência e de luta da comunidade. A origem dessa manifestação é a seguinte: a região do Calabar era muito cobiçada pela elite e por interesses imobiliários que tentaram, várias vezes, retirar a comunidade de onde ela está, por isso, a cada ano, relembremos nossa luta e nossa vitória contra essa tentativa, lavando o chão de um local específico, que carrega um traço de resistência, como sinal de renovação de forças. Além disso, temos eventos com bandas do bairro e de outras localidades, bingos e a Praça 13 de maio, que era cenário de um samba de roda e, hoje, tornou-se área de tráfico de drogas.

A religião no bairro se caracteriza por abarcar duas culturas: existem sete igrejas evangélicas e três terreiros de candomblé. Não existem igrejas católicas aqui dentro.

Os maiores problemas encontrados em nosso bairro são o desemprego, a miséria, a proliferação das drogas e os policiais que, ao invés de colaborar e proteger, oprimem. O principal ponto positivo é o fato de ser um bairro que está situado em uma área muito cobiçada de Salvador, pois se encontra no centro da cidade e próximo ao mar.

A maioria dos moradores do bairro, cerca de 80%, é composta por trabalhadores autônomos (pedreiros, carpinteiros, pintores, ferreiros, comerciantes, feirantes) o que é uma forma de driblar o desemprego. Eles trabalham dentro da própria comunidade e prestam serviços para a classe média também.

Devido sua estrutura física e social, o bairro tem um potencial muito grande para ser um dos melhores da cidade, basta que seus moradores lutem para o seu crescimento. Muitas pessoas, acham que a educação é o suficiente para mudar e melhorar as coisas, mas nem sempre é assim. A mudança deveria vir, primeiro, do interesse de cada um em melhorar a situação, que, atualmente, não é nada satisfatória. É a partir disso que pode ser construído o interesse coletivo.



COMUNGOS - CONEXÕES COMUNITÁRIAS

A Comungos - Conexões Comunitárias surgiu em 1998. É uma Organização da Sociedade Civil (OSC) sem fins lucrativos, que vem realizando suas ações e projetos na comunidade do Calabar, com a elaboração e execução de atividades, que visam a criação de redes de ajuda mútua.

A Comungos vem realizando diversas atividades desde que seus membros desenvolveram ações em parceria com a Escola Aberta (escola comunitária). Estas ações incluíam: acompanhamentos em sala de aula, reflexões pedagógicas com professores e coordenação, trabalhos em artes, musicoterapia, teatro, etc. Além disso, organizou a II Oficina de Leitura, em conjunto com o corpo pedagógico da escola, e intermediou uma parceria entre a escola com um projeto de educação da Universidade Federal da Bahia.

De setembro de 2001 a janeiro de 2002 a Comungos realizou o projeto "Circuitos e Cidadania", financiado pelo Programa Capacitação Solidária, incluindo a comunidade vizinha Alto das Pom-bas, com 32 jovens entre 18 e 22 anos. Esse projeto foi composto por um módulo de capacitação básica em eletrônica e outro em "cidadania", no qual foram trabalhados temas como: conjuntura mundial, terceiro setor, violência, juventude, polícia, políticas, favela, cotidiano, artes, cultura e convivência grupal. Esse projeto contou com a parceria de organizações governamentais e não governamentais.

Em julho, a Comungos, junto à Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE), desenvolveu o projeto "Cultura e Cidadania", em parceria com a Virus Urbanos uma banda de rock-pop do Calabar, que também é acompanhada e assessorada pela Comungos. O projeto tem como objetivo trabalhar as questões cotidianas que envolvem a cidadania, tendo a música como principal agregador. O projeto acontece, peculiarmente, nas esquinas onde a comunidade faz fronteira com um bairro de classe média-alta. Isso acaba estimulando a ocupação dos espaços públicos, propiciando também a permanente inserção de outros jovens às atividades do projeto, modificando a impressão que normalmente se tem quando se vêem jovens que moram em favela nas esquinas, supostamente desocupadas.

A Comungos vem ampliando a sua rede de conexões, tendo como perspectiva a conquista de um espaço público de convivência, onde circulem diversos grupos sociais, com a finalidade de trocar experiências, firmar parcerias e criar possibilidades de ações conjuntas. É através dessa rede que a organização garante a legitimidade de suas ações.



Calabar e o Direito à Segurança

A violência é algo que se percebe claramente em nosso bairro, principalmente pelo número cada vez maior de adolescentes que se envolvem em assaltos e no tráfico de drogas, tornando assim freqüente a presença dos policiais na comunidade. Estes, por sua vez, muitas vezes também apresentam um comportamento violento, desrespeitando os direitos dos moradores. Ao longo do nosso trabalho, a atitude violenta do policial para com os moradores foi o tema mais discutido nas reuniões.

O Calabar é uma comunidade peculiar por sua vizinhança: está alojada no meio de bairros de classe média alta da cidade de Salvador, o que faz com que as incursões violentas, tanto dos policiais quanto dos ladrões e traficantes que ali se refugiaram, sejam muito freqüentes. Por vezes, existe uma espécie de “toque de recolher”, em que as pessoas da comunidade, a partir de determinado horário, não se arriscam mais a ficar nas ruas, seja por medo dos traficantes ou dos policiais.

Há ainda a violência que acontece entre vizinhos e dentro das famílias, principalmente em relação à mulher. Finalmente, outro aspecto que pareceu significativo abordar foi a violência contra o homossexual. Consideramos oportuno levantar esse tema, principalmente por termos no grupo um integrante transexual, que poderia oferecer, a partir de suas experiências, uma compreensão mais apropriada do que significa a violência contra esse grupo específico.

PRINCÍPIOS DA VIOLÊNCIA

Embora a presença de grupos criminosos ou dos policiais contribua para a tensão e o medo na comunidade, muitos episódios violentos parecem ser motivados por conflitos banais, que se agravam com rapidez na falta de espaços de diálogo. Mesmo antes do início do trabalho no Observatório de Direitos Humanos, já era possível notar, nas relações comunitárias, que alguns conflitos com graves consequências começavam com desavenças insignificantes e resultavam em verdadeiras “guerras”, colocando toda a comunidade em risco.

“Estávamos em um beco da comunidade conversando assuntos banais que lá aconteciam, nos divertindo enfim. De repente um colega nosso pegou uma bola de futebol de praia, lançando-a para que acertasse em seu amigo que vinha chegando, só para ‘sacaneá-lo’. A intenção não foi de machucá-lo, como não aconteceu, mas ele se revoltou ao sentir a bola tocar o seu corpo. Voltou-se para os colegas perguntando quem tinha feito aquilo. Alguns se calaram e outros sorriram. Um outro colega apontou para o que havia atirado a bola. Ele falou que não gostou e que não iria ficar por isso mesmo. (...) Ele se retirou com muita raiva, mas não demos muita atenção, pois era de costume brincar; ninguém se importou com a sua ira. Tudo que começou com uma pequena brincadeira passou a ser um grande problema:

dois dias depois, eu estava na casa da minha namorada, quando uma vizinha me chamou para informar que meu primo tinha acabado de ser esfaqueado. Fiquei desesperado e fui procurar mais informações do fato ocorrido: não foi muito grave, foi o que me informaram. Procurei saber quem foi a pessoa que o esfaqueou e fiquei surpreso ao saber que tinha sido o cara que levou a bolada, pensei: ‘tudo começou por causa daquilo? Mas eles eram tão amigos’. Não demorou muito a chegar do Pronto-Socorro, pois o corte sofrido não foi muito profundo, para o nosso alívio. Pedimos para que ele esquecesse, que não tentasse revidar, pois tudo começou por causa de uma brincadeira. Tudo indicava que ele havia esquecido. Os meses se passaram e ele não demonstrava que ainda guardava rancores do fato ocorrido. Foi puro engano. Oito meses depois, ele pegou o garoto na rua, próximo à sua casa, e deu cinco facadas no peito do jovem que quase o levam à morte”.

A observação de casos como esse indica como pequenas brincadeiras parecem tomar proporções mais graves à medida que as pessoas envolvidas resolvem revidar, não se intimidando em fazer uso de armas, movidas pelo ressentimento provocado pelas supostas agressões sofridas. A banalização do uso da força em conflitos menores faz com que poucos intervenham na busca do diálogo e contribui muito para a insegurança na comunidade.

Percebemos que algumas crianças e adolescentes são marcadas pelo contexto violento, tanto dentro de casa, pois apanham dos pais e vêem os mesmos brigando, quanto fora, presenciando atos de violência a partir de pequenas brincadeiras. Quando se torna cotidiana, a violência parece ser praticada com naturalidade e isso parece contribuir para que as crianças a absorvam no seu comportamento. Numa conversa com um grupo de adolescentes da comunidade, havia um jovem que falava de sua atitude violenta para com um outro. Ele dizia:

“Quebrei Eduardo na porrada porque ele tinha mandado eu me fudê, e foi pouco, porque outro dia Marcelo deu uma garrafada em Cláudio porque o mandou ir pra porra.”

Com a banalização, muitos passam a conviver com situações violentas na comunidade ou em suas casas sem questioná-las. Percebe-se que não há estímulos dentro da própria família para discutir o tema da violência. Quando esta acontece, já não é tida mais como algo de fora e muitas pessoas se conformam dizendo: *Quem procurou seu carvão molhado, que abane*. O que quer dizer: você que procurou o problema, então resolva-o.

A VIOLÊNCIA PELAS DIFERENÇAS

Também a dificuldade das pessoas em lidar com as diferen-



ças parece promover a violência. A não aceitação do homossexualismo e do transexualismo pode resultar também na ocorrência de episódios violentos na comunidade. Não é pequena a incidência de casos de violência e discriminação contra homossexuais observados na comunidade, principalmente agressões verbais. A violência física, apesar de menos frequente, apresenta-se de forma brutal.

“No dia vinte cinco de dezembro, um travesti estava comemorando seu aniversário junto com outros colegas num bar do Calabar. Ficaram bebendo o dia inteiro, sorrindo, brincando e curtindo o seu dia. Quando estava voltando para terminar de festejar o seu aniversário em sua casa, um cara o parou e começou a falar: ‘compreenda-se seu descarado, vá colocar uma roupa de homem, você merece tomar uma surra de gato morto’. O travesti ficou ouvindo tudo calado; quando ele foi falar com o cara, este pegou uma garrafa e quebrou em seu rosto. O travesti ficou louco quando viu o seu rosto sangrando. O cara correu enquanto o travesti foi à procura da polícia. Como só tinha um policial no módulo ele falou para o travesti que, naquele momento, não poderia fazer nada”.

Apesar da comunidade presenciar casos de violência contra o homossexual e desses episódios serem muito comentados pelos moradores, isso raramente os leva a uma mobilização no sentido da defesa das vítimas. Aqueles que se mobilizam mais tentam acolher as pessoas que sofreram violência, dando conselhos e incentivando para que estas dêem queixa na polícia. Porém, como vemos no relato anterior, mesmo a denúncia do crime para a polícia não garante a defesa do homossexual, sendo que, muitas vezes, a própria polícia age de maneira discriminatória também. Mais uma vez, a banalização desse tipo de episódio e a total falta de espaço para o diálogo, aprofundada pelo preconceito, parecem contribuir muito com esse tipo tão grave de violação de direitos.

VIOÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência contra a mulher no Calabar parece ser marcada, de acordo com a nossa observação, por uma característica muito peculiar: percebemos que os moradores fazem uma certa distinção entre tipos de mulher, o que faz com que alguns atos de violência sejam percebidos como normais e naturais quando praticados contra mulheres discriminadas, tidas como “largadas”. Esta diferenciação está centrada basicamente no comportamento que cada uma delas tem dentro da comunidade, principalmente no que diz respeito ao comportamento sexual e outros hábitos, como o uso de drogas. Um exemplo dessa violência contra mulheres foi o caso de uma garota que se relacionou sexualmente com vários parceiros ao mesmo tempo e, por isso, foi agredida fisicamente por alguns moradores.

As agressões sofridas pelas mulheres da comunidade são tanto físicas quanto verbais. Como exemplo de agressão verbal, pode-se citar o tratamento dado para algumas mulheres consideradas “fáceis” e que, ao não responderem à paquera,

são taxadas de “vagabundas”, recebem gritos, vaias e xingamentos.

No entanto, a maior parte dos casos de violência física contra a mulher aqui no bairro parece ser aquela cometida por seus próprios parceiros. A dificuldade que algumas mulheres têm em denunciar ou se afastar de seus agressores contribui para que moradores também banalizem esses crimes, como mostra o relato a seguir.

“Uma mulher estava tomando porrada de seu namorado e as pessoas olhavam e comentavam: ‘ela agüenta, todas as vezes quando ele bate nela, ela sempre volta para ele’. Com isso as pessoas nem se importavam com o que estava acontecendo, muito menos os homens, que não iriam se meter numa briga para levar porrada e depois a mulher que eles defenderam voltar para quem bateu nela.”

Algumas mulheres são pressionadas pelas pessoas próximas a não ficarem mais com o seu agressor. Esse tipo de apoio, às vezes, parece ser mais eficiente e eficaz do que recorrer à delegacia, devido ao respeito e à amizade da vítima com relação a essas pessoas próximas que se mostram indignadas com atitudes deste tipo. Ainda assim, é comum vermos mulheres que sofreram atos de violência permanecendo junto aos agressores. Percebemos que, quando isso acontece, deve-se, entre outras coisas, ao medo de represálias, à dependência econômica, à falta de apoio dos órgãos competentes ou de familiares e até mesmo à expectativa de que o ato de violência tenha sido algo isolado que não mais se repetirá, como nos casos de alcoolismo, uso de drogas ou de ciúmes do parceiro.

As agressões dentro de casa são ainda mais preocupantes, porque muitas são desconhecidas. Novamente, em todos estes casos de violência, o que mais chamou a atenção foi o fato de as pessoas da comunidade não se darem conta de que a maneira como elas naturalizam a violência pode estar permitindo que a mesma se perpetue.

VIOÊNCIA DOS POLICIAIS

Através das entrevistas, percebemos que há grande tensão na relação entre o policial e os moradores do Calabar. São muitos os relatos de moradores que destacam a violência policial, descrevendo situações em que se desrespeita a dignidade das pessoas em abordagens arbitrárias e agressivas, ou em invasões a domicílio sem mandato judicial. Um exemplo de atuação arbitrária dos policiais foi a forma como Ulisses, um dos observadores do projeto, foi tratado por integrantes da Polícia Militar.

“Estava vindo pela rua da graça. Tinha acabado de sair de um trabalho de decoração que estava fazendo por aquela redondeza. De repente, uma Ipanema da polícia parou do meu lado e os policiais saíram abordando-me de forma bruta, mandando encostar na parede. Assustei-me com a atuação deles, não entendia o que estava acontecendo. Como ele estava com a arma na mão, resolvi não questionar para que não acontecesse algo pior. Enquanto um me revistava, os outros dois me olhavam com a arma apontada. Fiquei muito assustado, imaginando o que poderia acontecer. Ao ser abordado por policiais nas



ruas, é de costume achar que a pessoa abordada deve ter feito algo de errado, pensa-se logo: 'deve ser ladrão'. Por minha sorte, alguém se manifestou gritando com sua voz grave e bem segura: 'solte o rapaz, por que o aborda de tal forma?'. Então o policial dirigiu-se ao senhor de cabelos grisalhos explicando-lhe o porquê da abordagem. Eu que estava de cá, na mão dos policiais, não consegui escutar qual a satisfação que o policial deu para o senhor, o que realmente me interessava saber. Em seguida o policial veio até mim, cumprimentou-me e pediu-me desculpas pela abordagem dizendo que eu não o levasse a mal. Bateu em meu ombro, entrou em seu carro e foi embora. Olhei para aquele senhor que continuava em sua janela agradecendo a ajuda dada com um gesto à distância, pois ainda estava desorientado com o que havia acontecido."

Vale destacar que esse episódio ocorreu fora das imediações da comunidade, em um bairro de classe média, e o policial só interrompeu a abordagem graças à intervenção de um morador. Em contrapartida, pela nossa experiência, quando uma situação semelhante acontece no Calabar e algum morador intervém, este é intimidado através de ameaças a qualquer tentativa de protesto ou de reação. O silêncio imposto aos moradores permite que as violações cometidas permaneçam impunes e jamais sejam denunciadas.

É realmente muito comum que jovens moradores da comunidade sejam parados por grupos de policiais que os consideram suspeitos. Nessas situações, são frequentes as agressões tanto verbais como físicas.

"Trabalhava no Shopping Barra, no Mister Sheik, como garçom. Saía às onze da noite e, como de costume, cortava o caminho pela roça da Sabina, uma comunidade próxima ao Calabar. No meio do caminho, fui abordado por três policiais: uns faróis bem fortes no meu rosto e uma voz mandando que eu encostasse. Logo de imediato, fui tirando minha carteira para mostrar meu crachá. Ao se aproximarem fui logo dizendo que era um cidadão e que estava vindo do meu trabalho; ele respondeu que não tinha me perguntado nada. Fui mostrar minha carteira para ele, que deu uma tapa na minha mão, fazendo a carteira cair e espalhando os documentos pelo chão. Imaginem vocês, era 25 de dezembro, em pleno Natal e ser abordado por policiais dessa forma. Ele me pediu para pegar os documentos. Recusei-me a pegar, dizendo que se eu abaixasse, ele chutaria meu rosto. Então ele ficou nervoso, puxando-me pela camisa, jogando-me brutalmente sobre o capô do carro, alegando que eu era muito ousado e que iria dar um passeio com ele para aprender boas maneiras. Foi aí que percebi a gravidade do problema. Tentei argumentar, mas aparentemente era impossível. Perguntei para ele porque estava fazendo aquilo comigo. Ele perguntou: 'mora onde?', respondi: 'Calabar'. Ele não me disse nada e foi logo abrindo a mala do carro. O meu desespero aumentava cada vez mais e minha esperança

foi por água abaixo. Se corresse eles atirariam e quem ouvisse os disparos não sairia para ver o que estava acontecendo, tentariam se proteger para não serem mais uma vítima. Foi quando o motorista do veículo saiu estendendo a sua mão com uma luva, apontando para os meus documentos com um ar muito negativo dizendo: 'pegue-os'. Como os dois outros policiais estavam ao lado da mala da viatura, fui pegar os meus documentos, e voltei até esse policial que era o motorista. Ele estendeu a sua mão, mais uma vez, mandando-me que a beijasse, dizendo: 'dê a bença a seu padrinho e corra!!!'."

Outra preocupação da população com relação à polícia são as situações em que se coloca em risco a vida de transeuntes durante a tentativa de prender algum suspeito em fuga. Certa vez, um policial acabou matando uma criança de seis anos que brincava próximo à sua casa, quando tentava acertar um criminoso que perseguia no "Pinga" (parte de trás do bairro situado na região do Camarão).

Ainda considerando que a violência policial foi o tema mais presente nas discussões do grupo, fizemos entrevistas com alguns policiais que atuam na redondeza da comunidade. Por meio dos relatos de moradores e de nossas próprias vivências, tínhamos uma visão do policial como alguém perverso e que se aproveitava gratuitamente do poder a ele conferido. Depois de conversar com alguns policiais sobre os abusos observados, percebemos que o problema da violência policial no bairro era bem mais complexo, pois envolve não apenas cada policial isoladamente, mas também a organização e a visão da própria corporação a que eles pertencem.

Entre as entrevistas realizadas com policiais, apresenta-se, a seguir, aquela que se mostrou mais representativa dentro de nossas observações, no sentido de explicitar a visão que a polícia tem em relação à sua própria atuação na comunidade.

O DESABAFO DO POLICIAL

"Trabalhei no jogo do bicho. A minha vida mudou quando entrei para a polícia. Entrei com 19 anos e pude ver que é aqui dentro que a gente vê o que é o amadurecimento de uma pessoa. Os policiais ganham muito pouco e ninguém nunca se preocupou com isso. Quando as pessoas entram na polícia militar, elas são reeducadas; aquelas coisas como a imposição da hierarquia, militarismo. Quando as pessoas entram na polícia acham que vão ter um amparo muito grande (regalias). A gente tem uma desilusão com as coisas pela própria realidade da instituição, que é muito carente; carente de preparo: os policiais deviam ter um conhecimento de direitos humanos, um preparo intelectual melhor.

A instituição é muito carente e nós somos discriminados demais, essas coisas revoltam muito, porque quando um policial faz alguma coisa errada todos levam a fama; passamos todos a ficar



mal vistos por conta disso. Se o policial pára em determinado lugar para comprar alguma coisa, as pessoas já te olham de cara feia.

Uma coisa que também acontece com a gente é o seguinte: a sociedade tem que exigir os direitos dela primeiro para depois cobrar, mas também tem que reconhecer os deveres. Uma sociedade que não exige os seus direitos não sabe cobrar, dificultando muito o nosso trabalho; a partir do momento em que o indivíduo não cumpre com os deveres ele não tem o direito de cobrar.”

Para o entrevistado, sua entrada na polícia foi extremamente importante para sua formação, mas, ao mesmo tempo, se mostrou insatisfeito em relação tanto às remunerações como à sua formação. Em 2001 a polícia baiana esteve em greve reivindicando reajustes e apontando para as disparidades salariais dentro da corporação. Para o policial, essas dificuldades repercutem negativamente na sua inserção na comunidade.

O relato do policial permite identificar uma contradição com os princípios dos Direitos Humanos, o que interfere diretamente no modo como a polícia atua no bairro. Para o policial, os Direitos Humanos são consequência de merecimento: só têm direitos aqueles que cumprem com os seus deveres como cidadãos e, consequentemente, uma pessoa que comete um crime estaria automaticamente destituída do seu direito de reivindicá-los. Nesse sentido, abusos cometidos contra possíveis criminosos não deveriam ser questionados, afinal por que defender aqueles que não cumpriram seus deveres? Essa postura é muito preocupante e, pelo que observamos, é o primeiro passo para que outros graves crimes sejam cometidos pela polícia contra os moradores. A afirmação de que se tratava de um suspeito passa a ser justificativa para o cometimento de várias violações de direitos.

Um outro ponto a ser observado é a condição a que o policial, no contexto de sua corporação, está sujeito. Para ele, mesmo tendo uma ação apropriada contra a violência, ele não estará livre de ter sua conduta difamada por conta dos seus colegas corruptos ou violentos.

“Você chega em determinado lugar, principalmente quando as pessoas são carentes e acontece um assalto. O assaltante foge, a gente vai atrás dele. Pergunta aos moradores para onde ele foi e eles não dizem o lugar certo: o cara vai para um lado e os moradores dizem que foi para outro, isso dificulta muito o nosso trabalho. Uma comunidade dessa faz questão de atrapalhar o nosso trabalho. Você está tentando fazer o certo e acaba sendo desmotivado por essas coisas que acontecem.”

Como vemos, o policial se queixa da falta de colaboração e respeito por parte da comunidade para com seus trabalhos, chegando a indicar que os moradores defendem os interesses dos criminosos. Pelos casos observados, percebemos que essa falta de colaboração está diretamente relacionada com as ações arbitrárias da polícia. Em algumas situações, somam-se a isso os laços de convivência e parentesco que ligam as pessoas da comunidade àqueles que são perseguidos pela polícia: muitos

desses homens que hoje são identificados como traficantes e ladrões nasceram e foram criados na comunidade e, de algum modo, ainda conseguem manter boas relações com ela. Isto tudo faz com que as pessoas não os denunciem, até porque ser “cagoete” (delator) não é algo bem visto no bairro. Teme-se inclusive represálias por parte das pessoas denunciadas, o que muitas vezes é sinônimo de risco de vida. Vejamos mais um trecho da entrevista com o policial.

“Se o problema é social, a comunidade é o ponto básico. Não é o indivíduo que vai mudar e sim um grupo de indivíduos. Para que o policial tenha uma boa conduta no relacionamento comunitário é preciso que a população colabore, porque tem situações em que o policial chega muito educado para tentar resolver o problema e quando a gente sai, o pessoal assobia como forma de gozação chamando-nos de otários. Então é uma situação muito complicada, é um paradoxo. Enquanto uma pessoa de classe média-alta só nos procura para reclamar de seus direitos, encontramos uma postura totalmente diferente quando a gente chega em determinado bairro que é muito violento. A gente já chega cabreiro, então, a gente não pode chegar numa boa demais, tem que chegar certo. É aquela estória, não é? Se você chegar muito bonzinho o pessoal lhe trata como otário. Você vai resolver qualquer tipo de situação, e se você chegar muito devagar, muito manso, o pessoal não respeita. É o que eu falo para você, é uma inversão de valores.”

O policial tenta justificar sua ação violenta a partir das diferenças de comportamento que diz constatar entre as pessoas de classes socioeconômicas diferentes. Baseado nisso, defende que, em determinados bairros, é preciso se chegar “certo”. Essa visão pré-concebida de que comunidades de classe baixa são violentas acaba desconsiderando as diferentes posturas que existem dentro do bairro e confirma a opção por uma postura mais dura e por vezes discriminatória na atuação do policial. Na maior parte de seu relato, ele acabou localizando o foco do problema da violência exclusivamente na comunidade, descartando discutir a importância da violência policial no agravamento do problema.

De modo geral, percebemos que, na maioria das vezes, os policiais e os moradores do Calabar não dialogam e, portanto, ambos cultivam preconceitos que mantêm sempre um clima de hostilidade. Uma alternativa na quebra desse “círculo vicioso” é pensar estratégias de aproximação que possibilitem uma melhor comunicação, visando uma convivência mais harmoniosa. Além disso, é preciso que se denunciem e apurem os casos de violações de direitos cometidos por policiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atuamos na área social, com a qual, aparentemente, poucas pessoas se preocupam. A única forma de nos sentirmos mais presentes na sociedade é contribuindo para a melhoria do convívio social dentro do Calabar. Para tanto, consideramos viável a promoção de palestras, debates ou a abertura de campos de



discussões, em que sejam levantadas questões relacionadas à violência, em que a própria comunidade se sinta implicada e dialogue sobre esse grave problema. É importante promover ações que favoreçam o encontro entre os jovens, fazendo com que eles interajam, criando uma maior sensibilidade para discutir seu cotidiano em seus aspectos positivos e negativos. Um exemplo concreto nesse sentido é um projeto que já acontece, criado pelos jovens do bairro, que buscam, através da música, discutir questões relevantes da comunidade.

A criação de um dispositivo comunitário que, com a colaboração da associação de moradores, receba denúncias e as

encaminhe para as instituições competentes pela sua apuração e punição também parece uma alternativa para diminuir a impunidade de certos casos. Uma outra iniciativa interessante seria a criação de um espaço de discussão periódico que permita que a comunidade e os policiais dialoguem e se aproximem, buscando em conjunto soluções para o problema da violência.

Fazemos o trabalho social por uma razão maior, apesar de estarmos atuando num lugar pequeno. Nosso trabalho começou e agora cresce, germina, nasce da terra, se aprofunda na terra e retorna à superfície. Somos iguais, conservando nossas diferenças. Um homem não pode subestimar o outro. Temos que viver unidos.

VIOLÊNCIA

Poderíamos dizer que a violência é uma forma social de ser, um modo de representação de vontades, de interesses de indivíduos e grupos sociais. Não estamos equivocados em fazer essa afirmativa, mas precisamos ir além dessa constatação simplista se quisermos falar de violência com propriedade. A violência assassina milhares de pessoas, sobretudo jovens na faixa etária de 15 a 29 anos.

A violência se expressa de modo variado: em primeiro plano, as classes sociais; em segundo, a sua forma de comunicação. Pois um mesmo ato, digamos, comum ou corriqueiro, ecoa diferentemente se as personagens envolvidas forem de distintas classes sociais. A morte de uma pessoa rica ou famosa sempre desperta interesse, pois é como se não devesse morrer, já que tem possibilidades de realização do que deseja, que tem validade social; no outro pólo, uma pessoa pobre e descentralizada, isto é, moradora dos arredores, da periferia, para quem a vida é uma dificuldade imensa, essa pessoa é vista como mais uma e, mesmo, uma “inútil” ou desnecessária: não vai fazer falta!

É a forma como o fato social se dá que comove ou entedia, mesmo em se tratando de assassinatos. E este é o caso que podemos ilustrar com a morte de uma garotinha – e aqui vale, de fato, o diminutivo – na brutalidade do estupro premeditado de uma menina de oito anos, por três jovens que a classificação do senso comum denominaria de “marmanjos”; mas também morte de um jovem casal de classe média e influente, numa tarde e numa praia deserta, cuja cena remete à interrupção de um idílio, a uma invasão do paraíso e ao absurdo; a morte da outra jovem, jornalista, espanta pela crueldade, pela brutalidade e pela figura indefesa nas mãos de três homens estranhos e grotescos por dois dias seguidos, desaparecida de seu mundo e vivendo um outro, constituído de pesadelos intermináveis, até o desfecho final, um tiro na cabeça.

Além desses registros, poderíamos falar de tantos outros, das mortes cotidianas na realidade fragmentada de cada um de nós. São jovens, na madrugada, arrancados de suas casas, às vistas de mães e irmãos, às vezes também dos pais, por homens brutais, encapuzados e mortos a tiros; esses sons que explodem, são antes precedidos de preces, de pedidos de misericórdia, do desespero diante da morte. Morrem com pouca idade, adolescentes e jovens adultos. São centenas por mês, são milhares em dois ou três anos.

Medo, angústia, consumição. Sentimentos de impotência, revolta, indignação. O mundo pelo avesso do crime e do castigo. A violência corrói as pessoas, aniquila valores, brutaliza o ser humano e o desumaniza. Violência legal (polícia, presídios, escolas) e violência marginal: estupro, assalto, furto e roubo, linchamento, assassinatos. Justiceiros, exterminadores, cidadão comuns, jovens, sobretudo jovens: morrem e matam.

A violência desvaloriza a vida e a vida na sociedade violenta é violentada a cada instante. O medo destrói a paz, a convivência, a sociabilidade. A violência é anti-social, mas é socialmente construída e, por isso mesmo, pode ser socialmente controlada e mesmo abolida. A sociedade da Paz se faz com a não violência e, sendo assim, é preciso humanizar a polícia, os presídios, as escolas, as ruas e praças, mas também as festas, a vizinhança e a própria família. É preciso humanizar o Estado para que a nação brasileira não seja madrasta dos brasileiros como tem sido, em lugar da “mãe gentil” que deveria ser.

Ontem, 28/10/02, um jovem de 17 anos, na sala de aula, atirou e matou duas jovens de 15 anos. São ricos e a escola é renomada. Este fato mostra a violência de ricos, e o estardalhaço oculta as mortes do dia a dia, por assassinato, dos pobres. O Brasil violento violenta os brasileiros: invade domicílios, seqüestra e mata. Vida: frustração, medo, consumição e morte cotidiana.

Gey Espinheira

Doutor em sociologia; professor do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia e pesquisador associado ao CRH/UFBA.



BAHIA

ILHA DE ITAPARICA



Quem Somos?

RAILDA SILVA PEREIRA

Oi!

Meu nome é Railda Silva Pereira, tenho 21 anos, sou morena, cabelos enrolados, tenho os olhos castanhos escuros, peso 42 kg e minha altura é 1.50 m. Moro na Ilha de Itaparica, no centro, na rua Santo Antônio Calmon, com meus pais, minhas duas irmãs e meu sobrinho. Sou solteira, não tenho namorado, nem filhos. Torço para o Vitória, mas não sou fanática por futebol. O que mais gosto de fazer é ir à praia e passear com minha irmã e minhas amigas. Sou carinhosa, mas, no temperamento, sou impaciente, principalmente em algumas situações em que gosto de resolver tudo de imediato.

Em 2001, me formei professora do Ensino Fundamental que era um de meus sonhos. Eu gostava da escola onde estudava, pois víamos a preocupação dos professores e da direção em relação à aprendizagem dos alunos. O que quero agora é fazer um cursinho, depois ir para faculdade e me formar em Psicologia.

Minha infância, foi maravilhosa, pois pude curtir pra valer, junto com minhas irmãs e amigas. Brincávamos de desfiles, casinha, corda etc. Quando eu tinha uns dez anos, aconteceu um fato que me marcou muito: meu tio, que era meu padrinho, faleceu. Eu fiquei muito triste porque pensava que as pessoas que amávamos não morriam.

A minha família é composta por 6 pessoas, eu, meu pai, minha mãe, minha avó e minhas duas irmãs. Meu pai se chama Raimundo Arcanjo Pereira, nasceu em Ponta Grossa-Vera Cruz, mas depois veio morar em Itaparica com seus pais por causa das dificuldades. Ele não teve oportunidade de estudar, pois precisava ajudar meu avô, mas sempre foi muito esforçado e trabalhou como pedreiro, marceneiro, pescador, além dos festejos culturais da Ilha, nos quais encenava um capitão do mato. Também participou de um filme e hoje trabalha na Prefeitura de Itaparica como vigilante.

Minha mãe se chama Eurides Silva Pereira, também nasceu em Ponta Grossa-Vera Cruz e, quando tinha 2 anos, veio morar em Itaparica com minha tia, a quem hoje eu chamo de avó e ela de mãe. Na casa da minha avó, minha mãe teve a oportunidade de estudar, mas só até a 2ª série do 1º grau, depois, ela precisou parar para ajudar em casa. Sempre foi trabalhadora, fez curso de corte e costura, crochê, bordado, máquina industrial, trabalhou como cozinheira em vários lugares e, hoje, trabalha na Ilha de Carapituba, que é uma ilha particular localizada próximo à Ilha de Itaparica, como cozinheira.

Minhas irmãs se chamam Regina e a outra Raquel. Regina tem 20 anos, está no 2º ano do 2º grau e tem um filho de 2 anos que se chama Ricardo. Ela, no momento, não está trabalhando. Raquel tem 17 anos, está no 3º ano do 2º grau, está fazendo cursinho pré-vestibular e também não trabalha.

Como eu já havia falado, sou formada como professora, mas no momento não estou trabalhando. Já tive a oportunidade de ficar um tempo fazendo estágio na Coelba, mas eu não passei no teste e por isso sai, mas durante o tempo em que fiquei lá aprendi muito.

Sobre o projeto, o meu objetivo é que possamos conscientizar as pessoas sobre seus direitos e deveres. Eu nunca participei de nenhuma associação, até porque, no meu bairro mesmo não temos nenhuma e quando queríamos reivindicar alguma coisa fazíamos abaixo-assinado e mandávamos para as autoridades.

No meu bairro, não existe violência, é raro quando acontece alguma briga, mas nada grave. A limpeza acontece todos os dias, menos em minha rua, que não é asfaltada, mas cada morador varre sua porta. No bairro não existe posto de saúde, temos que ir para um bairro vizinho. Temos iluminação pública, mas mesmo assim ainda precisa melhorar.

MAURÍCIO JOSÉ S. MACHADO

Me chamo Maurício José S. Machado, tenho 21 anos, moro na Av. Beira Mar, no distrito de Porto Santo, no município de Itaparica. Sou uma pessoa que vive muito o presente, procurando curtir o máximo possível da vida. Gosto de estar sempre com amigos, indo às festas, à praia e praticando esportes. Apesar de meus pais serem evangélicos, não tenho uma religião definida, pois acredito que Deus é um só e, por isso procuro conhecer todas as religiões, mas não me prendo a nenhuma.

Estudei no colégio Jutahy Magalhães, onde concluí o ensino médio no ano de 2001. O período que passei na escola foi um dos melhores momentos da minha vida, pois lá aprendi várias coisas e conheci as pessoas que hoje são meus melhores amigos. O que mais gostava na escola era a dedicação de al-

guns professores que faziam com que os alunos aprendessem da melhor forma possível.

Comecei a trabalhar ainda pequeno, ajudando meu pai em um comércio perto da praia. Passado um tempo, meu pai saiu e eu fiquei responsável, junto com meus irmãos, pelo comércio, que acabou pouco tempo depois devido à concorrência. Pelo fato de morar em um local onde a oferta de emprego é muito pequena, sempre procurei aprender de tudo um pouco para ter uma melhor opção de trabalho. Já trabalhei como pedreiro, pintor e garçom, sempre contribuindo na renda familiar.

Sou filho de Eurides Maria S. Machado e Bernardino Gomes Machado, ambos nascidos em Santa Inês, interior da Bahia. Lá eles



se conheceram e por ter uma vida difícil e ter que trabalhar, pararam de estudar ainda no primário. Logo tiveram o primeiro filho, Márcio, e vieram para Salvador à procura de melhores condições de vida. Por terem amigos e parentes na cidade, conseguiram emprego e alugaram uma casa. Pouco tempo depois, vieram mais dois filhos gêmeos, Marcos Antônio e Antônio Marcos, que morreu com poucos meses de vida devido a problemas de saúde. Dois anos após a segunda gravidez, minha mãe fica grávida de mim. Nessa época, ela recebe um convite de um amigo da família para passar alguns dias na Ilha de Itaparica. Ao chegar lá, meus pais ficaram encantados com a paisagem e a tranquilidade, resolveram prolongar mais a estadia na ilha e acabaram se mudando para cá, onde estamos até hoje.

Atualmente, meu pai trabalha como caseiro e minha mãe, como revendedora de cosméticos. Meus dois irmãos (Marcos e Márcio) também trabalham e ajudam no sustento da família.

Na comunidade onde resido, a realidade é bem diferente de outras cidades. O índice de violência é bastante baixo, assim como a taxa de mortalidade. Mas, apesar disso, a comunidade enfrenta diversos problemas, devido à falta de investimento nas áreas de saúde, educação e, principalmente, formação profissional.

Tenho um objetivo na vida que é me especializar na profissão de marinho. Já concluí um curso de marinho auxiliar e, com isso, fiz um estágio em uma empresa de transporte marítimo. Agora pretendo me capacitar na área náutica para que venha a ser um bom profissional no futuro.

JORGE DA SILVA SANTOS

Meu nome é Jorge da Silva Santos, sou estudante e curso o 3º ano do ensino médio. Gosto muito da escola onde estudo, a João Ubaldo Ribeiro. É uma escola nova, com apenas seis anos de existência, bem estruturada, com uma boa coordenação, ótimos professores e uma boa direção. O único problema é que a escola não fica perto da minha casa, é preciso pegar um transporte para chegar até a escola, pois moro no município de Vera Cruz, no bairro de Gameleira, e a escola fica no município de Itaparica.

Atualmente, não estou empregado com carteira assinada, mas trabalho como autônomo, às vezes como motorista, outras como pintor. Já trabalhei como motorista por 5 anos com carteira assinada e gosto muito da profissão.

O meu pai nasceu no estado de Sergipe, estudou até a 5ª série e trabalha como mestre de obra e pintor. Minha mãe nasceu em Itaparica-Ba, estudou até a 4ª série do 1º grau e é cozinheira e doceira. Eles se conheceram, por ironia do destino, em uma firma em que estavam trabalhando, começaram a namorar e casaram.

Eu participo de duas associações comunitárias que realizam trabalhos sociais nas comunidades, oferecendo cursos profissionalizantes e desenvolvendo outras atividades, como palestras que tentam resgatar a auto-estima de jovens usuários de substâncias psicoativas. Uma delas é a Associação de Empreendedores Sociais, que foi fundada há quase um ano e visa trabalhar em parceria com outras entidades, a outra é a Associação de Moradores de Gameleira, que existe há 5 anos. Além dessas duas, há no meu bairro também a Associação Clube de Mães, que foi fundada há pouco tempo.

Eu gosto sempre de ir à igreja evangélica da qual faço parte e nas reuniões da entidade, da qual sou líder de rua e secretário. Estou sempre acompanhado por minha esposa e vou sempre bem trajado.

O que mais gosto em meu bairro é o esforço de parte da população em lutar e acreditar que juntos poderemos mudar a realidade do nosso país. O que menos gosto é a falta de iniciativa e motivação da maior parte da população para buscar os seus objetivos, ao invés de se conformar com tudo.

JOSILENE SANTOS OLIVEIRA

Meu nome é Josilene Santos Oliveira, tenho 23 anos, nasci em Santo Antônio de Jesus, Bahia, mas há nove anos resido no município de Itaparica, na comunidade de Manguinhos, na rua Campo s/n. Trabalho como agente comunitária de saúde há dois anos, sou formada em magistério, mas nunca lecionei, talvez pelo fato de nunca ter tido oportunidade. Em compensação, adoro o trabalho que estou fazendo, pois tenho uma afinidade muito grande com o trabalho comunitário.

Tenho dois filhos, Marcus Vinícius, de três anos, e Maize, de dois anos. Meu pai é de Santo Amaro-Bahia, tem 72 anos, estudou até a 2ª série do ensino fundamental, sempre trabalhou como motorista de máquinas no DERBA e, atualmente, está aposentado. Minha mãe é de Andaraí (próximo a Chapada Diamantina- Bahia), tem 56 anos, estudou até a 5ª série do ensino fundamental, nunca trabalhou, sempre foi dona de casa.

Em minha casa moramos eu, meus dois filhos, minha sobrinha, meu sobrinho, meu irmão e meus pais. Tenho certeza que meus filhos sofrem com a ausência do pai, mas nós tentamos minimizar o sofrimento deles, procurando manter um relacionamento legal entre nós. Eu ajudo meu pai nas despesas da casa. Meus irmãos mais velhos moram em Santo Antônio de Jesus e cada um tem a sua família e não têm condições de ajudar meus pais financeiramente.

Há dois anos, faço parte da Associação de Agentes Comunitários de Saúde de Itaparica e da Associação de Empreendedores Sociais. Estou há quatro meses coordenando o projeto Escola de Artes, aqui mesmo no município, na comunidade do Mocambo, onde beneficiamos adolescentes de 12 a 16 anos que estejam frequentando a escola. Temos a missão de oportunizar a esses adolescentes uma educação integral para motivar sua permanência na escola e resgatar sua auto-estima.



Os participantes do projeto se reúnem todos os sábados e realizam atividades artesanais como brincos, pulseiras, colares de miçangas, confecção de vasos de barro decorados com búzios e miçangas etc.

Além dessas atividades na comunidade, estou fazendo um curso de auxiliar de enfermagem em Salvador, pois pretendo ser uma ótima profissional na área de saúde. Apesar das dificuldades e do desgaste, acho que vou conseguir, porque penso que para se ter algo temos que nos sacrificar.

Atualmente, o único tempo livre que tenho é aos domingos, quando vou à praia com minha amiga Maira, aqui mesmo na comunidade, ou fico em casa lendo, assistindo TV ou ouvindo som.

Meu objetivo nesse projeto do Observatório de Direitos Humanos é crescer, desempenhar e multiplicar meus conhecimentos, minhas forças para junto com a comunidade mudar nossa realidade local de forma unida e legal.

ÂNGELA JESUS DE SOUZA

Oi! Você não me conhece, mas vou me apresentar e contar um pouco a história da minha vida. Eu me chamo Ângela Jesus de Souza, tenho 19 anos e nasci em Mar Grande, município de Vera Cruz, Ilha de Itaparica. Moro no bairro do Riachinho que também fica em Mar Grande.

Sou filha de pais separados e atualmente moro com a minha mãe. Meus pais se separaram quando eu tinha 10 anos, porque a minha mãe nunca gostou do meu pai. Minha mãe se casou aos dezessete anos, forçada pela minha avó materna. No início, quando eles se separaram, eu fiquei na dúvida de com quem ficar. Pensei em ficar com meu pai, só que ele queria me levar para longe de minha mãe; foi aí que vi que ela é tudo pra mim e decidi ficar com ela. Minhas irmãs sempre quiseram ficar com a minha mãe, pois elas não eram tão apegadas a meu pai como eu e o meu irmão era muito pequeno. Minha mãe veio morar no Riachinho, que é um bairro próximo, e o meu pai continuou morando na Gamboa, lugar onde passei a minha infância. Depois da separação, minha mãe resolveu trabalhar como empregada doméstica, já que ela não conseguiu terminar o 2º grau. O meu pai continua trabalhando numa loja de móveis e eletrodomésticos na qual está há mais de 25 anos.

Eu sou estudante e estou no último ano do 2º grau. Estudo num colégio estadual há cinco anos e meio, gosto muito do colégio. Nós promovemos uma gincana cujo principal objetivo era arrecadar alimentos, roupas e brinquedos para as crianças mais carentes, além disso, está em andamento um projeto de conscientização sobre as drogas, cujo foco principal são os jovens. Graças a Deus, tudo têm dado certo. Tenho duas irmãs, uma de 17 anos e uma de 15 anos, que estudam no mesmo colégio que eu, e um irmão de 12 anos que estuda na escola da OAF, que fica na Gamboa.

Há dois anos atrás, eu trabalhei numa barraca de sorvete para um tio e, hoje, quem trabalha lá é minha irmã de 17 anos (Patrícia) e a minha prima de 15 anos (Diana). Parei de trabalhar na barraca porque tomava muito meu tempo, eu não tinha tempo pra nada, nem para almoçar e acabei ficando doente. Em julho do ano passado, iniciei um estágio de seis meses numa casa de materiais de construção, onde aprendi muito, principalmente a lidar com as pessoas, além de ter feito amizades com os funcionários. Enquanto trabalhava, ajudava minha mãe nas despesas da casa.

Tenho muitos amigos, só que não tenho tempo de ficar com eles, nem mesmo com os do colégio, porque eu faço parte da comissão de formatura e tenho que organizar eventos para arrecadar verba para a cerimônia e para a festa. Mas sempre que eu posso, aos domingos, procuro ficar com eles.

Eu participava da associação de moradores da rua onde moro, que é a rua do Campo Formoso. Atualmente, eu me afastei um pouco, mas procuro estar sempre por dentro do que está acontecendo e sempre que posso frequento as reuniões. Eu me envolvi com a associação porque achei o seu projeto de melhoria da rua interessante e, principalmente, pelas atividades que seriam realizadas com as crianças, com a participação dos jovens. O trabalho de melhoria também é muito bom, pois aqui a rua está precisando ser asfaltada, também estão trabalhando na coleta do lixo, mobilizando todos os moradores, principalmente as crianças.

Gosto do lugar onde vivo, apesar de não ter uma boa infraestrutura. Tenho como objetivo de vida terminar o 2º grau e fazer faculdade de Psicologia, Serviço Social ou ingressar na Marinha.



Onde estamos?

O nome "Itaparica" é de origem tupi-guarani e significa "cerca de pedras". O nome foi dado pelos índios que habitavam a ilha e faz referência ao fato dela ser cercada por recifes de pedras.

Recentemente a Ilha de Itaparica foi dividida em dois municípios: Itaparica e Vera Cruz, sendo este último seis vezes maior do que o primeiro. A COMAB (Companhia de Navegação Marítima) situa-se entre os dois municípios e é um das principais responsáveis pelo transporte entre a Ilha e a cidade de Salvador, bem como do transporte turístico da ilha. Cercados de mar e recifes, o município de Itaparica tem 28 km de praias, enquanto que Vera Cruz possui 40 km, tendo esta maior fluxo de turistas.

Neste texto, vamos nos deter na descrição de três comunidades: Gameleira, que fica próximo a COMAB, Gamboa, que é um bairro do distrito de Mar Grande, ambas no município de Vera Cruz, e Manguinhos, que está localizada na via beira-mar (orla próxima a COMAB), no município de Itaparica.

A Gameleira é uma localidade situada na divisa entre os dois municípios. Possui esse nome devido à existência, no passado, de grande número de gameleiras, árvores consideradas sagradas no candomblé, também conhecidas como "pé de louco". Os adeptos do candomblé realizam seus rituais de limpeza ou despacho à beira dessas árvores que, por isso mesmo, devem emanar uma energia muito forte que poderá ser positiva ou negativa.

Muitas pessoas profetizaram que a Gameleira nunca iria para frente porque seu nome era originado de uma planta que não dava frutos. No entanto, pode-se dizer que, apesar da Gameleira ter fama de ser uma comunidade violenta, muitos valores vem surgindo na arte, cultura, na música e na educação. Graças aos trabalhos feitos pelas igrejas (católica e evangélicas) e por algumas entidades, o quadro vem sendo modificado.

Gameleira surgiu a partir de uma fazenda, onde atualmente encontra-se o condomínio Enseada do Sol, que teve como proprietários um grupo de belgas. Daí a população foi crescendo, chegando a mais de três mil habitantes. Atualmente, a comunidade tem suas ruas todas pavimentadas, as casas são todas de tijolos e há várias casas comerciais, que contribuíram para o desenvolvimento do bairro. A infraestrutura é quase perfeita, pois temos luz elétrica, água encanada, rede de esgoto, telefones fixos em quase todas as casas, telefones públicos em cada rua e coleta de lixo todos os dias, pelas manhãs.

Não temos transporte coletivo, mas temos um sistema de transporte alternativo (Kombi). Também não há hospitais públicos, nem particulares em Gameleira, mas existe um que fica próximo, na sede do município Mar Grande. Além disso, temos dois postos de saúde com um bom atendimento e um posto policial na rua principal, que fica mais tempo fechado do que aberto. Existem também cinco escolas, sendo que quatro são públicas. Há ainda um projeto educacional que estimula os jovens desistentes a voltarem a estudar.

Há festas populares e shows de música e teatro, que são promovidos pelos vereadores e comerciantes, bem como praças, biblioteca e associações (duas de moradores e o Clube de Mães). Há várias religiões como a evangélica, a católica e algumas seitas como o candomblé e centros espíritas.

Os principais problemas de Gameleira são o desemprego, a gravidez precoce e o alcoolismo.

Iremos agora falar um pouco da **Gamboa**. A comunidade só começou a se desenvolver depois da emancipação da Ilha e de sua divisão em dois municípios. Antes disso, moravam na região apenas duas famílias que viviam em pequenos sítios, distantes um dos outros, e dependiam da pesca e do cultivo de frutas e verduras. Hoje, pode-se dizer que a Gamboa tem uma boa infraestrutura, tendo a maioria das ruas pavimentadas, um posto médico, onde se tem atendimento odontológico, dermatologista, pediatra e clínico geral, e um posto policial, onde pelo menos dois policiais ficam de plantão vinte e quatro horas por dia. Novas ruas e praças têm sido criadas, recebendo o nome dos moradores mais antigos.

Além disso, há rede de esgoto, feita pela Bahia Azul, telefones públicos em quase todas as ruas e como áreas de lazer temos a praia, um campo de futebol, que é de barro, e duas praças. Existem cinco escolas, mas suas estruturas físicas estão em estado de degradação, com algumas de suas paredes rachadas e precisando de pintura nova etc. Existe também uma associação de moradores, que não tem



um trabalho ativo na comunidade, mas faz reivindicações diante da prefeitura e garante um sopão, que é oferecido todas as sextas-feiras para os mais carentes; e o Clube da Terceira Idade, que promove passeios, eventos e feiras anuais, quando são vendidos objetos confeccionados pelas associadas.

A Gamboa tem como principal fonte de renda a pesca, o comércio local e a venda de frutas cultivadas na região. A religião predominante é a católica, mas há um bom número de evangélicos e adeptos do candomblé. E, tal como em Gameleira, o sistema de transporte que conduz as pessoas da Gamboa para a COMAB e outros lugares da Ilha é alternativo, composto por Kombis, que tem seu fim de linha na comunidade.

Mas, há vários problemas na comunidade, como os jovens conhecendo o mundo da violência através de rixas com grupos de jovens de outras localidades, a gravidez precoce, o alcoolismo, que já domina boa parte da comunidade, e a criminalidade, que aos poucos vai tomando, com pessoas da mesma vizinhança roubando casas de conhecidos. Há um caso de uma pessoa que nasceu e se criou na comunidade, começou com pequenos roubos e acabou sendo morto no mesmo lugar onde nasceu.

MANGUINHOS

Manguinhos era uma fazenda de holandeses, onde os nativos eram empregados. Em determinado momento, os holandeses desistiram do negócio e voltaram para Holanda. Como forma de pagamento pelo trabalho, os empregados dividiram a fazenda entre si, começaram a arrendar as terras e, assim, foi crescendo e se formando a comunidade.

Manguinhos fica a cerca de três quilômetros do centro de Itaparica, mas não é parecido com o resto da Ilha. É um distrito pequeno, com aproximadamente 600 habitantes, que tem apenas a rua principal calçada, as casas são feitas de bloco e também de massapê. Possui uma paisagem muito bela, de frente para o mar. À noite dá pra ver Salvador toda iluminada, é lindo!

A pesca e o comércio de frutas típicas é a ocupação da maioria dos moradores. O comércio é pequeno, com apenas um mercadinho e alguns bares.

A infra-estrutura é bastante precária, pois só existe luz elétrica e água encanada em algumas poucas ruas, há poucos telefones fixos e públicos, as três escolas públicas existentes apresentam vários problemas e a coleta de lixo é insuficiente para a necessidade do bairro. Além disso, praticamente não há transporte coletivo, somente dois ônibus fazem linha no distrito e, por isso, a população aderiu ao transporte alternativo feito por Kombis. Temos um posto médico onde funciona também um posto odontológico, com atendimento gratuito, mas insuficiente para as necessidades da comunidade. Não temos hospitais e o mais próximo fica em Itaparica. Também não tem posto policial, delegacia, fórum e só há ronda policial quando tem festa.

Há alguns meses, a OAF (Organização de Auxílio Fraternal) vem realizando cursos aqui, que estão sendo um incentivo muito grande para o desenvolvimento da comunidade.

As principais áreas de lazer são a praia e um campo de futebol de barro. Em algumas épocas do ano, os moradores se reúnem para organizar festas religiosas junto à prefeitura. Temos cinco centros religiosos que são igrejas católicas, evangélicas e terreiro de candomblé; a religião que predomina é o candomblé.

Os principais problemas do bairro são a violência, as drogas e o desemprego que atinge, principalmente, os jovens. O que mais apreciamos aqui em Manguinhos é a preocupação que as pessoas têm umas com as outras, importando-se sempre com o que está acontecendo, pois são pessoas hospitaleiras, com “coração de mãe” onde cabe todo mundo.

Percebe-se também que é uma comunidade praticamente esquecida pelas autoridades locais, mas, os moradores vão seguindo em frente com a esperança de que um dia vão mudar esse quadro.

Esta é a descrição das nossas comunidades. Apesar de seus problemas, adoramos morar na Ilha de Itaparica.



Nossos Parceiros

ASSOCIAÇÃO CLUBE DE MÃES

O Clube de Mães da Ilha de Itaparica foi fundado em julho de 1998, por moradores da comunidade de Gameleira, município de Vera Cruz e adjacências. Tem por objetivo a promoção de atividades comunitárias, recreativas, sociais e culturais.

A entidade promove palestras de conscientização dos jovens sobre drogas e doenças sexualmente transmissíveis. Também promove discussões sobre os direitos da mulher e seu papel diante da sociedade em que vive, com o intuito de resgatar e fortalecer a auto-estima do público feminino.

Além disso, organiza grupos de discussão sobre cidadania; promove atividades que visam resgatar a cultura local, realizando cursos de teatro, música, dança e artesanato, etc; organiza feiras populares, cujo lucro é revertido para projetos da comunidade; e viabiliza, através de parcerias, cursos supletivos e de pré-vestibular, considerada uma iniciativa pioneira na comunidade da ilha.

Assim que foi criado, o Clube de Mães tinha como público alvo a comunidade de Gameleira. A partir do momento que foi se estruturando, ampliou o número de projetos e estendeu suas atividades à comunidade da Ilha, de um modo geral.

O projeto "Rede de Observatórios de Direitos Humanos" vem corresponder aos anseios do Clube de Mães, na medida em que este se interessa e trabalha pela conscientização da população acerca dos seus direitos. Sem a conscientização acerca dos direitos humanos, torna-se mais difícil a articulação da comunidade em prol do seu próprio desenvolvimento. Esse projeto oportuniza aos jovens participarem da reflexão sobre a realidade em que vivem, sendo essa uma das necessidades e expectativas da nossa associação: implicar o jovem como agente de transformação. Parcerias como essa podem contribuir no desenvolvimento dessas atividades.

Nelita Dória dos Santos
Presidente do Clube de Mães

Iniciativa Positiva

ESCOLA DE ARTES

A Escola de Artes foi um projeto elaborado a partir do curso Empreendedores Sociais promovido pelo Centro Nacional de Formação Comunitária em parceria com a Organização de Auxílio Fraterno. Teve como um dos objetivos capacitar 30 jovens como líderes comunitários. Esses jovens foram divididos em 05 grupos para que cada um desenvolvesse projetos comunitários.

O grupo da comunidade de Itaparica está desenvolvendo o projeto Escola de Artes, que beneficia 15 jovens com idade de 12 a 16 anos da comunidade do Mocambo, localizada no município de Itaparica. O pré-requisito para participarem do projeto consiste em estarem freqüentando a escola. Essa atividade terá continuidade com a formação de um novo grupo de jovens da comunidade de Alto Santo Antônio.

O projeto tem como missão oportunizar a educação integral aos adolescentes, buscando resgatar sua auto-estima e a motivação para a permanência na escola. Eles se reúnem todos os sábados para fazer atividades artesanais como: confecção de brincos, pulseiras e colares de miçangas; confecção de vasos e espelhos com búzios, miçangas e objetos com crochê, usando objetos recicláveis.

O acesso fácil à matéria-prima e o fato de a venda de artesanato poder auxiliar na renda familiar, devido ao grande fluxo de turistas que visitam a região, justificam a realização deste projeto, que se propõe ainda a oferecer uma melhor orientação nesse ramo, para que os jovens tenham novas experiências profissionais.



Ilha de Itaparica e o Direito à Educação

Nas discussões internas ao grupo sentimos que aqui, na Ilha de Itaparica, muitos jovens acabam sendo desmotivados em relação aos estudos, dedicando-se ao comércio ambulante e a outras atividades econômicas. Muitos deles preocupam-se apenas em concluir o segundo grau, sem levar em consideração a qualidade do ensino. Dessa forma, resumem sua formação ao recebimento de um certificado, seja para conseguir um emprego seja apenas para dizer que “é formado”.

Percebemos que devido a falhas no processo educativo, jovens moradores da Ilha não são aprovados quando disputam uma vaga de emprego. Por exemplo, no recente processo seletivo da Companhia de Transporte Marítimo da Bahia (Comab), alguns jovens da Ilha não passaram no teste que avaliava conhecimentos de Português e Matemática, perdendo a vaga para pessoas que não residiam no local e apresentavam melhor aproveitamento.

A partir da nossa própria experiência nas escolas, observamos que ultimamente, com a criação dos cursos de aceleração, muitos alunos fazem parte de classes desse tipo, mesmo sem apresentar idade avançada ou alto índice de repetência, concluindo o segundo grau em apenas dois anos, em vez dos três anos previstos.

Todos esses questionamentos nos levaram a concentrar a discussão no tema do Direito à Educação, especificamente sobre a qualidade da formação oferecida pelas escolas aos jovens da nossa comunidade. Nesse sentido, registramos as experiências que conhecíamos e entrevistamos alunos, professores e diretores das principais escolas da Ilha de Itaparica, buscando informações sobre a capacitação e a presença dos professores, as metodologias usadas nos cursos e os motivos do desinteresse dos alunos.

O QUE OBSERVAMOS?

*A educação é a ferramenta para
você descobrir o seu lugar no mundo.*

André Forastieri

Partimos do pressuposto que pensar na qualidade do ensino significa pensar em uma escola envolvente e aberta, em professores que mostrem o mundo aos alunos de uma forma divertida, que os levem a explorar as coisas que estão ao seu redor. Desse modo, a escola passaria a ser um espaço de socialização, onde não se aprendem apenas os conceitos de Matemática ou Português, mas principalmente a questionar e a pensar.

Nossa observação baseou-se na realidade da escola pública, onde estudam e estudaram a maior parte dos jovens moradores da Ilha de Itaparica. Existem três escolas públicas de ensino médio na Ilha: a escola Júlio Virgílio, que está localizada no município de Vera Cruz, e as escolas estaduais João Ubaldo Ribeiro e Jutahy Magalhães, que pertencem ao município de Itaparica. Boa parte dos alunos que residem no município de Vera Cruz estuda em Itaparica, que fica a uma distância de aproximadamente 15 km de Mar Grande e a 40 km de Cacha Pregos, um dos distritos mais distantes. O transporte escolar é gratuito, mas, segundo alguns alunos entrevistados, não oferece

boa qualidade e sofre com a superlotação.

DIFICULDADES ACUMULADAS

As dificuldades no envolvimento e na qualidade do aprendizado não se devem exclusivamente a problemas em cursos determinados. Observou-se em entrevistas realizadas com professores que grande parte das dificuldades se inicia por problemas vividos no ensino fundamental. Segundo os entrevistados, com o acúmulo de deficiências na primeira etapa de formação escolar, é preciso retomar conteúdos não programados comprometendo a realização de atividades diferenciadas.

O principal problema apontado pelos entrevistados é a má qualidade da alfabetização, pois muitos alunos estão em séries avançadas sem apresentar capacidade de leitura e escrita adequada. Vejamos dois depoimentos:

“Como exemplo de uma má-alfabetização, num certo ano tive que ensinar um grupo da 2ª série, que não sabia ler nada, nem fazer seus nomes, então tive que alfabetizá-los e atrasar os assuntos da 2ª série.” (professora do ensino fundamental)

“Eu particularmente acho que as atividades educativas devem fazer com que os alunos se expressem sobre os temas que são dados, por isso procuro trabalhar com atividades variadas como poemas, músicas, vídeos, recortes de jornais abordando os acontecimentos atuais, entre outras, fazendo um intercâmbio com a literatura e as artes, auxiliando as teorias. Entretanto, encontramos várias dificuldades devido à falta de base dos alunos e, com isso, falta habilidade com a leitura e a interpretação, que são essenciais para que se possa entender com mais facilidade os conteúdos.” (professora de Sociologia)

Segundo os relatos acima, as dificuldades com a interpretação de textos não apenas obrigam os professores a iniciarem o processo de alfabetização em momentos posteriores ao originalmente previsto, como também dificultam a realização de atividades mais variadas e interessantes nos cursos do próprio ensino médio. Isso resulta no atraso dos conteúdos propostos inicialmente, que muitas vezes nem chegam a ser dados.

METODOLOGIAS DE ENSINO

A metodologia de ensino é o instrumento que liga o aluno e o professor, e pode facilitar ou não o aprendizado dos conteúdos ensinados, dependendo do tipo de interação e da dinâmica trazidas para a aula. Pelo que observamos, a metodologia empregada em certas escolas da Ilha parece ter uma interferência bastante negativa nas já acentuadas dificuldades de aprendizado. Notamos que muitas escolas empregam métodos anti-



gos, alguns deles banidos há muito tempo por serem brutais e antipedagógicos.

A resistência ou a incapacidade das escolas em alterar seus procedimentos parece colaborar com o afastamento de alguns alunos que acompanham passivamente as atividades, seja por se desinteressarem pelos cursos seja por não conseguirem acompanhar o processo pedagógico.

PALMATÓRIA

A partir de alguns relatos, descobrimos que há aproximadamente dez anos, em uma das escolas de ensino fundamental, o método da palmatória ainda era amplamente utilizado para “auxiliar” no aprendizado dos alunos. De acordo com um depoimento, quando os alunos não sabiam responder às perguntas feitas pela professora na sala de aula, eram levados até a diretoria e lá tomavam palmadas na mão ou nas nádegas até acertarem a resposta. Segundo o jovem, esse método levava os alunos a decorarem os assuntos para não errar, provocando uma reação de medo que provocava o esquecimento do que tinham estudado e, em certos casos, afastava o aluno da escola. Vejamos o relato:

“Vi de perto o castigo da palmatória quando estudava na 2ª série do ensino fundamental. E vi muitos colegas apanharem porque tinham esquecido a lição ou a tabuada. Eles até que estudavam em casa, quer dizer, eles decoravam tudo mas, diante do medo de errar, acabava “dando branco”, esqueciam tudo. Isso me marcou muito, pois vejo que muitos colegas que estudaram comigo nessa época nem concluíram o ensino fundamental, muitos pararam após a 4ª série e outros, que seguiram, acabaram repetindo de ano com frequência, o que os levou até a desistir de estudar.” (relato de observador)

QUADRO E GIZ

A metodologia tradicional do *quadro e giz* parece ser uma das mais usadas pelos professores em sala de aula no ensino médio, restando ao aluno copiar o assunto no caderno e estudar para a prova por ele mesmo. Muitas vezes, a única atividade dos alunos em sala é copiar os assuntos do quadro.

Alunos entrevistados disseram que ficavam cansados de tanto copiar e, mesmo quando os professores passavam a explicar a matéria, alguns ainda a estavam copiando: “*Ou você chupa cana, ou você assobia*”. Outros não prestam atenção, saem da sala, desmotivados com a metodologia utilizada.

“As aulas acabam se tornando chatas, pois o professor fica escrevendo os assuntos no quadro e os alunos copiando. Os alunos não têm livros para estudar e o assunto dado no quadro é bastante resumido. São poucos os professores que tentam tornar as aulas mais dinâmicas. Alguns professores chegam na sala de aula, dão os assuntos e quando os alunos perguntam, eles acabam sempre deixando para explicar o assunto na aula seguinte.” (aluno do 3º ano do ensino médio)

Segundo um dos professores entrevistados, o predomínio da metodologia do “*quadro e giz*” se deve à carência de material de apoio, ou mesmo ao desconhecimento de outros recursos por parte do professor.

“A falta de métodos e de equipamentos para ensinar dificulta a aprendizagem, pois os recursos trazem motivação para o aluno em sala de aula.” (professor de Português)

FAZENDO DIFERENTE

Apesar das dificuldades destacadas, alguns alunos e professores também sugeriram iniciativas, muitas vezes bastante simples, que despertaram grande interesse de todos. Geralmente essas atividades passavam pelo resgate das experiências que os alunos têm fora da escola, abriam espaço para maior interação entre todos os presentes na sala de aula.

“O meu professor José Fernando passou um trabalho de equipe para toda a turma. A minha equipe ficou responsável em falar sobre o caule. Fizemos uma ótima apresentação, todos participaram, o professor fazia algumas perguntas e os alunos respondiam, houve a integração de todos. Foi uma aula divertida, em que todos aprenderam e isso foi muito positivo para mim e, acredito, para todos os meus colegas também.” (aluna do ensino médio)

“Uma experiência positiva que tive foi o passeio para Lençóis, promovido pelo colégio, onde aprendemos muito conhecendo uma cultura diferente. Hoje estamos trabalhando em sala de aula tudo o que aprendemos lá. Usamos o material recolhido e comparamos o tipo de vegetação e o clima de Lençóis com os da ilha de Itaparica.” (aluna do ensino médio)

Através das entrevistas, percebemos que, para os alunos, uma boa aula não dependeria somente dos materiais usados em sala, mas sim da capacidade que o professor tem de aproximar o sentido desse conteúdo com a experiência cotidiana de cada um. Além disso, a divisão das responsabilidades entre os colegas e o espaço para formas diferentes de expressão abrem caminho para que o aluno se envolva mais com os temas. Finalmente, outro ponto destacado, foram as atividades que levam os alunos para fora do espaço da sala de aula ou mesmo para fora da comunidade, principalmente as visitas em grupo como a descrita no segundo depoimento.

Os professores que desenvolveram atividades como as destacadas pelos alunos também confirmam que a metodologia e a abordagem do conteúdo são mais eficientes quando fundadas nas experiências vividas pelos jovens:

“Faço teste de sondagem para ver a necessidade da turma, e procuro fazer meu projeto de aula baseado nessas necessidades, com atividades referentes à Ilha e à Baía de Todos os Santos, além de explorar os acontecimentos



atuais como, por exemplo, os conflitos no Oriente Médio. Acredito que o nível do aprendizado é elevado quando o aluno se sente motivado, quando cria uma expectativa em relação ao conteúdo e passa a acreditar nele mesmo. Acho que para o aluno ter um bom aprendizado, ele necessita de algo diversificado, com linguagens que facilitem a sua comunicação, e muitas atividades extra-classe. Um bom exemplo dessas atividades foi um passeio com um grupo de alunos em idade avançada para visitar clubes e o museu geológico; essas atividades melhoraram o rendimento escolar dos alunos.” (professor de Geografia)

“Debates relacionando o cotidiano e pesquisas fora da escola são alguns tipos de atividades educativas que estimulam a participação dos alunos, pois auxiliam no seu aprendizado e a aula se torna mais dinâmica, mais divertida.” (professor de Biologia)

“Existem algumas atividades que incentivam a participação dos alunos e auxiliam no seu aprendizado, como, por exemplo, seminários, que os leva a pesquisar e os deixa ocupados o tempo todo. Essas atividades têm sido realizadas por muitos professores, é uma atividade provocativa..” (professor de Português)

Mesmo que os esforços desses professores sejam muito positivos, de modo geral a forma como a escola está estruturada parece privilegiar os métodos tradicionais de ensino, em que o papel do professor se resume em ser um mero transmissor de informações. Um modelo como este leva, muitas vezes, o professor a agir como líder autoritário, que se preocupa em dar o conteúdo sem se certificar se o aluno está envolvido. O predomínio desse formato mais tradicional de aula acaba fortalecendo uma posição muito passiva e desinteressada dos alunos.

A QUALIFICAÇÃO DOS PROFESSORES

Outro problema que identificamos é o da contratação de professores despreparados para atuar em sala de aula. Alguns alunos reclamaram da falta de preparo de seus professores, não só por carecerem de didática na condução de suas aulas, como pelo fato de não terem conhecimento da disciplina pela qual se responsabilizam:

“Na minha opinião, a qualificação dos professores varia, pois há alguns professores que são qualificados, que sabem o conteúdo e ensinam bem, mas há também aqueles que não têm paciência de ensinar e tampouco de explicar o assunto que não foi entendido pelo aluno. Tenho um professor capacitado para ensinar uma disciplina mas ensina outra, que não tem nada a ver, e isso é muito ruim porque acaba prejudicando os alunos, que têm dificuldade para aprender a matéria que lhes é ensinada.” (aluno do 1º ano do ensino médio)

“Conheço alguns professores não qualificados que estão ensinando, e acho uma irresponsabilidade da escola e também da Secretaria de Educação, pois quando a escola precisa de professores é a Secretaria quem manda. Como é que a diretora vai saber se o professor é qualificado ou não? A Secretaria deveria ter instrumentos que garantissem a avaliação para saber se o professor está realmente capacitado para ensinar.” (aluna do ensino médio)

“Aqui temos todos os professores capacitados em nível superior, muitos bem qualificados para dar aula, mas alguns deles, apesar de serem capacitados, não têm o ‘dom’ de passar os seus conhecimentos para os alunos, que eu vejo como falta de afinidade com a profissão ou até mesmo falta de amor pelo que faz. Acredito que isso seja a pior coisa para a escola, porque o que vai ficar para os alunos se este professor não passa os conhecimentos necessários? Nesse caso, a escola fica, mas o aluno passa sem aprender.” (aluno do 3º ano do ensino médio)

Sem os professores correspondentes, algumas disciplinas têm seu programa alterado ou não são oferecidas. Nesses casos, mesmo que o professor tenha habilidade didática, sua in experiência no tema influi negativamente no curso. A má-qualificação de alguns professores é um ponto que traz consequências, não só para os alunos que se sentem prejudicados com o baixo rendimento das aulas, mas também para outros professores, porque esta questão se reverbera na sua própria prática, tendo em vista a relação interdisciplinar dos conteúdos dados. Vejamos o que pensa uma professora:

“Outro problema é a Secretaria de Educação, que muitas vezes não contrata professores concursados, contratando profissionais que não são da área para ocupar o lugar que deveria ser de professores qualificados. Com esses profissionais, os alunos têm um prejuízo muito grande, pois o aprendizado é virtual, prejudicando também outras disciplinas, já que é necessário que o aluno tenha o conhecimento básico de certas disciplinas para poder avançar (por exemplo, o aluno jamais terá um bom rendimento em física se não tiver os conhecimentos básicos de matemática).” (professora de Sociologia)

Entrevistamos duas diretoras sobre as dificuldades que enfrentavam e a preparação dos professores para a condução dos cursos. Uma delas afirmou que em sua escola o desempenho dos alunos já é muito bom. A segunda afirmou que os professores eram qualificados, atribuindo as dificuldades percebidas à falta de estímulos dos alunos:

“O colégio dispõe de professores competentes para todas as disciplinas, capacitados com ensino superior, mas às vezes ficam desestimulados por causa da falta de motivação dos alunos.” (diretora de escola)



FALTAS DE PROFESSORES

A partir das entrevistas e dos relatos, notamos que a falta dos professores é talvez o problema mais recorrente no ensino público. A maioria dos alunos que entrevistamos se queixou muito da imprevisibilidade da presença de determinados professores em sala de aula. Para os alunos que se deslocam por muito tempo para ir até a escola ou para aqueles que trabalham durante o dia, as faltas são extremamente desmotivantes:

“Há professores que faltam à aula sem justa causa, e nós ficamos sem saber se vai ter aula ou não. Viemos de lugares distantes em busca de um melhor ensino e, quando chegamos ao colégio, descobrimos que não vai ter aula porque o professor não apareceu.” (aluno do ensino médio)

“Existem também alguns professores que faltam muito às aulas, o que eu acho uma falta de responsabilidade com o aluno, principalmente com os alunos da noite, que chegam muitas vezes cansados porque trabalham durante o dia, e descobrem que o professor não vem e, quando vem, atropela alguns assuntos dificultando assim o nosso aprendizado.” (aluno do ensino médio)

De acordo com outros alunos entrevistados, as faltas são tão frequentes que em alguns casos obrigam o curso ser bastante reduzido. Segundo eles essa situação estimularia os alunos a faltarem também:

“Temos alguns professores que faltam muito às aulas, o que eu vejo como falta de compromisso com a educação, pois os conteúdos acabam sendo dados superficialmente ou até mesmo pela metade e isso acarreta um baixo rendimento desses alunos em relação a outras escolas. Além disso, leva-os a faltarem às aulas também, pois ficam com uma perspectiva de que o professor não vai para a aula seguinte. Tudo isso contribui para que fiquem despreparados para um futuro próximo.” (aluno do ensino médio)

“Tem professores que faltam muito e isso é um absurdo porque quando faltam nem mesmo dizem qual o motivo da sua falta, mas se o aluno faltar tem que dar explicações, comunicar, então por que o professor não pode fazer o mesmo? Tenho um professor de matemática que faltava muito e não dava explicações para suas faltas, acabava passando muitos trabalhos para os alunos fazerem e não explicava os conteúdos. Quando chegava no final do ano os alunos passavam sem saber a matéria.” (aluno do ensino médio)

“Muitos professores faltam à aula, e acho isso uma falta de consideração com os alunos. Quando eles retomam as aulas, já chegam

pegando pesado ou exigindo aquilo que não ensinaram, e com isso os alunos ficam desmotivados e com dificuldade para aprender. Temos uma professora que ficou três semanas sem dar aula e agora quer fazer a terceira e a quarta unidades juntas com o assunto que é da terceira, porque não vai dar tempo de explicar todos. Isso é muito ruim e muito chato para nossa turma, pois teremos que resumir duas unidades em uma só e não vamos aprender quase nada. Se já não aprendemos muito quando ela dá todos os assuntos, imagine agora que é menos da metade deles!” (aluna do ensino médio)

O tom das respostas destacadas acima indica a indignação de alguns alunos com o descaso de alguns professores. Como aponta a última entrevistada, se o curso já enfrenta dificuldades quando segue a programação normal, com a ausência constante de alguns professores muitos conteúdos são abandonados. Além disso, os alunos apontam que a falta sem qualquer justificativa dos professores faz com que percam sua legitimidade para cobrar a presença e o envolvimento da turma.

Infelizmente, de modo geral, essa falta de compromisso apenas agrava o desânimo e o desinteresse da maioria dos alunos. Nesses casos, a aula passa a ser uma situação em que o professor parece fingir que ensina e o aluno, fingir que aprende.

Outro jovem destacou ainda que alguns professores chegam a ir à escola, mas lecionam somente parte das aulas que deveriam:

“Além de não ter professores, os que têm não vão todos os dias existem aqueles que não gostam de dar aula, ou seja, “dão o cheiro”, enrolam os alunos dizendo que estão cansados por serem pais ou mães de família e estudarem à noite. Por exemplo, eu conheço um professor que tem três aulas por dia no período noturno, duas vezes por semana, e quando ele vai dar aula passa um texto e manda os alunos resolverem as questões em casa, deixando duas aulas vagas. Isso acontece frequentemente.” (?????)

Alguns professores entrevistados parecem partilhar da mesma opinião dos alunos sobre esse descompromisso e as possíveis consequências que as faltas podem gerar nos alunos. Veja-mos seus relatos:

“Com relação aos professores que faltam muito às aulas, eu conheço alguns e acho isso uma falta de compromisso com aquilo que fazem. Acho que não há desculpa quando o professor falta muito, a não ser por doença ou por causa do transporte, no caso dos professores que não moram aqui na Ilha, mas não constantemente como o fazem. A consequência dessas faltas é o atropelo dos conteúdos a serem dados, que acabam sendo resumidos pelo professor e os alunos não aprendem quase nada. Um professor que falta muito não deveria nem ensinar, pois



tem de ter amor e responsabilidade pelo que faz.” (professor de Biologia)

“Neste colégio, assim como em outros da Ilha, existem alguns professores que faltam às aulas e prejudicam de certa maneira os alunos, porque perdem conteúdos que são atropelados e não são dados novamente, além de acostamá-los também a ficar sem aula.” (professora de Sociologia)

Segundo alguns professores, outra dificuldade que contribui para o distanciamento dos professores é a baixa remuneração oferecida, por esse motivo muitos professores acabam tendo de trabalhar em outros empregos, fazendo jornada dupla, ou até tripla, ficando assim sem tempo para estudar e se preparar para suas aulas.

Um aspecto que chamou muito a atenção: segundo os professores, algumas dessas faltas eram decorrentes da sua participação em cursos de capacitação promovidos pela própria Secretaria Estadual de Educação. Ao mesmo tempo em que tais capacitações correspondem a uma demanda da escola, pois requalificam alguns professores, elas ocorrem no período de aula e apenas reforçam o grave problema da ausência de professores.

Em uma escola a alternativa encontrada para preservar as aulas foi a realização da capacitação aos sábados:

“Em nossa escola, um projeto de capacitação para professores, com o intuito de modernizar sua forma de ensino com novas técnicas e conhecimentos, para que possa diminuir a evasão escolar, está sendo desenvolvido aos sábados, não interferindo na carga horária de aula, diferentemente de outros impostos pela Secretaria de Educação no período letivo, obrigando o professor a se afastar da escola e prejudicando os alunos. Eles até deixam atividades para os alunos fazerem em sua ausência, mas dificilmente eles as fazem sem o professor em sala de aula.” (professor de Geografia)

Ainda com relação à Secretaria Estadual de Educação, percebemos que há exigências para que ela exerça maior fiscalização na qualidade e na periodicidade das aulas, além de contratar profissionais mais qualificados para as disciplinas oferecidas. Entretanto, a função de avaliar a qualidade de ensino, de registrar e garantir a presença do professor em sala de aula não deve ser apenas da Secretaria de Educação, e sim de toda a escola, através dos diretores, professores, funcionários e alunos.

INICIATIVAS POSITIVAS

A partir de nossas observações, das idas e vindas nas escolas, ficamos satisfeitos com muitas iniciativas na área da educação, algumas delas bastante inovadoras, como a implantação da rádio escolar/comunitária JUBA na escola João Ubaldo Ribeiro. A rádio tem como um dos objetivos aproximar a comunidade e o aluno da realidade escolar, além de ser um espaço educativo e cultural. O mais interessante é que todos os integrantes dessa rádio são alunos capacitados para cada função exigida. Nas programações são incluídos os temas vividos pelos jovens como: sexualidade, drogas, relação com o professor, além de músicas, informações, entrevistas e debates.

A rádio é um instrumento educativo para todos: alunos, professores e funcionários. A iniciativa contribui muito para o aprendizado e se mantém atrativa, pois utiliza recursos variados. Entretanto, nem todos valorizam a rádio como um instrumento em potencial para o ensino e nem usufruem desse espaço para realizar suas atividades, como podemos perceber no relato a seguir:

“Uma experiência negativa que presenciei aqui na escola foi a de um determinado professor que comunicou aos alunos que dava todo apoio para que eles fizessem um abaixo-assinado para tirar a nossa rádio escolar, porque ele achava que o barulho atrapalhava sua aula. Não é essa a atitude de um educador; ele deveria incentivar novas formas para auxiliar na educação, além de ter mais responsabilidades com o que fala porque a rádio não só faz barulho, mas também traz benefícios, como informação, reflexão, cultura, comunicação e muito mais.” (aluno do ensino médio)

Outra iniciativa importante, por parte de alguns alunos, trata-se da formação de grêmios estudantis, permitindo a ampliação da participação ativa dos jovens nas decisões da escola. Consolidado, o grêmio pode contribuir muito na criação de novas atividades, aproximando os alunos. Apesar de ser um direito, são raras as escolas que têm grêmios ativos. Um aluno afirmou estar tentando consolidar o grêmio de sua escola:

“Estamos tentando mudar essa realidade, pois eu e outros colegas estamos nos organizando para criar um grêmio estudantil para que possamos reivindicar da escola projetos extra-classe que motivem os alunos e despertem a sua curiosidade, além de aulas mais dinâmicas com conteúdos práticos e teóricos, em que os alunos se interessem e participem, pois aqui isso acontece muito pouco.” (relato de aluno do ensino médio)

Outro exemplo de iniciativa para atrair os alunos ao curso ocorreu na Escola Jutahy Magalhães, que inseriu no currículo escolar a disciplina Turismo, com o intuito de resgatar os jovens que estavam deixando a escola para trabalhar como guias turísticos na Ilha de Itaparica. Para muitos deles, o ensino parecia não garantir boas perspectivas de emprego, sendo assim destituído de significado. Segundo a escola, a disciplina fornece informações sobre a cultura local, os pontos turísticos e a história da Ilha de Itaparica, buscando capacitar esses jovens para o trabalho com o turismo.

Finalmente, uma outra iniciativa foi o Curso Pré-Vestibular, um projeto piloto realizado aqui na Ilha. Ainda não temos uma faculdade, mas o cursinho já está beneficiando os jovens de toda a comunidade que pretendem prestar o vestibular em cidades vizinhas. Esse curso busca fazer uma revisão dos assuntos dados nos ensinos médio e fundamental. Os alunos têm notado que estão adquirindo muitos conhecimentos pela primeira vez, reforçando a idéia apresentada por eles de que o ensino oferecido na Ilha não os capacita para concorrer a uma vaga na faculdade.

A existência desse curso está motivando e resgatando a auto-estima desses alunos, fazendo com que se sintam capazes



de continuar os seus estudos em busca de melhor qualidade de vida e de novas oportunidades. Alguns dos jovens que fazem cursinho já conseguiram aprovação no vestibular.

O QUE ESPERAMOS?

Achamos que um ensino que motive os alunos, que seja mais participativo e que leve em consideração a sua realidade torna a educação muito significativa para os jovens, porque preenche de significados mais concretos o conteúdo discutido. Por isso, esperamos que as iniciativas interessantes já realizadas, tanto por alunos como por alguns professores, possam ser multiplicadas. Nesse sentido, é preciso que se aperfeiçoe a formação dos professores e que se incentivem as iniciativas diferenciadas voltadas para envolver a classe.

Espaços como a rádio Juba têm dado oportunidade ao jovem de participar do seu próprio processo de aprendizagem, experimentando criar, se expressar e empreender discussões e reflexões acerca de temas que compõem o seu universo, seja como jovem seja como estudante ou como cidadão da Ilha. A inclusão da disciplina Turismo no currículo correspondeu à ne-

cessidade de alguns alunos, levando-se em consideração suas demandas, condições econômicas e características da comunidade em que vivem, visando trazer a escola para perto da comunidade e a comunidade para perto da escola.

Mas, nada disso terá sentido se não se consolidarem dispositivos que garantam a presença do professor em sala de aula. Com o professor qualificado e envolvido no trabalho pedagógico, certamente muitas das dificuldades dos alunos serão superadas. Se o papel de acompanhar a qualidade do ensino não se restringe à Secretaria de Educação, é preciso que se fortaleçam os elos entre a escola, os diversos atores que a compõem e a comunidade.

A relação comunidade–escola multiplica as perspectivas de atuação dos alunos, tornando o aprendizado mais próximo da sua realidade. Esperamos que os diferentes atores presentes na escola possam trabalhar em parceria, potencializando os resultados desse trabalho. Parcerias que passam pela participação de professores, alunos e comunidade nos conselhos escolares, a criação de grêmios estudantis e o efetivo envolvimento desses grupos na gestão e no desenvolvimento do trabalho da escola. A construção de uma escola de qualidade depende de todos.

ESCOLA, EDUCAÇÃO: DIREITO DE JOVENS?

No mundo de hoje, há um movimento permanente de ajustes e transformação institucionais, frente ao qual as instituições procuram sobreviver, enfrentando o dilema entre perpetuar-se ou desaparecer. Nessa conjuntura, a escola destaca-se como uma das poucas instituições que têm a missão claramente definida e inquestionável de formar o cidadão e assegurar que o conhecimento historicamente produzido, reconhecido e validado pela sociedade seja transmitido aos mais novos, possibilitando a inserção desses na vida social e produtiva e favorecendo a produção de novos conhecimentos. A escola ainda é um espaço privilegiado para que se experimentem e se desenvolvam as capacidades e para a formação de sujeitos autônomos e indivíduos solidários. Ela, portanto, não pode permitir-se ser desinteressante nem do ponto de vista do apelo visual, nem metodológico, muito menos do conteúdo. Pode menos ainda se deixar caracterizar como local de fracasso. As teorias do desenvolvimento humano hoje nos mostram de maneira irrefutável que esse se dá na interação e depende, fundamentalmente, da qualidade de relações. Portanto, o fracasso na escola significa que ela não foi capaz de criar boas situações educativas e que não proporcionou a oportunidade para interações significativas. A omissão ou a má administração da escola pública têm, portanto, um efeito perverso sobre os alunos, ao aumentar a distância social e acentuar as diferenças nas possibilidades de sucesso entre eles e os que freqüentam as escolas particulares. Nesse caso, a escola funciona como uma instituição legitimadora da ordem social injusta, fortemente marcada pela estratificação e pela exclusão. Para os jovens das classes populares, que venceram inúmeros obstáculos e enfrentaram todos os riscos inerentes à sua inserção social, isso significa uma usurpação do seu futuro. Significa mais ainda, a negação do direito de aprender preconizado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e estabelecido pela Constituição de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Nesse sentido é que a escola se constitui como avalista do direito de aprender da criança e do adolescente. Ela precisa ser cuidada e preservada e, ao mesmo tempo, exigida e cobrada para que ocupe de fato esse lugar.

Cresce a responsabilidade dos adultos. Quer sejam os responsáveis pela formulação de políticas públicas, quer estejam nas equipes que escrevem os currículos, quer estejam nas salas de aula ou dirigindo as escolas, cabe a eles a tarefa de garantir a possibilidade de acesso e permanência assegurando a coerência, a lógica, o sentido do trabalho escolar através do estudo criterioso e dedicado sobre a escolha das disciplinas, dos conteúdos, dos temas e dos recursos metodológicos a serem utilizados.

Se do ponto de vista gerencial, a escola pública não contribui para assegurar o direito das crianças e jovens à educação, também no domínio do pedagógico há obstáculos. Os professores sentem-se desgastados, criticados, cansados, mal-remunerados. As aulas muitas vezes, são monótonas, desinteressantes e não parecem ter significado para os jovens. O ensino médio não instrumentaliza para o ingresso em um mercado de trabalho cada vez mais exigente e excludente e tampouco possibilita ao aluno de escola pública entretanto a concorrência nos exames de ingresso ao 3º grau.

O professor precisa ser visto como artífice da função pedagógica, principal responsável pela criação e desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem e de vínculos estreitos entre todos os que partilham este ambiente, mesmo não estando no mesmo espaço, como é o caso da família.

É o terreno dos vínculos que oferece o sinal mais claro do respeito à dignidade, à autonomia e à inviolabilidade da pessoa. Infelizmente é aí que a escola pública no Brasil tem falhado mais.

A teia de relações existentes no ambiente escolar constitui-se uma vertente invisível nas discussões sobre a melhoria da qualidade da educação e sobre reformas no sistema de ensino. Falar em gestão, currículo, formação e remuneração de professores, instalações e equipamentos é abordar os itens que constam nas agendas oficiais. Mas como estão as relações na escola? Professor e aluno, aluno e aluno, direção e aluno, outros adultos e alunos, comunidade escolar e comunidade extra-escolar? A força com que se manifesta essa vertente exige que ela faça parte da pauta de discussão sobre o direito de aprender.

O substantivo apropriado para descrever as relações no ambiente escolar é desrespeito. Ele traduz a deterioração das relações nesse ambiente e convoca todos a uma reflexão urgente: a escola é a instituição que tem como missão, delegada pela sociedade, formar o cidadão com as competências e atributos necessários à convivência social. Mas, essa mesma instituição tem como característica predominante nas suas relações, o desrespeito. Há uma agenda oculta que preside as relações, ela se manifesta na “dupla moral”: os professores, diretores, técnicos e pessoal de apoio podem atrasar-se e nada lhes acontece, mas os alunos não podem entrar na escola e/ou sala se chegam atrasados; os professores faltam, mas se os alunos faltam são punidos; é proibido aos alunos fumar no ambiente escolar, mas os adultos fumam; esses são exemplos gritantes denunciados pelos jovens.

Outra palavra é preconceito, que na sua essência também significa desrespeito, mas pelo poder destruidor que traz, constitui-se em uma categoria isolada. A auto-estima, a disponibilidade para a aprendizagem e a noção de cidadania que os jovens têm são profundamente atingidas pelas manifestações de preconceito, mais ou menos explícitas, dos membros adultos da comunidade escolar, principalmente dos professores. O sentimento revelado é o de uma profunda rejeição, e a discriminação ocorre por muitas razões: pela origem social e/ou geográfica, pela etnia, até mesmo por duvidosas “questões estéticas”.

Os jovens precisam de professores que os escutem e valorizem. As relações de ensino e de aprendizagem possuem forte conotação emocional e os professores bem-sucedidos tem muitas maneiras de mostrar aos alunos que gostam de ensinar e, mais ainda, que gostam de ensinar a esses alunos. É necessário reafirmar que, se a escola é o lugar privilegiado da construção da cidadania, é preciso tratar todos que lá estão, em especial os alunos, desde os mais novos, como cidadãos plenos.

Uma nova ordenação das relações deve explicitar o respeito, a solidariedade e o companheirismo. Regras claras fixadas pelo diálogo e com compromisso de todos em cumpri-las. A postura democrática traduz, no sonho da escola desejada, todo o anseio dos jovens por:

- *diálogos abertos de todos na escola: direção, professores, alunos, pais, funcionários, um processo de responsabilidade compartilhada em que a escola “cuida bem” do seu aluno;*
- *necessidade de troca de experiências com colegas de outras escolas, portas abertas ao conhecimento de outras realidades, outras visões de mundo.*

Recado para os educadores

O que se deseja para a escola, os professores e o ensino não parece novidade e é de uma simplicidade cristalina. O que se deseja, ao analisar a escola e ela, é propor que os alunos sejam escutados contínua e atentamente. É preciso escutar com a convicção de que o que eles dizem é importante e vale a pena ser ouvido. Mais ainda, com a convicção de que as vozes de todos os alunos devem ser escutadas, e não apenas as daqueles que têm reconhecimento social e acadêmico.

São exatamente os alunos com maiores dificuldades de participar das atividades de ensino que têm mais possibilidade de apontar quais os aspectos do sistema escolar que dificultam ou impedem o compromisso e o progresso. É quase certo que essas vozes, as mais importantes a serem ouvidas, são as que menos recebem atenção.

Escutá-las pode fazer uma diferença nas propostas e nos resultados de mudanças e reformas na educação. É preciso acreditar que a maioria dos jovens é capaz de comprometer-se com o estudo, enquanto está na escola, e que será capaz de continuar aprendendo.

É preciso vigiar permanentemente para que a escola seja, de todo, um lugar de realização do direito à educação.

Maria Thereza Oliva Marcilio de Souza

é mestre em Educação e membro da Avante-Qualidade, Educação e Vida – ONG.



BAHIA

SUBÚRBIO FERROVIÁRIO



Quem Somos?

JAQUELINE MACHADO DOS SANTOS

Oi, sou Jaqueline, tenho 20 anos, nasci em Salvador-BA no dia 20 de julho de 1981 e moro no bairro Alto da Santa Terezinha. Sou alegre, gosto de estar com os amigos, passear, dar boas risadas e estudar. Concluí o ensino médio em 1999, tendo sido boa aluna, apesar de ter começado a trabalhar no 2º ano do ensino médio. Estagiei no Banco Baneb pelo Programa Menor Aprendiz, das Voluntárias Sociais da Bahia, no ano de 1998 até completar a maioridade.

Quando completei a maioridade, fiquei no banco por mais 4 meses como estagiária do Departamento Financeiro da Direção Geral, até concluir o ensino médio. Foi meu primeiro trabalho e tenho muitas saudades dos velhos tempos de estagiária, dos amigos que lá deixei, tanto que, sempre quando posso vou visitá-los.

Depois fiquei desempregada. Neste tempo entreguei vários currículos em empresas e agências, mas não fui chamada. Participei também do Concurso para Agente Comunitária de Saúde. Passei e fiquei como suplente. Fiz cursos para desenvolver trabalhos na comunidade, tais como o de empreendedor social, em que, no final, tínhamos que elaborar um projeto a ser desenvolvido nas diversas comunidades. A turma era composta por vários jovens do subúrbio e foi aí que comecei a gostar mais do trabalho comunitário. No curso de voluntariado, aprendi mais sobre o trabalho voluntário que me ajuda bastante a continuar meu trabalho no Curso Pré-Vestibular aqui na comunidade, onde também existem alguns professores voluntários. Fiz ainda os cursos de Meio Ambiente e Gestão Social.

Atualmente, trabalho com meu irmão Leandro em uma pequena loja como recepcionista. Trabalho informalmente sem nenhum contrato formal, carteira assinada, fundo de garantia etc. Eu acho prejudicial trabalhar assim, sem nenhum vínculo empregatício, mas continuo lá por que gosto do que faço. De qualquer modo, meu irmão diz que vai assinar minha carteira, espero que esse dia não demore.

À tarde, faço parte do Observatório de Direitos Humanos e estou gostando de conhecer mais a comunidade da qual faço parte. À noite, participo do curso pré vestibular alternativo que citei acima, ajudo na coordenação do curso e também sou aluna. Penso em prestar vestibular para comunicação social para ampliar meus trabalhos na comunidade, ou administração, para ampliar meus conhecimentos na loja. Além disso, na comunidade sou catequista, ajudo as crianças em sua formação na vida cristã, e coordeno a pastoral catequética na paróquia.

Minha mãe nasceu em Feira de Santana, interior da Bahia, no bairro de Magalhães. Não tendo muita oportunidade de estudar, cursou apenas até a 4ª série. Veio para Salvador com 26 anos para morar com sua irmã, Maria, no loteamento Jardim Praia Grande, hoje bairro do Rio Sena. Logo depois, conheceu meu pai, casou-se e foi morar no Alto da Terezinha, onde vive até hoje. Painho nasceu em Santo Amaro da Purificação, também interior da Bahia. Veio a falecer no dia 07/08/2000 com 67 anos, minha mãe tinha 53 anos, oito filhos e um de criação.

Marines é a mais velha, casada e com duas filhas, Lorena e Deise Vitória. Marijane é casada, tem uma filha, Railane, e trabalha na comunidade como agente comunitária de saúde. Leandro comprou e inaugurou recentemente uma pequena loja na qual trabalha. Bárbara é casada e tem Bianca, Jemerson e Bruna. Elídio também tem dois filhos, Andrei e Pâmela, trabalha na mesma loja que eu e mora ainda com minha mãe junto com sua esposa, Elba. Elaine trabalha como agente comunitária de saúde e mora conosco. Ilma estuda, está cursando o 2º ano do ensino médio. Jorge é o meu irmão de criação, na realidade, ele é irmão de minha mãe por parte de pai e afilhado dela. Esqueci de Douglas e Daiane que são filhos de Leandro e também moram aqui.

Bem, esta é a minha história.

TATIANE DAS VIRGENS DE JESUS

Me chamo Tatiane, sou soteropolitana, tenho 20 anos e moro no Subúrbio Ferroviário de Salvador, mais precisamente no bairro do Rio Sena. Concluí o 2º grau no ano de 2000 no Instituto de Educação Isaías Alves (ICEIA), onde fiz o curso de magistério que foi muito importante para o meu desenvolvimento como pessoa. Nos meus estágios, aprendi que as crianças têm muitas coisas a nos ensinar, como por exemplo, amar verdadeiramente, perdoar e sorrir mesmo no meio da turbulência que as cercam. Conquistei várias amizades, vivi num mundo de partilha, respeito, carinho e alegrias com as amigas de classe. Confesso que tive dificuldades, mas graças a Deus, a meus amigos e a minha família consegui concluir o 2º grau.

Falando em família, sou de uma família humilde e batalhadora. Minha mãe nasceu no interior da Bahia em Feira de Santana, começou a trabalhar com 6 anos de idade, ajudando na plantação e colheita de feijão, milho, mandioca etc. Aos 18 anos, veio para Salvador e trabalhou como doméstica durante quinze anos. Ela estudou até a quarta série e há 22 anos é dona de casa. Meu pai nasceu em Santo Amaro, interior da Bahia. Começou a trabalhar na sua infância ajudando o tio que o criava. Veio para Salvador com 16 anos e não teve a oportunidade de estudar, contudo, aprendeu a ler e escrever. Aprendeu a profissão de serralheiro e soldador e trabalhou numa empresa de embarcação de navios. Ele se aposentou por invalidez devido a uma cirurgia de úlcera. Ganhando



um salário mínimo, meu pai resolveu montar um pequeno comércio para complementar o sustento da família. Minha única irmã tem 22 anos, dá reforço escolar e não ajuda no sustento da casa porque não pode.

Moramos no bairro da Ribeira durante 3 anos, depois mudamos para o Rio Sena onde estamos há 17 anos. Uma das coisas que não gosto no bairro onde moro é a violação dos Direitos Humanos que se observa, por exemplo, no alto índice de violência, na inexistência de saneamento básico, de asfalto em todas as ruas, de ônibus e linhas de transporte eficientes, além da falta de associação de moradores, que permitiria reivindicar organizada e coletivamente os direitos da comunidade, da falta de saúde e emprego. Além disso, o individualismo e o preconceito religioso entre os moradores me incomoda porque não vejo essas atitudes como um bom caminho para o desenvolvimento do bairro. O que mais gosto é a quantidade de igrejas existentes, isso ajuda na amenização da violência e na diminuição do envolvimento dos jovens com as drogas. Não posso negar que apesar de tudo, a “tranquilidade” se faz presente para algumas pessoas, na maioria das vezes religiosas, e inclusive para mim.

No ano de 2001, tive duas experiências marcantes, uma positiva e outra negativa. Fiz o curso de empreendedor social em Periperi com aproximadamente 40 jovens, todos do Subúrbio. A partir desse curso, comecei a olhar o bairro com os olhos de alguém que é membro dele, que sozinho nada pode fazer, mas que pode ser um ponto de partida, de mobilização, de articulação para uma possível melhoria da situação.

No final do ano de 2001, depois de uma tentativa

desanimadora de colocar currículos em vários lugares (agências, empresas e lojas), enfrentando a discriminação estética e racial, consegui meu primeiro emprego, através de uma prima, como vendedora de roupas. Neste trabalho, tive a experiência frustrante de ser desvalorizada e desrespeitada. Após 15 dias, pedi demissão.

Não tenho nenhuma ligação muito próxima com a associação de bairro, mas participo da Paróquia Santa Terezinha Doutora da Igreja, na comunidade de Santo Antônio, uma das 11 comunidades pertencentes à Paróquia. Nela, sou catequista, crismanda e membro do grupo de música.

Costumo fazer diversas coisas no meu tempo livre, como ouvir músicas da igreja, MPB e romântica que são as minhas favoritas. Gosto de cantar, tocar violão, ir à praia, a lugares com verde e ao ar livre. Contudo, saio pouco porque os meus finais de semana são preenchidos com as atividades da igreja (ensaios do grupo de música, reuniões, encontros de jovens e missa). Sou alegre, divertida e comunicativa, e as qualidades que mais gosto em mim são a sinceridade, amistosidade, honestidade e humildade. Não gosto de pessoas preguiçosas ou que demonstram má vontade de prestar-me um favor.

Em relação à profissão, ainda tenho dúvidas entre Letras, Sociologia e Psicologia. De qualquer modo, tenho certeza que o que decidir será para o benefício de minha comunidade e para ajudar meus pais.

Com esse projeto, tenho o objetivo de observar e analisar as dificuldades do bairro onde moro e de ser futura multiplicadora do que aprendo e vivencio no Observatório de Direitos Humanos.

PRISCILA REIS DE OLIVEIRA

Olá observadores! Meu nome é Priscila, tenho 18 anos, nasci em Salvador no dia 28/10/1983 e através desta carta vocês ficarão sabendo um pouco da minha história.

Atualmente, moro no bairro da Ilha Amarela, um dos bairros que compõe o Subúrbio Ferroviário de Salvador. Sou uma pessoa extrovertida, estou sempre alegre e com um sorriso estampado no rosto, mas se alguém me “tira do sério”, eu, como dizem popularmente, “rodo a baiana”. Uma das minhas paixões é o teatro, já fiz alguns cursos, oficinas e participei de algumas montagens, como a de um drama espanhol, “Bodas de Sangue”, que foi a que mais me marcou.

Sempre gostei de estudar. Comecei aos 3 anos de idade, em uma escola particular, e, da primeira série do ensino fundamental até o final do ensino médio, só estudei em escolas públicas, este foi o caminho que percorri até chegar a Universidade Federal da Bahia. Atualmente, curso o 3º semestre de Letras Vernáculas, pretendo seguir carreira acadêmica e me especializar em literatura brasileira.

No que se refere a trabalho, já fui representante de vendas de um jornal e dei aulas de reforço escolar. No momento, estou dando aulas de literatura em um cursinho pré-vestibular alternativo que é voltado para pessoas negras e de baixa renda. Não ajudo efetivamente no sustento da casa, porque o que ganho utilizo para

pagar o transporte até a faculdade, tirar xerox entre outras coisas.

Meus pais nasceram em Salvador e já moraram em outras cidades da Bahia como Pojuca e Catú, quando eles já estavam casados, porque meu pai foi trabalhar nessas cidades. Minha mãe estudou até a 2ª série do ensino médio e já trabalhou como vendedora de calçados e recepcionista em uma clínica médica. Meu pai completou o ensino médio, já trabalhou na área de eletrônica, mas atualmente atua na área de segurança, algo que já faz há 14 anos. Tenho duas irmãs, uma de 15 anos, que está no 1º ano do ensino médio, e uma de 7 anos, que está na 2ª série do ensino fundamental.

Na minha comunidade, participo do grupo de jovens da igreja católica Nossa Senhora Aparecida, no qual sou uma das coordenadoras do grupo de teatro infantil e coordenadora geral de um projeto social que trabalha com oficinas de arte para 60 jovens de 14 a 24 anos. Nos momentos de lazer, gosto de ir ao teatro, cinema, praias e shows, geralmente com amigos ou familiares. Além disso, gosto de dançar forró e ficar em casa ouvindo música, principalmente Djavan.

Meus planos para o futuro são muitos, mas o que pretendo realizar assim que puder é elaborar um projeto de educação para adultos e, se Deus permitir, escrever vários livros, que é meu maior sonho.

ROSIMEIRE SILVA DA ANUNCIAÇÃO

Sou Rosimeire, mas prefiro que me chamem de Rosi ou Meire. Tenho 24 anos, há 18 anos moro em Periperi, um bairro do subúrbio ferroviário de Salvador, cidade na qual nasci. Há três anos, concluí o ensino médio sempre estudando em escola pública e depois de muitas dificuldades. Este ano, estou participando de um cursinho pré-vestibular alternativo, localizado em Escada, também um bairro do Subúrbio Ferroviário. Sempre gostei de estudar, deixar minhas coisas organizadas, aliás, organização é minha palavra “chave”. Sou comunicativa, simples, sincera, alegre e, às vezes, chata.

Nos três anos após a conclusão do ensino médio, não tive nenhum emprego fixo. Primeiro, durante um ano, trabalhei em casa dando reforço escolar ano, depois, por dois anos, trabalhei como atendente em postos de matrícula da rede pública de ensino (temporário).

Desde pequena moro com minha avó. Em 97, minha avó ficou doente, fomos morar com meus tios e estamos com eles até hoje. Meus pais moram em Simões Filho, uma cidade vizinha de Salvador e os dois trabalham como serventes em uma escola pública daqui. Meu pai é de uma cidade do interior da Bahia, já trabalhou na roça, foi cobrador de ônibus, vigilante e estudou até a 5ª série. Minha mãe é de uma cidade do Paraná, já trabalhou na roça, cuidava dos irmãos menores, trabalhou em casa de família e estudou até a 4ª série, os dois pararam de

estudar para ajudar no sustento da família. Meu pai veio para Salvador já adulto e minha mãe chegou aqui ainda pequena, com meus avós, em busca de melhores condições de vida. Tenho dois irmãos, uma irmã de 21 anos e um irmão de 9 anos. Ambos estudam e ainda dependem dos meus pais.

Participo da Comunidade Menino Jesus, que faz parte da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Aqui, organizo celebrações, encontros de jovens e missas, além de ser catequista. No meu tempo livre, gosto de ouvir músicas meditativas, religiosas e MPB, conversar com os amigos e, melhor ainda, não fazer nada. Adoro dança afro e gosto também de ir à praia e aos encontros da igreja (sejam eles encontros de jovens, shows, festivais de música e poesia ou reuniões).

Para o futuro, desejo entrar na universidade e cursar Letras, conseguir um emprego, ajudar meus pais financeiramente e consolidar ainda mais minhas atividades na comunidade.

Não considero o meu bairro como sendo tão violento, mas percebo que há violações em relação aos direitos humanos quando nos deparamos com a falta de segurança, moradias precárias, desemprego, educação de má qualidade, postos de saúde insuficientes, entre outras coisas. Mas durante e depois do projeto estaremos mais atentos, observando o que acontece ao nosso redor e tentando suscitar nos outros a indignação em busca de melhorias.

JONAS GRACILIANO DA SILVA

Meu nome é Jonas, tenho 25 anos, nasci em Campos Sales, no Ceará.

Com um ano de idade, tive um pequeno acidente. Como toda criança dessa idade eu era muito traquino, minha mãe saía para trabalhar e eu e meus irmãos ficávamos com nossa irmã. Em uma dessas ocasiões, minha irmã me colocou em uma cadeira e saiu. Fui tentar descer e o que consegui foi me esborrachar no chão, caindo por cima do braço esquerdo. Minha irmã cuidou de mim e me colocou para dormir para eu não ficar chorando, pois ela tinha medo de minha mãe descobrir e ela apanhar. Minha mãe chegou e não percebeu nada, continuamos a mesma rotina por uma semana. Depois, começaram a aparecer alguns sintomas, meu corpo começou a entortar. Então, minha irmã contou o que tinha acontecido e fui para o hospital imediatamente, onde os médicos diagnosticaram paralisia infantil. Passei mais de um mês nesse hospital e saí de lá tendo que me contentar com o consolo dos médicos que diziam que eu tinha tido muita sorte por não ter morrido e só ter ficado com o braço esquerdo paralisado.

Voltamos para casa para darmos continuidade à vida e, pouco tempo depois, meu pai resolveu voltar para a Bahia. Pasmem meus amigos, meu pai não sabia onde era a Bahia e muito menos qual era a cidade em que sua família morava e, mesmo assim, fomos embora. Ele foi perguntando e chegamos até a cidade de Feira de Santana, onde ficamos. Nessa época, minha mãe teve mais um filho, que infelizmente morreu. Após algum tempo, meu pai nos

levou para a cidade de Sobradinho, onde encontrou um amigo de meu avô que o orientou como chegar até a cidade de Banzaê, no sertão baiano. Após dois anos de procura, finalmente, chegávamos à terra prometida, onde passaríamos 4 anos de muitas dificuldades, principalmente no período da seca, quando ficávamos sem comida e sem água.

Meu pai, sem trabalho, mais uma vez pensava em trocar de cidade e decidiu ir para Salvador, com um primo, e nos deixar. Só voltava de mês em mês com um dinheiro que era muito pouco que mal dava para ele se sustentar lá. Minha mãe também resolveu ir para Salvador para trabalhar e ficamos com nosso irmão mais velho, que não era flor que se cheirasse, mas vamos deixar isso para lá. Em 1984, minha mãe resolveu que todos nós iríamos morar em Salvador e fomos para um barraco pior do que o do interior, pois não havia rede de esgoto e a fossa ficava bem embaixo da casa. Ficamos 6 meses nesse local, que desabou uma semana após nos mudarmos, e fomos para outra casa não muito diferente, na qual também não nos demoramos muito. Fomos depois para uma casa que tinha água encanada e esgoto, mas, o chato é que esgoto ficava embaixo da nossa casa e quando chovia ele passava por dentro da nossa moradia.

Cansada de pagar aluguel e passar por tudo isso, minha mãe resolveu ocupar um terreno em uma invasão que surgira no Subúrbio no bairro do Boiadeiro. Saímos às 22h00 e armamos um barraco. Começamos a construir e, um ano depois, meu pai veio a falecer e, infelizmente, não pôde ver sua família



vivendo bem, algo pelo qual ele tinha lutado durante toda a sua vida, mas o destino quis assim.

Um ano depois, minha mãe se casou de novo, o bairro foi saneado e agora tínhamos rede esgoto e água encanada e não passaríamos mais pelo problema da fossa. Mas, um dia, caiu uma chuva forte, os esgotos entupiram e vimos a casa se encher de fezes novamente, parecia um pesadelo. Acho que o destino queria provar que vida era uma m..., mas não desanimamos e hoje temos uma casa que não é a ideal, mas já está quase perto, falta muito pouco.

Sou solteiro, contudo tenho uma filha linda que se chama Taiane, tem 1 ano de idade e é a minha cara. Concluí o ensino médio em 98 como técnico em contabilidade, mas não gostei do curso nem da escola. Comecei a trabalhar com 6 anos no interior da Bahia, na cidade de Banzaê, com plantação de feijão e milho e, em Salvador, fiz alguns trabalhos como vender picolé, atendente de sorveteria, vendedor de bronzeador, guia mirim do Parque de São Bartolomeu (reserva de Mata Atlântica na periferia da cidade), estagiário de contabilidade, professor de reforço escolar e outros. Atualmente, estou trabalhando em uma empresa de telefonia na parte da manhã e, à tarde, estou no Observatório, trabalho que é muito melhor do que o outro e no qual desenvolvo ações comuni-

tárias como a realização da Feira da Cidadania que visa a exposição dos "dons" das comunidades e a aproximação das pessoas carentes com órgãos públicos.

Na medida do possível, contribuo com a renda familiar ajudando a pagar contas e fazendo compras para casa e para minha filha. Somos em cinco irmãos, mas só eu ainda moro com minha mãe e meu padrasto.

Meu pai era baiano, da cidade de Banzaê, e minha mãe é cearense, da cidade do Crato. Ambos não estudaram, pois tinham que trabalhar na roça. Como disse acima, meu pai faleceu em 88 e trabalhava como servente de pedreiro, já minha mãe trabalha fazendo algumas costuras e recebe uma mísera pensão do governo devido à morte de meu pai.

No meu tempo livre, gosto de ir ao teatro, ver filmes, principalmente de ficção científica, ouvir música brasileira de qualidade e ir à praia. Ultimamente, não tenho mais tanto tempo para lazer, mas quando tenho, fico sempre com meus amigos.

Vimos para o Subúrbio de Salvador há 15 anos, especificamente para o bairro do Boiadeiro, um dos mais carentes da cidade. Porém, é uma comunidade muito rica, de pessoas batalhadoras que lutam pela melhoria do bairro.

Onde Estamos?

E staremos observando três bairros vizinhos, os quais irão refletir uma parte da realidade do subúrbio da cidade de Salvador.

O primeiro deles chama-se Alto da Santa Terezinha por estar situado em um local alto com vista para Avenida Suburbana e suas praias. Como contam os moradores mais antigos, um senhor do bairro, que era frei, foi presenteado com uma imagem de Santa Terezinha encontrada por um grupo de crianças enquanto brincavam na Fonte Dendê. Ele a levou para uma lavanderia, onde também funcionava uma escola e um posto de saúde. Mais tarde, foi construída uma igreja que teve como padroeira Santa Terezinha, dando assim nome ao bairro.

O segundo chama-se Rio Sena. Como conta uma antiga moradora do bairro, este nome surgiu a partir de uma conversa da mesma com um casal francês que residia aqui, na época em que o bairro era o Loteamento Jardim Praia Grande. Os franceses comentaram com dona Cecília sobre um rio que havia na França, chamado Rio Sena. Ela gostou do nome e se reuniu com a comunidade sugerindo que mudassem o nome do loteamento, pois a comunidade estava crescendo cada vez mais.

O terceiro bairro é Ilha Amarela. O nome, como contam alguns moradores, está ligado a dois fatos: primeiro, porque, antigamente, o local era cercado por dois rios (Mané Dendê e Joerana), que atualmente são esgotos; e, segundo, por ter acontecido uma grande epidemia de febre tifóide (febre amarela).

Os bairros ficam localizados no Subúrbio Ferroviário de Salvador, a 13 Km do Centro da cidade, e são parecidos com os demais do subúrbio e da periferia no que diz respeito às precárias condições dos serviços públicos como segurança, educação, saúde e transporte, além da infra-estrutura diferenciada entre as ruas principais e as ruas secundárias, onde se concentra a maioria da população pobre da cidade.

Antigamente, todo o Subúrbio era constituído de fazendas e chácaras que eram utilizadas para veraneio pela população do Centro. Depois, com a construção da ferrovia, que era o meio de ligação entre o subúrbio e o CIA (Centro Industrial de Aratu, onde foram instaladas fábricas e indústrias), vieram muitas pessoas do interior em busca de emprego, começando a residir na região por meio de invasões.

Os bairros começaram a surgir quando ainda não havia luz elétrica, água encanada, rede de esgotos nem pavimentação. Alguns moradores carregavam água da fonte Dendê para uso próprio ou prestando serviço, como fonte de renda, e as mulheres “lavavam roupa de ganho” no rio Joerana. No início da década de 70, após a construção da avenida Suburbana, instalaram a rede elétrica e água encanada nos bairros.

Atualmente, as ruas dos bairros denunciam a desigualdade social. As ruas principais, onde residem os moradores com melhor poder aquisitivo, são pavimentadas, possuem rede elétrica e saneamento básico, a coleta de lixo é regular e têm telefones públicos, apesar de estarem quebrados na sua maioria. Já as ruas secundárias não são pavimentadas, os esgotos ficam a céu aberto e, geralmente, estão situadas em locais de risco e difícil acesso.

Os bairros possuem muitas casas comerciais como farmácias, bares, lanchonetes, mercearias e mercados, lojas de calçados e confecções, locadoras de vídeo, ótica, além de pequenos comércios residenciais.

Em geral, os moradores trabalham em casas de família, supermercados, na construção civil, como vendedores, cobradores e motoristas de ônibus, professores etc. Na maioria das vezes, essas atividades são exercidas no centro da cidade. É comum nas comunidades o trabalho informal, como pessoas que dão aula de reforço escolar, pequenos comércios nas residências e pequenas casas comerciais, sendo estes, muitas vezes, os únicos meios de sobrevivência para as pessoas que encontram-se desempregadas ou que precisam complementar a renda familiar.

Existem dois postos comunitários de saúde no bairro do Alto da Santa Terezinha, um no Rio Sena e outro na Ilha Amarela, que atendem aos moradores dos três bairros. Nos postos comunitários, as pessoas contribuem com uma pequena taxa de R\$ 2 mensais por família, pois funcionam sem ajuda governamental. Os postos oferecem atendimento clínico, ginecológico, cardiológico e pediátrico, além de fornecerem remédios homeopáticos. Nos postos municipais, para marcar uma consulta, as pessoas são obrigadas a enfrentar longas filas e esperar por até 15 dias para, finalmente, serem atendidas pelo médico.

Há um módulo policial no Rio Sena que, mesmo precariamente, atende toda a área. Existe também uma delegacia, que atende a todo o Subúrbio, localizada em Praia Grande, com um atendimento insuficiente para atender a grande demanda. Há uma ronda policial de frequência irregular, que acontece geralmente nos finais de semana.

Existem escolas municipais, com ensino da 1ª a 4ª série, escolas particulares e uma estadual, com ensino da 5ª a 8ª série, além de creches. Não há nenhuma escola de ensino médio.

No Alto da Santa Terezinha há um curso pré-vestibular alternativo, bem como cursos de informática, pedreiro, eletricista, mecânica, capoeira, além do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). No Rio Sena há um curso de informática, de mecânica automotiva e uma escolinha de futebol. E na Ilha Amarela funcionam o Projeto Bagunçaço, que trabalha com jovens do bairro oferecendo oficinas de música e capoeira, e o Projeto Imagem e Linguagem do Corpo, que, através de oficinas artísticas (capoeira, grafiteagem, dança-afro, e bijuteria), trabalha com o resgate da auto estima e cultura da juventude. Consideramos essas iniciativas importantes para a valorização e desenvolvimento das comunidades.

Não existem espaços de lazer como teatro ou cinema em todo o Subúrbio. Na Terezinha e Ilha Amarela não há praças e em nenhum deles existem bibliotecas ou quadras esportivas. Existem dois clubes no bairro de Periperi, onde pessoas de todo o Subúrbio assistem a shows, e, nos finais de semana, alguns bares promovem música ao vivo como seresta e pagode.

Existem campos de futebol de barro improvisados pelos moradores, onde acontecem os “babas” (futebol) nos finais de semana. Crianças e jovens utilizam as ruas como espaço de lazer, jogando gude, empinando arraia, andando de bicicleta, pulando corda e brincando de onôum (elástico).

Há vários centros religiosos, como igrejas Católicas, terreiros de Candomblé e algumas igrejas Protestantes. Frequentamos a igreja Católica e avaliamos que cada um tem direito à escolha religiosa. Nossa igreja é aberta e acolhedora, no sentido de sempre convidar pessoas de outras religiões. Há muitos encontros e eventos entre as várias comunidades, permitindo a integração de seus membros.

Dentre as principais dificuldades dos bairros observados estão o alto índice de desemprego e marginalidade, a falta de segurança, o transporte público com linhas insuficientes, a desestruturação familiar, a falta de escolas de ensino médio, a falta de saneamento básico nas ruas secundárias e a falta de vontade política para melhorar a situação dos bairros.

Apesar das dificuldades, as comunidades são alegres e festivas, e nelas existem artesãos, grupos de música, teatro e dança, características comuns a outros bairros do Subúrbio.



Nossos Parceiros

PARÓQUIA SANTA TEREZINHA DOUTORA DA IGREJA

A Paróquia Santa Terezinha Doutora da Igreja Subúrbio Ferroviário surgiu da iniciativa de um grupo que, a princípio, realizava visitas em escolas, com o objetivo de oferecer aulas de catequese. No mês de julho do ano de 1965, chegaram as irmãs do Rio Grande do Sul, que deram continuidade às atividades comunitárias do bairro. Em 1968, com a chegada de Dom Pároco, as pessoas passaram a se organizar em grupos a fim de realizar estudos bíblicos. A partir desses encontros, foram formadas as comunidades. Com a chegada de dois técnicos, uma enfermeira, uma assistente social e um professor, ambos voluntários suíços, foram iniciadas as obras sociais.

Dentre essas obras sociais, foram constituídos um Posto de Saúde; com assistência de enfermagem e dois estagiários de medicina, a Cooperativa de construção de casas; que contribui com alguns materiais de construção, o auxílio de técnicos que acompanharam a construção da paróquia, cuja sede era em Plataforma, São Braz, além de cursos de corte e costura, culinária e artesanato.

Para os voluntários que chegaram foi comprada uma casa, que atualmente é uma casa paroquial. Foi realizado um mutirão para a construção de uma capela, onde atualmente funciona um laboratório. Diversos seminaristas construíram sua experiência religiosa nesta comunidade, morando na casa dos voluntários.

No ano de 1995, houve uma divisão entre as comunidades locais por paróquias, momento em que foi oficializada a paróquia da comunidade da Terezinha a matriz, Paróquia Santa Terezinha Doutora da Igreja. A paróquia coordena 11 comunidades, nas quais desenvolve atividades de evangelização de crianças, jovens e adultos, e liturgia, na qual realiza celebrações comunitárias. A paróquia apresenta ainda pastorais sociais localizadas em sua sede. A Pastoral da Criança realiza atendimento às famílias e suas crianças, visitando cada mês as famílias e orientando as mães das pequenas crianças pobres, oferecendo dicas de chás naturais, alimentação alternativa e multi mistura.

Outros projetos desenvolvidos pela Paróquia são a "Sopa semanal", com 300 litros realizada uma vez por semana; o Posto de saúde, que apresenta laboratório; remédios e dois médicos que atendem uma vez por semana; além de cursos de computação, dança e violão. Apresenta uma parceria com o curso pré-vestibular alternativo e creches.

A Paróquia Santa Terezinha Doutora da Igreja Subúrbio Ferroviário tem por objetivo o desenvolvimento e libertação da pessoa humana de forma espiritual, cultural e social.

Iniciativa Positiva

ASSOCIAÇÃO CRIANÇA E FAMÍLIA

Em 1980, os membros da comunidade São Jorge, situada numa invasão da periferia de Salvador, juntaram-se com alguns membros de uma pequena fraternidade católica da França e criaram um espaço para reuniões e celebrações. Construíram uma escolinha em um barraco de madeira e, a partir de então, levaram adiante este projeto coletivo tentando responder às necessidades do bairro.

De luta em luta, o Centro Comunitário se desenvolveu muito e hoje, em 2002, é composto de várias áreas de atuação. Na área da educação, a entidade apresenta um centro de educação infantil, que acolhe 175 crianças, de 2 a 6 anos, da creche à alfabetização, e um grupo de alfabetização para jovens e adultos. Além disso, promove uma formação de base às mães.

Na área da saúde, a entidade apresenta um posto de saúde que atende às crianças da creche e suas famílias, oferecendo prevenção, informações, primeiros socorros, curativos, verificação de pressão arterial e consultas de um clínico homeopata, de duas pediatras e uma ginecologista. Também organiza reuniões bimensais de educação sanitária, social e planejamento familiar para as mulheres do bairro, com a participação de estudantes de medicina, médicos, assistentes sociais e psicólogos. Realiza um acompanhamento de planejamento familiar; coordena um centro de realimentação para crianças de menos de dois anos subnutridas, promovendo uma educação nutricional, sanitária e social das mães. Faz acompanhamento e formação para gestantes, especialmente adolescentes.

Na área do trabalho, a Associação oferece um núcleo de formações pré-profissionalizantes com curso de pedreiro e manutenção predial; curso de eletricidade e segurança eletrônica, tendo já formado vinte e oito jovens, além de garantir o trabalho de dezoito mulheres no centro de educação infantil.

Para promover o lazer, o grupo organiza vários grupos de lazer e esportivos, que reúnem crianças, adolescentes e adultos. A entidade também está iniciando atuações na área do serviço social para fazer a ligação entre as estruturas existentes, conselho tutelar, agentes comunitário de saúde, posto de saúde, prefeitura, conselho da criança e do adolescente, etc.

Subúrbio Ferroviário e o Direito ao Trabalho e à Renda

PORQUE ESCOLHEMOS ESSE DIREITO

A partir do trabalho de observação realizado nas comunidades Alto da Santa Terezinha, Ilha Amarela e Rio Sena e em bairros vizinhos, constatou-se um grande número de pessoas desempregadas, que trabalham na informalidade para complementar a renda familiar ou ainda como única fonte de sobrevivência. Isso se revela nos níveis de renda dos moradores. De acordo com o Censo 1991, o percentual de chefes de família com rendimento inferior a dois salários mínimos, no Subúrbio Ferroviário, era de 29,4%, enquanto os que recebiam acima de 15 salários mínimos correspondiam a cerca de 0,14%. Nestes bairros, há muitos comerciantes ambulantes, mercearias em residências, trabalhadores na construção civil e outros serviços temporários. É comum parte dos moradores destes bairros procurar empregos no centro da cidade e sofrerem outras violações em relação aos direitos humanos, como, por exemplo, a discriminação.

Consideramos também, na escolha do tema a ser tratado, o fato de nós, observadores, estarmos num momento de inserção no mercado de trabalho e vivenciarmos “na pele” as dificuldades do jovem na busca de emprego. No contexto atual, é cada vez maior a dificuldade para conseguir um emprego formal que assegure as garantias trabalhistas, sendo portanto necessária a criação de formas alternativas de trabalho e de geração de renda. Escolhemos como recortes específicos os temas primeiro emprego, desemprego e trabalho informal.

O QUE OBSERVAMOS

Logo na primeira semana de pesquisa, notamos, no Bairro Alto da Santa Terezinha, uma grande disparidade entre as ruas principais e as secundárias. Casas em locais de risco e de difícil acesso, falta de rede de esgoto, de coleta de lixo e de pavimentação, nas ruas secundárias, contrastavam com as ruas principais onde se concentra a maior parte do comércio. No Subúrbio

Ferroviário, existem diferenças entre grupos de pessoas pobres e as miseráveis.

Nas ruas principais, passam os transportes públicos e estão localizados os estabelecimentos comerciais que, em sua maioria, são registrados. Nas ruas transversais (secundárias), existe maior diversidade etária da população, com muitos jovens, crianças, idosos e ampla presença de mulheres. Essas pessoas usam o espaço para brincar, jogar dominó, conversar, ou seja, passar o tempo.

Uma das particularidades destes locais é o grande número de trabalhos informais (serviços e comércio), organizados nas residências em torno do eixo familiar. Existem muitas placas que anunciavam serviços de barbearia, consertos de fogões e geladeiras, alisamentos de cabelo, aulas de reforço escolar e vendas de geladinho, cavaco (massa de pastel frito sem recheio passado na canela e açúcar), cocada, bolo, cachorro-quente. Outra atividade informal bastante acentuada nestes bairros é a construção civil, que se concentra na reforma ou construção de pequenas casas. A divulgação deste serviço é feita boca-a-boca, a partir de laços de parentesco e de amizade.

DIREITOS HUMANOS: UMA PRIMEIRA IMPRESSÃO

Uma das atividades dos jovens que integraram o projeto Observatório compreendeu a leitura e a discussão da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Durante um debate, em especial sobre o primeiro inciso do artigo XXIII (“Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego”), todos riram diante da contradição entre o que o documento propõe e a realidade. Discutimos o aspecto utópico da Declaração, uma vez que boa parte de suas propostas está só no papel, e debatemos também uma certa descrença que se tem em relação à Declaração, provocada pela situação em que se encontra a maioria das pessoas das comunidades observadas.



A poesia apresentada a seguir reflete em parte essas inquietações que apareceram nos debates sobre a Declaração.

UTOPIA

Tatiane das Virgens de Jesus

*Será que um dia
Vamos ter a alegria
De ver o nosso povo
Com os direitos em harmonia
Política justa e honesta
É o que o povo precisa
Discurso bom e muita promessa
Não é o que enche barriga
Partilha, justiça e comunhão
Utopia ou uma cruel ilusão
De quem sofre
Com a desigualdade e a corrupção
Os direitos humanos existem
Escritos em uma declaração
Mas o povo até hoje espera
O que é mínimo, torna-se realização
Sorrisos encontramos de um povo pobre e feliz
Mas aquela felicidade infelizmente
Não vem do nosso país
Moradia na ribanceira
O rio que é esgoto
Lazer numa galha
Que balança!
Onde o direito se faz morto
Barriga grande e vazia
Criança que chora por um pão
Que chega com fatura pra minoria
E em falta para o povão
Sonhar, doce palavra
Para os adultos um esquecido passado
Para as crianças, esperanças,
de um dia alcançar o outro lado
O brasileiro inteligente
Não é só o que se faz doutor
É também aquele inteligente
Que sobrevive no mundo opressor
As ruas denunciam
A violação dos direitos que são para todos
O povo brasileiro tem gingado
Por viver mesmo sendo abandonado*

PRIMEIRO EMPREGO

Ao longo deste trabalho, constatou-se que é significativo o número de jovens nas comunidades observadas. Desde cedo, a escola se constitui uma importante ocupação para eles, um espaço de socialização e aprendizagem e, acima de tudo, uma perspectiva de ascensão social e melhoria das condições de vida. O curso natural e esperado, para muitos jovens das classes populares, é sair da escola e conseguir emprego com um mínimo

de dignidade, o que inclui as garantias trabalhistas. De modo geral, muitos têm necessidade de começar a trabalhar mesmo antes da conclusão do ensino médio. Há também muitas crianças que logo começam a trabalhar, o que contraria o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Para frequentar a escola, há muitas vezes um grande esforço por parte do jovem e de toda sua família. A escola simboliza a esperança que se expressa em frases comuns do cotidiano, como “*tem que estudar para ser gente... para ser alguma coisa*”. O jovem estuda enfrentando uma série de dificuldades, como a necessidade de contribuir com a renda familiar, a discrepância entre o currículo, a metodologia escolar e sua realidade cotidiana, além da falta de segurança e de linhas de transporte suficientes nos bairros populares. Quando o aluno conclui o ensino médio, vem a decepção na busca do primeiro emprego, na obtenção de sua independência e na ajuda da renda familiar. Nessa ocasião, a busca é particularmente frustrante, visto que a exigência de experiência prévia e de qualificação profissional inviabilizam a inserção no mercado de trabalho formal. Neste contexto se evidencia, ainda, uma série de discriminações socioeconômicas, ligadas à cor da pele, à classe social, ao gênero, etc.

A dificuldade em relação ao primeiro emprego pode ser exemplificada pela entrevista com a jovem Tatiane, 19 anos, moradora do Alto da Santa Terezinha, que concluiu o ensino médio.

“Tá sendo horrível porque não dão oportunidade para quem não tem experiência. Já coloquei currículos em lojas e entreguei a meu pai que tem conhecimentos e é vendedor (...) Para achar o primeiro emprego tem que dar oportunidade. Principalmente os governantes (...) Eles (donos de empresa) não vão deixar de contratar quem tem experiência para contratar quem não tem.

Uma coisa que eu fiquei impressionada é a aparência, eu fui colocar currículos, as moças ficaram me olhando dos pés à cabeça, e aceitaram (...) eu acho que se estivesse desarrumada elas nem aceitariam (...) Tem quatro meses que coloquei currículos, mas nunca fui chamada. No ano passado, coloquei em agências (...) procuro dar um tempo, a preguiça bate, mas estou sempre me informando (...) A preguiça é pela dificuldade, a gente fica perdendo as esperanças, fala com um, com outro (...) a auto-estima baixa (...) Meu sonho é um emprego para financiar meus estudos (refere-se ao seu desejo de entrar na universidade, mas diz ainda estar confusa sobre que curso fará).

(...) Não tenho preferência, estou procurando qualquer coisa. Fico na expectativa do telefone tocar (...) Aflita de tanto procurar e não achar (...) não vou ficar esperando, quero fazer cursos, mas as condições financeiras não deixam. Se eu pudesse, estaria fazendo cursinho, curso profissionalizante (...) só para não ficar em casa parada”.



Entrevistamos outro jovem que, apesar de considerar que as dificuldades na busca do primeiro emprego referem-se, por exemplo, à necessidade de experiência prévia, apontou uma outra perspectiva, ao buscar uma alternativa de trabalho. Samuel, 19 anos, está cursando o segundo ano do ensino médio e tem um pequeno atelier de grafiteagem. Apesar de não encontrar as “condições justas e favoráveis de emprego” apresentadas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, Samuel exerceu seu direito de escolha, fazendo do trabalho informal não só uma alternativa de sobrevivência, mas também uma forma de fazer o que gosta. Ele fala que nunca saiu para procurar emprego, mas percebe que é difícil pelas situações desanimadoras vivenciadas pelos amigos, que não conseguem inserção no mercado de trabalho formal.

Samuel considera o trabalho informal como uma alternativa de renda e uma forma para fazer o que gosta, mas diz que o seu trabalho não é reconhecido. Ele aponta a dificuldade com o custo do material, o *spray*, que usa custa R\$ 8,00, sendo que nem sempre tem condições de comprar. Antes, Samuel fazia pichação nas ruas. Estimulado pela família, deixou a pichação e, com a ajuda de seu pai, começou a fazer camisas com alguns amigos que estavam desempregados, dividindo entre eles as tarefas: um cortava, outros costuravam e todos vendiam. Samuel também se inscreveu num curso de cozinheiro no Senac, que fica localizado no Pelourinho, no centro histórico de Salvador, e sonha em ser um chefe de cozinha e viajar para outros lugares. Ressalta, porém, que nunca abandonará a arte, apesar de não ser algo rentável no Brasil, pois o que faz é por amor e o seu objetivo é futuramente comprar um galpão para fazer telas, molduras e montar uma fábrica neste ramo.

“(...) em vez de ficar na ânsia esperando um telefonema (refere-se a sair para colocar currículo e ficar em casa esperando) prefiro o trabalho com grafite, pichação evoluída (...) mas quero me dedicar à pintura (...) eu trabalhando numa loja não vou poder fazer o que quero e sim o que o patrão mandar (...).”

Os jovens, muitas vezes, são submetidos a situações constrangedoras, nas quais existem, por parte de algumas empresas, falta de respeito e descaso em relação aos candidatos que buscam as vagas por elas oferecidas. Há casos de jovens que enviaram currículos, se submeteram a longos testes, seleções e ficaram esperando por alguma resposta que nunca chegou.

“Há quatro anos concluí o ensino médio(...) Tinha grandes esperanças de logo conseguir um emprego. Ao contrário do que pensava, no ano seguinte, depois de distribuir muitos currículos em diversos lugares (empresas, agências), fiquei muito desanimada (...) Ficamos (eu e uma amiga) sabendo da seleção para um hipermercado através de uma colega que já havia ido ao local (...) Minha amiga achava nessa oportunidade uma maneira de ajudar sua família e poder fazer algum curso para ter uma melhor qualificação (...) Chegamos ao local desejado e (...) na porta principal

do prédio havia um aglomerado de pessoas e uma fila quilométrica (...) Eram mais ou menos umas 7h00 quando nos encaixamos na fila (...). Às 8h30, um funcionário da empresa disse que não atenderia as pessoas que lá estavam. Só seriam atendidas aquelas que receberam senhas na semana passada e pediu que retornássemos na quarta-feira seguinte (...) Na quarta-feira retornamos (...) Ao chegar encontramos novamente a fila quilométrica e ficamos sabendo que algumas dormiram no local. Neste às 14h30 (...) Fui atendida por um senhor que me perguntou se eu tinha experiência. Disse que não. Ele colocou uma observação num papel, deu-me uma ficha e pediu que voltasse com a mesma preenchida na próxima segunda-feira no mesmo horário para fazer uma prova (...) Passamos o final de semana estudando, apostávamos tudo naquela prova (...) Eram mais ou menos 80 pessoas, tínhamos duas horas para concluí-la (...) Eu e minha amiga achamos a prova fácil, dava-nos condições de sermos selecionadas. Pois é, dava-nos! O funcionário tinha dito que as pessoas selecionadas receberiam um telefonema. Pois é, esperamos e continuamos esperando!”

DESEMPREGO

Nos anos 70, um grande número de pessoas migrou do interior do Estado para a região do Subúrbio Ferroviário. Com a construção da Avenida Suburbana e a implantação do CIA (Centro Industrial de Aratu), essas pessoas vinham em busca de emprego e melhoria das condições de vida. Contudo, em pouco tempo, muitas fábricas e indústrias desta região começaram a fechar, mesmo com todo o apoio do governo do Estado. Em relação às que sobreviveram, os avanços tecnológicos e o processo de terceirização geraram uma redução significativa no número de empregados necessários e, em consequência, muitas pessoas ficaram desempregadas.

Com muitos moradores possuindo um baixo nível de escolaridade e de qualificação profissional, o problema do desemprego tornou-se uma constante no Subúrbio. Através das atividades do Observatório, começamos a refletir a respeito da problemática do desemprego e percebemos as ligações desta com outras violações de direitos que ocorrem na comunidade. O desemprego, além disso, afeta outras esferas da vida das pessoas, como se nota nos depoimentos a seguir.

“Zé, 27 anos, morador de Ilha Amarela, estudou até a 6ª série e sobrevive de trabalhos temporários como pedreiro. As construções onde Zé trabalha ficam prontas em alguns meses e novamente ele encontra-se desempregado. Nesses períodos, quando está sem trabalhar, geralmente começa a beber e fumar compulsivamente e quase sempre torna-se agressivo gerando diversas confusões na família”.



“Maria, mãe de dois filhos, moradora de Ilha Amarela, após muitos anos desempregada (...) começou a se desentender com o marido que a proibiu de entrar em casa com os dois filhos (...) Mesmo sob fortes ameaças por parte do marido, ela voltou para casa com uma filha. Atualmente ela toma conta de uma criança (...) deixando muitas vezes sua filha de cinco anos sozinha em casa”.

É grande o número de desempregados no Subúrbio: são jovens, pais de família e mulheres, que estão em idade ativa para o mercado de trabalho, mas não encontram oportunidade. Há pessoas que concluíram o ensino médio, muitas têm experiência profissional e qualificação e outras possuem diversos cursos. Porém, nem mesmo esses aspectos aliviam as dificuldades de obtenção de um emprego. Exemplo disso é o caso da moradora Maria, que já concluiu o ensino médio, tem curso de auxiliar de enfermagem e experiência profissional como vendedora, registrada em carteira, e mesmo assim não consegue emprego. Mesmo enviando currículos para várias empresas, ela nunca foi chamada por nenhuma.

TRABALHO INFORMAL

Diante dessa situação, o trabalho informal acaba sendo o caminho seguido por grande parte dos moradores destas comunidades. Além dos serviços e do comércio, há atividades comunitárias ligadas à educação, como o reforço escolar, as creches comunitárias e os cursinhos pré-vestibulares alternativos.

“Como forma de ganhar um dinheirinho, nos dois primeiros anos após concluir o ensino médio, trabalhei em casa dando reforço escolar. Eram oito crianças, cada uma pagava R\$ 10,00 e, muitas vezes, atrasavam o pagamento ou até não pagavam, motivos que me levaram a desistir da atividade”.

“tenho 24 anos, sempre morei no Subúrbio, conclui o ensino médio há 4 anos; durante esses anos não tive nenhum emprego fixo. Já dei reforço escolar, trabalhei três meses com minha tia e nos dois últimos anos trabalhei como atendente em postos de matrícula da rede pública de ensino (temporário)”.

No comércio local, há vários exemplos da situação de informalidade. O comerciante Luiz Gonzaga, 49 anos, estudou até a 5ª. série, mora com a esposa há 22 anos e tem duas filhas. O seu comércio existe há mais de 15 anos e funciona na sua casa, na parte de baixo, sendo bem diversificado, com vários tipos de mercadorias. Abre às 6h00 e fecha às 22h00 de domingo a domingo. Segundo o comerciante, o lucro é pouco, mas dá para sobreviver e ainda para sustentar a mãe. Ele afirma ter vontade de registrar o comércio, mas o movimento no bairro não é considerado por ele suficiente para tanto.

Outro exemplo de atividade informal é o caso de ‘seu’ Baixinho. Residente no Bairro da Ilha Amarela, pai de sete filhos pequenos, encontra-se desempregado há vários anos. Como

meio de sobrevivência, ele atualmente fabrica desinfetantes. Sua jornada diária começa cedo, juntamente com seus filhos e esposa. Baixinho percorre a Ilha Amarela e bairros vizinhos com vários litros coloridos. De porta em porta, ele vai fazendo propaganda do seu produto, que é fabricado por ele mesmo em sua residência. Seu slogan é: “Compre o desinfetante do Baixinho e deixe tudo em sua casa cheirozinho”. O vendedor de desinfetantes freqüentemente encontra-se bêbado e é ajudado pela comunidade com a doação de cestas básicas. No entanto, boa parte de seu sustento vem certamente dos desinfetantes que ele vende diariamente.

O trabalho informal tem sido, portanto, uma alternativa de geração de renda de uma parcela significativa da população suburbana. Este tipo de trabalho ainda é visto como uma saída para a dificuldade de inserção no mercado formal, embora não assegure as devidas garantias trabalhistas, segurança ou estabilidade ao trabalhador. O trabalho informal é desenvolvido, na maioria das vezes, de forma individual e autônoma ou, ainda, dentro do sistema familiar. Talvez uma maior reflexão acerca destas práticas possibilite a sua coordenação em pequenos grupos ou organizações, viabilizando melhores oportunidades e condições profissionais ao trabalhador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSTAS

A partir destes aspectos relatados e analisados, consideramos viável propor algumas alternativas que, embora não solucionem totalmente o problema, podem ajudar a amenizar a situação das pessoas do Subúrbio Ferroviário, que vivem suas vidas desestruturadas em função das violações dos Direitos Humanos, entre eles o direito ao trabalho.

Uma das alternativas é valorizar e aproveitar o potencial de trabalho das pessoas das próprias comunidades, como, por exemplo, de costureiras, pedreiros, artesãos, doceiros, lavadeiras, entre outros, dando a oportunidade para o desenvolvimento de suas habilidades em empreendimentos voltados para o atendimento de necessidades das comunidades locais.

Isto pode ser feito, por exemplo, através do incentivo à formação de cooperativas locais que agrupassem profissionais de áreas específicas, como artesanato, fabricação de produtos de limpeza, remédios homeopáticos, etc. Esta iniciativa teria o intuito de propiciar uma maior organização, disponibilidade de serviços e rentabilidade dentro da própria comunidade. Para as lavadeiras, por exemplo, poderia ser construída uma lavanderia comunitária e elas, juntamente com a comunidade, seriam responsáveis pela sua administração.

Outra possibilidade seria a regularização e o investimento em pequenos comércios, serviços e instituições locais, como cursos pré-vestibulares alternativos, associações, postos comunitários de saúde, entre outros. Nos cursos pré-vestibulares alternativos, já existentes nas comunidades, por exemplo, poderia haver pequenos financiamentos para cursos administrativos e capacitação de profissionais, aproveitando, assim, os professores da comunidade.

Finalmente, sugerimos o desenvolvimento e aprimoramento de cursos profissionalizantes para os moradores destas localidades, que não têm condições de pagar os particulares. O objetivo seria facilitar a inserção destes no mercado de trabalho



dentro ou fora do Subúrbio. Para a implementação destas propostas, consideramos imprescindível o estabelecimento de parcerias com a prefeitura, OSCs (Organizações da Sociedade Civil) e empresas privadas.

Concluindo nosso trabalho, percebemos que os Direitos Humanos estão intrinsecamente ligados, sendo que a violação de um deles implica a impossibilidade de promoção do outro.

Para favorecê-los, torna-se necessário um amplo trabalho de conscientização, que começa por nós mesmos e pelas pessoas mais próximas. É necessário estar atento, observar, conhecer os direitos e criar alternativas para desfrutá-los. O estabelecimento de parcerias e a articulação entre a comunidade, o poder público e o capital privado são indispensáveis, assim como muita disposição e boa vontade.



PARTE II

SÃO PAULO

SÃO PAULO

BRASILÂNDIA • DIADEMA • JARDIM ÂNGELA
JARDIM MONTE AZUL • JARDIM ROSANA • SAPOEMBA



AGRADECIMENTOS

À Ana Carolina Evangelista, a Caro, gerente da Área de Promoção de Cidadania do Instituto Sou da Paz, pelo apoio e companheirismo no início dos trabalhos.

À Fernanda Fernandes de Oliveira (Fezinha), Estela Naksberg Guerrini, Fernanda Resende Vidigal, da CDH – USP, a Davi Tangerino do Instituto Sou da Paz e ao Professor José Sérgio da FEUSP pela inestimável colaboração na capacitação da equipe em Direitos Humanos.

À Patrícia Durães e Ivete de Lima Beraldi do Espaço Unibanco de Cinema, pelas cortesias e por incentivar o acesso ao cinema através do Projeto Escola no Cinema.

Ao Antônio José Gambarini - o Bozó, à SPTrans e ao Projeto Atende por ter nos ajudado e orientado com relação ao transporte de pessoas portadoras de necessidades especiais.

Ao Adriano José Lima de Jesus e Antônio Eleilson Leite pela gentileza na disponibilização da sala na Ação Educativa para realizarmos nossos encontros gerais semanais.

À Raquel Amadei Barbielini, Paula Blandi e Silvia Forgiarini do ImagemMágica pela capacitação da equipe nas oficinas de fotografia.

Às fotógrafas voluntárias do Instituto Sou da Paz, Valéria Macedo e Claudia Ejara pelo apoio nas oficinas de fotografia e na documentação do projeto.

Ao Fábio Menna Barreto Cupertino, pela gravação do CD.

À Gabriela Calazans, Júlia Mello Neiva, Maurício Érnica, Mônica Rique, Pedro Marques Guasco, Theodomiros Dias Neto e Wânia Pasinato Izumino pelos comentários sobre os textos dos grupos.

À Associação Sarambeque, coordenada pela Ana e Pitu, do Jardim Monte Azul.

Ao Joel do RAC e à paróquia Nossa Senhora Aparecida no Jardim Ângela.

À Cleide e ao Dora, coordenadores da Associação de Moradores do Jardim Rosana, no Jardim Rosana.

À Mônica e Láudia, da Casa do Hip Hop e Eliana e Elisia da Ação Social, ambas em Diadema.

À Aline, Amélia, Fernando e Sheila do CEDECA/ Sapopemba.

À Vanessa e TT do Napes e Deolinda coordenadora da Artecom no Jardim Recanto, Brasília.



Indicadores Gerais – São Paulo

SÃO PAULO

População:	10.434.252 habitantes
Área:	1.525 Km²
População até 18 anos:	3.585.474
Taxa de alfabetização:	95,40
Hospitais:	96
Leitos hospitalares:	25.908
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	1.001,65
Empresas com CNPJ:	420.350
Taxa de desemprego: de junho/julho/agosto de 2002:	8,8 (IBGE)
Taxa de desemprego: de junho/julho/agosto de 2002:	18,4 (DIEESE)
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	64,8
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	138,8
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	14,7
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	269,4

Fonte: IBGE

Dados sobre homicídios: Waiselfisz, Jacobo. Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/SEDH - 2002

DIADEMA

População:	357.064 habitantes
Área:	31 Km²
População até 18 anos:	138.772
Taxa de alfabetização:	93,8
Hospitais:	3
Leitos hospitalares:	228
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	869,28
Empresas com CNPJ:	7.163
Taxa de desemprego:	não disponível
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	142
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	não disponível

Fonte: IBGE



Instituto Sou da Paz

O Instituto Sou da Paz foi fundado em 1999 a partir da “Campanha Sou da Paz pelo Desarmamento”. É uma organização não governamental que, por meio da mobilização da sociedade e do Estado, tem por objetivo contribuir para a efetivação de políticas públicas de segurança e prevenção da violência, pautadas por valores democráticos, ligados à justiça social e aos direitos humanos.

Os projetos que o Instituto Sou da Paz desenvolve e implementa são baseados na premissa de que, as soluções para a redução da violência combinam: o trabalho de órgãos policiais e de Justiça com programas de desenvolvimento social, focados nas regiões e públicos mais afetados pelo problema.

Estes projetos são executados em parceria com organizações comunitárias, e contam com o intenso envolvimento da juventude dos locais em que são implementados. Por essa razão, os projetos são divididos em duas vertentes complementares: justiça/segurança pública e promoção da cidadania.

Para a implementação de programas inovadores de policiamento comunitário, acesso à Justiça, resolução de conflitos e reinserção social de egressos, os projetos de justiça e segurança pública acontecem através da cooperação de órgãos policiais, judiciário e do sistema penitenciário. Dessa forma, estimula-se o desenvolvimento de técnicas de segurança pública que sejam, ao mesmo tempo, mais eficazes para redução da criminalidade, e mais democráticas e respeitosas com o cidadão.

Implementados nas regiões mais violentas da periferia da Grande São Paulo, os projetos de promoção da cidadania formam e envolvem jovens em participação democrática. Dessa forma, busca construir alternativas de conquistas de direitos e resolução pacífica de conflitos, criando condições essenciais para a superação da criminalidade nestes locais. É neste grupo que está inserido o projeto “Observatório de Direitos Humanos”





SÃO PAULO

BRASILÂNDIA





Quem Somos?

MARINEZ ZITO ROSA

Meu nome é Marinez, tenho 18 anos e terminei o ensino médio há 1 ano.

A minha adolescência foi um pouco complicada, porque estudei numa escola onde as pessoas não se preocupavam com o amanhã, a maioria queria apenas viver o momento, o presente, fazendo com que tudo fosse levado na brincadeira, mas, tirando isso, o resto foi bom. Em 1997, passei a aproveitar tudo o que a vida me oferecia de bom e o que eu entendia que seria bom uma pessoa da minha idade fazer. Comecei a estudar a noite, conheci pessoas mais velhas que se tornaram amigas e, com o passar do tempo, as amizades fizeram com que eu pensasse mais sobre a vida e sobre o que eu realmente queria para mim, fazendo com eu amadurecesse.

No ano seguinte, comecei a namorar com uma pessoa mais velha, a quem eu realmente achava que amava. Com o passar do tempo, meus pais descobriram e foram contra pois achavam que ele, por ser mais velho, queria apenas se aproveitar dos meus sentimentos e de mim, mas isso não aconteceu. Tornei-me uma pessoa caseira, só saía se fosse com ele e isso foi ficando cada vez mais complicado porque comecei a ter hora para sair e para chegar. Quando meus pais descobriram que eu continuava namorando com uma pessoa que eles não aprovavam, passei a mentir para me encontrar com ele, até que meus pais descobriram e fiquei sem sair poder à noite por alguns meses.

Tudo isso fez com que nós nos aproximássemos mais, mas, ao mesmo tempo, fez com que as brigas se tornassem frequentes, até que terminamos o nosso namoro e passamos a ser amigos. Ficamos algumas outras vezes, mas ele começou a namorar. Isso fez com que minha mágoa por ele fosse aumentando e nossa amizade foi acabando. No entanto, descobri que

ele era uma pessoa importante na minha vida, que eu não o amava, mas sentia um carinho por ele que poderia ser preenchido pelo meu pai. Isso tudo se tornou uma lição de vida para mim e hoje sei que tudo o que meus pais falaram era para eu não me machucar futuramente.

Agora vou contar um pouco sobre como é meu dia a dia e as coisas que gosto e o que não gosto de fazer. De segunda a sexta vou para o curso Artecom, no qual lidamos com madeira, além de algumas oficinas sobre cidadania, trabalho e comunicação. Ultimamente, não estou tendo tempo para fazer o que gosto, como ir ao cinema, teatro, shopping, shows e parques. O que eu não gosto é de acordar cedo e de participar de algumas reuniões do curso que são aos sábados de manhã, na qual nem todos não estão interessados, mas ficam na reunião apenas para passar o tempo.

Meus pais nasceram em Minas Gerais, se conheceram através de amigos em Belo Horizonte, começaram a namorar, até que, aos 14 anos, minha mãe ficou grávida. A princípio, ela continuou morando com meus avós em Belo Horizonte até meu irmão completar 1 ano de idade. Meu pai, então, veio para São Paulo e, depois, minha mãe veio e deixou meu irmão em Belo Horizonte. Quando minha mãe chegou, eles moraram num quarto, nos fundos da casa da minha tia, por algum tempo.

Hoje, meu pai tem uma profissão, ganha um salário que permite que a gente viva bem, só que não dá para ele passar muito tempo junto conosco, pois trabalha muito. Vivemos bem, somos uma família grande, composta por sete pessoas: minha mãe, Maria, meu pai, Dercideo, eu e meus irmãos, Davisom, Daiane, Denilsom e Tatiane. Somos todos unidos.

DANILO FERNANDES LIMA

Eu sou o Danilo, tenho 17 anos, moro no bairro Jardim dos Francos, na Vila Nova Cachoeirinha, há 12 anos. Quando vim morar aqui, eu odiava porque não conhecia ninguém, somente agora estou me acostumando.

Sou muito sincero e orgulhoso, o que afasta muito as pessoas, mas, em compensação, com meu carinho faço muitos amigos. Gosto de qualquer tipo de música, desde rock até axé.

Quando tenho tempo livre nos fins de semana, adoro sair, ir a algum show, cinema ou até mesmo ir a uma locadora alugar um filme que eu não tenha assistido, aliás, uma das coisas que eu mais gosto é colecionar filmes, tenho praticamente uma

locadora em casa. Gosto de sair com os amigos para vários lugares, como Galeria do rock, parques (Playcenter), Sesc, horto florestal, que é lindo.

Nos dias de semana, acordo às 7 horas da manhã, vou para o Artecom e volto para casa ao meio dia e meia. À tarde, trabalho com um político até às 18h e, às 19h, vou para a escola. No sábado é só diversão e no domingo, descanso e vou à missa às 19 horas.

Estou estudando na escola pública há 12 anos. Aliás, adoro essa escola porque tenho muitos amigos e dou muitas risadas, além de estudar também. Eu adoro somente a escola, a diretora eu odeio, porque ela é cheia de querer ser a mãe dos



alunos, sem contar que ela não tem respeito por ninguém, xinga as meninas de galinhas e os rapazes de maconeiros, precisa ver. Estou fazendo o terceiro ano do ensino médio e, se Deus e os orixás quiserem, e eles vão querer, eu vou terminar. Ah, esqueci de falar, sou devoto do Candomblé (espírita) há 13 anos, nasci nessa religião e vou morrer nela.

Moro com meus pais, irmãos e uma prima. Minha tia, tio, primos e minha afilhada Bianca, que é linda, moram na outra casa. Nossas relações são boas, não há brigas, somente minha mãe e minha prima que discutem por causa do horário, porque minha prima sai cedo e volta tarde. Meus pais são os donos da casa, são eles que sustentam a mim e a meus irmãos. Meus pais são eternos amantes, eles namoram desde os 15 anos de idade e estão juntos há 20 anos juntos. É um relacionamento de brigas mas, também, de muito amor.

Uma tragédia que aconteceu em abril deste ano marcou nossa família: meu primo, Paulo, morreu aos 19 anos, assassinado por um motivo besta, ele comprou briga de um amigo. Por isso que

não gosto muito desse bairro e nem das pessoas, porque ele morreu em frente à minha casa e nenhum dos amigos dele fez nada e, hoje, nem perguntam pra minha tia como ela está.

Mudando de assunto, faço o curso Artecom que é uma associação que abriu vagas para 30 jovens tentarem aprender um pouco de arte.

No final deste ano, pretendo me alistar na Marinha e quero servir. Depois, quero cursar veterinária. Pretendo também me mudar para o interior de São Paulo para perto dos meus avós, porque eles estão velhinhos e eu quero ficar esses últimos anos da vida deles junto com eles e com meu tio, que, infelizmente, é soropositivo. Nessas circunstâncias, é bom a família estar unida e por perto.

Bom, você que leu esta carta percebeu que eu não falei da minha infância, porque foi um dos piores anos da minha vida. Eu passava mais tempo no hospital do que em casa porque tenho chagas, hepatite e bronquite.

MICHELI CRISITNA F. DOS SANTOS

Meu nome é Micheli Cristina F. dos Santos, tenho 19 anos de idade, sou do signo de aquário e nasci no dia 10 de fevereiro de 1983. Já concluí o segundo grau e fiz formatura.

Morei 9 anos em Itapevi e me apeguei muito à cidade que é pacata, calma e tranquila. Mas, por uma armadilha do destino, mudei para São Paulo, bairro Jardim Ceci. Me mudei no dia 31 de dezembro de 1999, na véspera do ano novo, para uma casa simples, que ficava no quintal da casa da mãe de meus padrasto. A casa tinha apenas dois cômodos apertados, tanto que eu e o meu irmão dormíamos na cozinha. Depois de algum tempo, a situação melhorou e nós nos mudamos para o bairro Jardim Elisa Maria, no dia 5 de julho de 2001, para uma casa bem melhor, com quatro cômodos azulejados.

Conheci bastante gente nova e perdi um pouco do medo, porque as pessoas pintavam o Jardim Elisa Maria como um lugar perigoso, onde haveria matança todos os dias. Eu pude ver com meus próprios olhos que não era nada daquilo, era apenas um rótulo que as pessoas colocavam no bairro. A vizinhança é solidária, às vezes, não vou dizer que não acontece tiroteio, pois estarei mentindo, só que essas coisas acontecem de vez em quando. É bandido contra bandido e nós, a comunidade, temos livre acesso pelo bairro.

Vamos mudar um pouco de assunto. Eu vou contar agora um pouco da minha infância e da minha adolescência. Meu pai, Roberto, se separou da minha mãe, Fátima, quando eu tinha apenas 5 anos de idade. Minha mãe, então, ficou sozinha para cuidar de duas crianças, eu e o meu irmão Alexandre. Foi a época mais difícil da minha infância, morávamos na rua e minha mãe pedia comida de porta em porta para nos alimentar. A última vez que vi meu pai foi dois anos depois da separação, eu estava com 7 anos e nós (meu irmão, eu, minha mãe) estávamos nos reestruturando ainda (devagarinho). Ai, meu pai sumiu novamente e não tivemos mais notícias dele.

Assim, fui tocando a vida. Minha mãe trabalhava em três serviços para nos sustentar. Às vezes, nos levava para a escola e

tudo que pedíamos, poderia demorar, mas ela nos dava. Ela explicava tudo para nós dois de bons modos até sexo e dizia que seria uma mãe liberal, porém sabia impor respeito.

Quando completei 15 anos, meu irmão, com 17 anos na época, resolveu ir atrás do meu pai e, até hoje, 5 anos depois, ele mantém contato com meu pai, vai na casa dele nos finais de semana e saem juntos. Meu pai disse que, se quiser, é o filho quem tem que ir atrás dele, não ele correr atrás de filho. Minha mãe até hoje me incentiva para ir vê-lo, nunca me pôs contra, só que eu cresci com aquela mágoa pelas coisas terríveis que passamos por culpa dele. Essa mágoa tão profunda talvez não seja boa de ficar guardando, porém é mais forte do que eu e, por isso, não procuro meu pai.

Eu conheci uma só verdade: minha mãe é que será para sempre também meu pai. É a pessoa com quem eu conto e sempre contarei para o resto da minha vida. Ela sim, tenho certeza, nunca viraria as costas para mim.

Com 15, quase para 16 anos, comecei a namorar o Paulo, que tinha 16 anos. Nós nos conhecíamos desde os 11 anos de idade, ele me preenchia o meu vazio e éramos muito felizes. Ele me cobria de presentes, não sabia o que fazer para agradar. Mas, depois de um ano e meio de namoro, levei mais um no-caute da vida: ele foi brutalmente assassinado com 7 tiros no dia 5 de setembro de 1999. Aquele fato me marcou muito, lembro dele todos os dias, nunca me esqueço do meu primeiro amor, só que já aceitei a perda, pois sei que de lá de cima ele me protege. Foi por isso que, no começo, eu disse que me mudei por uma armadilha do destino.

Atualmente, minha mãe, Fátima, de 39 anos, sustenta a casa porque meu padrasto, Otávio, 38 anos, trabalhar de bico (descarregar caixas). Meu irmão, Alexandre, de 22 anos, trabalha registrado e paga as prestações dos móveis que compramos para a casa toda. Eu ajudo no que posso, pago conta de água ou luz. Tenho uma cachorrinha pequeninha que está na nossa família há mais ou menos 10 anos, o nome dela é Diana.



Hoje, estou fazendo o curso Artecom que oferece aulas de pintura, artesanato, comunicação, formação humana, desenho e marionetes. Faz 8 meses que estou nesse curso, consegui entrar através da indicação de pessoas que o coordenam. Durante a semana, das 8h ao meio dia, faço o curso do Artecom e, das 14h às 17h, estou no projeto de Observatório de Direitos Humanos, em parceria com o Instituto Sou da Paz. Eu estou gostando bastante do projeto e estou achando empolgante podermos ter a chance de não deixar as coisas impunes e não deixar que as pessoas sejam usadas, além de reconhecer nossos direitos como cidadãos.

Não gostava muito de ler livros, mas descobri que é bastante interessante. Já li “Cine deon”, “Ninguém é de ninguém”, “Droga da obediência”, alguns romances, entre outros.

Um detalhe, curto pagode, samba-rock, forró, axé, sou fã do Robson Monteiro e da Leci Brandão, que, na minha opinião, toca e canta pra caramba e dá um show no samba.

Eu tenho uma vontade enorme de conhecer a praia, pois eu nunca tive oportunidade de ir até porque aqui é difícil o acesso. Ah! Quase me esqueço! Eu também nunca fui no Playcenter. Você pode até me achar uma boba que não curte as coisas boas da vida, mas eu te respondo simplesmente que nunca viajei apenas porque estava mergulhada no meu próprio pre-

conceito. Eu não me aceitava, meu jeito de ser, minha personalidade, e, na minha auto-piedade, na minha vergonha, eu esqueci de sair e conhecer o mundo. É como se eu estivesse me trancando dentro de casa com medo do mundo, das pessoas. Então, eu resolvi mostrar para o mundo o que eu tenho e passei a enfrentar as pessoas, a vida, o tempo, o mundo cara a cara. Foi a partir da minha auto-aceitação que eu comecei a viver e enfrentar a vida como ela é.

Os dois cursos que eu faço me ajudam bastante também. Não trabalho há pouco mais de 1 ano, mas com a bolsa que recebo dos cursos que eu faço eu tenho minha renda.

Minha personalidade é muito forte, sou bastante explosiva, tudo que eu sinto eu falo na lata, doo a quem doer. Não sei ficar guardando as coisas que penso, gosto de falar, escrever bastante e, principalmente, zoar e me divertir com os amigos. Porém, sou bastante emotiva em certas horas.

Meu sonho é ser advogada, desde pequena eu sonho em poder ajudar as pessoas. Outro curso em que penso é Assistência Social, que me fascina bastante.

Aqui no bairro, tem um *point* dos roqueiros, onde todas as noites, vários jovens se encontram. Lá tocamos violão, trocamos idéias, damos boas risadas, é show! Eu vou sempre lá conversar com os *punks*, sou eclética (curto de tudo um pouco).

LUIZ RICARDO PEREIRA

Olá, meu nome é Luiz Ricardo, tenho 18 anos, moro no bairro Jardim Recanto, periferia de São Paulo. Gosto de jogar bola, sair para as “baladas”, freqüentar alguns bairros e dance-terias e gosto de beijar, é bom! Gosto também de estudar e já completei o ensino médio. Pretendo fazer faculdade de Música, por isso estou correndo atrás de algum curso pré vestibular grátis, ou “mais ou menos”. Gosto muito de ir à praia, mas São Paulo não tem nenhuma. Pô, aqui é um “saco”, cidade grande só tem prédios, clubes reservados... Quadras poliesportivas, só se invadirmos a escola, o que é ruim, porque, muitas vezes, a polícia nos tira.

Antigamente, eu fazia natação grátis, mas faltei três vezes seguidas e fui expulso. No entanto, eu não faltei porque quis e, sim, porque eu estava gripado e fiquei uma semana internado. Depois, comecei a jogar bola em um clube da cidade (Nacional F. C.), o tempo foi passando e passei para outro clube (Portuguesa F. C.). Em um belo dia, no jogo treino, eu sofri uma falta grotesca e, hoje, se eu ficar muito tempo jogando, meu joelho incha e começa a doer, faz parte da vida.

Há 4 anos, trabalho em uma associação que se chama Artecom, na qual conheci muitas pessoas diferentes e com gostos nada semelhantes ao meu. Por ironia do destino, aqui dentro conheci uma menina que, futuramente, iria ser a mãe da minha filha. A princípio, eu achava ela muito metida, mas, com o tempo, ficamos muito amigos, sabe aqueles amigos que se vêem todo dia? Um detalhe: tinha outra menina que também trabalhava e vivia junto com a gente. Na verdade, essa menina era tipo um ‘imã’ e nós dois éramos “metal”, por isso parecíamos o “trio parada dura”, onde um ia os outros estavam. Em um belo dia, a “imã” pediu para ficar com um amigo meu e eu

fiz este favor. Depois, para retribuir, ela perguntou se eu queria ficar com... e eu aceitei. No primeiro dia, eu faltei ao esquema, mas me desculpei e ficamos juntos um tempo. Nesse tempo, era só “love”, mas depois ela ficou grávida e, daí em diante, surgiram as brigas. Hoje, minha filha tem um ano e quatro meses, se chama Ana Luiza e é linda, parece comigo e um pouco com a mãe. Hoje, ela mora com a mãe, com quem converso só o necessário, e eu a visito todo final de semana, além de alguns dias na semana, também.

Eu moro com a minha mãe, irmã, tias, tios e avós. Já meu pai nunca vi nem quero ver. Minha mãe tem 42 anos e se chama Sandra, trabalha em uma escola da periferia como inspetora de alunos. Tenho só o que agradecer a ela (apesar dos pesares), pois não é fácil cuidar de dois 2 filhos sozinha. Minha irmã tem 23 anos e é chata, mas você sabe né, irmão é fogo.

Meu dia a dia anda muito pacato. Todos os dias, vou pra a associação Artecom, onde, pela manhã, produzimos brinquedos educativos em madeira, e, à tarde, faço cursos. Há pouco tempo, comecei a fazer parte do projeto Sou da Paz, estou gostando pois conheci pessoas novas e velhas também. A cada reunião na comunidade é mais um assunto que conheço e posso defender. Pretendo cumprir com todos os meus deveres e ajudar aos outros como eu puder.

Antigamente, eu tocava em um grupo de pagode, era “firmeza total”. Todo fim de semana, nós tocávamos em bares noturnos. Devido ao nosso talento, fomos chamados para tocar na praia por 4 dias seguidos, foi “show”. Tinha bastante gente nas apresentações e, o principal, muita mulher, mas não beijeí nenhuma pois estava namorando. Aliás, se você não sabe, sou fiel.



MARGARETE DE SOUZA BARROS

Meu nome é Margarete de Souza Barros, tenho 16 anos e nasci no dia 25 de março de 1986, no hospital e maternidade Panamericano, na Vila Madalena. Moro no Jardim Recanto, zona norte de São Paulo. Atualmente, estou trabalhando na Associação Artecom (Artesanato Comunitário), fazendo brinquedos pedagógicos em madeira. Trabalho de segunda à sexta das 7h às 17 h e tenho uma hora e meia de almoço. À noite vou para a escola, estou no segundo colegial.

Aos sábados, na parte da manhã, eu ajudo minha mãe nos afazeres de casa, de tarde, às vezes, eu saio ou fico conversando com uma amiga minha e, à noite, vou ao famoso "Mercado 13", onde todos os meus amigos se encontram diariamente. Aos domingos de manhã eu vou à igreja e, assim que volto pra casa, tenho aula de violão com um amigo. Na parte da tarde, assisto ao ensaio da banda dos meus amigos. Fora isso, eu fico conversando ou saio para outros lugares como shoppings, parques de diversões ou não faço nada.

Também gosto de ouvir música, qualquer uma, sou do tipo eclética, mas, o meu estilo preferido é o rock. Não aqueles rocks pesados, eu gosto daqueles mais calmos, tipo Legião Urbana, Capital Inicial, Ira, CPM 22, Titãs, entre outros. Sou uma pessoa muito romântica e gosto de ouvir aquelas músicas internacionais, bem lentas, eu viajo nessas músicas e, às vezes, até choro. Muitos falam que sou boba, mas eu gosto desse meu jeito.

Gosto muito de computador, Internet, bate-papo, e-mails etc. Aos meus 11 anos, fiz um curso de computação aos sábados com duração de 8 meses, que passaram muito rápido. Quando eu tinha 14 anos, comecei a fazer outro curso com duração de 1 ano e 8 meses, do qual eu gostava muito. Já fiz natação em um clube perto do bairro onde moro, mas meu pai me tirou das aulas porque não estava compensando pagar caro e ter poucas aulas.

Em janeiro de 1998, fui pela primeira vez à praia, fiquei só 2 dias, mas para quem nunca tinha ido, valeu a pena. Depois disso, nunca mais voltei, pois, apesar de eu ter vontade, não aparece oportunidade ou, quando aparece, não tenho dinheiro, então eu fico em casa chupando o dedo.

Em dezembro de 2000, eu e a minha mãe fizemos formatura, eu de 8ª série e ela de 3º colegial. Tem gente que não liga para esse tipo de coisa, mas para mim foi um dos melhores presentes que já ganhei na vida.

Bom, eu vou falar um pouco da minha família. Meus pais são casados há 18 anos. Minha mãe se chama Aparecida Limone Cuesta Barros e meu pai, Valdivino de Souza Barros. Minha bisavó (avó da minha mãe) é italiana e o marido dela era espanhol, por isso minha mãe tem esses nomes de doido. Minha bisavó (avó do meu pai) era baiana e o marido dela era pernambucano. Hoje, só tenho uma bisavó (a italiana), que mora em Santo André. Para mim, é difícil ir vê-la, porque além dela morar longe eu não sei direito chegar na casa dela. Eu tenho um irmão mais novo que está com 15 anos, o nome dele é Vicente de Souza Barros e está no 1º colegial. Nós dois nos damos muito bem, mas, de vez em quando, tem aquelas briguinhas de irmão, mas é normal. Minha mãe é enfermeira de uma creche perto da minha casa, é o que ela sempre quis ser e fico feliz por ela, e meu pai é autônomo, mas a profissão dele é eletricitista.

Atualmente, não estou namorando ninguém. É claro que já namorei muito, mas, por enquanto, estou sossegada. De vez em quando dou uns beijinhos aqui, outros ali, mas nada sério, agora eu só quero curtir a minha vida.

O bairro onde moro não é tão violento. É claro que você sempre ouve que fulano vai matar sicrano, mas fora isso é sossegado. Eu gosto de morar neste bairro e eu não mudaria dele para morar em outro lugar.

No mês de junho, comecei a fazer parte do grupo do Observatório dos Direitos Humanos do Instituto Sou da Paz, que tem como objetivo observar e conscientizar os moradores do bairro sobre seus direitos. Eu estou gostando muito de fazer parte desse grupo, porque além de eu estar conhecendo outros jovens, estou aprendendo muitas coisas, o que me ajuda muito e permite que eu ajude aos outros.

No ano que vem, pretendo entrar em um cursinho pré-vestibular, pois gostaria de cursar Artes Plásticas na faculdade.



Onde Estamos?

O bairro Jardim Recanto é localizado na Zona Norte de São Paulo e sua extensão compreende mais ou menos cinco quarteirões. As casas aqui são diversificadas, são de alvenaria, barracos, tijolinho baianos, entre outros e, há também prédios particulares.

Aqui no bairro quase todas as ruas são asfaltadas e, uma das ruas que não foi asfaltada faz parte de uma obra inacabada da prefeitura que é o “piscinão” (reservatório que serve para armazenar água nos dias de chuva e, assim, se evitar as enchentes). Esta rua mais parece um depósito de lixo por causa da falta de organização dos lixeiros e de colaboração dos moradores, que colocam os lixos nos dias e horários errados. Além disso, convivemos com esgotos a céu aberto e alguns bueiros que estão sem tampa ou entupidos.

Em alguns pontos do bairro, como becos e escadões (são escadas de concreto entre as casas, que facilitam o acesso dos moradores de uma rua para outra), falta iluminação. Isso dificulta o acesso de alguns moradores às suas casas e ruas, por se sentirem inseguros em transitar por estas vias, principalmente à noite. Além disso, alguns destes espaços também são utilizados para o comércio de drogas.

A violência é um dos problemas mais graves que enfrentamos aqui. Agrava ainda mais este problema a falta de confiança que se têm em relação aos policiais

Outro problema importante é a carência do transporte coletivo. Os ônibus existentes não suprem as necessidades do bairro e as lotações têm sido a solução encontrada para facilitar a ida e vinda dos moradores.

No bairro, não há serviços públicos de saúde e quando os moradores necessitam de atendimento médico, precisam se deslocar para outros bairros. Há, no bairro, algumas clínicas particulares que ajudam no atendimento da população.

Algumas comunidades religiosas ajudam a população carente fazendo visitas e doando mantimentos, medicamentos e roupas. Alguns políticos também ajudam as famílias carentes, mas só quando tem campanha. Mas, apesar das iniciativas, poucas pessoas são beneficiadas pela ajuda dessas comunidades, que não suprem a necessidade de todo o bairro. Existem 25 comunidades de diversas religiões mas só 9 oferecem cursos, oficinas e palestras, que ajudam o jovem a desenvolver-se em nosso bairro.

Alguns jovens trabalham nos comércios locais e outros trabalham como empregados de traficantes, distribuindo ou embalando drogas, vigiando a rua para ver se não vem polícia ou inimigos.

O bairro tem 9 escolas públicas, muitas creches particulares e EMElS (Escola Municipal de Ensino Infantil). Temos poucas opções de lazer e algumas escolas contribuem para o lazer do bairro, deixando as quadras poli esportivas e alguns de seus espaços à disposição da comunidade para jogos, aulas de danças, capoeira e teatros. Existe também uma praça que também é utilizada para diversos shows.

Apesar dos problemas que afetam nosso bairro, observamos que, de alguns anos para cá, houve um desenvolvimento bem maior do que os habitantes esperavam, tais como telefones, iluminação, asfalto e ônibus. E torcemos para que o desenvolvimento continue atendendo as nossas necessidades.



ARTECOM

ARTESANATO COMUNITÁRIO

O Projeto Artesanato Comunitário Brasilândia (Artecom) surgiu no ano de 1987, no bairro do Jardim Recanto, região noroeste de São Paulo, com a intenção de proporcionar às crianças e jovens dessa região uma possibilidade de aprendizagem que os distanciassem da rua. Com esse intuito, criamos o curso de marcenaria artesanal, que oferece a possibilidade de desenvolver potencialidades, criar vínculos de amizade, levar à descoberta do valor pessoal, assim como o valor do trabalho em conjunto.

No ano de 1998, o Projeto passou a ser realizado de forma associativa, baseada no espírito cooperativo, dando início aos trabalhos da Associação Artecom. Nesse período, a Associação conheceu o Núcleo de Ação e Pesquisa Solidária (NAPES) e foi integrado ao Projeto de Economia Solidária (PES), participando uma vez por mês de reuniões de formação e planejamento, possibilitando a autonomia e a comercialização dos produtos produzidos pela Artecom.

Visando a formação integral da pessoa, a Artecom prevê em seus programas as seguintes oficinas: oficina de desenvolvimento humano, cujo objetivo é trabalhar as questões ligadas à identidade, ao auto conhecimento, à auto estima e à auto confiança; oficina de desenvolvimento social, que trabalha temas ligados à condição sócio-econômico local, emprego e desemprego na cidade de São Paulo e no Brasil; oficina de desenvolvimento econômico, ligado à Economia Solidária, voltada para princípios de autogestão, democracia, experiências, formação de grupos de geração de renda, elaboração de projetos e planejamento; oficina de desenvolvimento de habilidades artísticas, baseadas na construção de brinquedos educativos com técnicas de serra e pintura, assim como a reflexão dos direitos da pessoa humana cidadania e trabalho, que visa o exercício da cidadania representativa e participativa.

ARCA DO BRASIL

A Arca foi fundada em 1964, por um canadense que vivia na França, e foi expandida para 34 países do mundo. A primeira sede da entidade no Brasil existe há 15 anos e está localizada no Jardim Guarani, a segunda existe há 6 anos e está no Jardim Elisa Maria e a última foi fundada há um ano no Jardim Ângela. Sua missão é dar dignidade aos portadores de necessidades especiais físicas e mentais, fazendo com que eles se sintam incluídos na sociedade, ocupando seu tempo com atividades artesanais e estimulando suas capacidades.

A Arca vive com recursos das Arcas dos outros países, que têm melhores condições financeiras. Além de receber essa ajuda, a entidade apresenta uma rede de amigos e voluntários que contribuem com o que podem. Algumas comunidades e igrejas do bairro também ajudam, comprando os artigos como tapetes, sacos de lixo, panos de prato, todos produzidos pelos portadores de necessidades especiais.



Brasilândia e o Direito à Igualdade

Falar sobre discriminação com os moradores da Brasilândia foi bastante complicado para o grupo. As pessoas não gostavam muito de tocar no assunto, se sentiam envergonhadas ou, até mesmo, eram incapazes de relatar um caso em que seus direitos à igualdade foram violados. Casos de discriminação são delicados e envolvem aspectos bastante íntimos da vida de quem sofreu essa violação e por isso, muitas vezes, nada é dito sobre eles, nem mesmo entre amigos.

Contudo, nas histórias que levantamos e discutimos, percebemos que a discriminação está presente na vida dos jovens nas mais variadas situações e pode ocorrer por diversos motivos. Ao longo da pesquisa, identificamos, entre as formas mais frequentes de discriminação, aquelas causadas por diferenças de raça, religião, gênero, opção sexual, estilo, por necessidades especiais e por condição social.

Dos muitos relatos e demandas de diferentes grupos, optamos neste relatório pelas duas últimas formas de discriminação, *discriminação por condição social* e *discriminação dos portadores de necessidades especiais*, para que fosse possível aprofundar um pouco mais algumas discussões e pelo número de relatos obtidos sobre esses temas. É importante dizer também que muitos depoimentos são fruto de experiências que os integrantes do nosso próprio grupo vivenciaram, o que mostra, infelizmente, que não é preciso ir longe quando o assunto é discriminação.

DISCRIMINAÇÃO POR CONDIÇÃO SOCIAL

Foram muito comuns os casos de discriminação por condição social que levantamos. Alguns nos mostraram que, em determinados espaços, a aparência e as vestimentas da pessoa foram determinantes para o tipo de tratamento que receberam. Um desses casos foi o de um jovem integrante de um projeto social que, ao levar uma documentação ao prédio de uma grande empresa de cartões de crédito, patrocinadora do projeto, teria recebido o seguinte tratamento:

“Na entrada do prédio, é preciso se identificar com a recepcionista e falar com quem você quer falar. Ao pegar o cartão de visitante, passei pela catraca e fui direto ao elevador, apertei o botão, subi e fiquei esperando. Um segurança chegou ao meu lado e falou: ‘o elevador de empregados é do outro lado’, insinuando que eu tinha ido lá para consertar algo, só pelo jeito que eu estava vestido, com as mãos e roupa cheias de tinta, porque trabalho com tinta. Revidei com educação, apenas respondendo que iria entregar um documento no primeiro andar. Apesar disso, tive de escutar se eu tinha certeza que era ali.” (relato de jovem)

Mesmo com uma lei municipal que diz ser proibida a distinção de pessoas em relação ao uso dos elevadores – social e de serviço –, casos como este continuam sendo muito comuns

nos edifícios de São Paulo. No caso acima, a aparência das roupas e as mãos sujas de tinta do jovem foram o que, segundo ele, teriam desencadeado a ação discriminatória da equipe de segurança do prédio.

Esse tipo de prática pode também estar associada à discriminação racial. Recentemente (quando foi aprovada essa lei municipal sobre o uso dos elevadores), um jornal de São Paulo fez uma pequena experiência em que pessoas negras e brancas se revezavam na tentativa de entrar em um prédio: na maioria das vezes os negros, diferentemente dos brancos, eram diretamente encaminhados para o elevador de serviço.

Vejamos a mesma questão em outro depoimento:

“Eu estava a fim de comprar um sapato, só que por aqui não há muitas lojas e decidi ir a um shopping no centro. Eu estava de regata, bermuda e um chinelo de dedos. Comecei a olhar a vitrine, e veio um homem todo engravatado, não sei o que ele era, parecia ser o gerente, me medindo de cima a baixo, com uma cara de ‘quem é esse tipo’ e me perguntou: ‘O que você quer?’

Eu falei: Eu vim ver um tênis –, e ele disse, sem mesmo saber qual era o tênis, que não tinha o meu número. Eu respondi: Como não tem o meu número se eu nem pedi o que eu quero?

Nem esperei ele me dar a resposta, e já saí andando.

Não sei porque ele me atendeu assim, não sei se foi a minha roupa e ele não estava acostumado com esse tipo de roupa.” (relato de jovem)

Nesse depoimento, o jovem que sofreu a discriminação sente que, novamente, a maneira de estar vestido interferiu no atendimento recebido na loja. Determinadas lojas e, principalmente, shopping centers de áreas mais ricas, parecem tratar com extrema distinção pessoas que aparentem condição social mais pobre. Esse tratamento, muitas vezes sutil, é rapidamente sentido pela pessoa que, geralmente, termina evitando entrar no estabelecimento para não passar por constrangimento. Atividades de compras ou lazer acabam sendo, algumas vezes, restritas a estabelecimentos mais próximos da comunidade, não apenas pelos custos da distância percorrida, mas pela insegurança provocada pela discriminação.

Abaixo temos trechos de outro relato sobre uma situação ocorrida em uma grande casa de espetáculos de São Paulo:

“No mês de junho, fomos convidados a assistir ao show da dupla Sandy e Júnior. A associação alugou um ônibus para irmos ao show, mas o ônibus era de uma empresa antiga. Então, quando chegamos, chamamos a atenção



de muitas pessoas, porque éramos um grupo numeroso e estávamos vestidos com roupas do dia-a-dia."

Nesse relato percebemos que a ida de um grupo de jovens da Brasilândia a um local freqüentado pelas classes média e alta de São Paulo causou muito estranhamento nos freqüentadores. A chegada num "ônibus de uma empresa antiga", o "grupo numeroso" e as "roupas do dia-a-dia", chamaram a atenção da maioria dos presentes:

Vejamos a seguir os atos discriminatórios relatados:

"Fomos à portaria principal, porque havíamos sido convidados para o coquetel que aconteceria antes do show, mas, quando íamos entrar, o segurança nos barrou e disse para irmos para o salão de espera do show, insinuando que não éramos convidados para o coquetel, sem nem mesmo olhar nossos convites."

"Chegamos na segunda portaria e o segurança olhou nossos convites e nos disse que éramos convidados para o coquetel e devíamos voltar para a portaria principal. Chegando lá novamente, a coordenadora do projeto mostrou o convite para o segurança e conseguimos entrar, finalmente."

Como eram convidados especiais por integrarem um projeto social patrocinado pela empresa promotora do show, o grupo se dirigiu para o coquetel. Dentro da área reservada, mesmo depois de terem seu convite apresentado, a diferença no tratamento continuou a ser sentida:

"Apesar de estarmos nos sentindo bem vestidos e comendo à vontade, ao mesmo tempo ficamos muito constrangidos, por sermos observados a todo momento. Muitas pessoas vestidas com roupas sociais ficaram olhando com desdém. (...) os garçons serviam sem restrições as pessoas bem vestidas, até mesmo as crianças. Já com a gente, houve uma certa burocracia, algumas pessoas tiveram de apresentar o RG, outras não quiseram nem se arriscar a pegar, com medo da reação do garçom."

De acordo com os depoimentos, todos se surpreendem com a presença do grupo: seguranças, bilheteiros, garçons e o público. Inicialmente, os seguranças se recusam a conferir o convite e imediatamente afastam os jovens da entrada principal; em seguida, já no coquetel, os jovens se dizem alvo de uma "atenção especial", além de terem de mostrar sua documentação para poderem se servir (diferentemente dos jovens com aparência mais rica). Esse tratamento constrange e limita o envolvimento desses jovens com a atividade de lazer que buscavam. Vale destacar que os elevados preços de ingresso, normalmente, já limitam que pessoas de condição mais pobre freqüentem muitos dos espaços de lazer existentes na cidade. Tal "barreira" anterior acaba fortalecendo a surpresa da maioria das pessoas em situações como essa.

Mas, mesmo se compreendessem a surpresa, o desconforto dos jovens não se limita a perceber essa reação, mas ao sentir que, tanto pela supervisão dos seguranças como pelo pedido de documentos, são motivo de grande desconfiança, mesmo sem se comportarem diferentemente dos demais. Outro ponto frisado pelo grupo foi o fato de os garçons (que foram enfáticos nesse tratamento diferenciado) terem semelhante condição social.

Vejamos mais um último exemplo, que ocorreu agora na ida para um cinema localizado na região dos Jardins:

"Fomos assistir ao filme 'Cidade de Deus'. Minutos antes de começar o filme, algumas pessoas do grupo foram a bombonière comprar algumas guloseimas. Ao chegar lá, despertaram uma certa desconfiança do dono, talvez porque estavam em um grupo numeroso e bastante descontraído, fazendo com que ele solicitasse a presença de suas funcionárias perto da gente. Nos sentimos vigiados, porque em todo lugar que íamos elas iam atrás."

"Compramos as guloseimas e nos dirigimos ao caixa. Um dos nossos amigos já tinha pagado e estava a nossa espera na porta. Ao perceber que um de nós já havia saído, o dono da loja que estava em outro caixa perguntou se ele já havia pagado. No mesmo instante, fizemos a pergunta para ele e ele respondeu que sim e o outro caixa confirmou, deixando o dono da loja constrangido mas nem por isso pediu desculpas."

"Ficamos chateados com a atitude do dono da loja e das funcionárias, pois sequer perguntaram se precisávamos de ajuda, simplesmente ficaram nos seguindo." (relato de um grupo de jovens)

Mais uma vez, a discriminação é sentida pelos olhares desconfiados e por perguntas ríspidas. Como o vendedor da loja do shopping center, o proprietário da bombonière parece estar mais preocupado em afastar a clientela do que em servi-la.

A região dos Jardins e alguns outros bairros centrais são as áreas mais repletas de espaços para lazer e cultura na cidade, e muitos museus e o melhor parque público estão todos próximos desses bairros. Além de mais equipados, são também os distritos mais ricos de São Paulo. Assim, para moradores mais pobres de bairros afastados da região central (como no caso da Brasilândia), os episódios de desrespeito aqui descritos somam-se a outras barreiras, como o tempo e os custos para se deslocar ou entrar nesses espaços.

As "barreiras", algumas mais explícitas outras mais sutis, parecem impedir que, mesmo quando existam condições para que todos desfrutem igualmente de um mesmo evento cultural ou de lazer, só alguns sejam bem recebidos, inclusive em recintos públicos, restringindo a circulação de moradores não só da Brasilândia, como de moradores de outras áreas chamadas periféricas. A diferença da barreira da discriminação pela condição social é que sobre ela muito pouco se fala ou se questiona.



DISCRIMINAÇÃO DE PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Observamos também em nossa comunidade um outro tipo de discriminação: a de portadores de deficiências físicas e mental. De uma forma mais visível, os portadores de deficiência física sofrem discriminação assim que saem de sua casa, a partir do momento em que não existem calçadas rebaixadas para cadeiras de rodas, elevadores e rampas nas estações do metrô, por exemplo. De modo geral, as ruas e calçadas do bairro estão mal conservadas e dificultam a circulação.

Mas além dessas dificuldades práticas para o deslocamento, há também constrangimentos vividos pelo tratamento de alguns que não reconhecem suas capacidades para o trabalho ou mesmo para a convivência social. Tratamentos que infantilizam ou mesmo ignoram os portadores de necessidades especiais agridem sua dignidade e podem acentuar suas dificuldades.

Colhemos alguns relatos sobre a discriminação a essas pessoas especiais e notamos que os problemas não estão restritos ao preconceito vivido fora de casa: dentro da própria família a discriminação pode ser reforçada. Vejamos o exemplo:

“Meu tio [...] era assaltante de banco [...] e um dia foi preso em flagrante, teve a pena de 18 anos. Embora eu tivesse ido só uma vez na prisão visitá-lo, já não suportei, porque a solidão se percebe de longe. Assim se passaram 18 anos completinhos.

Depois que saiu da cadeia ele já não é o mesmo, fala sozinho, dizendo que tem bichos no estômago dele, bebe álcool, joga carnes para as formigas dizendo que elas estão com fome. Esses são alguns exemplos do que ele faz, acho que devem ter alguma lógica essas atitudes.

Ele mora com minha avó e minha tia. Minha tia viaja muito com a família, só que ele não vai junto. Creio que é por ele falar coisas sem sentido às vezes e ela tem vergonha diante das pessoas.

Ela deixa ele trancado dentro de casa durante a semana em que vai viajar; só com a porta da cozinha aberta para ele ocupar. Ela faz isso alegando que é para ele não roubar e nem sair para lugar algum, só que ele não faz mal a ninguém, conversa normalmente.

Ele trabalha de ajudante de marceneiro de um amigo da família. Às vezes compra alguns alimentos e leva para casa, minha tia rapidamente pergunta se ele roubou, de onde ele tirou, só que se esquece que meu tio trabalha. Se ele é discriminado por algumas pessoas da família, por ser um ex-presidiário, com certeza os outros da rua vão discriminar também. Muitas vezes é mais fácil lidar com as pessoas da rua do que com a própria família.” (relato de jovem)

Como ressalta o depoimento, os problemas psicológicos, possivelmente decorrentes do longo período na prisão, além do pró-

prio fato de ter sido preso, são argumentos para que o tio da jovem não apenas sofra limitações fora, como dentro da própria família. Envergonhada do irmão, a tia da jovem o trata de maneira degradante, excluindo-o do contato social e desconfiando de sua honestidade. O comportamento da família somente reflete uma postura infelizmente freqüente entre muitos moradores.

Ainda de acordo com a jovem, o tio consegue algum rendimento por meio do trabalho de ajudante de marceneiro. Essa situação não é usual e, provavelmente, só se concretizou pelo fato do empregador ser um amigo da família. Notamos que pessoas saídas do sistema prisional e portadores de necessidade especial têm inúmeras dificuldades em arrumar um emprego. Muitas vezes, sem que o candidato à vaga esteja sabendo, são verificados seus antecedentes criminais e os que foram presos são imediatamente excluídos por despertarem desconfiança, agravando ainda mais a reintegração dessas pessoas que, normalmente, já enfrentam muitos problemas econômicos.

No caso dos portadores de necessidades especiais, por mais que tenham completas condições de exercer funções variadas de trabalho, alguns locais insistem em considerá-los inaptos. Vejamos o exemplo da situação do jovem Paulo, portador de deficiência visual e morador da região noroeste de São Paulo:

“Há um mês e alguns dias, Paulo foi até uma empresa de telemarketing e ao fazer a entrevista explicou sua deficiência. A entrevistadora lhe disse que a empresa não tinha suporte estrutural para sustentar um funcionário portador de uma deficiência visual no seu ambiente de trabalho.” (relato de jovem)

A justificativa de não dispor de suporte estrutural é um argumento muito utilizado para justificar a não-contratação de pessoas especiais. Entretanto, por vezes, considera-se que seria muito mais complexa, do que de fato é, a adaptação para empregar essas pessoas. Além disso, o preconceito na contratação de trabalhadores dificilmente é reconhecido, sendo usualmente justificado por inúmeros critérios teoricamente objetivos e imparciais. Mas existe discriminação na seleção de trabalhadores (o grupo de observadores de Diadema também trata do tema). Nessas situações também podem estar envolvidos critérios discriminatórios como a opção sexual, a raça e o gênero, sem que isso seja explicitado diretamente. A falta de informação e o silêncio sobre essas questões fortalecem a continuidade dessa violação dos Direitos Humanos. Com o desenvolvimento de campanhas e a pressão dos grupos organizados que representam portadores de necessidades especiais, algumas empresas têm aberto vagas específicas para esse público, no entanto ainda são necessários muitos esforços nesse sentido.

Uma experiência positiva observada na Brasilândia, no que se refere à atenção ao portador de necessidade especial, é o trabalho desenvolvido pela organização *Arca do Brasil*, que atende e acolhe portadores de deficiências, alguns deles inclusive abandonados por suas famílias. Eles trabalham em uma oficina, fazendo tapetes, sacos de lixo, panos de prato. Para não ficarem isolados dentro da instituição, são levados para passeios e shows, além de poderem ser visitados por moradores que voluntariamente colaboram nas festas organizadas no local. Apesar de importante, a Arca necessitaria de mais recursos para assistir um número maior de moradores



que precisam desse tipo de atenção.

Outro passo importante está sendo dado em uma das escolas que está sendo reformada para poder atender portadores de deficiência, com a construção de rampas e banheiros especiais. Essa é uma iniciativa muito importante, pois abre caminho para uma maior integração já na infância. A própria proposta de reformar a escola teria encontrado resistência entre alguns pais, mostrando a importância de se trazer o problema para discussão e de se enfrentar mais esse preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja no caso da discriminação por condição social, seja na discriminação de portadores de deficiência, percebemos que o preconceito interfere no exercício de diferentes atividades do cotidiano de muitas pessoas, e as motivações dessa discriminação muitas vezes se confundem ou não estão explícitas abertamente.

Ao mesmo tempo, são tantos os tipos de discriminação que

precisamos estar sempre atentos para não deixar essas situações passarem em branco. Por mais que existam grandes diferenças entre as pessoas ou os grupos, é normal que elas sejam percebidas e comentadas. Quando essas diferenças são usadas para destratar ou afastar as pessoas consideradas diferentes de seus objetivos, ou mesmo do convívio social, abre-se espaço para a violação de vários dos Direitos Humanos.

Portanto, é fundamental que as pessoas se conscientizem de seus direitos e, principalmente, da importância de se relatar e discutir esses tipos de abusos vividamente. Sobre tudo em um primeiro momento, o silêncio pode parecer uma solução mais confortável, mas ele colabora muito para que tais abusos não sejam percebidos e continuem sendo considerados normais.

Por esses motivos, consideramos de extrema importância as campanhas para a conscientização sobre o preconceito, assim como a criação de espaços especializados para atender e encaminhar casos de pessoas discriminadas na nossa comunidade e fora dela.

IGUALDADE E DISCRIMINAÇÃO

Os relatos de discriminação por condição social e discriminação dos portadores de necessidades especiais no bairro de Brasilândia, em São Paulo, e as dificuldades encontradas para realizar a referida pesquisa são um retrato fidedigno da fragilidade da promoção e efetivação do direito à igualdade no Brasil.

Neste sentido, é um importante trabalho porque nos lembra da necessidade mais do que urgente de se abordar a questão como um problema gravíssimo e delicado de nossa sociedade. A discriminação no Brasil assume o lamentável papel de propulsor da exclusão social, isto é, trata-se de mais um fator que ajuda a manter milhões de brasileiros literalmente à margem da sociedade: os impede de ter um emprego digno, bem como moradia, educação, acesso à cultura e até mesmo locomoção, dentre todos os outros direitos fundamentais a uma vida digna.

Um dos primeiros obstáculos a ser vencido no combate à desigualdade é assumir que ela existe e que está presente no cotidiano de uma parcela enorme da população do país: problemas que vão desde a maior dificuldade das mulheres e dos negros em conseguir um emprego bem remunerado, passam pela falta de transporte público para pessoas portadoras de deficiência física, e chegam até o despreparo dos professores em geral para lidar com crianças também portadoras de alguma deficiência. Muitos outros exemplos poderiam ser dados.

É preciso desconstruir o discurso mítico de que vivemos em um país de democracia racial, ou ainda, no qual inexistente preconceito e discriminação de qualquer sorte. A questão da discriminação incomoda, as pessoas sentem dificuldade em falar sobre o assunto, sentem-se envergonhadas ou ignoram sua existência.

A luta pela igualdade deve ser uma premissa de todos nós. Igualdade para todos. Uma forma de desconstruir aquele discurso mítico seria construir uma cultura de educação para os direitos humanos, sensibilizando a sociedade através de cursos, palestras, conversas sobre o tema. Estas atividades seriam uma forma de capacitar agentes multiplicadores que possam difundir a consciência dos direitos em seus bairros, locais de trabalho e comunidades, replicando esta cultura de educação para os direitos humanos. Seriam agentes multiplicadores e também fiscalizadores de sua implementação, denunciadores.

Certamente, ao se criar uma cultura de respeito e promoção dos direitos humanos, a discriminação e o preconceito iriam pouco a pouco perdendo seu lugar em nossa sociedade. Estaríamos mais preparados para utilizar os instrumentos de direitos humanos como meios para garantir um estatuto de cidadania às pessoas que até hoje têm sido excluídas do mínimo de dignidade humana. Estaríamos mais capacitados também a exigir do Estado, como agente de implementação de políticas públicas, maior eficiência no cumprimento de seu papel como garantidor de direitos aos seus cidadãos.

Júlia Mello Nelva

Integrante da organização "Conectas" - Consórcio Universitário pelos Direitos Humanos PUC-SP/USP/Columbia University



SÃO PAULO

DIADEMA





Quem Somos?

REGIANE ALVES PEREIRA

Meu nome é Regiane Alves Pereira, tenho 23 anos, nasci em São Bernardo do Campo, mas fui criada em Diadema. Estou terminando o segundo grau na Escola Estadual Professora Vicéio Ferrari. Pretendo fazer uma faculdade que envolva artes plásticas (artesanato, teatro, vídeo ou fotografia) e ainda estou indecisa. Já participei de alguns cursos, como o de vídeo, através da RivoFono, patrocinado pela Petrobrás. No final, fizemos um curta metragem chamado "Resistência", que fala sobre Hip Hop. Este curta está participando do Festival Internacional "Um minuto".

Falando em Hip Hop, faço parte do movimento há apenas dois anos, estou aprendendo a dançar soul e pretendo fazer uma oficina de Dj na Casa do Hip Hop, onde se concentram os quatro elementos: break/soul (que é a parte da dança), graffiti (que é arte de desenho e letras nos muros), Mc (que significa Mestre de Cerimônia, são aqueles que mandam as rimas no Rap) e Dj (que significa Disc Jôquei, que é quem controla o som para os Mc's cantarem e os B.boys e B.girls dançarem).

Além disso, gosto muito de teatro desde cedo pequena, tanto que, dos 9 aos 13 anos participei de apresentações de teatro na escola. Depois, dos 15 aos 18 anos, participei de algumas oficinas oferecidas nos centros culturais da cidade e, aos 20 anos, entrei em um grupo chamado "JDUP" (Juventude de Diadema Unida pela Paz) que visava trabalhar com jovens em prol da paz, discutindo temas como violência doméstica e psicológica, abuso de autoridade, direitos e deveres dos jovens, abuso sexual e sexualidade, a partir dos quais organizávamos debates nas escolas e comunidades. Mas, infelizmente, sentimos necessidade de mais comunicações. Então, conhecemos o Giovam Sabi, que propôs trabalhar teatro conosco, para chamar mais atenção do público, e deu certo! O grupo ficou bem conhecido através das peças polêmicas escritas por nós mesmos, com a ajuda do Gio. O grupo existe há três anos sendo que, em dois anos, criamos 4 espetáculos: o primeiro foi "Retratos de violência", que fala sobre a violência que o Brasil viveu durante seus 500 anos de história e vive até hoje; o segun-

do, "ECA", promove o estatuto da criança e do adolescente; o terceiro, "A periferia", fala sobre a convivência dos jovens com as drogas na periferia; e, por último, "Baião de 16", que desenvolvemos para dizer que somos contra o rebaixamento da maioridade penal. Hoje, trabalho como monitora das aulas de teatro junto com o Gio, na ONG ACER (Associação de Apoio à Criança em Risco), onde também se localiza a JDUP, e também faço parte de um grupo chamado "Sklétikas", sendo que o Gio é diretor e produtor.

Bom, falei um pouco de mim e, lógico, devo também falar de minha família. Moro com meus pais. Meu pai, seu Gersino FP, nasceu em Minas Gerais, veio para São Paulo quando era adolescente com seus pais e 13 irmãos, sendo ele o mais velho entre os homens. Em São Paulo, minha avó teve duas gestações de gêmeos, e teve, no total, 17 filhos. Um morreu quando jovem em um acidente de moto. Meu pai é aposentado, mas trabalha como caminhoneiro por opção própria.

Minha mãe, dona Regina AP, filha caçula dentre 19 irmãos, sendo que apenas sete, contando com ela, sobreviveram. Meus avós também nasceram, criaram-se, casaram-se e tiveram parte dos seus filhos em Minas Gerais, mas a maioria morreu quando se mudaram para São Paulo. Aqui nasceram os sete filhos que ficaram.

Somo em quatro irmãos. O mais velho se chama Carlos, tem 25 anos e, por enquanto está desempregado. Depois venho eu, em seguida, a Renata, que tem 22 anos e dois filhos, Brian, com três anos, e Andrew com um ano. Por último, mas não por fim, vem a Paula, 19 anos, que também tem um filho chamado Paulo Henrique, que está com dois meses de idade, "já é um homem".

Eu estou namorando há dois anos e três meses com o Renato. Minha irmã, Paula, também está namorando, seu namorado se chama Tato e eles estão junto há quase um ano.

CRISTINA PEREIRA DE SOUZA

Oi, eu sou a Cristina, tenho 19 anos, nasci na cidade de São Bernardo do Campo mas, sempre residi em Diadema. Tenho duas irmãs, a mais velha tem 22 anos, já é casada e tem uma filha de três anos, e a outra tem apenas nove anos.

Meus pais vieram do nordeste, na década de 70, em busca de novas oportunidades. Desde crianças, trabalhavam na roça para ajudar no sustento de suas casas, mas, mesmo assim, não era suficiente.

Morávamos eu, minha irmã, meu pai e minha mãe em apenas um cômodo que foi cedido por um parente. Nos virávamos

muito bem até a chegada de alguns parentes do nordeste que também vieram em busca de emprego e, para dar-lhes uma ajuda, os recebemos em nossa casa.

Algum tempo depois, passamos a pagar aluguel em uma casa maior. E foi assim até o ano de 1998 quando meu pai conseguiu comprar nossa casa.

Concluí o ensino médio no ano de 2001 e sempre estudei em escola pública, onde a opção de buscar ou não o conhecimento é sua. Minha mãe sempre quis que eu estudasse em uma escola particular pela qualidade de ensino, mas nossa con-



dição financeira não permitia. Futuramente, pretendo ingressar em uma faculdade.

Sou dançarina de soul desde 1998 e, no ano de 2000, passei a dar aulas na minha comunidade como voluntária, em um projeto do governo do estado de São Paulo. Já firmada no movimento Hip Hop (que tem no soul a sua raiz) montei um grupo chamado Agenttz e começamos a fazer apresentações por todo o estado de São Paulo. O movimento Hip Hop me acordou para a vida e me fez ver a vida com outros olhos. A minha vida se resume basicamente em antes e depois do Hip Hop.

Hoje em dia, quando eu tenho tempo livre, gosto de ler, ouvir uma boa música (black music ou MPB), dançar soul, samba rock ou curtir algum evento de Hip Hop.

O que está me levando a ficar mais tempo em casa é a leitura, pois, depois que entrei neste projeto, o meu interesse

pelos direitos humanos tem crescido cada vez mais e pretendo, junto com meus companheiros de grupo, dar continuidade a este trabalho aqui em Diadema.

No bairro onde eu moro, as opções de lazer não são muitas e, para piorar, as que existem, muitas vezes, tornam-se cenário para a violência. Por isso, a comunidade fica com medo e sem opções de lazer.

Devido ao convívio contínuo com esse cotidiano, muitos jovens entraram para a vida do crime, inclusive alguns amigos meus. É muito triste ver as pessoas que gosto, que cresceram e estudaram junto comigo, trilhando por caminhos muitas vezes sem volta. Me sinto angustiada por eles e pelos outros também, são meus irmãos e vítimas de um sistema que não beneficia os menos necessitados.

EMERSON TEIXEIRA DE SOUSA

Eu sou Emerson Teixeira de Sousa, tenho 21 anos e moro no mesmo bairro, aliás, na mesma casa desde que nasci. O bairro em que moro nasceu praticamente junto comigo, por isso, não acompanhei suas mudanças mas tenho claro que foram fundamentais para todos.

Meus pais vieram de Minas Gerais há uns 25 anos. Meu pai tem 42 anos e estudou apenas até a 4ª série do ensino fundamental, trabalhou durante muito tempo como metalúrgico, mas, hoje em dia, exerce a função de pedreiro. Minha mãe trabalhou em várias empresas de metalurgia, trabalhou também como faxineira e, após concluir o ensino médio, fez um curso de auxiliar de enfermagem, função que exerce atualmente e com a qual garante o sustento da casa.

Tenho uma irmã de 17 anos, que trabalha, está no terceiro

ano do ensino médio e pretende prestar Nutrição no fim do ano.

Eu terminei o ensino médio, fiz um cursinho gratuito durante um ano e consegui uma vaga de Engenharia na Unesp, mas tive que trancar minha matrícula.

Nos momentos vagos, eu gosto de ler, ir ao cinema e jogar futebol com os amigos.

Pretendo junto com os outros componentes do meu grupo continuar a realizar trabalhos na área dos direitos humanos que é um tema novo, que nos deu uma visão melhor de vida e a sensação de que alguma coisa pode ser feita para que um mundo melhor deixe de ser utopia e se torne realidade. Pretendo também retomar meus estudos, pois acho importantíssima uma formação (seja ela qual for) no mundo globalizado em que vivemos.

ANDRÉ OLIVEIRA SANTOS

Me chamo André, tenho 19 anos, sou moreno-claro, 1,72m de altura e 66 quilos. Moro aqui em Diadema há 4 anos. Estudo à noite, faço supletivo do 1º ano do ensino médio. Não terminei meus estudos antes porque minha família muda muito de cidade e, nas mudanças, meus pais não pegavam minha transferência escolar e, com isso, acabei ficando 6 anos sem estudar. Voltei em 2000.

Meus pais e eu somos de Alagoas, meus dois irmãos e minha irmã nasceram aqui em São Paulo. Meu pai nos trouxe para cá em 1984. Nessa época, ele começou a trabalhar como cobrador de ônibus, tendo ficado nessa função durante 3 anos. Depois vieram outros vários serviços. Minha mãe também trabalhava, ela era empregada doméstica na casa de uma senhora chamada Maria Creuza. Essa mesma senhora foi quem nos deu abrigo quando chegamos do nordeste.

Moramos na casa dela durante 1 ano e 4 meses, depois, meu pai alugou uma casa em Itapeverica da Serra, onde moramos por mais de 9 anos. Foi lá que nasceu minha irmã, hoje ela já tem 13 anos, estuda e ajuda minha mãe nas tarefas de casa,

pois a coroa já não é tão valente como antes. Meus pais são novos, minha mãe tem 39 anos e meu pai, 40 anos.

Tenho dois irmãos: o Alan, de 7 anos, e o Luan, de 2 anos, que é o xodó da casa, bagunça pra caramba e não deixa ninguém quieto. Adoro sair com ele para passear na rua, pois as meninas sempre dizem: "que menininho mais lindo".

Bem, quando eu tinha 9 anos, trabalhei pela primeira vez cortando cana em Alagoas. Aqui em Sampa trabalhei em vários serviços, como servente de pedreiro, pintor, vendedor de doces em ponto de ônibus, pintor, camelô e outros. Hoje, no observatório faço o melhor trabalho que já fiz e com o qual me identifiquei bastante. Agora tenho voz e também já me acho importante, pois, luto para melhorar minha quebrada.

Depois que cheguei aqui em Sampa, aconteceram várias coisas tristes e alegres para mim. Perdi uma pessoa que eu amava muito, uma colega de infância que morreu em um acidente de carro. Depois, em 1999, perdi um amigo, vítima da violência urbana que nos rodeia. Passei vários dias de baixo astral, não queria sair, nem me diverti, nada... foram momentos difíceis.



Quando vim morar em Diadema, não conseguia emprego, as coisas em casa faltavam, minha ficou doente, tudo era péssimo. Meu pai bebia muito e era viciado em drogas. Essa dependência dele afetava muito nossa família, sumia dinheiro e todos nós sabíamos que era ele quem pegava. Mas, graças à força de vontade de meu pai, ele conseguiu parar com seus vícios, sem precisar de clínicas.

Ano passado eu estava sem serviço, passava os dias estressado e triste com a perda de alguns amigos. Procurei tentar me distrair e encontrei a casa do Hip Hop. Comecei a frequentar a cultura Hip Hop, virei B.BOY e, cada vez mais, fico apegado ao movimento. Nos finais de semana, participo de

eventos, apresentações e outros.

Nas horas vagas, gosto de ler, assistir filmes, tocar violão em cima da laje. Além disso, sou fã de black music e gosto de estudar a cultura negra. No futuro pretendo morar numa fazenda, ter um campo de futebol para, nos fins de semana, chamar a molecada da favela pra bater uma bola, e quero também encher a casa de filhos.

Quando acabar meu estágio no observatório, pretendo continuar trabalhando com direitos humanos. Ainda tenho fé que um dia vamos conquistar nossos direitos, não podemos nunca deixar de tentar.

Onde estamos?

Quando a cidade foi criada, veio a preocupação em dar continuidade à sigla ABC, assim foi dado o nome de Diadema, que significa uma coroa, um emblema que orna a cabeça de Nossa Senhora. O fio inicial da história de Diadema é a casa dos padres jesuítas, aqui construída no século XVII, que hoje se encontra na atual rua Manoel de Nóbrega.

Diadema se situa entre São Bernardo do Campo e São Paulo, está a 17 Km da capital e a 780 metros de altura. A princípio, estava englobada ao município de São Bernardo do Campo, do qual se desligou em 1960 se transformando oficialmente em município. Ocupa uma área de 24 km² e, de 1991 a 2000, a população passou de 305.287 habitantes para 356.389 habitantes.

O município apresenta a segunda maior densidade populacional do país, formando, juntamente com São Caetano, São Bernardo e Santo André, a região do ABCD paulista, uma das mais industrializadas do Brasil. Porém, atualmente muitas empresas estão abandonando a região, alterando o perfil desses pólos industriais. As pessoas, que antes trabalhavam nas indústrias, agora passam a integrar o corpo dos comerciantes autônomos, como donos de bares, lojas e camelôs.

Diadema tem por volta de dez centros culturais, em sua maioria mediados pela prefeitura. Não são muitas as associações de moradores de bairro que atuam na cidade, sendo as mais conhecidas localizadas nos bairros de Inamar, Serraria, Taboão e Campanário. Dos centros culturais, a Casa do Hip Hop é um ponto de referência para os jovens da região.

Em relação ao lazer, há, no geral, um campo de futebol em cada bairro, além de alguns ginásios esportivos. Há também praças espalhadas pela cidade, sendo organizados, em algumas delas, atividades culturais como shows de música e palestras. No teatro municipal, às vezes, acontecem apresentações de companhias de dança, teatro, música, bem como exposições artísticas.

Há entre trinta e quarenta escolas em Diadema, sendo a grande maioria escolas públicas e há apenas uma faculdade, que é particular, na cidade.

A taxa de desemprego está atualmente na faixa de 20%, porém muitas pessoas trabalham em outras cidades, o que é um indicativo de que nossa cidade não oferece muitas oportunidades de emprego.

Além do Pronto Socorro, há três hospitais públicos em Diadema, um estadual e dois municipais, sendo um destes para o atendimento infantil. Todos os bairros possuem uma UBS (Unidade Básica de Saúde) que é um pronto socorro de pequeno porte. Todos os outros hospitais e prontos socorros da cidade são particulares.

O saneamento básico em Diadema é bem feito apenas no centro da cidade, pois nos bairros mais distantes, há esgotos e córregos a céu aberto, além de uma coleta precária do lixo nas regiões mais pobres.

Em qualquer lugar de cidade há transporte perto das comunidades, contudo as relações sobre a qualidade dos ônibus e o preço de tarifa são bastante comuns. O transporte para fora da cidade consiste no trólebus e em ônibus diretos para os terminais que geralmente ficam nas cidades ao redor. Ao todo, são 54 ônibus que servem a cidade.

A segurança em Diadema é feita basicamente pela Polícia Militar. Existem quatro distritos policiais e dois batalhões da PM. Mas, infelizmente, a cidade convive com um alto e crescente índice de criminalidade.



CENTRO CULTURAL CANHEMA/CASA DO HIP HOP

O Centro Cultural Canhema foi fundado em outubro de 1994, no local onde funcionava anteriormente um Centro Juvenil de Cultura. Na década de 80, quando foi construído, o Centro Juvenil de Cultura atendia jovens em parceria com Projeto da Prefeitura, através de aulas de reforço escolar, artesanato, violão destinada para crianças e adolescentes até 13 anos.

Em 1994, um novo projeto cultural foi implementado na cidade, com a inauguração de vários Centros Culturais, que passariam a oferecer oficinas culturais e eventos para pessoas de várias faixas etárias. Neste projeto, workshops e encontros do Movimento Hip Hop, que se consolidou como parte do Projeto Cultural da cidade.

Em 1996 o Centro Cultural Canhema foi o local onde um grupo de cerca de 60 jovens realizaram uma criação coletiva junto a oficinairos como Nelson Triunfo e Marcelinho Back Spin. Tratava-se da peça teatral Se Liga Mano, trabalho que resultou de um processo de formação realizado em dois anos a partir de estudos de temas sociais e também da técnica e linguagens artísticas do Movimento Hip Hop.

Em 1998 o Centro Cultural Canhema torna-se uma referência no Movimento Hip Hop na cidade. Houve um significativo aumento do número de oficinas culturais na área do Hip Hop. Dessa forma, nascia o Projeto Casa do Hip Hop, onde são concentradas atividades ligadas ao Movimento. As aulas e eventos atraíram pessoas de várias regiões na zona sul de São Paulo e do ABC. Neste período, a equipe passou a contar com o orientador Nino Brown, que trazia as informações da história e filosofia do Movimento Hip Hop. Em 2000, o Projeto passou a oferecer um acervo sobre a Cultura Negra.

É importante salientar que o Centro Cultural Canhema trabalha com outras expressões artísticas, como cursos de teatro, dança, música para o público em geral, além de oferecer uma programação cultural para o público em geral.

O espaço do Centro é composto de um pátio com palco coberto, quatro salas para oficinas culturais, uma sala do acervo sobre o negro, uma biblioteca pública e sala da administração. Equipamentos de som para eventos, um computador, entre outros equipamentos.

A defesa dos direitos humanos é trabalhada indiretamente em palestras e nos conteúdos transmitidos nas aulas, onde o respeito e a cidadania estão presentes. O local é um espaço de informação e atuação cultural, onde é constituída uma forma de garantir os direitos humanos e incentivar o público frequentador a desenvolver a consciência social.

Diadema e o Direito ao Trabalho e à Renda

A IMPORTÂNCIA DO TEMA

O grupo de Diadema escolheu como tema de observação o direito ao trabalho e à renda. As informações e os relatos obtidos mostraram que essa é uma questão muito ampla, envolvendo diversos aspectos, como legislação trabalhista, qualificação profissional e discriminação no mercado de trabalho. Fizemos algumas reflexões sobre o direito do cidadão ao trabalho e à renda, tendo por base nossa experiência em Diadema.

Um primeiro aspecto refere-se à mudança do cenário industrial da cidade, com a transferência, para outras localidades, de várias indústrias de metalurgia, bem como ao seu significado e aos efeitos sobre a população local. Outra reflexão foi sobre a prática de algumas empresas que contratam pessoas, sobretudo jovens, e as dispensam ao término terceiro mês de trabalho, quando se encerra o período de experiência. Por último, considerou-se a discriminação que ocorre, algumas vezes, quando as pessoas procuram emprego.



Observa-se, de modo geral, que as violações do direito ao trabalho se refletem em toda a sociedade, o que implica, como constatamos nos depoimentos, a violação de outros direitos.

AS MUDANÇAS EM DIADEMA

Uma primeira questão a ser tratada refere-se às transformações pelas quais vêm passando Diadema e outros municípios do ABC paulista (Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul), a partir da última década, com relação às indústrias metalúrgicas instaladas nestas cidades.

Diadema é um município que possuía um grande número de empresas de metalurgia, assim como todo o ABC. Entretanto, muitas dessas indústrias estão migrando para outros lugares, principalmente para o interior do Estado de São Paulo, ou mesmo para outros Estados. Um dos principais motivos do deslocamento das indústrias é a valorização da mão-de-obra local, sobretudo a qualificada. O fim dos incentivos fiscais e a pressão, cada vez mais forte, exercida pelos sindicatos também foram elementos essenciais para a migração das indústrias. Como reflexo da saída de muitas dessas empresas, o desemprego se tornou cada dia mais presente para a população do ABC e Diadema, atingindo metalúrgicos que passaram suas vidas nessas indústrias, as novas gerações de trabalhadores e, ainda, toda a economia e a renda da região.

A história do metalúrgico Severino ilustra o percurso de milhares de trabalhadores que vieram para a região. Assim que chegou de Pernambuco com sua família, ele conseguiu um barraco em Diadema, numa das áreas que estavam sendo invadidas pela população e, sem nenhuma dificuldade, arrumou um emprego como ajudante, numa pequena empresa de tornearia. Trabalhou durante um bom tempo nessa função. Entretanto, achou melhor arrumar um outro emprego que desse melhores perspectivas para seu futuro. Assim, retomou os estudos num curso supletivo e se inscreveu num curso de Tornearia Mecânica, no Senai. Depois de concluídos o curso profissionalizante e o ensino fundamental, Severino conseguiu uma vaga como torneiro mecânico, numa empresa multinacional que, na época, tratava os empregados com dignidade e respeito.

Muitas mudanças desde então ocorreram na região: algumas empresas se mudaram para outras localidades; várias demitiram seus funcionários e, com o discurso de se tornarem mais "competitivas", freqüentemente, cortaram gastos e alguns benefícios que os trabalhadores tinham adquirido ao longo de suas lutas, e outras empresas eram, ainda, vendidas.

A empresa em que trabalhava Severino foi comprada por um grupo norte-americano, que passou a exigir que os trabalhadores voltassem a estudar, pois não seria mais permitido que ali trabalhassem pessoas sem o ensino médio completo. Para algumas funções, foi estabelecida a necessidade de possuir curso superior.

Com isso, Severino teve seu nome relacionado na primeira lista de dispensas. De imediato, ele não se preocupou, pois havia recebido uma boa quantia em dinheiro com a indenização e tinha certeza de que, com a sua experiência, arrumaria emprego facilmente. Porém, as dificuldades ficaram enormes para ele arrumar trabalho. A redução no número de empresas na cidade contribuiu para isso e a própria idade virou um empecilho. A situação ficou ainda mais grave porque os filhos também esta-

vam desempregados. Até hoje, quem sustenta a casa é a esposa, que trabalha em casa de família.

Severino, assim como muitos outros trabalhadores que perderam seus empregos e encontram dificuldades para retornar ao mercado de trabalho formal, acabam se dedicando a uma série de atividades informais para garantir a sobrevivência. As atividades mais comuns são a produção e comércio de alimentos, a venda de roupas, o conserto de utensílios e de aparelhos domésticos, além de prestações de serviços.

RELAÇÕES DE TRABALHO

Observamos também que o desemprego atinge de modo ainda mais dramático as pessoas mais velhas. Em muitos casos, os trabalhadores do setor de metalurgia, ao perdem seus empregos depois de vários anos nesse setor, enfrentam, na maioria das vezes, uma perda significativa na qualidade de vida e, geralmente, não conseguem vislumbrar outras opções de trabalho. Há casos de trabalhadores que passaram boa parte de suas vidas se dedicando a uma única função, no mesmo ramo industrial, e, quando ficaram desempregados, nem sempre tiveram condições de mudar de atividade, de aprenderem novas tarefas e habilidades que permitissem o retorno ao mercado de trabalho.

Uma das principais conseqüências do desemprego refere-se às alterações nas relações de trabalho e, muitas vezes, ao desrespeito à legislação trabalhista. Constatamos também que os jovens são, freqüentemente, alvo de uma série de irregularidades cometidas por algumas empresas, no cumprimento de suas obrigações trabalhistas. Tudo indica que a necessidade de trabalhar faz com que muitas pessoas se tornem vítimas da má-fé de alguns patrões que, várias vezes, violam os direitos dos empregados. Isso também ocorre devido à falta de informações, por parte dos trabalhadores, sobre seus direitos. O relato a seguir demonstra a questão do abuso nas relações de trabalho.

"Há três anos, em janeiro de 1999, comecei a trabalhar em uma funilaria, no bairro do Taboão, aqui em Diadema. Na época, eu já estava desempregado há muito tempo. Meu pai conheceu o dono desta funilaria e conseguiu arrumar um emprego para mim. Combinamos o salário e, na semana seguinte, eu comecei a trabalhar.

No início, eu já comecei a ficar chateado com o horário de trabalho (...). Eu entrava às sete da manhã e só saía às dez da noite. Têve dias em que trabalhei até a meia noite.

Lá nós trabalhávamos em quatro pessoas: o dono, o Miguel, eu e o Renato. Eu e o Renato, naquela época, éramos menores de idade. Ele tinha quinze anos e eu dezessete, mas nem a idade impedia de trabalharmos muito.

Desmontávamos e montávamos carros. Deixávamos a lataria. Eu carregava pneu e outras coisas mais, que me deixaram com umas dores terríveis nas costas.

O Renato já tinha completado um mês de trabalho e já era dia dele receber. Eu tinha



vinte dias. Mas passou-se uma semana e nada de dinheiro. O Renato não agüentou mais e foi embora do emprego, o pai dele veio até a funilaria num sábado e o dono (Joaquim) pagou o dinheiro para ele.

Depois desta novela eu fiquei esperto, pensei que isto não aconteceria comigo. No dia do meu pagamento, cadê o dinheiro? Nada. Joaquim alegava que tinha que entregar uns carros para poder pegar o dinheiro e me pagar, mas era tudo mentira. E olha que eu trabalhava de segunda a sexta-feira. Joaquim ainda queria que eu trabalhasse no domingo.

Depois de quatro dias de atraso do meu dinheiro, eu não fui trabalhar; fiquei o dia em casa e só à noite fui à funilaria para buscar meu pagamento. Isto se tornou rotina, pois passei três meses indo toda semana lá, mas só encontrava os empregados ou a funilaria fechada. A princípio, não desisti, briguei um tempo na Justiça pelos meus direitos, que mereço, pois trabalhei para ganhá-los; depois desisti, tamanha demora.”

Pelo fato de muitos jovens necessitarem de emprego para ajudar na renda família e de algumas empresas buscarem economizar gastos ilegalmente, é comum a ocorrência de casos de abusos e não cumprimento das obrigações trabalhistas por parte dos empregadores. Pode-se citar, como um dos exemplos destes abusos, a extensa jornada de trabalho, que prejudica os estudos de muitos jovens, além de poder significar danos à sua saúde e restrições às suas atividades de lazer. Percebemos também que, mesmo com a excessiva carga horária, os salários pagos geralmente são baixos.

CONTRATOS DE EXPERIÊNCIA

Também são conhecidos os casos de abusos ligados ao período de experiência nos contratos de trabalho, afetando principalmente os jovens, que, após o período de três meses de experiência, quando deveriam ser efetivados, são dispensados. Algumas empresas utilizam esse recurso para não efetuar o registro na carteira profissional do trabalhador, substituindo jovens de três em três meses. O relato a seguir ilustra essa prática na vida dos jovens trabalhadores do ABC e Diadema.

“Trabalhei com telemarketing em São Bernardo do Campo em uma escola de informática, durante exatamente três meses. Fui dispensada antes que fosse necessário me registrar, para que não fosse preciso pagar os meus direitos”.

Em outros casos, os trabalhadores são profundamente afetados quando as empresas não cumprem as obrigações trabalhistas. Situações como estas mostram que algumas empresas não possuem qualquer responsabilidade ou compromisso com os direitos de seus empregados.

“Após um tempo (depois de mandada embora), antes que eu fosse cobrar meus

direitos, meu ex-patrão fechou o estabelecimento e sumiu. Mas duas colegas de trabalho minhas saíram mais prejudicadas. Uma estava de licença-maternidade e não recebeu nenhuma justificativa dos motivos reais da falência do estabelecimento e nem como deveria proceder para receber o que era seu de direito. A outra, que trabalhava lá há quase um ano, e ainda não tinha registro em carteira, foi até o local várias vezes, ficou várias horas esperando, mas nada, nunca teve seu caso resolvido. E o pior é que, como seu pai é autônomo e trabalha com construção civil, não era sempre que ele conseguia serviço e, portanto, não tinha uma renda fixa. Ela era a segurança financeira da família.

Infelizmente a história não teve outro final, acabou ficando tudo assim, ninguém recebeu seus direitos e o dono do estabelecimento nunca mais apareceu. São muitos casos assim que tomamos conhecimento. Pessoas que dão tudo de si no trabalho, mas que no fim sempre saem lesadas.”

DISCRIMINAÇÃO E LUTA PELOS DIREITOS

Discutimos também como a falta de informação pode favorecer a violação do direito ao trabalho, sendo que uma das principais causas disso é a baixa escolaridade da população. Muitas vezes, as pessoas não sabem como denunciar o abuso ou buscar sua defesa. Isso ocorre com frequência em casos de demissões indevidas ou quando o trabalhador não conhece os detalhes da lei e as possibilidades de reivindicação de que dispõe.

Os casos levantados também demonstraram que a discriminação é outra grande interferência no exercício do direito ao trabalho. Quando se impede que uma pessoa tenha acesso ao emprego com base em qualquer tipo de discriminação (racial, sexual, por doença), se comete uma verdadeira agressão à dignidade da pessoa humana. O caso apresentado a seguir mostra a discriminação contra uma pessoa portadora do vírus HIV que, ao comparecer ao CRT-DST/AIDS (Centro de Referência e Tratamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis), para realizar um exame de sangue, foi informada sobre a discriminação que havia sofrido.

“Eu passei em todas as avaliações, tanto no exame psicotécnico quanto na prova escrita, aí na entrevista disseram que fui aprovada e que o emprego era meu, só faltava ir para o Departamento Pessoal para registrar minha carteira profissional. Mas, antes, eu tinha que passar pelo médico. Logo me encaminharam para uma clínica onde fiz vários exames, inclusive o de HIV, que deu positivo. Por causa disso, eles disseram que não poderiam me contratar. Agora estou cega do olho esquerdo por não ter dinheiro para comprar os remédios.

Ela ainda continuava a falar quando outra pessoa disse: - você sabia que eles não poderiam fazer isso com você? É discriminação, sabia?



- Não, não sabia, pensava que as empresas tinham direito de mandar embora ou de não contratar pessoas com a mesma doença que eu.

- Claro que não! Se eles julgaram você apta para trabalhar na empresa, não podem dizer que não a contratarão por causa de uma doença fatal, isso não quer dizer que você irá morrer hoje, amanhã ou dois dias depois de contratada e muito menos que você contaminará outras pessoas.

- É, agora já foi. Não posso trabalhar mais por causa da cegueira."

Nota-se, aqui, que, apesar de as informações sobre doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção serem amplamente divulgadas, ainda há muita coisa a ser feita. Existe muita falta de informação por parte da população, que, em sua omissão, acaba permitindo que muitos empregadores violem os direitos das pessoas, sejam elas portadoras do vírus HIV, ou de qualquer outra doença. Muitas vezes, é essa falta de informação que faz com que poucos reivindiquem seus direitos. Além de constrangedora, a recusa em aceitar a portadora do

vírus mostra a postura preconceituosa existente em alguns espaços de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como constatamos ao longo deste trabalho, a cidade de Diadema, juntamente com outros municípios igualmente industrializados da região, atravessa uma série de transformações, sendo uma das mais importantes a transferência de empresas para outras localidades. Esse movimento aumenta o número de desempregados na região, estimulando o crescimento do setor informal.

Neste quadro também observamos que os jovens, além de encontrarem dificuldades de obtenção de seu primeiro emprego, são muitas vezes vítimas de práticas de desrespeito à legislação trabalhista, como a falta de registro do contrato de trabalho, o não pagamento do período trabalhado e a imposição de longas jornadas de trabalho.

Outro ponto importante foi a falta de informações da população sobre seus direitos, sejam estes gerais, sejam os trabalhistas. Em muitas situações, foi a falta de informação que fez com que algumas violações não fossem denunciadas e direitos trabalhistas não fossem reivindicados.



OS SEVERINOS DE HOJE NÃO SÃO COMO OS DE ANTIGAMENTE.

A partir do relato “Diadema e o Direito ao Trabalho e a Renda” do Observatório de Direito Humanos sobre o direito ao trabalho e à renda na cidade de Diadema, em São Paulo, podemos traçar um breve panorama das transformações do mundo do trabalho nos últimos anos. O metalúrgico Severino, o jovem funileiro, a jovem Regiane, são algumas entre milhares de personagens de uma só peça trágica: o desemprego.

Através do depoimento de Severino ouvimos os ecos de um tempo em que empregos que pagavam e ofereciam estabilidade, em que seguro contra acidentes, enfermidades, velhice e morte eram realidade e não ficção. A conjuntura econômica que abrigou o ingresso de Severino no trabalho era caracterizada pelo modelo de desenvolvimento fordista: produção em série, consumo em massa de produtos, produção de bens de consumo duráveis e rígido controle da produção. Ao Estado, cabia garantir as condições para que o modelo funcionasse. O pleno emprego era meta a ser atingida e as relações de trabalho eram pautadas pelo emprego formal. As multinacionais transferiam suas plantas para os países periféricos fugindo dos custos altos da mão-de-obra organizada, escolarizada e cujos salários pressionavam os lucros. As vagas ocupadas no Brasil, significavam vagas fechadas nos países desenvolvidos.

Posteriormente, Diadema e Severino foram vítimas de um mesmo processo: a crise de financiamento do Estado, a terceira revolução industrial e a globalização estão na raiz do problema. A falta de investimentos do Estado, em especial na América Latina, fez com que o dinamismo econômico que atraía as empresas metalúrgicas para o ABC migrassem ou fechassem as portas. A globalização baseada na terceira revolução tecnológica produziu os seguintes efeitos: a) as empresas se reestruturaram e adotaram novas tecnologias de produção e de gestão; b) o mercado de trabalho passou por mudanças profundas e de efeito devastador para a classe trabalhadora. Mudanças estas caracterizadas pela redução da ocupação na indústria, pela terceirização, informalização e proletarização. Assim, milhares de “Severinos” em todo o Brasil passaram a ser contratados ou sub-contratados em péssimas condições de trabalho. São os sem carteira profissional, os sem direitos, que ora são chamados para fazer um “bico”, ora vão para as ruas como vendedores ambulantes ou no limite, formam o exército de reserva do crime organizado.

A família do Severino de Diadema é um caso exemplar de uma conjuntura econômica e social que teve início nas duas últimas décadas do século passado e se prolonga até o limiar do século XXI. Ele sobrevive do trabalho informal, o filho assim como os demais jovens depoentes deste Relatório, está desempregado. A segurança econômica da família passou então, para as mãos da mãe¹.

Cumpra, finalmente, chamar a atenção para os depoimentos dos jovens. Todas as experiências relatadas são de insucesso no ingresso no mundo do trabalho. Com nível de escolaridade mais elevado do que a da geração dos pais, se inserem no setor de serviços e não tiveram oportunidade sequer de experimentar o que é trabalhar por mais de três meses, usufruir de jornada de trabalho de 40/horas semanais ou sequer ter certeza da remuneração pelas horas trabalhadas. Ou seja, os Severinos de hoje não são como os de antigamente...

Mônica Rique

Geógrafa, Coordenadora executiva do Programa Avizinhar da Universidade de São Paulo.

¹ Outra consequência do advento da globalização e da revolução tecnológica foi o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho.



SÃO PAULO

JARDIM ÂNGELA

